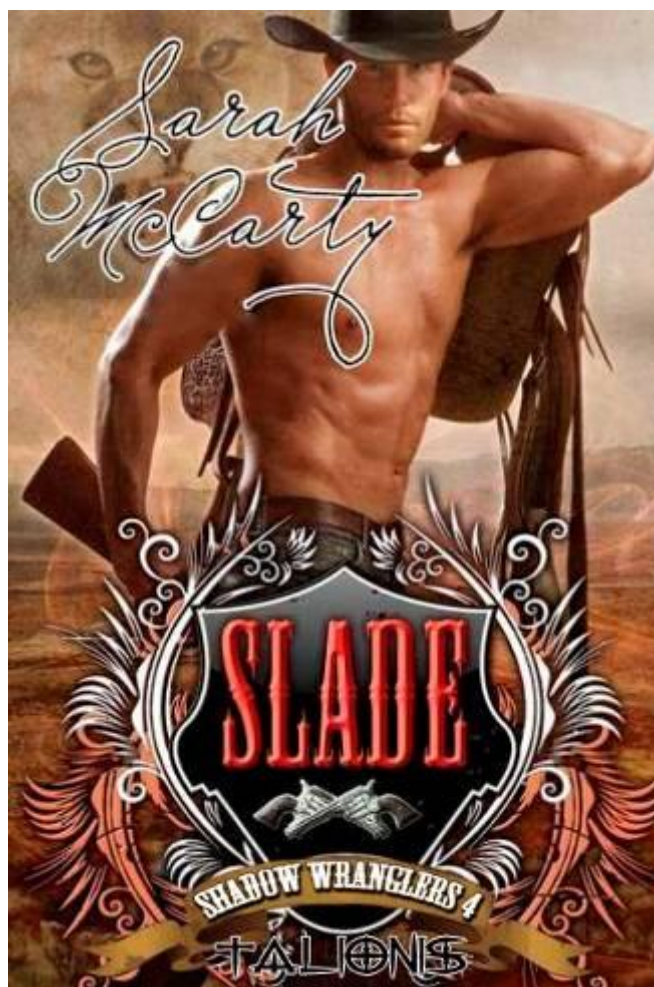


Talionis apresenta:



Sarah McCarty

Slade

The Shadow Wranglers 04

Slade precisa de uma cura, mas o que ele encontra é uma salvação no último romance paranormal da autora best-seller nacional. Como a espinha dorsal da defesa dos Renegados, o vampiro gênio tecnológico Slade Johnson, nunca encontrou um problema que não conseguisse resolver. Mas quando Slade é encarregado de salvar a vida de seu sobrinho, ele deve alcançar a cama da única mulher que detém o poder de destruir todos eles: a sua inimiga... a sua companheira.





Livro Traduzido e Revisado do Inglês

Equipe de Revisão Talionis

<u>Capítulo 1</u>	Revisão Inicial: Ειρήνη	Revisão Final: Gaia
<u>Capítulo 2</u>	Revisão Inicial: Ειρήνη	Revisão Final: Gaia
<u>Capítulo 3</u>	Revisão Inicial: Ειρήνη	Revisão Final: Gaia
<u>Capítulo 4</u>	Revisão Inicial: Ειρήνη	Revisão Final: Gaia
<u>Capítulo 5</u>	Revisão Inicial: Ειρήνη	Revisão Final: Gaia
<u>Capítulo 6</u>	Revisão Inicial: Gaia	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 7</u>	Revisão Inicial: Gaia	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 8</u>	Revisão Inicial: Gaia	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 9</u>	Revisão Inicial: Gaia	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 10</u>	Revisão Inicial: Val	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 11</u>	Revisão Inicial: Val	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 12</u>	Revisão Inicial: Val	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 13</u>	Revisão Inicial: Val	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 14</u>	Revisão Inicial: Val	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 15</u>	Revisão Inicial: Gaia	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 16</u>	Revisão Inicial: Gaia	Revisão Final: Ειρήνη
<u>Capítulo 17</u>	Revisão Inicial: Ειρήνη	Revisão Final: Gaia
<u>Capítulo 18</u>	Revisão Inicial: Gaia	Revisão Final: Ειρήνη

Envio do Arquivo: Δίκη

Formatação: Greicy

Capa: Έλικα

*“Para todos vocês que me convenceram que vampiros seriam bons cowboys...
Muito obrigada!”*



Comentário da Revisora Ειρήνη: Finalmente o último livro dos irmãos Johnson; o livro do vampiro cowboy Slade Johnson. Ele é nerd, é inteligente, é engraçado, cheio de poderes sobrenaturais e muito, muito sensual e sexy. Não é um livro hot. São poucas cenas hot. Mas é um livro delicioso de ler. Muita ação, muita diversão, outros personagens da série aparecem, e o casal principal tem uma química e dão um show nos diálogos. E o livro termina com muitas pontas soltas...tanto para a família de vampiros cowboys, quanto para os clãs de weres...Ou seja, se Deus quiser, teremos por aí as histórias dos cowboys weres Derek, Tobias, Broderick, além dos desdobramentos causados pelas ações de Jane, companheira do Slade...Bom, falei demais. O livro é muito bom! Espero que gostem. Ah! Queria agradecer à equipe que trabalhou nessa tradução e revisão! As meninas foram e são sempre ótimas! Boa Leitura!

Capítulo 1

Ela não estava sozinha.

O alerta interior cutucou Jane novamente. Ela se virou e olhou por cima do ombro pela terceira vez. Matrizes de tubos de ensaio e garrafas, uma geladeira de aço inoxidável, e unidades de espaços abertos, cumprimentaram seu olhar. Cada um de seus cinco sentidos lhe diziam que era apenas ela que assombrava o laboratório à meia-noite, mas o sexto sentido, aquele cuja existência ela nunca poderia justificar através de métodos analíticos, estava clamando por atenção. Forte o suficiente para que, não fosse pelo fato de que ela ainda estava viva, ela pensaria que isso era uma cena de um filme de terror e o bandido estava prestes a levantar-se, faca na mão, para dar o golpe que iria definir o tom pelo o resto do filme.

Ela estremeceu, muito facilmente imaginando o spray de sangue falso. Talvez fosse tempo dela parar de assistir filmes, porque com certeza, sua imaginação estava entrando em sobrecarga. Na verdade, isso havia se acelerado desde que ela fora para casa esta noite e descobriu que alguém, com muito cuidado, entrara em seu apartamento. Desde então, ela finalmente admitia para si mesma, no ano passado quando Trancor tinha começado a conversar com ela, de repente, exigindo relatórios mensais com questionamentos discretos, mas profundos. Agora, era ou fazer ou morrer com a pesquisa em que ela trabalhara tão duro.

Uma luz em seu laptop pessoal, fez com que sua cabeça girasse.



Um pequeno smiley¹ com presas apareceu na tela. Ela franziu a testa, mais pela emoção do que pela interrupção. Ela era completamente apegada ao homem sem forma conhecido por ela apenas como Man Vamp².

Ela não precisava que sua mente estivesse em qualquer lugar que não fosse onde estava agora, e Man Vamp era, definitivamente, uma distração. Havia sido desde o dia em que ele contornara o sistema de segurança de seu laptop. Uma mente capaz daquilo era naturalmente fascinante. O fato de que ele tinha um senso de humor muito ácido, a impediu de bloqueá-lo completamente. Ela tinha uma predileção por hackers. A maneira como suas mentes trabalhavam naturalmente em rede com a dela. Seu trabalho envolvia hacking³ pedaços do código genético humano, então ela conseguia apreciar a habilidade que ele teve em decifrar o código do computador.

Man Vamp era um hacker particularmente encantador. Havia algo de viciante sobre sua interação, um entusiasmo que fazia com que ela olhasse à frente dos dias. Ela balançou a cabeça enquanto o mal-estar aumentava. Não havia como negar a sensação de que alguém a estava observando. Ela verificou o laboratório novamente. Ainda não era nenhuma sensação desagradável, mas os cabelos na parte de trás do pescoço dela não paravam de se arrepiarem.

A luz piscou de novo.

Você está aí, doçura?

Depois de dar outro olhar sobre o ombro, ela digitou uma resposta.

Eu estou aqui.

Onde é aqui?

Talvez ela estivesse sentindo uma falsa sensação de conexão, mas conversar com ele ajudava com o nervosismo, enquanto esperava o programa acabar de carregar.

O laboratório.

Demorou mais tempo do que deveria para ele responder, e com cada pulso do cursor, aquela sensação interior de pânico crescia.

Você está sozinha?

Ela digitou o que ela temia.

Não tenho a certeza.

Não houve demora em sua resposta.

Saia daí.

A ordem abrupta alimentou seu terror. Ele poderia saber o que ela estava sentindo? Como?

O clique das teclas parecia ecoar mais alto, enquanto ela digitava sua resposta curta.



¹ Criado pelo designer Harvey Ball em 1963, por encomenda de uma companhia de seguros com o intuito de estimular, através do bom humor, o moral de seus funcionários, o Smiley, ou Smiley Face é a representação de uma carinha sorridente. Nesse caso é um sorriso com presas de vampiro.

² Man Vamp: um Nick name de algum chat. A tradução seria algo como: "Homem Vampiro", "Vampiro"

³ To hack significa quebrar, decifrar. No caso, Jane trabalha com decifração do DNA e o Man Vamp, decifrou o acesso ao computador dela.



Eu não posso.

Agora.

Por quê?

A questão gerou outra daquelas pausas.

Você não está segura.

Ela olhou ao redor novamente.

Como você poderia saber disso?

Eu sei. Agora mova-se!

A barra na parte inferior da tela do desktop chegou ao fim da caixa. O programa wipe⁴ fora carregado.

Obrigado.

Por mais que Jane apreciasse a preocupação do Man Vamp, não havia nenhuma maneira de que ela pudesse sair. As informações sobre este laboratório de informática eram muito sensíveis, e o risco de qualquer pessoa que encontrasse a pesquisa pudesse juntar as peças e usar seu trabalho como uma arma mortal, não era um que ela estava disposta a correr. Ela não estava prestes a matar pessoas, mas às vezes as descobertas eram uma espada de dois gumes.

O laptop chamou sua atenção.

Porra, você ainda está aí, não é?

Ela ignorou a pergunta. O processo de limpeza teria sido muito mais fácil se ela pudesse ter o programa instalado e esperando, mas a varredura periódica da empresa de computadores do laboratório, tornava isso impossível. Ela apertou o botão executar. Todo o procedimento levaria cerca de duas horas. Ela precisava que pelo menos a primeira parte estivesse concluída, antes que ela saísse. Ela tinha que ter certeza de que sua pesquisa fosse excluída. Ela a começara com a esperança de encontrar uma maneira de aliviar a fome no mundo, maximizando a capacidade do corpo em obter nutrientes a partir de fontes não tão tradicionais, mas ao longo do caminho ela descobriu a combinação de aminoácidos, proteínas e DNA que otimizavam a nutrição de qualquer alimento, para qualquer grupo específico de pessoas. Mas e se fossem aplicados em sentido inverso? Os aminoácidos e proteínas ligadas ao DNA específico do invasor poderia facilmente ser uma arma biológica que poderia levar nações a definharem. Nações específicas. Raças específicas, famílias específicas. Ela estremeceu. O interesse de Tranco era atingir um valor máximo sobre o tempo que ela gastou durante a pesquisa. O laptop piscou rapidamente duas vezes em seguida.

Jane!

Responda-me!

Man Vamp estava ficando impaciente. Ela também, e ainda não havia qualquer razão visível para isso. Alcançando a trava de segurança de seu revólver por baixo da mesa, ela a liberou.

Ela pegou o refrigerante e, em seguida reconsiderou. Talvez o problema dela fosse que estava bebendo muita cafeína. A lata foi colocada na mesa utilitária com um clique suave.

⁴ Wipe é um aplicativo gratuito para acabar com os problemas de uso indevido de suas informações, incluindo senhas e histórico da internet, pois ele faz uma limpeza no seu browser e permite finalizar a navegação sem deixar nenhum rastro.



Outra piscada em seu laptop pessoal. Ela olhou para cima. Man Vamp tinha saído. Ela sentia-se estranhamente abandonada. De todos os homens que ela havia conhecido e foram muitos durante essa fase de se punir que ela passou antes de perceber que enquanto adulta, ela estava no controle, por algum motivo ela esperava que ele fosse mais durão.

Só para demonstrar que não dá para conversar com os homens.

O som de sua voz misturada com o ruído do sistema de climatização, apenas adensou a atmosfera assustadora. O laboratório poderia ser a sua casa longe de casa, mas à meia-noite não proporcionava um acolhedor abraço de segurança, o que era completamente ridículo considerando o estado de arte⁵ do sistema de segurança e os guardas fortemente armados, que percorriam os salões. Ela deveria se sentir completamente segura.

Não dá para conversar com as mulheres, também.

Ela girou em torno de sua cadeira ao som da fala baixa e arrastada, com sotaque do Oeste. Ela parou de mover a cadeira com o pé, e se atrapalhou ao pegar a arma, incapaz de tirar os olhos do homem na frente dela. Num segundo ela estava sozinha e agora, bem agora, ela estava olhando para o epítome do sonho de cada mulher. O homem tinha os ombros largos e os quadris magros de um atleta, mas ele estava embalado com algo mais atraente do que um grande físico. Algo que ela não conseguia apontar ou definir, mas que roubou o fôlego de seus pulmões e levantou os cabelos em seu antebraço numa agonia de consciência. Talvez tenha sido a masculinidade intrínseca de suas características duramente masculinas. Talvez tenha sido a sensualidade absoluta da boca naquele rosto selvagemmente bonito. Ou talvez fosse apenas a maneira com que ele olhou para ela com aqueles olhos cor de avelã, que oscilavam entre verde claro e verde-escuro. *Droga*, ele tinha olhos estranhos. Bonitos, mas diferente. Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto a cientista dentro dela assumia. Eles quase pareciam brilhar, e dentro deles havia uma expectativa que ela não conseguia entender, mas talvez se ela apenas olhasse um pouco mais...

Ele deu um passo adiante. O medo a consumia quando ele se inclinou para baixo, mas ela não podia se mover, não podia fazer nada além de olhar para aqueles olhos fascinantes. Metal raspou em metal, e então o peso da arma pressionou a mão dela.

—Da próxima vez, pegue a arma antes de se virar.

Ela piscou enquanto ele se endireitava. A lógica de sua declaração afundou através da névoa que nublava sua mente, como uma pedra batendo nas águas tranquilas de um lago. As ondas de alarme se espalharam quando ela olhou para baixo e viu que a arma estava em sua mão. Quando ela olhou para cima, ele estava encostado na mesa em frente, braços cruzados sobre o peito largo, os músculos esticando o algodão branco e grosso de sua camisa. A espessa mecha de cabelo castanho que caía sobre a testa acabava de completar a imagem de bad boy total. Ela ergueu a arma e apontou-a na direção dele.

⁵ No original: *state-of-the-art* : o estado da arte é o nível mais alto de desenvolvimento, seja de um aparelho, de uma técnica ou de uma área científica, alcançado em um tempo definido. O "estado da arte" indica, portanto, o ponto em que o produto em questão deixa de ser um projeto técnico para se tornar uma obra-prima. Esse termo é muito utilizado em artigos acadêmicos, principalmente na área de ciências exatas.



—Obrigado.

Ele nem sequer piscou enquanto o cano encostava-se em seu torso.

—Por que você não saiu quando eu disse para você sair?

Ela levou um segundo para processar isso: —Você é o Man Vamp?

Ele arqueou as sobrancelhas para ela.

—Quem mais eu seria?

Mesmo em sua mais loucas fantasias, ela não imaginava que ele fosse parecido com isso. — Qualquer uma das bilhões de pessoas que habitam o planeta.

—Mas você não poderia logicamente esperar que qualquer porcentagem razoável deles soubessem onde você estava. Eu iria mais longe e diria que nenhum deles saberia o que você está fazendo agora.

—E você iria?

Ele apontou para a tela do desktop atrás dela.

—Limpar o disco rígido corporativo não é algo que geralmente se faz sorrindo. Mesmo para a eminentemente talentosa e cortejada pesquisadora Jane Frederickson.

Ela seguiu seu olhar. O progresso estava apenas no começo. Ela empurrou a cadeira até que o corpo dela bloqueou sua visão. Um gesto inútil, mas ainda a fez se sentir melhor.

—E você saberia sobre isso por que...

—Eu sou um ser inteligente que sabe que seu trabalho tem progredido muito além do que você tem comentado.

—Então?

—Então, isso agora pode ter um propósito diferente do que fora pretendido.

Por uma fração de segundo a preocupação com a qual ela lutara durante o último ano, sufocou-a em uma enxurrada de pânico. Se ele tivesse passado por cima de seu firewall⁶ e das pistas falsas? Ele tinha a informação? Rapidamente, veio o próximo pensamento. Inferno, o que eu vou fazer se ele tiver? Seu dedo apertado no gatilho, enquanto tudo dentro dela se rebelava contra o pensamento de tirar uma vida.

—Sei também, que as possíveis mutações em seu trabalho a colocam em perigo.

—E você veio para me salvar. Como se cavaleiros brancos existissem fora dos contos de fadas.

Mais uma vez a sobrancelha se arqueou. Para um simples gesto, ele parecia ser capaz de imbuí-lo com vários significados. Desta vez, paciente diversão.

—Você está louco.

—Em uma hora eu não estarei.

—Você não vai conseguir essa hora com a qual está contando.

—Confirmando os meus piores receios, você não se agradou de mim.

—Eu vou trabalhar nisso.

Ela acenou com a arma.

⁶ É um dispositivo de uma rede de computadores que tem por objetivo aplicar uma política de segurança a um determinado ponto da rede. O firewall pode ser do tipo filtros de pacote, proxy de aplicações, etc.



—Enquanto você está trabalhando nisso, por que não me diz como entrou aqui sem fazer soar os alarmes?

—Eu sou um cientista.

—Isso não é uma explicação.

Sua cabeça se inclinou para o lado.

—Eu sou bom com a eletrônica.

—Ninguém é tão bom.

—O fato de que eu esteja aqui diz o contrário.

Sim, diz apenas que roeu ainda mais os limites de seu temperamento. Ela insistiria em ajustes em alguns dos elementos de segurança. Elementos que conectavam todos os buracos, ela pensou. No entanto, a prova de que não tinham feito estava bem na frente dela.

—Você não é tão interessante pessoalmente do que quando está online.

—Na verdade, — ele sorriu, revelando os dentes brancos. —Você só está irritada pelo fato de eu ter conseguido passar pelo seu sistema de segurança.

—Não totalmente. — Ela também se irritou porque ele era muito bonito. Homens de boa aparência eram muito infiéis, e ela teria preferido muito mais que ele tivesse o estereótipo do nerd que ela tinha imaginado. Alguém a quem sua própria aparência nerd, pudesse ser interessante.

Ele ergueu a cabeça e uma calma súbita o envolveu, como se ele fosse um predador que exalava perigo. Quando ele olhou para baixo, o verde em seus olhos era mais pronunciado e a ilusão da luz em seu olhar era mais intensa.

—Pegue seu laptop e vamos embora.

—Vamos? Desde quando eu dei a impressão de que vou a algum lugar com você?

—Desde que o Santuário foi desmascarado.

Ela deu um tapa na mão dele, quando ele alcançou seu laptop.

—Quem diabos é o Santuário?

Ele se manteve encostado nela.

—Homens dos quais você não gostaria de ter nenhum conhecimento.

—Os guardas irão detê-los.

—Os seres humanos não são páreo para o Santuário.

Ele disse *humano* como se estivesse falando de outra espécie.

—Os seres humanos? Você não está delirando, não é?

Seria uma pena se ele fosse louco.

—Não mais.

Agora havia um conforto.

—Então eu acho que nós podemos deixar a segurança lidar com o que o está preocupando.

Assim tão perto, ela não podia ignorar o perfume dele. Vigoroso, como o anoitecer tingido com um sutil almíscar masculino, que se envolvia em torno de seus sentidos em um abraço reconfortante. Ela conseguiria respirar seu perfume para sempre. Ela deveria afastá-lo. Ela sabia disso, mas o perfume a estava tentando. Assim como a sensação de força e proteção que Man



Vamp produzia. Ela nunca fora protegida. Nunca conheceu a ilusão de estar segura, pois sua mãe voltou a se casar, quando ela tinha oito anos. Era tão sedutor como ela sempre sonhou que seria. A mão de Man Vamp mão acariciou o seu cabelo enquanto o seu laptop se fechava suavemente.

—Nós temos que ir, doçura.

A intimidade permaneceu depois que ele se endireitou.

—Esse nickname é mais irritante quando falado do que quando digitado.

Seus dedos roçaram o braço dela com a mesma leveza da diversão em sua voz.

Desconectando o cabo da tomada, ele disse:

—Eu vou manter isso em mente.

Só para irritá-la ainda mais, ela tinha certeza.

—E eu não vou embora.

O braço dele rodeou sua cintura quando ele se endireitou.

—Sim, você vai.

Ele se levantou. Ela se contorceu, esforçando-se para ver a tela no desktop. O programa não foi totalmente carregado. Empurrando para trás, ela resmungou:

—Eu preciso de mais tempo.

—Para quê?

O que ela tinha a perder com honestidade neste momento?

—Para o programa wipe terminar de carregar. Não posso arriscá-lo a parar.

Ele olhou para a barra de conclusão do computador com máxima crueza e logo a deixou, seus olhos se estreitando com a energia focada em direção à tela e com tanta intensidade que ela jurou que quase podia vê-la.

—Qual é a sua sub senha? — perguntou ele.

—O que faz você pensar que eu tenho uma sub senha?

Nem mesmo um piscar de olhos perturbou a compostura dele.

—Você é muito esperta para isso.

Pelo menos ele a via como inteligente.

—Você quer isso para que?

—Para corrigir o programa de modo que não possa pará-lo.

—Você pode fazer isso? — Ela ouviu o som de algo batendo fora no corredor.

Ela pulou. Ele não.

—Sim.

Deveria ser mais fácil imaginar porcos voadores. Mas não foi. Man Vamp tinha um jeito que inspirava confiança.

—Qual é seu nome?

—Eu preciso dizer isso para ter a senha?

Ela colocou a arma sobre a mesa e as mãos nos quadris.

—Eu não vou dar a senha para alguém que eu conheço apenas como Man Vamp.

Seus lábios se contraíram.

—Você não me vê como um super-herói?



O nome *era* uma espécie de superpoderes. Ela não conseguia ouvir alguém se aproximando, mas ela podia sentir, as sombras malévolas e escuras em sua consciência. Ela respirou trêmula e abraçou seu laptop contra seu peito.

—Não, mas eu estou começando a desejar ter alguns poderes ocultos.

Ela sentia de maneira intensa que os super poderes estavam sendo chamados para tirá-la da confusão. Man Vamp tocou seu rosto. Ninguém nunca fora tão cuidadoso com ela, mas ela gostou da maneira como ele fez isso.

—Então hoje é seu dia de sorte. Meu nome é Slade. Agora me dê a senha antes eu tenha que arrancá-la.

Um arrepio de pavor percorreu por sua espinha. Imediatamente ela deu o que ele queria, sentindo-se como se estivesse salvando sua própria vida, mesmo se colocando sob a proteção dele.

—Kitty poo⁷.

Digitando no teclado, o computador trabalhando freneticamente até que ela pensou que iria explodir. Ela empurrou seu laptop e o cabo para sua mochila. De repente, Man Vamp agarrou seu braço e empurrou-a para a parte de trás do escritório, enquanto outro barulho vinha do corredor. Este foi seguido por um baque suave. Parecia nitidamente como um corpo batendo no chão.

—Corra.

Havia apenas uma saída. Uma pequena porta, sem janela. Ela chegou a ali, e hesitou. O que aconteceria se houvesse mais do outro lado?

A porta se abriu sozinha, ao mesmo tempo em que a mão de Man Vamp dava um empurrão em suas costas, impulsionando-a completamente.

—Vamos.

Desde que ela não tinha nenhuma escolha, ela correu desajeitadamente, levando o laptop. Teria sido tão mais fácil se Slade tivesse agarrado isso também. A porta se fechou atrás deles. Ela olhou para a porta, depois para Slade. Seus instintos disseram que ele tinha algo a ver com a porta se fechando quando ninguém estava por perto. O arco da sobrelha dele reconheceu a pergunta nos lábios dela. Ela não perguntou nada. Se ele era telecinético, ela não queria saber. Ela preferia muito mais pensar nele como Man Vamp, um extraordinário nerd de computador.

A parede atrás deles vibrou como se algo tivesse batido nela. Ela se virou. O braço de Slade serpenteava em volta da cintura dela e a levantou do chão.

—Continue.

Ela não tinha nenhuma escolha a não ser agarrar o laptop e deixá-lo levá-la pela sala enorme em uma velocidade incrível. Quando a próxima porta se abriu e ele a colocou de pé, ele não precisou dizer uma palavra. Correu como se seus pés tivessem asas. O que estava batendo contra a parede estava vindo atrás deles. E de maneira nenhuma no inferno ela queria ver o que era.

—Para onde estou indo? — Ela falou por cima do ombro, pegando um vislumbre dele em pé no meio do corredor. Seus ombros quadrados, os pés apoiados na largura dos ombros e duas

⁷ Literalmente: coco de gatinho.



criaturas enormes vagamente humana e calvas, viravam suas orelhas para ele e corriam em sua direção com uma velocidade espantosa.

—Para a garagem. Depressa.

Ele não teve que lhe dizer duas vezes. Ela correu como se sua vida dependesse disso. O que provavelmente era. Seus passos ecoaram em um som oco, batendo como se no ritmo das batidas de seu coração, e amplificando-o. Os rosnados a perseguiram pelo corredor. Nenhum humano faria um ruído assim. Criaturas em filmes de terror faziam ruídos como esses. Os rosnados ficaram mais alto. A memória do que ela vira ficou mais forte. Mais clara. As orelhas pontiagudas. O crânio deformado. Os lábios vermelho-sangue no rosto branco pálido. As presas...

Monstros. A palavra sussurrada em sua mente. A borda do laptop cortava seus braços através da embalagem, enquanto ela se dirigia para a frente. Houve outro barulho seguido rapidamente por um uivo desumano. Os pelos de seus braços se eriçaram e um calafrio deslizou para baixo em sua coluna vertebral.

—O que é isso?

Ela deu mais cinco passos antes de perceber que Slade não estava junto a ela para responder. Vagarosamente, ela olhou por cima do ombro. Ela não podia vê-lo. Parando em uma porta, pressionou suas costas contra a superfície lisa, fazendo o seu melhor para desaparecer na reentrância estreita. Inclinado-se para a frente, ela olhou para o corredor estranhamente iluminado. Por que as luzes de emergência tem que lançar essa cor podre, que faz tudo parecer tão anormal? E onde estava Slade? O que poderia estar detendo-o?

Mais rosnados rasgavam pelo corredor atrás da porta fechada. *Oh diabo, não isso.* Ela se lembrou de como ele estava preparando para uma luta. Claro que era isso. O que mais alguém chamado Man Vamp, que havia entrado em seu laboratório em um momento em que ela precisava ser salva, faria, quando os monstros aparecessem? Ele lutaria para que ela ganhasse tempo. Querendo ela ou não. *Que beleza,* ela estava vivendo no meio de uma história em quadrinhos! Completa, com o seu próprio super-herói chamado Man Vamp. Poderia sua noite ficar mais estranha?

A porta que havia sido fechada atrás dela, quando ele a colocou em pé, arrebentou. Um homem vinha correndo pelo corredor, pouco mais do que um borrão sob a estranha iluminação. Era Slade, mas não um Slade que ela reconhecesse. Seu rosto estava distorcido e seus olhos estavam brilhando, acrescentando um novo nível de aberração a uma noite já muito estranha.

Ela o observou, agarrando seu computador tão forte, que estava em perigo de se quebrar.

—Eu só queria acabar com a fome no mundo.

A descoberta de uma nova espécie humanoide, ela deixava para outros cientistas, aqueles que fossem treinados para isso. Aqueles que não achariam isso chocante. Quanto mais próximo Slade estava, mais ela era capaz de ver a transformação nos traços do seu rosto, a proeminência de sua testa e das maçãs do rosto, a plenitude melhorada da sua boca, mais ela se pressionava de costas para a porta. Ele não era natural, direito ou absorvível.

Ele diminuiu o passo.

Continue correndo. Continue correndo.



Ele parou na frente dela.

Nada poderia impedi-la de vacilar quando ele lhe estendeu a mão.

—Você está com medo.

Tomou toda a coragem dela, fingir que não estava prestes a morrer de terror no local. Ela empurrou a porta.

—O que te fez dizer isso?

—Eu posso ouvir seu coração disparado.

—Eu estou fora de forma. —Não era uma grande mentira.

As palavras dele eram estranhamente distorcidas.

—Será que vai fazer você se sentir melhor ou pior se eu acreditar nisso?

—Acho que vai depender de qual resposta vai me manter segura.

Levou um momento para descobrir que a exposição dos dentes dele era um sorriso. As presas expostas chamavam toda a sua atenção. Demorou um pouco também para ela encontrar um pensamento coerente. Essas presas eram malditamente enormes.

—Faça a sua escolha.

Ele estendeu a mão.

—Eu acho que você está fora de forma.

Isso significa que ele não queria que ela tivesse medo dele? Ela não tinha certeza o suficiente para colocar sua mão sobre a dele.

—Eu a forcerei se tiver que fazê-lo.

Ela não tinha dúvidas do que ele queria dizer. Não havia dúvidas de que ele poderia, mas ainda assim ela não conseguia tomar sua mão. Não com a memória daquelas presas em sua mente.

Algo piscou por trás do brilho em seus olhos.

—Não me faça forçá-la.

—Vire a cabeça.

—O quê?

—Vire a cabeça.

Depois de olhá-la, ele o fez. Sem a estranheza de suas características, ela poderia fingir que ele era apenas um homem como qualquer outro. Ela pegou sua mão. O roçar do polegar dele sobre as costas dos seus dedos, foi um gesto surpreendentemente suave para o ardor de sua aparência.

Ele olhou para ela, com uma pergunta em seus olhos estranhos.

—Eu sou muito boa em fazer de conta.

—Por quê?

Por dentro, tudo estremeceu. Ela forçou um pequeno sorriso nos lábios. Provavelmente não era muito convincente, mas poderia ser atribuído ao perigo das circunstâncias.

—É algo com que toda criança tem que lidar. Você não acha?

—Não.

Ela descobriu que era difícil de acreditar.



—Tente novamente.

Ele olhou para trás pelo lugar de onde eles tinham vindo.

—Talvez mais tarde.

—Não me diga que há mais dessas *coisas*.

Com um puxão ele a jogou para fora do paraíso, para a porta que dava para o corredor.

—Sim.

Seu coração batia com tanta força que ela não conseguia respirar uniformemente. Ela inspirou, com medo de olhar, incapaz de não olhar. O corredor estava vazio, mas a sensação de que a qualquer segundo estaria cheio de criaturas com espuma na boca, a fez esmorecer.

—Que parte de *não me diga* você não entendeu?

Se ele sorrisse ela iria dar um tapa nele, super-herói ou não.

Ele deslizou pelo corredor, arrastando-a mais rápido do que ela conseguia correr.

—Aparentemente, a parte que disse que era séria.

Quando ela tropeçou, ele simplesmente levantou-a. Aconteceu tão rápido que ela não teve tempo para perceber que seus pés não estavam tocando o chão, que pendiam inutilmente.

—Eu sou sempre séria, —ela engasgou. —Eu sou uma cientista. Não temos senso de humor. Pergunte a qualquer um.

Ela escolheu interpretar a careta no rosto dele como um sorriso.

—Eu mantereis isso em mente. —Ele a colocou na frente da porta de serviço, que levava para a garagem.

Ela respiraria muito mais fácil se ele tivesse aberto a porta. Ao contrário, ele a deteve com uma mão em seu braço.

—Uma vez que você passe por aquela porta, eu quero que você corra como o diabo para a esquerda.

—Por que esquerda?

—Porque na esquerda está o meu SUV⁸.

Claro que era regra, os Super heróis tinham seus SUV, ou qualquer outro tipo de carro de macho. —Eu tenho meu próprio carro.

Ele balançou a cabeça. Seu cabelo caiu sobre a testa. Seus dedos se coçaram para empurrá-lo de volta.

—Vinte vagas para cima e para a direita. Você nunca vai fazer isso.

Ela não perguntou como ele sabia deste fato, mas ela acreditou nele. O que era talvez a coisa mais assustadora de todas.

—Você está dizendo que há demônios horripilantes do outro lado desta porta.

Os enormes ombros dele se flexionaram.

—É provável.

—Você não sabe?

⁸ Tipo de caminhonete



—Eu não posso ter certeza enquanto eles, provavelmente mascaram a sua presença da mesma forma que eu estou mascarando a nossa, mas seria uma conclusão lógica.

Uma conclusão lógica. Que Beleza! Ela olhou para ele.

—Você tem muita certeza disso, não é?

Ele não negou.

—Ninguém esperava que você viesse aqui esta noite. Foi muito fora do comum.

Ele falou como se isso fosse um crime. Ela pôs a mão na porta, como se o metal frio pudesse transmitir a ameaça de perigo do outro lado.

—Eu estou trabalhando de livre e espontânea vontade hoje.

—Você poderia ter escolhido uma noite melhor para isso.

—Parecia que esta era a noite perfeita, porque se eu estivesse sentada em casa, eu provavelmente seria um lanchinho de monstro.

—Eles não querem te comer.

—Estou muito aliviada.

Como se ele soubesse que ela estava protelando enquanto trabalhava sua coragem, a mão dele escorregou pelo seu braço e descansou ao lado dela na porta. Era uma mão muito grande, o dobro do tamanho dela e magra, com uma força inerente.

—Você está pronta agora?

Ela balançou a cabeça e respirou.

—Onde está seu carro, de novo?

—Seis vagas para cima e para a esquerda.

—Como vou reconhecê-lo?

—Vai ser aquele que você não pode ver.

Sua mão deslocou a barra da porta. Assim que ele a apertou o mecanismo abriu e ela perguntou: —Mais alguma coisa?

Com sua mão no meio das costas ele empurrou-a para a abertura.

—Sim. Corra como o diabo e não olhe para trás.

Capítulo 2

Jane deu alguns passos na garagem antes de as luzes se apagarem. Em um instante não havia nada ao seu redor, além da negra escuridão e a certeza de monstros à espreita, som de garras curvadas, dentes arreganhados, prontos para despedaçá-la.

Eles não querem te comer.

Desmaio com conforto. Ela bateu contra algo duro, machucando seu ombro. Uma coluna. Ela enrolou um braço em torno dele, abraçando-o como força enquanto segurava seu laptop. Ela precisava desesperadamente de algo sólido para segurar. Seus nervos rastejavam sob sua pele, e ela temia o momento em que seria agarrada pelo invisível... pelas coisas. Ela se fortaleceu contra o



medo. A iluminação de emergência iniciou, uma cintilação no início e então força total, banhando tudo com seu fantasmagórico brilho verde. A sensação de estar em um filme de terror aumentou enquanto o alarme tocava, gritando o seu aviso. Atrás dela estavam Slade e os monstros. À frente dela, ela não sabia o que a esperava.

Como vou saber qual carro é seu?

É o único que você não pode ver.

Querido Deus, no que ela tinha se metido?

As coisas que estavam vindo atrás deles não eram humanas, mas Slade os havia enfrentado sem piscar um olho. Isso significava, com toda a probabilidade, que ele também não era humano. *Oh maldito.* E tinha presas. Ela descansou a cabeça contra a coluna, resistindo à conclusão de que implorava para ser descoberta. Seu dia não estava melhorando.

Jane avançou além da coluna. Nenhum som veio depois dela. Então, novamente, as criaturas que invadiram o laboratório não haviam feito qualquer ruído. Eles acabaram chegar ali, entre um piscar de olho e outro. Grotescas mutações invadiam seu espaço privado, como se tivessem o direito. Slade percebera que eles estavam vindo, e se ela chegasse a vê-lo novamente, ela iria lhe perguntar como. Mas qualquer que fosse o sexto sentido que o alertara para a presença dos bandidos, ela não o tinha. E ela não tinha como saber o que estava à frente, e o que estava atrás. O suor umedecia suas axilas. O laptop parecia como um tijolo em seus braços.

Era estranho de segurar. Ela desejava que pudesse correr o risco de escondê-lo, mas a única razão pela qual as criaturas estariam nesta parte do laboratório seria por sua pesquisa. Por vontade própria ou porque alguém os mandou. Se tivessem qualquer tipo de cérebro que fosse, eles poderiam presumir que ela carregava as informações importantes em seu computador. Na verdade ela as levava. Só que não era o tipo de informação que importava para eles. Mas nunca se sabia quando um arenque vermelho⁹ seria útil, assim Jane não se desfez do computador. Ela alcançou a terceira vaga do estacionamento sem nenhum incidente. Olhando ao redor, ela ainda não via qualquer sinal dos caras malvados, mas os cabelos na parte de trás do seu pescoço estavam em pé. O fato de que ela estava na garagem apenas aumentava o seu medo. Ela odiava estacionamentos. Eles eram escuros e assustadores, e os filmes de terror muitas vezes os caracterizavam como os lugares onde a heroína encontrava sua morte. Ela particularmente não queria conhecer a sua morte hoje.

Tiros ecoavam no interior do edifício, de maneira intermitente, levando à uma lenta compreensão. Isto era real. Havia perigo. E Slade havia dito a ela para correr.

Mas ela não estava correndo. Ela estava agachada ao lado do carro de um desconhecido, abraçando as sombras, como se os monstros não pudessem ver no escuro. O que era estúpido, e ela trabalhou muito duro para nunca mais ser estúpida. Inclinando-se ao redor do para-choque do carro compacto, ela primeiro verificou à direita e depois à esquerda e depois, sentindo-se ridícula,

⁹ Red Hering: Arenque Vermelho. Gíria que quer dizer: informação ou sugestão introduzida para chamar a atenção, para longe dos fatos reais de uma situação. (O cheiro do peixe arenque vermelho é um tipo de cheiro forte de peixe defumado, que já era usado como perfume para cães de caça, para enganá-los.)



olhou para cima. Mas esta era uma noite de esquisitices. E ela havia assistido *Blade*¹⁰ cerca de cinquenta vezes. E aquelas coisas pareciam suficientemente com os vampiros da estória para fazê-la acreditar que talvez esse filme não fosse tão forçado. Ela lembrou que os vampiros de *Blade* escalavam as paredes. Talvez essas coisas pudessem também. Pressionando a cabeça no seu antebraço, ela balançou.

O que quer que fossem, ela precisava sair dali, de volta para alguma normalidade então ela poderia pensar. Lançando um olhar para o outro lado da garagem, o para-choque, rosa arredondado de seu Volkswagen a provocava. Não havia nada mais normal do que o seu Bug¹¹ rosa com a sua brilhante capa de banco amarela e dados felpudos. O lugar onde ele estava parado era o ponto mais brilhante na garagem. Quase como um sinal.

Corra e não pare.

Ela se livrou das ordens de Slade. Ela já havia quebrado uma ressalva, o que era mais uma? Especialmente desde que ela não sabia de que lado estava Slade. Só porque ele era contra os monstros não significava que ele estava a favor dela. Outra rajada de tiros a inspirou. Ela nem sequer sabia onde o carro de Slade estava, mas ela sabia onde estava o dela. Além do mais, ela deu um tapinha seu bolso, ela tinha as chaves. Fugir era uma questão de simplesmente chegar ao lado do carro. Fique tranquila, a adrenalina bombando através de suas veias e impulsionando o fôlego em rajadas rápidas, ela correu para o seu carro. Ela chegou o seu lado sem incidentes. Até agora, tudo bem. Um pouco de sua confiança voltou. Sua imaginação muito ativa sempre foi sua maldição.

Apertando o botão em seu chaveiro, ela o alcançou. A porta não abriu. Ela a empurrou novamente. As luzes piscaram, a fechadura fez um som de clique, mas a porta não abria. Levou um momento para perceber que ela estava empurrando o botão de bloqueio, em vez do desbloqueio.

Calma, ela precisava de calma. Deslocando o dedo para o botão correto, ela empurrou mais uma vez, ignorando o tremor em suas mãos e o sentimento persistente de medo. Ela só precisava se concentrar em uma coisa de cada vez. Apenas uma coisa. A porta se abriu.

O cheiro reconfortante do interior, de couro e do hambúrguer que ela comera no jantar a cumprimentou. Normal. Muito normal. Depois de deslizar seu laptop para detrás do assento, ela agarrou o volante e se jogou dentro. Suas costas tocaram o assento, e a superfície acolchoada a ninou no conforto familiar. O ar deixou seus pulmões em um longo suspiro. Ela conseguiu. Alcançou a porta para fechá-la.

O silvo de seu nome foi o único aviso que teve. Havia uma sensação de maldade tão forte que a afundou mais profundo do que as garras em seu ombro. Antes que ela pudesse gritar, foi arrancada para fora do carro. Um hálito fétido bateu em seu rosto. Ela tinha a impressão de olhos vermelhos perfurando sua alma, e então foi arrancada e jogada para trás. Dor explodiu a partir de

¹⁰ *Blade* (no Brasil: *Blade, O Caçador de Vampiros*) é um filme estadunidense de 1998 baseado nas histórias em quadrinhos de um personagem da Marvel criado por Marv Wolfman e Gene Colan. Estrelando Wesley Snipes como Blade e Kris Kristofferson como Abraham Whistler, ele foi dirigido por Stephen Norrington com roteiro de David S. Goyer.



¹¹ *O nosso New Beetle da Volkswagen.*



seu ombro. Houve um rugido sobrenatural dominado por um rosnado mortal. Duas sombras colidiram na parede distante, torcendo e girando em uma dança grotesca. Barulhos e depois... Ela bateu no muro de cimento. Mais dor e, em seguida, não podia respirar.

Outra mão no braço dela, esta muito mais suave.

—Droga, Jane, eu lhe disse para não ir para o seu carro.

—Seguro. —Era a sua voz que estava tão fraca?

—Não com o Santuário esperando por você.

Santuário? Ela tentou abrir os olhos. Algo pegajoso bloqueava sua visão. Dor lacerava seu ombro. Ela estendeu a mão.

—O que aconteceu?

Sua mão foi pega em uma maior, mais áspera. Um formigamento desceu pelo braço, espalhando-se para fora em um senso de conexão.

—Você não fez como lhe foi dito.

—Não me diga.

—Sim.

Um pano limpou delicadamente seus olhos. A conexão tornou-se reconfortante, e junto com esse conforto veio o desejo de se inclinar para ele. Fraqueza. Ela não podia se dar ao luxo de ser fraca. Empurrando de volta contra a parede, Jane preparou-se para que pudesse se endireitar. Doeu. Tanto, que no início, ela não podia localizar a fonte. Segurando o estômago contra a náusea, ela engasgou enquanto a percepção a alcançava.

—Você disse que eles não me matariam.

—Eu tenho certeza que não eram essas as ordens dele.

Como ele sabia disso? Mais do que isso, onde estavam as coisas?

—Onde eles estão?

—Mortos.

Ela afastou os cabelos dos olhos. Ela odiava o cabelo caindo em seus olhos.

—Você tem certeza?

Os dedos de Slade roçaram sua têmpora. Um leve toque que enviou um calor profundo ao nó frio de medo em seus intestinos, soltando suas garras.

—Mais morto do que uma maçaneta.

—Eles podem morrer?

—Claro. Sua mão deslizou por debaixo do braço dela e levou-a em torno de algo. —Só que não facilmente.

Sua visão turvou e sua cabeça doeu. Ela teve uma concussão? Ela deveria estar se movendo?

—Eu não posso enxergar.

—Você não precisa.

O inferno que não.

—Eu preciso descansar.

—Nós não temos tempo. O Santuário viaja em matilha.

—Como lobos?



—Algo assim.

Luzes verdes piscaram como flashes na sua visão periférica, enquanto ele a arrastava junto. Compactamento de dados¹² eram bons. Ela usava um para seu laptop, em vez de uma pasta. *Oh maldição. Meu laptop.* Fixando seus pés, ela voltou.

—O meu laptop!

Ele a empurrou para frente.

—Nós não temos tempo para pegá-lo.

Ela plantou os pés de novo, balançando a cabeça para clareá-la, estremecendo enquanto a dor profunda a atacava. A sala girou novamente, enquanto ele corria para a frente tão rápido que sentiu que se seus pés não tocavam o chão.

Agarrando seu braço ela retrucou:

—Há informações nele.

Ele amaldiçoou e deu a volta. Ela saiu voando, como a ponta no final de um chicote. Ele a puxou de volta, trazendo-a para seu lado com um aperto que parecia um torno. Ela engasgou.

—Desculpe-me. — Com um olhar para baixo, ele diminuiu o aperto. —Onde ele está?

—No banco de trás do carro.

—Brincadeira! — Ele disse como se ela fosse uma inconveniência sem fim. Se sua cabeça não doesse tanto e seu estômago não estivesse tão embrulhado, ela teria brigado com ele. Afinal, ela não havia pedido a ele que viesse e estragasse sua noite. Ela não pedira aos monstros para atacarem seu laboratório. Ela não havia pedido à companhia que a atacasse. Ela não pedira à sua mãe para olhar para o outro lado durante todos aqueles anos, quando seu padrasto batia em sua porta. E a última coisa que ela pediria agora, eram as lágrimas queimando atrás de suas pálpebras. Mas não podia impedi-las.

Slade apoiou-a contra a parede. Seus joelhos tremiam.

—Não se mova.

Ela perdeu o calor do corpo dele imediatamente. Mais ainda, a ilusão de segurança que ele fornecia. Ela travou os joelhos.

—Não demore, então.

Ela estava orgulhosa da piada, se não por outra razão, por que o escárnio fez as lágrimas pararem. Ela não era uma menininha indefesa. Ela era uma mulher, mais do que capaz de lidar com o que a vida lançava para ela. Mesmo que fossem assustadores, horríveis, homens monstros. *Oh Deus, os monstros.* Eles ainda estavam ao redor, ainda uma ameaça. Ela se endireitou em busca de uma arma. A menos que ela usasse a barbatana de seu sutiã, ela estava indefesa.

Num piscar de olhos, Slade estava de volta ao seu lado, a mochila dela pendurada no ombro, acrescentando choque à sua surpresa. Ela se afastou das mãos dele.

—O que você faz? Voa?

—Algo parecido.

¹² Aqui a autora fez um trocadilho: Pack, em inglês significa pacote, embrulho, mas também pode significar, compactar dados, e, mais ainda, matilha e alcateia.



Algo parecido. Ela respirou, seu coração preso na garganta. Ele havia dito aquilo à respeito dos monstros também. Havia questões que uma mulher que buscava a segurança, nunca deveria perguntar ao seu salvador. Não quando havia perigo em todo lugar e ela não sabia em quem confiar, mas havia momentos em que a sensibilidade dela falhava. Este, aparentemente, ia ser um desses. Olhando Slade em seus belos-e-ainda-estranhos olhos, lembrando-se da sua velocidade, sua força, sentindo como se as portas invisíveis que ela nunca quis abrir estavam rachando, ela perguntou: —O que você é?

Sem sequer piscar, ele respondeu:

—Sou um vampiro.

Slade tinha que estar brincando. Ou louco. Agora havia um pensamento reconfortante enquanto ela era arrastada pela garagem ao lado de Slade. Um vampiro. *Oh Deus.* Sua cabeça ainda girava, sua visão ainda estava turva. Talvez ela tivesse imaginado toda a conversa. Slade parou abruptamente. Náuseas rolavam conforme sua cabeça ia para a frente e depois de volta contra o músculo sólido em seu ombro. Ela fechou os olhos. Mais dor. Mais estrelas pulando do outro lado da tela preta de suas pálpebras.

—Você ainda está comigo?

Ela teria vomitado se balançasse a cabeça afirmando.

—Infelizmente.

Merda, como ele poderia rir em um momento como este?

—Você pode ficar em pé sozinha?

—Claro.

—Eu acreditaria mais ainda se você abrisse seus olhos.

Então ela os abriu. Estalando suas pálpebras, ela viu que estavam no outro lado da garagem, na frente de um espaço vazio.

—Feliz?

—Na verdade não. Você parece um pouco em estado de choque.

—Deve ser toda essa emoção.

Outro sorriso. Seu coração, que deveria estar demasiadamente exausto por todos os solavancos que ela tinha dado a ele nesta noite, pulou uma batida. Droga, por que ele não poderia ter uma aparência mais nerd?

—Deve ser.

Ele soltou seu cotovelo. Ela não havia percebido o quanto ainda estava inclinada sobre ele até que ele retirou a mão. Ela tropeçou.

—Infernos. —Os reflexos dele eram tudo o que a impediam de cair no chão.

—Acho que tenho uma concussão¹³. — Foi uma declaração extremamente coerente, considerando as circunstâncias, e ela estava orgulhosa dela.

—Ótimo.

¹³ É um traumatismo causado por uma pancada na cabeça. Resulta em alterações neurológicas temporárias. Essas alterações podem ser desde uma pequena desorientação ou confusão mental, até amnésia e perda de consciência por vários minutos.



—Você é aquele que me jogou como uma boneca de pano.

—Achei que os superaria ao serem estripados.

A imagem que evocava não fez nada para aliviar a náusea.

—Oh Deus.

Ela agarrou seu estômago.

O aperto dele em seu braço se intensificou.

—Nós não temos tempo para você vomitar.

Será que ele achava que era algo que ela pudesse controlar?

—Então não pintar imagens repugnantes.

—Certo. —Tomando a mão dela, colocou-a contra o concreto fresco. Deixando que sua mão cobrisse a dela, ele deslizou a outra sob os cabelos, contra a nuca. Era surpreendentemente fria. Calmante. —Você precisa ficar em pé.

—Certo.

Um arrepio leve se espalhou a partir das mãos dele. A dor e as náuseas diminuíram. A palma da mão dele contra a pele dela a fazia se sentir tão bem, que ela só queria apoiar-se nele e se pendurar no conforto e na força que ele oferecia. Sinos de alarme dispararam novamente. Fraca. Isto era fraqueza, e ela nunca poderia se dar ao luxo de ser fraca. Empurrando para trás, ela se levantou. As mãos dele caíram. Lambendo os lábios, mantendo os olhos fechados contra a contínua necessidade de vomitar, ela perguntou: —Estou de pé?

As pontas dos dedos dele roçaram suas omoplatas.

—Quase.

Ela sentiu mais do que o ouviu afastar-se. Uma perturbação na energia que os ligavam. *Santo Deus, apenas faça com que seja o choque que me fez pensar que estávamos conectados.*

—Pensei que não tínhamos nem um minuto.

—Nem um de sobra, mas esse eu planejei.

Ele estava definitivamente mais longe. Talvez uns três pés¹⁴? Ela ouviu alguma coisa raspar e depois uma maldição curta. Ela abriu os olhos bem a tempo para a revelação centímetro a centímetro de um SUV que não poderia estar naquela vaga de estacionamento vazia, mas estava. O material de seda deslizou do teto do carro para os braços de Slade com uma dinâmica que desmentia sua aparência de gaze. E, surpreendentemente, Slade caiu sob ele.

Apesar de ser uma pergunta ridícula, ela perguntou mesmo assim:

—Precisa de ajuda?

O material aparentemente leve mal se movia quando Slade o colocou sob seu ombro.

—Eu só preciso de um minuto.

—Um minuto para quê?

—Para este maldito pano de energia acender.

¹⁴ No original: 10 feet: 10 pés. Uma unidade de medida de comprimento. Um pé corresponde a doze polegadas, e três pés são uma jarda. Esse sistema de medida é utilizado atualmente no Reino Unido e nos EUA, equivale a 30,48 centímetros.



Pano de energia? Não havia tal coisa como pano de energia. Se aproximando, ela tentou deslizar o dedo sob a borda coberta no chão atrás de Slade. Era como tentar passar um dedo em uma parede de concreto.

—É duro.

—Merda, não. —Sua voz era tensa pelo esforço. —Eu não consigo separar a quantidade de energia que isso absorve do peso que carrega.

O tecido absorvia energia. Por um momento o fascínio superou o medo.

—Você criou isso?

—Sim.

Algo bateu na extremidade da garagem. O medo voltou rapidamente enquanto as narinas de Slade queimavam e ele levantava a cabeça. Ela pulou e caiu para trás, olhando na direção do som, não vendo nada.

—Eles estão vindo, não estão?

—Sim. Malditos. —Com um grunhido, ele ergueu o material, dobrando-o várias vezes até que ficou pequeno o suficiente para carregar. Parando por um momento, equilibrou o peso na mão, antes de jogá-lo para ela.

—Pegue isso e entre no carro.

Instintivamente, ela pegou o material agora com um peso normal. O terror a fez gritar enquanto sombras borradas os apossava. Slade mergulhou nas sombras, atacando enquanto ela mergulhava para a porta do passageiro. Assim que ela abriu a porta do carro fechado, algo o atingiu. O carro balançou. A janela estilhaçada. Ela jogou as mãos sobre sua cabeça enquanto o vidro caía em torno dela. O material a protegeu do pior. Mais batidas contra o carro. Mais desses rugidos horríveis. Curvando-se no banco, Jane bateu os nós dos dedos no tecido, mantendo os gritos presos dentro si, esperando que sua pele fosse arrancada pelas garras, à espera do fim. Ela não queria morrer assim.

O silêncio repentino foi mais chocante do que o clamor da batalha. Acima do zumbido das luzes de emergência, ela podia ouvir uma respiração rosnada. Algo ou alguém estava vivo. Slade. Era Slade? Ou era outra coisa e Slade jazia no concreto necessitando ajuda, enquanto ela se encolhia como uma galinha¹⁵? Empurrando o cabelo dos olhos, Jane se arrastou para fora do carro. Vidro se triturou quando seus pés encostaram no chão. Com um olhar ela deu um suspiro de alívio.

Slade estava na frente dela, as costas de sua camisa branca rasgada e molhada com sangue. Através do rasgão, ela podia ver o bronzeado de sua pele e a cor mais escura da carne rasgada. Danificado, mas vivo. Slade estava vivo. Seu coração começou a pular. Ela queria bater nele.

—Maldito seja, como você se atreve a me assustar assim? — Ele fez um barulho que soava claramente como um... rosnado? —Você acabou de rosnar para mim?

¹⁵ Gíria: galinha = covarde



Slade se virou. Ele era tão feio quanto qualquer um dos monstros, com a testa proeminente, os dentes para fora, os olhos brilhando. Assustadoramente diferente, mas de alguma forma, abençoadamente familiar.

Eu sou um vampiro.

Mesmo agora, olhando para algumas evidências muito convincentes, ela não podia acreditar. Mas deu um passo para trás.

—Sim.

Ele deu outro rosnado profundo que deveria tê-la apavorado, mas não o fez. Obrigando-se a dar um passo a frente, ela colocou as mãos nos quadris.

—Bem, pare com isso.

Desta vez ele não rosnou. Ele amaldiçoou enquanto se agachava sobre o... corpo mais próximo... Ele estava cercado por corpos retorcidos, sangrentos, que não pareciam naturais. Um, dois, três. Ela parou em três, porque eram três ou quatro, mas se fossem quatro, a cabeça estava rolando solta em algum lugar.

—Meu Deus, no que você conseguiu me meter?

—Eu não comecei nada. —Slade retirou algo de um dos corpos antes de passar para o próximo. —Eu estou tentando te tirar disso.

Sua voz estava tão distorcida quanto o seu rosto.

—Eu estava indo muito bem do meu próprio jeito.

O olhar que ele lançou a ela disse tudo, e ele estava certo. Ela tinha se metido nisso, tendo um alto salário, trabalhando no que queria. Pesquisa financiada por empresas sombras¹⁶. Trabalhos como esse não vinham sem amarras e ela sabia disso, mas a tentação pela pesquisa a atraía. A tentação de acabar com a fome das crianças do mundo, havia sido demasiado forte para resistir. Ela sabia muito bem o que era estar desesperada e faminta, sem um lugar para onde voltar.

O Monstro Slade pegou seu braço.

—Entre no carro. Agora.

Ela não queria entrar no carro. Ela não queria tomar parte nisso. O que ela queria era uma explicação que tornasse tudo isso plausível. Colocando sua mão sobre a dele, ela perguntou:

—Quem é você?

—Man Vamp, lembra?

Como ela poderia se esquecer? Ela pensou que era uma piada, uma brincadeira bonitinha de palavras, mas ele estava falando sério. Acreditava nisso. Talvez até mesmo fosse. Querido Deus, ela teria que acreditar em vampiros agora?

—Você realmente quis dizer isso quando disse que você era um vampiro, não é?

Outro empurrão e mais um passo para trás, ela estava contra o carro.

—Você era a única que pensava que eu estava brincando.

—Quem, no seu juízo perfeito, iria levá-lo a sério?

¹⁶ Gíria: empresa laranja, empresa fantasma.



—Você. —Mais pressão.

Ela resistiu.

—Olha, eu posso ser um monte de coisas, mas não sou estúpida o suficiente para entrar no carro com um vampiro.

Ele apontou o polegar em direção ao corpo por trás deles.

—Você quer ficar com eles?

Claro que não.

—Na verdade não.

Agarrando sua mochila do chão, ele a devolveu.

—Sou eu ou eles.

Ela pegou. *Ótimo.*

—Se eles são chamados de Santuário, como o seu grupo é chamado?

—Renegados.

—Perfeito.

Ele olhou por sobre os ombros. As narinas infladas. Ela sabia o que aquilo significava.

—Não me diga que estão vindo mais.

—Sim.

—Eu lhe disse para não me dizer isso. —Ela se atrapalhou com a maçaneta da porta. —Bom Deus, eles se reproduzem como coelhos, ou o quê?

As mãos de Slade cobriram as dela. Quente, dura, áspera com calos, repleto de uma energia que afundou através de sua pele e penetrou em suas terminações nervosas, acalmando seus nervos em frangalhos.

—Eu não vou deixar que eles te machuquem, Jane.

—Ótimo.

A porta se abriu.

—Você não acredita em mim?

Ele arqueou sua sobrancelha para ela. Ela sempre foi uma otária, para um homem que poderia fazer isso. Os ângulos de seu rosto pareciam mais suave, mais normal. Ele estava mudando de forma?

—Há apenas um de você e Deus sabe quantos deles.

—Mas eu estou fazendo uma promessa.

Ele fechou a porta. Ela viu quando ele andou em torno da frente do carro, cada movimento era gracioso, da maneira graciosa de um predador, a flexão dos músculos com uma transição suave de poder. Ele se virou e a pegou olhando para ele. Ela corou. Ele piscou e deslizou para o banco do motorista. Com um movimento da chave, o motor rugiu à vida com um pulso incrível de poder.

—É um motor alterado?

—Eu sou bom com coisas mecânicas.

Ela olhou pelo espelho retrovisor, os cabelos na parte de trás do pescoço levantando-se enquanto sombras piscavam.



—Você é tão bom com coisas mecânicas, como é com a energia?

—Melhor ainda.

—Você acha que poderia pisar no pedal do acelerador antes que o resto daquelas coisas cheguem aqui?

Ele lhe deu um olhar que poderia não significar nada.

—Sem problemas.

O carro correu para fora da garagem e para dentro da noite. Nenhuma lua quebrava a escuridão ao seu redor. Apenas espaços vazios nos quais uma série de coisas poderiam se esconder. Inclinando-se, ela olhou o espelho retrovisor novamente.

—Não é possível que eles ouçam o motor?

Slade balançou a cabeça.

—Eu tenho um escudo de energia e uma ilusão sobre o carro.

—Uma ilusão? — A única coisa permanente entre eles e aqueles monstros era uma ilusão?

—Nossa rede de segurança é uma ilusão?

Seu sorriso era um capricho no canto da boca, o que a fez imaginar como seria a sensação de tocá-lo com a língua. Querido Deus, ela estava perdendo o juízo?

— Às vezes uma ilusão supera a realidade.

— Por exemplo, quando e como?

Deu-lhe um olhar atravessado.

—Como quando você pensou que eu era humano.

Ele a pegou. Abrindo a mochila, ela correu os dedos sobre seu laptop. Não havia ranhuras, sem bordas quebradas nos dois primeiros cantos, mas o terceiro não tinha se saído tão bem.

—Droga.

—O quê?

—Eu acho que esses bastardos acabaram com o meu laptop.

—Seu chefe não vai ficar muito feliz em ouvir isso.

—O que você quer dizer?

—Eles querem você e eles querem as informações, doçura. Não podem interpretar um sem o outro.

—Bem, eles não podem ter qualquer dos dois.

—Nisso nós estamos de acordo.

Ele era um homem muito estranho.

—O que você vai fazer sobre isso?

Avançando, ele ligou o rádio.

—Sequestrar você por minha própria conta. O som do blues suave encheu o carro. Seu coração pulou uma batida.

—Sequestro. Isso era um sequestro?

—A melhor maneira que descobri para mantê-la segura.

Como se ela devesse acreditar em um homem com aquelas presas e que ainda pouco tinha a face transformada. Ela colocou seu laptop de volta na mochila e a fechou.



—O que te faz tão qualificado para o trabalho?

Ele sorriu, o homem substituindo o monstro em um piscar de olhos. Com um empurrão de seu queixo, ele indicou o laboratório que rapidamente ficava para trás.

—Porque eu sou o vampiro fodão que pode chutar o traseiro do Santuário.

Capítulo 3

— Nós estamos indo à algum lugar específico, ou vamos ficar perambulando à espreita pela noite, nessa corrida alucinante?

Slade olhou para Jane. Ela estava sentada no banco do passageiro, segurando o laptop como um cobertor de segurança, olhando pela janela, como se o cenário fosse particularmente emocionante, mais do que apenas ruas desertas com um toque de inverno. O âmago de sua pergunta estava se repetindo no conjunto de sua boca. Ela tinha uma boca bonita. Larga, nem fina nem cheia, mas feita para sorrir. Agora estava definida em uma linha reta.

Ele desejava ter uma resposta para ela. Algo concreto. Algo para acalmar seus nervos, mas, na realidade, não estava no controle dele onde iam.

—Eu acho que depende de você.

Ela não olhou para ele. Em algum lugar entre a concussão e o agora, ela desenvolveu uma atitude.

—Você quer dizer que eu posso dar uma opinião sobre tudo isso?

Ele desviou para evitar um buraco e voltou-se com um sorriso.

—Desde que você é a única que sabe onde escondeu a sua pesquisa, eu diria que isso faz com que você seja a rainha do dia.

Ele teve que lhe dar crédito. Não era por uma contração muscular que ela iria trair sua surpresa com o comunicado.

—Qual pesquisa?

Ele olhou pelo espelho retrovisor. Não podia ver o pessoal do Santuário os seguindo, mas os cabelos na parte de trás do seu pescoço estavam eriçados. Eles foram lá fora.

—A pesquisa que aqueles valentões lá atrás, estavam procurando.

—Você quer dizer, aqueles valentões que contratou para fazerem você se sentir bem, e para promover uma falsa sensação de segurança em mim? — Ela perguntou.

Ele estava certo, a mente dela não parava, só saía por tangentes¹⁷ estranhas.

—Droga, eu queria ter pensado nisso há alguns meses atrás. Isso teria feito as coisas de modo muito mais simples.

¹⁷ Sair pela tangente significa: não enfrentar a situação, não se definir, não se comprometer, não se decidir, não ter firmeza; enfrentar a situação “enrolando”.



Agora ela olhava para ele. O preto e branco da visão noturna dele, acariciavam os planos de seu perfil. Ela não era uma mulher bonita, mas ela era sexy, tipo, *a garota bonita que mora ao lado*¹⁸. Com um grunhido que não fez nada para diminuir o seu magnetismo, ela murmurou:

—E eu ainda tenho que acreditar que você é uma espécie de gênio.

Apesar do perigo, ele não poderia deixar de achar engraçado.

—Eu nunca disse que eu era algum tipo de gênio. Você foi quem me deu o apelido.

— Acho que fiquei muito impressionada com sua habilidade em quebrar o meu código de segurança.

Ele levantou uma sobrancelha para ela.

—Acho que a declaração adequada seria a de que você estava emocionada por eu ter quebrado o seu código de segurança.

Outro olhar, esse tão autocrático como o olhar que qualquer rainha teria dado.

—Isso não faz muito sentido.

—Faz sim se você estivesse entediada e procurando por um pequeno desafio mental.

—Sou uma cientista e pesquisadora de ponta em um laboratório que me dê o que eu quiser.

Como, na Terra, eu estaria aborrecida?

Uma sombra no espelho de visão lateral chamou sua atenção. O mais fraco lampejo de luz. Não era uma imagem sólida, mas algo mais perigoso. Santuário. O pneu cantou contra a calçada, quando ele fez uma curva brusca à esquerda.

—Falta desafio social.

Agarrando o braço do banco, ela perguntou:

—Você está dizendo que eu sou estranha?

Ele checkou o retrovisor novamente.

—Não. Só estou dizendo que faz tempo desde que você tivesse alguém para corresponder a esse juízo.

Os olhos dela se estreitaram e ela olhou para o espelho do lado do passageiro. Não havia como ela pudesse ver o Santuário. Embora ela estivesse aterrorizada, ela não traiu um pingue de medo. Sua admiração por ela, que fora construída ao longo dos últimos meses, aumentou ainda mais.

—E você nomeou a si mesmo o meu bobo da corte?

A arrogância do tom o fez sorrir.

—Eu posso brincar em assumir o papel.

Isso só poderia ter sido um acesso de raiva que precedera o seu mandato.

—Bem, se eu vou ter uma vaga para bobo da corte, então eu não estou tomando o primeiro requerimento que vem junto. Haverá um processo de candidatura. Eu prometo, o meu primeiro requisito não será a determinação de ganhar a posição com subterfúgios.

¹⁸ “The girl next the door”, é uma expressão que quer dizer, a garota comum que poderia morar ao lado da sua casa; a garota da vizinhança; a vizinha.



Merda. Eles estavam chegando rápido na encruzilhada da periferia da cidade. Ir para leste significava voltar. Oeste caminhar para o interior. Ele rumou para oeste. As fileiras de casas ficavam cada vez mais distante. Os espaços cada vez maiores.

—Eu não enganei você.

Ela olhou para trás novamente.

—Se você o diz.

—Sim, eu digo — Ele não podia ver a cintilação no espelho, mas os cabelos na parte de trás do seu pescoço estavam praticamente dançando. —Segure-se.

Ele aumentou a velocidade. O motor potente rugiu, acelerando com o pouco de sua energia que ele derramou no motor, dando-lhe o impulso extra assim que um vampiro do Santuário apareceu no retrovisor.

Desta vez não havia nada falso sobre seu suspiro.

—O que foi isso?

—Apenas um daqueles capangas que você acha que eu conjurei.

—Sério, o que foi isso?

Ele não podia culpá-la pelo choque. O Santuário não melhorava sua aparência quando eles estavam perto ou pessoalmente.

—Eu já lhe disse, o Santuário.

—E o que diabos é o Santuário?

—Um bando de vampiros arrogantes... — Ele virou na próxima esquina muito rápido, levitando o carro enquanto ele se inclinava sobre duas rodas, segurando-o na estrada até que a gravidade assumisse novamente. As rodas bateram na estrada com um baque. —Parece que acham a sua pesquisa sobre os genes e a interação com aminoácidos em nutrição, malditamente interessante.

A maneira que Jane agarrou a alça acima da porta era assustada, mas sua voz não perdeu um pouco sequer de arrogância enquanto ela retrucava:

—É claro que é interessante. Eu não estaria estudando se não fosse.

—Não é no seu estudo que eles estão interessados. É o que você descobriu que chamou a atenção deles.

—Eu não descobri nada.

Seria bom se todos pudessem acreditar.

—Você não anunciou nada, mas descobriu alguma coisa.

Ela estreitou os olhos novamente, desta vez para ele.

—E é por isso que você está aqui.

Não havia sentido em mentir.

—Sim.

Seu choque reverberou através do assento, passando dela para ele, conectando-os enquanto o pulsar do seu medo se arremessava na clareza cristalina de sua conexão, estragando a pureza. Voltando pelo mesmo caminho, ele enviou uma onda de calma. Ele não queria que ela tivesse medo dele.



—Seria mais fácil para você acreditar se eu te dissesse que faço parte de uma organização supersecreta do governo, contratado para protegê-la de espões do Santuário?

—Não.

Bem, foi curto, e direto ao ponto.

—Então, sim, eu estou interessado na mesma coisa que eles estão, mas por motivos totalmente diferentes.

—Quais são as suas razões?

—Domínio mundial.

Ela não parecia chocada, o que confirmava sua suspeita de que ela já sabia que sua descoberta poderia ser usada como uma arma.

Ela levantou as sobrancelhas.

—E a sua razão?

—Pessoal.

—Quanto de pessoal?

—Muito pessoal.

—Você sabe que não isso não é bom o suficiente.

Houve aquela centelha de energia à sua esquerda. *Merda.*

Slade puxou o volante para a direita, cruzando um gramado para o beco entre dois shoppings de pequeno porte.

Mal havia espaço para o carro. Jane gritou. Seu medo se derramou em ondas, clamando por ele. Ela precisava dele. Slade manteve a conexão fechada, a distração era demais. Instantaneamente, tudo dentro dele se sentiu ultrajado, criticando-o por tê-la deixado sozinha com seu medo, repetindo a única verdade, que seu vampiro se importava com ela e que ela precisava dele.

Imagens correram por eles. A lata de lixo amassada pelas rodas. A tampa voando sobre o capô. Jogando as mãos sobre o rosto, Jane gritou novamente assim que o plástico atingiu o para-brisa antes de cair sobre o teto. Rangendo os dentes, Slade praguejou, enquanto o desejo de tomá-la em seus braços, ameaçava substituir a necessidade de escapar.

—Controle-se.

A ordem saiu mais grunhida do que falada.

—Eu? — Ela guinchou, claramente indignada. —Eu não sou aquele que está dirigindo como um maníaco viciado.

Merda. Como ela poderia fazer piadas, apavorada como estava?

—Apenas se controle.¹⁹

Além do beco havia uma vala. O esforço físico de sua energia era enorme quando ele levitou o SUV²⁰. Ele bateu no outro lado, grama e sujeira pulverizavam enquanto as rodas encontravam um ponto de apoio.

¹⁹ Aqui a autora fez uma brincadeira: Slade disse para Jane: “Apenas se controle”. Em inglês a frase é “Just do it”, que pode ser traduzida de diversas maneiras. Inclusive é o slogan da marca de tênis NIKE. No caso da marca de tênis a tradução é: “Apenas faça”.

²⁰ Tipo de caminhonete.



Jane ofegou, mas não gritou. Em vez disso, ela agarrou o laptop como se fosse uma tábua de salvação, enquanto ele acelerava para duzentos e nove quilômetros por hora²¹.

Em um tom perfeitamente razoável, Jane ressaltou:

—Não há combustível, que leve um motor de combustão interna a essa velocidade tão rápido.

—Não, você está certa sobre isso.

A frustração dela se ampliou e alcançou os limites de suas terminações nervosas.

—Você é fisicamente incapaz de oferecer uma resposta direta?

—Meus irmãos parecem pensar assim.

—Você tem irmãos?

—Você parece surpresa.

—Eu estou. Pensei que agentes especiais supersecretos, eram tipos solitários.

—Você assiste muita TV.

—Meus amigos dizem que não o suficiente.

O carro deu um solavanco, saltando alto. Não havia como deter o sacolejo, então ele o rodeou, levitando o SUV para mantê-lo fora da terra, a pressão de sua energia demonstrada na agitação de suas mãos enquanto corrigia o carro. Muitos movimentos mais como esse e eles estariam indefesos como crianças recém-nascidas contra o Santuário.

Jane não disse uma palavra durante a manobra, mas o grito dela ecoou em sua cabeça. Embora não pudesse se dar ao luxo de poupar a energia, Slade suavizava o medo acalmando-a.

Eu estou com você. Você está segura.

Os solavancos gritaram quando as rodas cavaram o chão. O carro disparou para a frente, em direção ao milharal em frente e à direita.

Como se nada surpreendente tivesse acontecido, Jane disse:

—Isso simplesmente não é possível.

—Não é para seres humanos.

A calma dela foi quebrada com um afiado.

—Pare de insistir no fato de que você não é humano.

O Santuário estava em seus calcanhares, sua energia estava se esgotando, e o amanhecer estava chegando. Ele não tinha tempo para seus jogos de autonegação.

—Pare de insistir no fato de que eu não sou, e continue com o programado.

O carro despencou cegamente no milharal, arrancando os talos por debaixo das rodas e chicoteando para os lados.

—Oh meu Deus— Desta vez ela agarrou sua coxa. Seu primeiro toque voluntário, e ele não podia apreciá-lo. *Merda.*

—Eu não vou deixar nada acontecer com você, Jane.

O barulho dos caules batendo contra o veículo quase abafou sua voz.

—Cale a boca e se concentre em não cair.

²¹ No original: 130 milhas.



—Eu sou multitarefa.

Seu aperto se intensificou.

—Eu não estou impressionada.

O inferno que ela não estava.

—Sério? Eu pensei que a última manobra tivesse sido bastante escorregadia.

—Você não o faria.

—Ei, isso nos impediu de sermos pegos.

—Quem pode nos pegar? Estamos fazendo 209 km por hora em um milharal.

Suas palavras saíram agitadas, com a voz distorcida pelo curso acidentado do carro através das trilhas esburacadas. Slade não tinha como facilitar o passeio. Levitar o carro, escanear o terreno e fazer a camuflagem estavam drenando sua energia rapidamente. Se ele pudesse mantê-los correndo até o amanhecer, estariam bem. Os vidros escuros do SUV iriam oferecer-lhes alguma proteção contra o sol que seus perseguidores não teriam.

—Santuário.

—Santuário. Novamente com o Santuário. Não há mais ninguém aqui, além de nós.

Ela queria tanto acreditar, que estava tentando se convencer disso. Talvez um pouco de medo não fosse uma coisa ruim. Slade alimentou um dos sentidos de Jane, com suas advertências.

—Você não pode senti-los? Mesmo se você não puder vê-los, seus instintos têm de estar dizendo que *alguma coisa* vem vindo.

Ela lambeu os lábios.

—Claro que tenho senso de perigo. Nós estamos dirigindo a uma velocidade alarmante!

—Eles estão se movendo muito rápido.

Ela olhou para ele.

—Não faz nenhum sentido que qualquer coisa possa nos acompanhar.

—Você não conhece ninguém do Santuário.

Ela deu um olhar gelado sobre ele, que dizia claramente que ela não apreciara a sua resposta. Um olhar que passou rastejando por sua postura de guarda e pegou na tensão sexual, trazendo-a para o jogo.

—Eles são mais fortes do que você?

—Não, mas eles me superam em número, e você é um ponto definitivamente fraco.

Ela franziu o cenho, bateu o dedo no braço do banco e olhou para o espelho lateral.

—Sim, mas uma máquina reforçada deveria deter o Santuário.

—Eu percebi que você não diz *escapar*.

Houve um estrondo na parte superior do carro. Um chiado bateu no teto, seguido imediatamente por um grito sobrenatural, enquanto um homem caía no chão atrás do veículo.

Jane ofegou.

—Santuário?

—Isso aí. No curto prazo, poderia ajudá-la se pensasse neles como onças e nós, como impalas frustrando o ataque.

Jane soltou a coxa dele.



—Nós somos a base da cadeia alimentar?

Ele olhou por cima.

—No momento.

Houve outro baque. Outro grito enquanto as defesas que ele colocara no veículo eram executadas com a sua própria energia, quebrando o sistema nervoso dos vampiros do Santuário que os estavam atacando.

A tensão em sua força era incrível, mais do que ele tinha imaginado. Ele teria de rever seus cálculos.

—Pelo amor de Deus, mantenha seus olhos na estrada e dirija mais rápido!

Slade não teve coragem de dizer a Jane que estavam no máximo do limite e que não tinham mais crédito. E nem tempo. Entre a borda do milharal e a estrada havia uma vala de três metros. Com força total, ele poderia levar o SUV sobre a vala, mas agora ele não sabia se tinha as reservas necessárias para levar o carro com segurança ao outro lado. Ele olhou para um raio de luz no céu. O olhar de Jane seguiu o seu.

—Se eles são vampiros, a luz solar não é mortal para eles?

—Sim.

—Então, só temos de ficar à frente mais alguns minutos.

—Sim. Se eles foram especialmente sortudos. Se o Santuário não tivesse desenvolvidos escudos. Se, se, se.

Jane cravou as unhas no banco. Os músculos da coxa dele flexionaram com inveja. *Merda*. Como ele poderia perder o toque dela agora?

—O que você não me disse?

Os vidros esfumados dariam alguma proteção, mas não o suficiente. E eles não fariam qualquer coisa para protegê-los contra os aliados Weres²² do Santuário. Sem dúvida, os vampiros enviariam mentalmente aos weres sua última visão, e aqueles weres eram conhecidos pela tenacidade com que caçavam suas presas.

—Eu sou um vampiro também.

—Você está me dizendo que em poucos minutos, enquanto estamos dirigindo à 209 km por hora por esse milharal, você irá desaparecer em uma nuvem de fumaça?

—Sua preocupação é comovente— Ele moveu o SUV de modo que eles corriam paralelos à vala.

Ignorando seu sarcasmo, ela perguntou:

—É isso que você está me dizendo?

—Nada tão dramático. O para-brisa vai nos proteger um pouco.

—Nós? Eu não tenho qualquer problema com o sol. Uma vez que você o tem, e o fato de que você ainda está dirigindo este carro é que está me preocupando.

—Eu não vou bater o carro.

—O inferno que não vai— Ela olhou para trás. —Eles ainda estão nos seguindo?

²² Weres: Lobisomem, Licanthropos.



Ele balançou a cabeça.

—Os vampiros ficaram para trás.

—Então, por que você está dizendo que o Santuário é agora o menor dos nossos problemas?

—Há weres, também, em aliança com o Santuário.

—Claro que há. O que é um bom filme de terror sem um lobisomem ou dois? — Ela fez uma pausa, respirou, e então disse em uma voz perfeitamente calma, —Eu suponho que são apenas alguns e não estamos falando de milhares?

—Nós não sabemos.

—Oh pelo amor de Deus!— Ela levantou a mão esquerda, a outra segurando firmemente o laptop. —Como você pode, eventualmente ter inimigos e não sabe quem e quantos são?

—Estamos trabalhando nisso.

Os primeiros raios do sol apareciam sobre o horizonte. Mesmo o sombreamento denso da janela, não conseguia evitar a queimadura ofuscante. Slade piscou e respirou. *Filho da puta*. Jane se atrapalhou com sua mochila. Inclinando-se, ela empurrou algo em seu rosto.

O alívio foi imediato.

—Óculos de sol— explicou ela.

Houve mais ruído enquanto ele piscava as lágrimas de seus olhos.

Com uma voz tão fria como um pepino, ela lhe informou:

—Há uma árvore em frente a nós às duas horas²³.

Ele ajustou a roda para a esquerda, piscando rapidamente enquanto sua visão limpava. Os vidros eram escuros, os raios do sol ainda fracos. Como uma solução temporária, funcionaria. Ele podia enxergar.

—Obrigado.

A mochila fez um ruído enquanto Jane vasculhava dentro dela novamente. Houve o som de plástico sendo aberto, em seguida, o barulho de algo que estava sendo espremido de um tubo. Era tudo muito claro e agudo para seus sentidos vampiro. O cheiro de coco encheu o carro. O som distinto do cinto de segurança sendo desencaixado, quebrou o silêncio.

—Coloque isso de volta— colidiu com a fivela do cinto batendo ao lado da porta.

—Em um minuto.

O fim do milharal estava chegando. Outra vala. Se esgueirando mais, Slade tentou empurrá-la de volta. Aconchegada debaixo do braço dele, Jane evitava sua tentativa e algo frio e pegajoso se espalhou no rosto dele.

—Que diabos você está fazendo?

—Apenas no caso de suas janelas não serem tão perfeitas como você supõe, achei que uma camada de protetor solar poderia ajudar.

—Você carrega protetor solar na bolsa do seu notebook?

—Eu acredito em estar preparada.

É claro que ela estava. Podia sentir seu olhar. Podia ver a vala se aproximando. *Merda*.

²³ Posição do relógio, que corresponde à uma posição.



—Eu estou presumindo que são os raios UVA, que pegam você?

—O raios UVB machucam também.

O material era grosso, malditamente perto do intolerável, mas longe de ser tão intolerável quanto o pensamento do que poderia acontecer ao corpo dela, se a caminhonete saltasse fora de controle. Ela era humana e quando olhou para o braço dela esfregando o creme sobre sua testa, pensou que não era construídas resistentemente, mesmo para um ser humano.

—Isso é o suficiente. Agora volte para aquele banco e coloque o cinto de segurança.

—Em um minuto.

Mais creme pingou em sua palma. Ele podia sentir o material aderindo ao seu cabelo.

—Agora, antes que se machuque.

—Nesta velocidade, as minhas estatísticas de sobreviver à um acidente com cinto de segurança ou não, estão entre zero e nenhuma.

Esse não era um fato que ele queria ouvir. Pela primeira vez em sua vida de vampiro, ele hesitou, seu pé oscilando entre o acelerador e os freios.

Os óculos balançaram no nariz enquanto ela espalhava o creme por sob as lentes. O próximo solavanco custou à ela o equilíbrio. Ofegante, ela agarrou o ombro dele.

As unhas dela cortaram sua pele através de sua camisa. Seu perfume enrolou-se em torno dele, afastando o cheiro de coco, o perfume de maçã era como uma mola e uma pitada de medo.

—Ponha esse maldito cinto de segurança agora.

—Quando eu tiver terminado— Esfregou o creme de baixo do pescoço dele e em seu peito, seu dedos de ossos finos patinando sobre sua pele, com uma eficiência que não tinha nada a ver com paixão, mas que despertou o seu interesse de qualquer maneira. Outra distração. A colisão próxima, enviou os dedos dela por sobre o seu queixo. As pontas dos dedos descansaram contra a sua boca por um breve momento, e em um bater do seu coração, ele os beliscou, deixando que sua reação ao toque, corresse por ela, sorrindo tristemente quando ela voltou ao seu assento com um suspiro e com os olhos grandes olhando-o em estado de choque.

—Isso foi desnecessário.

Ela realmente tem um lado mandona.

—Então faça como lhe foi dito— A vala estava chegando rápido. Ele trocou o pé do freio para o acelerador. —Ponha o cinto de segurança.

Ela agarrou o cinto.

—Por quê? Vamos bater?

—Por que você não trabalha com as probabilidades estatísticas em sua cabeça enquanto eu descubro como passar por cima essa vala?

Ela puxou o cinto por cima do ombro e se atrapalhou com a repreensão.

—Você não é alguém muito reconfortante para s estar ao lado.

—Obrigado.

—Isso não foi um elogio.

Era agora ou nunca. Ele socou o acelerador.

Ela olhou para cima.



—Oh meu Deus!

A última sílaba terminou em um grito estridente enquanto Slade jogava uma parede de energia na frente dos pneus, criando uma rampa invisível para arremessar a SUV até a altura necessária para passar por sobre a vala. Sua força vacilou. Ele rangeu os dentes, buscando mais profundidade. Ele não iria falhar. Não com ela. Não com isso.

Sua força se quebrou. O carro pousou duramente. Impacto de metal contra metal. O SUV desviou, abalou-se sobre duas rodas, oscilando enquanto tudo corria.

Uma mão o apertou. Energia, suave e feminina, tocando-lhe. Misturando-se. Ele a agarrou. E no segundo seguinte fez o que ele achava que não poderia fazer. Ele levitou o veículo enorme em uma linha reta. As rodas suavemente reconectando com a estrada.

Quando ele olhou, Jane estava olhando para ele, o choque e o medo em seus grandes olhos verdes, misturados com fascínio quando ele soltou sua energia. Ela salvou suas vidas.

—Obrigado.

Ela não respondeu, só ficou olhando para ele.

Merda.

Não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso agora. Entre a agonia do sol, a necessidade do sono do dia e exaustão de tirar Jane do laboratório, ele estava acabado.

Devia ter sido malditamente óbvio também, porque com um aceno de cabeça e com a expectativa absoluta de ser obedecida, Jane retrucou:

—Encoste.

—Ainda não.

Ele poderia esperar um pouco mais. Tempo suficiente para levá-la em segurança.

—Priorizando nossos riscos agora, você desmaiar ao volante está no topo da lista. Sendo esse o caso... Sua mão fechada sobre a sua no volante.

—Encoste.

Ela estava certa. Ele parou. Slade soltou o cinto de segurança e inclinou-se por cima do volante. Enganchando o braço em volta da cintura dela, ele a puxou para seu colo, enquanto deslizava ainda mais. O laptop bateu no volante. Ela desembarcou no colo dele, com sua bunda macia apoiando-se sobre o seu pênis.

—Espere um minuto.

Ele esperou enquanto ela arrumava o laptop, permitindo que seu perfume penetrasse fundo deixando aquela sensação de reconhecimento reverberando duro, no sentido do direito que ele sentia desde sua primeira troca de e-mail. Sua energia sempre fora muito agradável, e havia apenas começado a melhorar com o tempo. Ela balançou ao redor. Seu pau endureceu.

—Isso seria muito mais fácil— ela murmurou, inclinando-se para colocar o laptop no chão, —Se você não fosse tão grande.

Seu pau cresceu duro e forte, indiferente ao fato que este não era o momento, apenas gostando do jeito que a sentia, tão diferente e ao mesmo tempo tão familiar. Tão perto, que ele podia ver a transpiração em sua têmpora. O cheiro acre da mancha de medo sob sua bravata. Ela estava apavorada, mas fingindo bem. Ele pressionou



—Mas você gosta de mim grande— disse ele, só para que ela não ficasse se consumindo pelo medo.

Ela se levantou, mas isso não contava. Muito ruim. Ele poderia usar alguma distração, especialmente porque ela arrastou aquela bunda macia em sua virilha. Rangendo os dentes, ele caiu no lado oposto do assento. Ela ajustou o volante e o banco.

Ele só tinha alguns minutos antes de desmaiar, o que fez com que seu pau se recuperasse milagrosamente. Um olhar totalmente desvalorizado de Jane e um —harrumph— foram as coisas que recebeu.

—Ignore-o, ele não tem boas maneiras.

—Então, eu percebi.

Vá entender, ela era uma esportista acima de tudo. Estendeu a mão para o cinto de segurança. Ela balançou a cabeça.

—Você precisa ir na parte de trás.

—Não.

—Só de olhar para você, dá para saber que vai desmaiar a qualquer segundo, e o banco traseiro oferece a melhor proteção contra o sol.

—Eu não posso protegê-la de lá.

Desta vez, ela não se preocupou em esconder os olhos rolando.

—Não vamos chatear o dia com a lógica mais uma vez, mas acho que a prioridade número um é que você fique lá trás e fora do sol para que possa viver para lutar outro dia ou qualquer outra coisa que vocês homens digam durante uma elevação do nível de testosterona.

É o inferno provocando ele, mas ela estava certa.

Ele apertou o assento, caindo de bunda com um pé preso na parte de trás do assento.

—Vocês, mulheres, são mandonas.

—Com certeza. Eu só estou segurando a minha onda.

A escuridão estava vindo rápido. Ele tinha apenas alguns momentos.

—Você realmente acha que está preparada para lidar com isso?

Ela colocou o carro em marcha.

—Eu não tenho ideia, mas acho que nós dois estamos prestes a descobrir.

Merda.

Capítulo 4

Ela não assinara um contrato para isso, Jane pensou enquanto dirigia o SUV ao longo da estrada. Ela era uma pesquisadora. Ela trabalhava na segurança de seu laboratório em teorias que se mostravam sólidas. Ela nunca tivera qualquer desejo de ser uma heroína, então o que no inferno ela estava fazendo dirigindo de madrugada em algum tipo de tanque de guerra mágico,



que fora disfarçado como um SUV? Ela não era aventureira e certamente não era uma GI²⁴ Jane contra o mundo.

A manhã rompeu com pacífica beleza de rosa pálido misturado com cinza. Linda. E enganosa, porque ela podia sentir o perigo ainda espreitando no arrepio dos pelos ao longo de seu antebraço e da agitação no seu intestino. Atrás dela, ela podia ouvir a respiração de Slade. Mesmo aquilo não estava certo. Sua respiração era muito rasa, o ritmo dela muito desigual. O instinto exigia que ela encostasse o carro e o examinasse, mas essa sensação de perigo dizia:

—*Ponha o pedal até o fim e dirija como uma louca, apesar do senso comum*— embora o senso comum lhe dissesse para manter uma velocidade sensata. Ela jurou. Ela odiava conflito. Ordem era mais seu estilo.

Respirando fundo, se concentrou no aqui e agora. Ela não conhecia essas estradas. Estavam em algum lugar longínquo e remoto, mas se ela se lembrava corretamente dos mapas que verificara quando se mudou para a área quatro anos atrás, esta estrada tinha um monte de curvas súbitas. O que significava que seria melhor desacelerar. A última coisa que qualquer um deles precisava era que ela batesse o carro. Fosse qual fosse a magia que Slade detinha, que lhe permitia amparar três toneladas de metal sobre uma vala em um único limite, não estava em seu repertório.

Slade fez um barulho estranho. Arriscando um rápido olhar por cima do ombro, ela perguntou:

—Você está bem aí atrás?

O som que veio de volta para ela poderia ter sido tanto um grunhido como um ronco. Mais luz inundou o horizonte. Normalmente, ela teria recebido isso com um sorriso e um grande abraço virtual, ela amava as manhãs, mas se ia se meter em toda essa porcaria de vampiros, e ela realmente não sabia como não poderia, o sol era seu inimigo. Ele tinha o poder de fazer a única coisa que os monstros com presas do Santuário não podiam. Poderia matar o homem que era seu protetor. Não era uma coisa boa.

Não que talvez ela não pudesse encontrar alguém para ajudá-la, mas ela sempre tivera a sua filosofia de que um pássaro na mão é melhor do que dois voando. E Slade era um pássaro.

A comparação imediatamente lhe pareceu errado. As aves eram animadas, criaturas delicadas, frágeis. Slade era apaixonadamente intenso e latente entre as camadas de falsa calma e raiva equilibrada. Era o puro sexy *bad boy*, e em qualquer outro ambiente, ela poderia ter sucumbido à tentação que ele representava. A última vez que ela teve um caso *hot* com um homem como Slade, tinha sido, bem, nunca. Ela suspirou. Teria que encarar: os homens como Slade não apareciam com muita frequência, e quando o faziam, eram geralmente candidatos para o troféu Canalha do Ano, não um dos heróis dos contos de fadas.

Ela olhou para o banco de trás de novo. Mas Slade tinha a palavra herói escrita sobre si. Ele arriscou sua vida por ela. Fora ferido por causa dela. Como recomendações sobre confiabilidade, era o melhor que ela havia tido até agora. Ele poderia até fazer o tipo relacionamento real. Não

²⁴ Soldado das Forças Armadas Americanas.



que ela tivesse tido muitos desses, também. Como sempre, quando ela chegava ao final de um projeto de pesquisa, a emoção de uma solução se aproximando consumia sua mente e a deixava com pouco tempo para namorar. Muitas vezes, metade do tempo, ela se esquecia de comer. Os homens não estavam sequer na agenda. Agora, antes mesmo que ela pudesse até mandar os hormônios de volta, aqui estava Slade. Ela se interessou por ele quando ele fora um “blip” na tela de seu computador, uma ocorrência rara suficiente em si mesmo. Qualquer mulher com sangue nas veias, estaria interessada nele depois de conhecê-lo pessoalmente, mas o que a inquietava era a sensação de que havia mais do que hormônios em trabalho aqui. Por que ou o como, ela não sabia, mas havia química entre eles. Mesmo, talvez uma... conexão. Meu Deus, ela estava correndo pela sua vida em uma corrida contra o tempo para proteger uma pesquisa na qual nunca deveria ter prosseguido. Ela não tinha tempo para uma conexão!

O asfalto terminou abruptamente. Ela pisou nos freios quando o carro bateu para fora do asfalto, em uma série de manobras que ameaçavam jogar o poderoso veículo, para a direita, pra fora da estrada.

—O que há de errado?

Claro, agora ele acordou.

—Diga-me, se o sol te tocar o que acontece?

—Além de doer como o inferno? — Sua voz tinha uma sombra de seu timbre normal.

—Isso aí. Além disso.

—É provavelmente o equivalente a despejar um balde de ácido na pele humana.

Ácido queimava o tecido em segundos.

—Você tem um cobertor aqui?

—Não.

—E quanto a essa coisa de teia de energia? Se você se cobrir com ela, vai bloquear o sol—?

Uma pausa. —Provavelmente.

—Então coloque-a.

Houve um farfalhar de couro e material.

—Você gosta de dar ordens, não é?

—Acho que é mais fácil do que discutir.

—Isso realmente funciona para você?

Acima à esquerda estava uma clareira. A casa ficava afastada da estrada, pendente para um lado, de modo que ela achou que estava abandonada e poderia ser um lugar para tirar Slade do sol.

—Com pessoas sensatas, sim.

—Você está insinuando que eu não sou sensato?

—Talvez um pouco. Lembre-se, eu vi você se jogando na frente de Caninos e companhia.

—Isso, doçura, foi a coisa mais inteligente que eu já fiz.

Ela se virou na direção da casa deserta.

—Então eu acho que isso o torna ou um estúpido ou um gênio.



—Gênio— A palavra reverberou estranhamente, soando mais alto em sua cabeça do que em seu ouvido.

—Continue agindo assim e acreditando nisso — Havia um celeiro ainda mais destruído à direita da casa. Ela parou em frente da porta dupla. —Eu acho que nós podemos te esconder aqui.

—Esconder?

—Essa tensão na sua voz me diz que você está com dor. Você precisa de ajuda médica.

—Nada que eu não possa suportar. Certamente não é o suficiente para me mandar correndo com o rabo entre as pernas.

Ninguém se sentiria obrigado a obedecer a tom de voz. Mas ela sim. Em um nível que não conseguia explicar. Empurrando o desejo de lado, Jane estacionou o carro.

—Eu estou dando as ordens agora.

—Quem disse?

—Eu digo.

—O que lhe dá a autoridade para gritar ordens?

Ela olhou ao redor, não vendo nada além de ervas daninhas, lixo e mato.

—O fato de que eu posso andar no sol.

O grunhido seguinte foi mais fraco. Jane olhou por cima do ombro. Slade estava deitado de costas sobre o assento, as mãos sobre o rosto. Bolhas tingiam de vermelho a carne de sua pele. Tudo isso porque alguns raios fracos do sol permeavam o interior colorido? Droga!

Ele deslizou suas mãos para longe do rosto.

—Caleb vai te amar.

—Quem é Caleb?

—Meu irmão— Sua voz era quase inaudível.

Abrindo o porta-luvas, ela viu uma lanterna, mas nenhuma arma. Ela realmente teria preferido a arma. Infelizmente, seus instintos de sobrevivência não eram o que deveria ser. Ela os tinha deixado no laboratório quando Slade tinha agarrado a ela. Dane-se. Ela pegou a lanterna e tentou abrir a porta da frente, usando seu corpo para bloquear a luz, fazendo o seu melhor para protegê-lo dos raios insidiosos do sol. Ele se derramou em torno dela como se ela não fosse uma barreira para absolutamente nada. Porra, ela odiava sentir-se desamparada.

—É bom saber, no caso improvável de que jamais nos encontremos.

—Você vai conhecê-lo. Eu insisto nisso.

—Ele também é um vampiro?

—Sim.

—Então não conte com isso.

Ela fechou a porta da frente. Ele disse algo que ela não conseguia entender. Ela parou, bem à tempo de abrir a porta de trás e perguntar:

—O quê? — Colocando a mão contra a janela, desejando poder ver através do vidro escuro, ela perguntou:

—Você está muito machucado?

—Eu vou ficar bem se descansar um pouco.



Ele precisava de descanso. Proteção contra o sol. Jane não conseguia tirar a mão dela na janela. Não era possível quebrar a ligação frágil. Outros vampiros tinham uma âncora na realidade. Que nenhuma mulher podia resistir-lhes.

—Bancar o herói te consome, hein?

—Pode ser um trabalho duro.

Ela apostou.

—Você faz isso frequentemente?

Nenhuma resposta.

—Slade?

Maldito. Se ele tivesse desmaiado? Outro olhar em volta não mostrou nenhum sinal de movimento à luz da manhã. Com esperança, iria demorar uma eternidade para os lobisomens encontrá-los, e, esperamos, ela estaria morta há muito tempo de velhice, pelo tempo pouco especial do folclore, tornou-se parte de sua realidade.

Ela se dirigiu para a porta do celeiro. A corrente não era um bom sinal. Apesar de fortemente oxidada, ela ainda parecia forte o suficiente para resistir aos seus esforços. Sua única esperança era que o bloqueio não fosse muito forte. Uma alavanca provavelmente seria mais forte do que os músculos em suas mãos e braços. O que não dizia muito. Quando ela ia para a academia, fazia muito bem a esteira e ignorava todo o resto. Ela puxou a trava novamente. Talvez devesse ter trabalhado mais com as máquinas de peso. Então, novamente, músculo não era tudo. Ela pegou um pedaço de tubo de metal da pilha de lixo ao lado do edifício. Inovação poderia muitas vezes fazer a diferença.

Balançando o cano, ela bateu na fechadura. Uma vez. Duas vezes. A força ressoou ao seu redor. Tão alto. Ela olhou para baixo, para a estrada. Não havia outras casas à vista, mas sabia o que estava além das árvores. Ou dessa maneira, nas árvores. Esta não era uma situação para dar ao corpo um recadinho carinhoso. Ela precisava deixá-los escondidos, e rápido. Dando um aperto mais firme no tubo, ela esfaqueou para baixo. O metal retiniu. E não poderia apenas ter batido um pouco no mecanismo. Bater seria bom agora. Ela tinha problemas suficientes na últimas horas.

Mais quatro tentativas, cada golpe era como um tiro de advertência pela madrugada, e chegou no cadeado. Aleluia! Ela deixou cair o cano no chão, pegou o cadeado e desembaraçou-o da corrente enferrujada, manchando as suas mãos e roupas de laranja. Ótimo. Ela tinha acabado de comprar esta camisa.

Não importava o quão silenciosamente ela tentasse deslizar o cadeado pelas alças da porta, dobrando como uma raquete. Como ele fazia barulho em seu caminho para o chão, ela mordeu o lábio e congelou. Os pelos nos braços eriçaram. Sua respiração parou. Quem tinha ouvido o som estridente? Segundos passavam como horas enquanto esperava pelo ataque. Seus pulmões doerem por ar e nada ainda veio. Talvez eles realmente escapassem.

Existem lobisomens, também...



Liberando sua respiração, Jane alcançou o cadeado. Suas mãos tremiam como folhas, fazendo de um movimento simples, algo quase impossível. Eles não estavam seguros. Havia lobisomens malucos com os quais se preocupar. É claro, porque todos sabiam que os vampiros não eram suficientes.

—Eu odeio você, ela murmurou na direção de Slade. Chutando torrões de terra para fora do caminho, ela puxou as portas por todo o terreno irregular. Ela se escondeu atrás da porta por um segundo, apenas no caso de qualquer habitante de quatro patas, decidir correr para liberdade. A única coisa que ela não precisava era de acabar na sala de emergência, recebendo injeções contra raiva. Verificou o topo do batente da porta. Ela também não precisa de um ataque cardíaco, provocado pela queda de uma aranha na cabeça. Os tufo de teia flutuando, pareciam velhos e frágeis. Só uma aranha sem autorrespeito, residiria neles. Ela abriu a segunda porta sem incidentes. Talvez a sorte estivesse virando.

Estava escuro no interior da estrutura. Escuro o suficiente para sentir-se desconfortável. Escuro o suficiente para fazer Slade feliz. Pelo menos ela esperava que isso fosse o necessário para fazê-lo feliz. Agarrando a lanterna de sua cintura, ela iluminou o interior. Era um lugar grande, oco, ainda maior por causa dos cantos escuros. Cantos muito escuro. Um flash da lanterna revelou o porquê. As duas janelas laterais foram pintadas de preto. Provavelmente para desencorajar os assaltantes, mas convinha seus propósitos.

Perfeito. O lugar era perfeito.

Contra a parede haviam duas barracas com um grande metal embutido e caixa de madeira entre eles. A caixa poderia ser sua salvação. Ela correu, esse sentido de urgência continuando a empurrá-la. Não parecia tão grande de perto, mas ela olhou de volta para o carro, no caso de Slade poder dobrar os joelhos até o queixo, poderia caber. Um raio de sol deslizou através das rachaduras da estrutura antiga e fez cócegas no canto da caixa. À medida que o sol se levantasse não haveria mais feixes na rua. Aquela caixa seria o santuário de Slade. Tudo o que ela tinha que fazer era levá-lo lá.

Correndo de volta para o carro, a sensação de perigo iminente apareceu junto com o seu pânico, Jane fez sua lista mental. Em primeiro lugar, ela tinha que colocar Slade na caixa. Então tinha que esconder o carro. Por fim, tinha que esconder qualquer sinal de que tinham estado lá. Sem problemas.

Não ter se juntado aos escoteiros em sua juventude fora um erro. Suas habilidades ao ar livre eram um ponto abaixo do abismal. Com outro olhar rápido ao redor, ela estava começando a sentir que a necessidade era um tic-tac, ela ajudou-o a abrir a porta do motorista.

—Estamos com sorte.

—Isso seria uma boa mudança.

Sim seria. Raios de sol lutavam para invadir o carro. Jane imaginava que podia sentir o cheiro de carne queimada.

—Você está bem aí atrás?

—Só torrado.

—Agora não é hora para brincadeiras.



—Avisar-me quando for uma hora melhor.

Ela balançou a cabeça e sorriu para si mesma.

—Depois que eu colocá-lo na caixa.

—Uma caixa?

Ela virou a chave na ignição. O motor ronronou para a vida.

—Não pareça tão assustado. Os vampiros não dormem em caixões?

—Só nos filmes.

O carro diminuiu à frente.

—Então no que você dorme?

Houve uma pausa antes de responder, e quando o fez, sua voz se levantou e caiu em uma cadência irregular.

—Numa cama bem grande.

Jane avançou o veículo para frente. Ela ia ter que tirar uma fina da porta.

—Um vampiro que ama as criações confortáveis, hein?

—Droga, em linha reta.

O espelho da direita pegou no batente e bateu contra o painel do carro, pois fora projetado para isso. Ela pulou assim mesmo:

—Bem, já que o sol não tem nenhum impecilho em aparecer através do espaço entre a madeira, você precisa estar em algum lugar mais seguro do que essa caminhonete.

Algo raspou contra o couro. Uma respiração quente acariciou seu pescoço.

—Você não está acabando com a minha caminhonete, não é?

Ela agarrou o volante, uma irritação intermitente corria através dela, a sua reação à essa carícia incidental. Ficar excitada nesta situação faria dela o clichê que ela simplesmente se recusava a ser: a pesquisadora sedenta de sexo.

Uma respiração sexy passou pela sua orelha como um grunhido de dor, ou uma risada. Novamente, como tudo sobre esse homem, era difícil dizer.

—A única coisa que eu não preciso agora, é de um motorista no banco de trás.

—Você está indo bem.

Ela deu uma olhada por cima do ombro, apanhando uma impressão do perfil de Slade, absorvendo o cheiro agradável que o cercava, e flexionou os dedos.

—Se esse fosse o caso, você deveria estar mais focado em seu conforto do que na maneira que eu dirijo.

Várias pequenas respirações passaram pelo seu ouvido. Definitivamente uma risada também. Mesmo sob pressão e dor, esse homem podia encontrar o humor. Havia alguma coisa sobre ele que não fosse agradável?

—Então, quão pequena é esta caixa?

Ela se levantou o mais próximo que pôde para perto do celeiro e à direita da caixa antes de acabar com as luzes.

—Vamos apenas dizer que eu espero que você esteja muito flexível.

Ele gemeu.



—Vou tomar isso como um sim.

—Tome-o como quiser. —O couro rangeu quando ele se sentou de volta. Ela pulou para fora do carro. —Não é seguro para você aqui.

Ela deu a volta até a porta dos fundos.

—Estou ficando com a impressão de que não é seguro para mim em qualquer lugar.

Ela abriu a porta. A mão dele a pegou, os calos na palma da mão dura contra a pele dela. Um arrepio passou por ela quando o seu olhar a encontrou.

—Você precisa chegar ao carro e dirigir como o inferno para fora daqui.

—Porque os lobos estão vindo.

—Sim.

Ela ficou para trás, dando-lhe espaço para sair.

—Eu não acredito em você.

—O inferno que não.

Ela sempre foi uma péssima mentirosa, péssima.

—Você já percebeu que blasfema muito quando está chateado?

A única coisa a sair da parte de trás do SUV era o seu rugido.

—E você já percebeu que muda de assunto quando não gosta do jeito que a conversa está evoluindo?

—Sim. É chamado de *ter tato*.

—Eu diria que é chamado de *fugir*.

Ele diria. O homem parecia amar um conflito.

—Eu imploro por divergir. Posso lhe fazer uma pergunta?

—Manda.

—Vampiros sentem dor?

—Todos os sentidos dos vampiros são intensificados.

Ela olhou para os dedos dele, que se enrolavam em torno de seu pulso. A carne devastada e rasgada até o osso.

—Então como é que você não está gritando?

—Eu estou tentando impressioná-la.

Como se qualquer homem que exalasse aquela testosterona toda precisasse se preocupar muito em impressionar uma cientista tímida com zero de habilidades em ser uma fêmea fatal.

Inclinando-se para frente, ele arqueou sua testa e perguntou:

—Está funcionando?

Revirando os olhos, ela disse:

—Considere-me impressionada.

—Ótimo. —Ele a puxou para a frente, na escuridão do interior do carro. Os cabelos na parte de trás do pescoço dela, subiram em alerta. Ela apoiou os pés.

—O quê? — Ele perguntou.

—Vou esperar aqui fora.

—Medo?



Mesmo que ela não pudesse ver, podia jurar que o rosto dele se arqueou ainda mais.

—Nem um pouco. Eu só tenho um estômago fraco.

A duração da pausa a fez se sentir culpada. Ela o ouviu passar a mão sobre a barba.

—Acho que se parece com um gato que alguém prendeu.

—Parece que você precisa estar em um hospital, —ela rebateu.

E aquilo era culpa dela.

—Eu vou melhorar.

Ela olhou para a caixa novamente. Um feixe de luz solar que passava pelas portas abertas, o alcançou.

—Espere aqui.

—Sim, senhora.

Incrível, o quanto de sarcasmo poderia ser colocado em duas palavras. Mr. Slade, ou quem ele era, não gostava de receber ordens, mas isso era apenas o mínimo. Agora ela estava no comando, e enquanto não soubesse por quanto tempo ela poderia manter esse controle, seria algo do que ela não desistiria. Especialmente desde que ela dava ordens muito melhor do que recebia.

Voltando para fora, ela agarrou a corrente e o cadeado do chão e arrastou-os de volta para o celeiro. Em seguida, puxou a portas fechadas, pisando duro quando o caminho virou pedra. Aquele feixe de luz do sol que invadia, foi contido, mas outros foram surgindo quando o sol se levantou no céu. Ela olhou para o cadeado. Não era muito no sentido de segurança, e certamente nada contra criaturas que poderiam alcançar um SUV viajando a toda velocidade, mas não poderiam quebrar o cadeado da porta. Os pesados e grossos elos aguentaram enquanto ela torcia o cadeado, mas finalmente ela conseguiu e deslizou o bloqueio através de vários elos do metal. Embora não travasse, o bloqueio poderia ajudar a manter o cadeado no lugar. O puxador da porta da direita estremeceu quando ela deixou a corrente cair. Com sorte não seria arrancado com o peso. A corrente que parecia tão firme até agora tornou-se totalmente inadequada, uma vez que pendia desequilibradamente entre as alças enferrujadas. Limpando as mãos no seu jeans, ela suspirou. Ele ia ter que fazer. Ela se dirigiu para a caixa.

Slade jogou suas longas pernas para fora do carro.

—Ei.

Passando por cima das botas arranhadas dele, ela recusou a mão e ordenou: —Basta ficar ali um minuto.

Antes que o arrastasse pela trilha dos raios solares, ela precisava verificar para ver se ele estava indo para o lugar certo. A tampa de metal da caixa abriu com um gemido digno de um filme de terror. Perfeito. Simplesmente perfeito. Agora ela tinha um clima de terror percorrendo através de seus ossos.

Dentro havia um par de aranhas mortas e um pouco de sobras de areia. E ferrugem. Sobre todas as coisas se ela estava procurando por um sinal positivo, poderia ser isso. E era mais. Ela



estivera temendo um momento Willard²⁵, com ratos saindo assim que ela abrisse a tampa. Aranhas mortas ela poderia suportar. Ratos, nem tanto. Ela deixou a tampa aberta e voltou para o carro.

Slade estava esperando o flash de luz em seu rosto, mas ela. Ela não queria. Um, ela não estava mentindo sobre o estômago fraco, e dois, a analogia com os filmes de terror não deixaria seu cérebro. Slade não havia demonstrado quaisquer tendências sugadoras de sangue, mas se isso fosse um filme de terror, agora seria o momento onde tudo correria mal. Ele tinha a confiança dela, ela estava tentando ajudá-lo. Em qualquer filme de terror decente, era hora de matar o tiro.

—Vamos.

Houve uma longa pausa, em seguida o farfalhar de roupas contra o encosto do banco e um gemido. Ela deslizou o ombro dele por debaixo do braço dela.

—Novas notícias. —Agora é o momento errado para desmaiar.

—Eu nunca desmaio.

—Perdoe-me. Fica com os joelhos fracos.

—Eu não faço isso também.

Senhor, ele era pesado.

—O que você considera como terminologia adequada para um homem prestes a desmaiar?

—Os homens não desmaiam.

—Então nós vamos ficar com o meu. Não escolha desmaiar agora. Precisamos andar uns seis metros até a caixa, antes que você possa desmaiar. —Ele resmungou. —Você pode fazer isso?

Ele se levantou, cambaleando, sua altura diminuindo a capacidade dela de o aguentar.

—Eu vou fazer isso.

Se a determinação pura era uma garantia, ela apostava nele. Infelizmente, ela teve uma visão panorâmica de seu rosto. Fantasmas tinham mais cor.

Ela deu um passo para trás, involuntariamente, assim que ele se inclinou para a frente. Ele colocou sua mão sobre o SUV.

—Não se preocupe. Eu não estou desejando o seu sangue.

—Eu não achava que você o desejasse. —O arrepio que descia pela coluna, a tornava uma mentirosa. Ela deu mais um passo para trás.

—Claro que estava. É por isso que você se mantém afastada.

—Talvez eu só esteja com medo de que você vá cair em cima de mim e me esmagar.

—Eu não iria esmagar você, doçura.

Doçura. Por que ele insistia em chamá-la assim? Ela piscou em direção ao rosto dele. Seus olhos queimavam de volta para ela num cinza-gelo. Engraçado, antes, ela achava que eles eram mais verdes do que cinza. A luz brincava impiedosamente sobre seu rosto horivelmente queimado. Seu estômago se revirou. A metade esquerda estava pior do que o resto. Os olhos dele estavam fechados enquanto dava respirações lentas. Oh Deus, ele parecia à beira da morte.

—Eu não posso pegá-lo se você desmaiar.

²⁵ Filme de terror, cuja temática eram ratos assassinos.



—Já lhe disse, os homens não desmaiam.

—Ótimo. —Ela iluminou com a lanterna em direção à caixa. —Você precisa chegar lá.

Ele se endireitou.

—Sem problema.

Olhando como ele balançava, ela tinha suas dúvidas. Mais luminosidade se propagava no interior escuro.

Ele se endireitou e balançou.

—Vou estar melhor ao anoitecer.

—Você está delirando.

—Não, eu vou me regenerar.

Ela fez uma pausa, a excitação queimando. Aquilo era intrigante.

—Sério?

Ele abriu uma pálpebra.

—Eu deveria saber que aceleraria o seu bombeamento do sangue.

—Não.

—Eu posso ouvi-lo, Jane.

Como ela deveria responder a isso?

—Desculpe-me.

Pequenas linhas brancas se espalharam a partir das bordas dos lábios dele. Ele deu um passo adiante.

—Não se desculpe. Eu sou provavelmente uma das poucas pessoas capazes de entender sua reação.

Usando um lado do SUV se firmar, Slade deu mais um passo. Jane não podia suportar ver enquanto ele vacilava. O que quer que estivesse errado, ele estava definitivamente em suas últimas forças. Ela envolveu seu braço ao redor da cintura muscúlosa.

—Isso não é necessário.

—Se você me conhece tão bem quanto acha, deveria compreender que é totalmente necessário.

O braço dele desceu em seus ombros. Um peso pesado, surpreendentemente reconfortante.

—Eu acho que você está certa.

Jane tinha sido gentil o suficiente em sua vida profissional para reconhecer quando isso estava acontecendo. Slade estava definitivamente, sendo gentil com ela enquanto lhe dava apenas o suficiente de seu peso, para fazê-la sentir-se útil, mas não o suficiente para fazer qualquer tensão em sua coluna. Era uma coisa surpreendentemente doce para se fazer. Eles chegaram no final do capô. Os últimos quatro metros, teriam que fazer por conta própria. Ela mordeu o lábio.

—Slade?

O dedo dele roçou seu rosto, quase como se ele soubesse que ela estava preocupada.

—O quê?

—Se você conseguir chegar à caixa, eu vou deixar você me beijar.

—Feito.



Ela se perguntava se ele estava sorrindo. Ela se perguntou o quanto ele estava sofrendo. Perguntou-se se ambos ainda veriam a noite.

—Pronto para os últimos passos?

—Na verdade não.

—Vamos fingir.

—Você finge bastante.

—Aprendi quando era mais nova.

—Aprendeu a fingir?

—Não, aprendi que isso ajuda.

—Com o quê?

—A lidar com as coisas.

Ele deixou de segurar o capô. O primeiro passo foi sólido, o segundo instável. O terceiro o mandou ao chão. Slade girou em torno deles, amortecendo o peso do impacto. O feixe de luz cortou a escuridão e as partículas de poeira, revelaram o telhado de zinco enferrujado. Sua respiração acelerou quando pousou em cima dele. Ela estava vividamente consciente de cada plano, cada músculo duro sob sua forma magra. Ela olhou para sua mão, pressionada sobre o estômago dele. A pele na parte de trás fora dividida e arrancada. O estômago dela se levantou. Oh Deus.

—Eu vou vomitar.

Ele não a deixou ir, não se moveu, apenas respirou lenta e progressivamente enquanto seus dedos se espalhavam por todo o abdômen. Seu estômago se agitou um pouco mais.

—Deixe-me ir.

—Não.

Algo tocou nas bordas de sua mente. Um calor reconfortante que se espalhou para dentro, ao longo de sua corrente sanguínea. Seus dedos se arregalaram ainda mais, seus cortes mais ainda.

—Olhe para longe.

—Isso não vai ajudar.

—Confie em mim.

Ela fez. O calor se espalhou, atraindo sua atenção para dentro, mais conforto do que calor. A náusea diminuiu. Ela soltou um suspiro.

—Melhor? — Ele questionou.

—Sim.

Recostando-se contra ele, ela se apoiou, deixando-o segurá-la por um segundo. Apenas um segundo. Ele nem sequer vacilou, só agiu como se fosse seu direito.

—Eu estou com você, doçura.

Aquele doçura estragou tudo. Jane deslizou para o lado, que foi até onde ele iria deixá-la ir. A luz do sol tocou seu dedo do pé. Ela se virou e agarrou sua mão.

—É preciso levantar-se, agora.

—Estou trabalhando nisso.



Ela o puxou. Ele não se moveu.

—Por que está tão fraco?

—Eu usei muita energia para levitar o carro e alimentar o motor com potência, enquanto mascarava nossa presença.

Ela piscou. Ele tinha feito tudo isso? Ele poderia fazer tudo isso?

—Adicione a isso o fato de que eu sou naturalmente lento durante o dia e os esforços de meu corpo para curar as queimaduras... Ele parou. —E é muita coisa levando ao esgotamento.

—Você não pode controlá-lo?

Mais uma vez, o toque na bochecha.

—Mesmo os vampiros têm instintos de sobrevivência.

Ela supunha que eles tivessem. Torcendo-se para fora do seu abraço, ela fez sinal para a caixa.

—Você precisa chegar até ali antes de fritar.

Ele não se mexeu, apenas olhou para ela com aqueles olhos estranhos que continha fogos estranhos e hipnotizantes.

—Eu te apavoro.

Ela esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços.

—Em muitos níveis.

—Algum deles é bom?

Ela não tocaria nisso nem com um bastão de três metros. Em pé, ela ordenou:

—Entre na caixa.

Ele estendeu a mão. Ela fez o seu melhor em não olhar para a pele rasgada, enquanto ela preparava seus pés.

—Em três, certo?

Ele balançou a cabeça.

—Em três.

—Um, dois, três. —Ela puxou de volta. Ele empurrou para fora. O impulso foi o suficiente para mandá-lo para a frente. Ela cambaleou para trás. Seus joelhos colidiram com a parte traseira da caixa. Sua mão se chocou contra a parede acima dela. Seu braço em volta dela, impedindo-a de cair na caixa. Ela rapidamente se torceu, pegando seu peso na mão, tendo o peso dele em cima. Ele não queria deixá-la ir. Havia estremecimentos de calor que eram enganosamente calmantes. Ela fechou os olhos e respirou um suspiro de alívio. —Nós fizemos isso.

—Percebi.

Quando ela abriu os olhos, ele estava olhando para baixo na caixa.

—Você não estava brincando sobre isso ser um ajuste perfeito.

Ele estava certo. Não parecia possível.

—É o único lugar aqui onde o sol não pode chegar até você.

—É verdade.



Ela não poderia dizer que Slade descendo na caixa fosse gracioso, e ele não parecia confortável uma vez que estava lá, vendo como seus joelhos estavam quase em torno de seu queixo.

—Você vai ficar bem?

Uma faixa de luz solar serpenteou em seu antebraço e flertou com sua camisa.

—Eu vou ficar bem. Feche a tampa.

Ela não tinha nenhuma escolha. Antes que pudesse fechá-lo totalmente, ele segurou a tampa.

—Assim que você fechar esta tampa, eu quero que você entre no carro e dirija para o norte.

—Dirigir para onde?

—O mais longe que você puder. Eu não quero que você pare. Continue dirigindo. Não use seu cartão de crédito, não use nada. Não confie em ninguém.

—Por quê?

—Eu quero que você desapareça.

Ela só conseguia olhar para ele.

—Eu não posso fazer isso. Eu tenho uma vida.

—Se não fizer isso, a vida que você vai ter que deixar não é uma que você vai gostar.

—Como vou saber se você está bem?

—Eu escrevi um endereço de e-mail e uma senha. Está no porta-luvas. Memorize-a e depois destrua-a. Uma semana a partir de agora, conecte-se. Eu vou te dar instruções.

Havia tantos buracos nesse plano.

—E se você não se conectar?

Seus olhos encontraram os dela. As chamas estavam mais aparentes agora, misturando-se com o cinza e o verde, tecendo dentro e fora de uma mancha mais escura.

—Então não pare de correr.

—Você é uma gracinha, não é?

—Isso aí. Sou. —Ele resmungou. —Também há dinheiro no fundo falso do porta-luvas, junto com uma arma e instruções sobre como usá-la.

—Eu não preciso disso. —Foi uma resposta precipitada mas que soou estúpida assim que deixou seus lábios.

Seu olhar encontrou o dela.

—É preciso estar preparada.

Sim, ela sabia.

Pelo seu olhar desfocado, ela achou que não demoraria muito antes de que ele desmaiasse. Ainda assim, ela não poderia trazer a tampa para baixo. Slade queria que ela o abandonasse para o que quer que acontecesse. Ela mordeu o lábio.

—Você planejou isso.

—Nunca tive qualquer outro plano. Feche a tampa doçura.

—Você lembra, me deve um beijo. —Ela não tinha ideia de onde tirou coragem de pedir isso. Tinha que ser o stress.



Slade não perder uma batida.

—Isso é um fato.

Ele puxou a tampa, que caiu com um baque isolando-o do calor do seu olhar, da força de sua personalidade. O celeiro de repente tornou-se muito grande. Muito vazio. E a caixa era um esconderijo muito óbvio. Arrepios subiram por seus braços.

—Vai, Jane.

Ela balançou a cabeça e deu um passo para trás. Slade estava certo. Ela precisava sair de lá. Pois ficar era idiotice pura. E gênios não fazem idiotices. Eles só tratavam com lógica.

Capítulo 5

Girando sobre seu calcanhar, Jane enfiou a lanterna na parte de trás de sua cintura e se dirigiu para o SUV, não porque Slade tinha lhe dado uma ordem, mas porque ela não sabia o que mais no inferno, fazer. Ela não era a Mulher Maravilha. Era uma humana de inteligência acima da média. Não tinha superpoderes. Ela não podia correr à cento e trinta quilômetros por hora, e estava razoavelmente certa de que aquelas aulas de yoga três vezes na semana, não a ajudariam a lidar com lobisomens, mesmo que eles tivessem apenas metade da ferocidade que a tradição lhes impunha. Passando a mão pelo cabelo, seus dedos roçaram em um nó que ela arrancou, mas o segurou contra os dedos. As chaves tilintaram acusadoramente no bolso.

—Droga!

Apesar de saber o quanto era inútil olhar para trás, ela não podia evitar. A caixa refletindo a luz solar, inócua e... vulnerável. Tudo nela se rebelava a cada passo que a levava para longe dele. Era errado deixar Slade lá.

Ela abriu a porta do carro. Os sinais de alerta soaram enquanto ela colocava as chaves na ignição. No retrovisor, a porta do celeiro se aproximava. Liberdade. Escape. Então, por que ela não podia deixá-lo? *Droga*. Talvez porque ela tivesse se esquecido de destravar aquela coisa estúpida? Em vez de sair do carro e lidar com a última barreira para sua fuga, ela ficou lá, se roendo pela indecisão. E se os lobisomens viessem enquanto Slade estava impotente? E se ele não pudesse se curar tão rápido quanto alegava?

Jane lambeu os lábios. Slade tinha um complexo muito grande de herói. Grande o suficiente, para levá-lo a mentir ao invés de dizer a verdade. Se ela peixe o carro e os vampiros que os perseguiram ontem à noite o encontrasse em um estado debilitado, ele não teria nenhuma forma de escapar, mesmo se ele estivesse em perfeita saúde. Ferido, ele seria um pato sentado.²⁶

Mas ela estaria à salvo.

Seu instinto de sobrevivência não era tão desenvolvido como deveria ser, porque estar segura ao custo da vida de Slade, não parecia tão atraente como deveria.

²⁶ Gíria americana para “alvo perfeito”, vítima.



—*Eu não sou um herói.*

As palavras pousaram, sem causar danos no interior do carro.

Ela girou a chave na ignição. O carro zumbiu para vida. Ela verificou o medidor de combustível. Três quartos cheio.

Siga para norte, sempre... Eu não quero que você pare... Há dinheiro no fundo falso do porta-luvas, junto com uma arma e instruções sobre como usá-la.

Slade fizera o possível para que houvesse o suficiente para ela. Mesmo no caso de ele não estar lá para ajudar. Ela apertou o volante de couro. Ele sabia que poderia não sair vivo dessa. E ele veio por ela de qualquer maneira. Seu próprio herói. Vinte e cinco anos atrasado, como resposta à sua oração de infância, mas ele finalmente aparecera.

Ela deu uma olhada para o céu.

—Você tem um estranho senso de humor.

Um raio não a matou. Um sinal de que ela estava indo na direção certa?

Ela disse a si mesma que ligou o motor para se manter aquecida contra o frio da madrugada, e contra a profundidade de seu próprio terror, mas nenhuma quantidade de calor gerada artificialmente, poderia aquecer o frio dentro dela. Pelo amor de Deus, ela estava pensando em deixar um homem morrer. Aquele que salvara sua vida.

Ela desligou o motor. Aprendera a viver com um monte de coisas em sua vida, mas a culpa não tinha sido uma delas. Para o melhor ou pior, seriam ela e Slade contra qualquer coisa que o dia trouxesse. Ela pegou as chaves da ignição, seu cotovelo esbarrou no câmbio, e deixou cair as chaves. Alguma coisa no chão sob o assento esbarrou em sua mão. Era pequeno e oblíquo. Não eram chaves. Acendendo a luz, ela o estudou. Um transmissor estava escondido sob o assento do passageiro da frente. Uma esperança cautelosa floresceu dentro dela. Um transmissor significava que Slade tinha alguém para chamar. Ajuda.

A menos que não soubesse que estava lá.

Ele tinha que saber. Um homem que podia manipular tanta energia tinha que ser capaz de detectá-lo. Por que não o havia usado? Talvez porque não tivesse tido tempo? O Santuário teve a noite toda para se movimentar no laboratório, enquanto ela estava destruindo arquivos e retalhando papel. O fato de que eles esperaram até pouco antes do amanhecer, faria sentido se quisessem tornar difícil aos outros vampiros persegui-los. Especialmente se eles tinham planejado passá-la aos lobisomens. Mas Slade não sabia disso. Ele não esperava que ela quebrasse sua rotina e fosse para o laboratório. Ele pensou que tivesse mais tempo.

Descendo novamente, ela pegou as chaves e o transmissor. Nada como uma possibilidade de comunicação para alegrar o dia de uma mulher. Inclinando-se, ela abriu o porta-luvas. Levou um minuto para descobrir o fundo falso, mas quando o fez, o dinheiro e arma, além das instruções, estavam lá. Ela pegou sua bolsa e enfiou o dinheiro dentro. Antes de pegar a arma, ela verificou as instruções. A escrita de Slade era forte e concisa, como o próprio homem. As instruções afirmavam que a arma tinha uma trava de segurança e estava carregada. Bom. Depois de revisar as instruções, ela colocou a arma na bolsa e deu um tapinha. Nada como estar armada para aumentar a confiança de uma mulher.



Ela se dirigiu até a caixa.

—Slade?

Não houve resposta, mas ela não esperava realmente uma. Colocando a mão sobre a tampa, ela procurou por aquela sensação de conexão. Precisava disso. Tudo o que ela encontrou foi um eco do vazio. Droga. Ela colocou Slade na caixa para salvá-lo do sol, mas e se estivesse morrendo por causa de seus ferimentos? Não havia nenhuma maneira de saber, e com os raios de sol rompendo cada fenda no edifício em ruínas, não havia nenhuma maneira de descobrir.

—Por que não é uma coisa bem mais simples?

Ela olhou para o dispositivo em sua mão. Não havia um botão óbvio de liga/desliga. Era possível que a capacidade de Slade em manipular energia fosse o que o ativasse, mas também era possível que a solução mais fácil fosse também a mais lógica o que significaria que era sensível à pressão, ou à luz. Ela colocou o dispositivo alongado em seu ouvido. Além de um leve som vibrante, como grilos à distância, o que poderia ser apenas um eco do ar entre a orelha e o dispositivo, ela não ouviu nada. Talvez fosse acionado pelo som.

—Olá? —Nada. —Olá? Tem alguém aí?

Podia ser sua imaginação, mas os grilos pareciam animados.

Todos os sentidos dos vampiros são ampliados.

Talvez, até mesmo o seu sentido de audição?

—Você vai ter que falar. Eu não posso ouvi-lo.

A excitação queimava. Os grilos estavam definitivamente pulando lá dentro, e era em resposta ao seu discurso, o que significava que havia alguém do outro lado.

—Onde diabos você está? — explodiu a partir do fone de ouvido. Gritando, ela golpeou o dispositivo para fora do seu ouvido. Ele capotou com a sujeira ao lado da caixa.

— Oh merda. —A poeira levantou enquanto ela caía de joelhos e se atrapalhava para pegá-lo. — Onde diabos você está—? A voz rugia para fora do dispositivo novamente, seguida rapidamente por uma outra, muito descontente, —Como, diabos Slade faz para calibrar isso. Eu não posso ouvir coisa alguma.

Outra voz veio, também do sexo masculino. Também arrogante, mas com um toque a mais de paciência.

—O que você precisa calibrar?

—Há uma mulher no receptor de Slade.

—Há quanto tempo o homem escapou.

Ela finalmente encontrou o estúpido receptor. Naturalmente, em meio a uma pilha de teias de aranha. Tremendo, ela as espanou.

—Você está muito alto agora, —ela gritou para ele.

—Quem é você?

—Pare de gritar. —Ela precisava dos seus tímpanos.

—Não me diga o que fazer, mulher. Apenas me diga o que você fez com Slade?

Mulher?

—Eu o coloquei em uma caixa.



A estática estalou sobre a ligação.

—Porra, Derek, corrija essa coisa. Eu acho que ela disse que o colocou em uma caixa.

A outra voz voltou, calma, mas fraca, veio pela conexão.

—É calibrado para a voz de Slade. Basta mantê-la falando, e eu vou dar um jeito em um minuto.

—Por que no inferno não apenas a conserta?

—É uma máquina, —Derek respondeu.

—É bom saber que não estou lidando com completos idiotas, — ela murmurou enquanto a estática chiava.

—Apresse-se, Derek. Acho que estamos sendo insultados.

Não houve comentários sobre o assunto.

—O que você precisa que eu faça—? Ela perguntou.

—Continue a falar.

—O que você quer que eu diga?

—O que você quiser.

Ela se lançou em uma interpretação de "*Mary Had a Little Lamb*".²⁷ A risada do sexo masculino, rica e quente, encheu sua orelha. É bom saber que ela era capaz de entreter. Quando chegou na parte de *sua lã era branca como a neve*, Derek disse:

—Eu consegui.

—Coloque o receptor em seu ouvido, — foi soprado para fora do dispositivo.

—Assim que você parar de gritar. Eu preciso de meus tímpanos.

O homem baixou a voz. Ela colocou o aparelho junto à sua orelha.

—Estou aqui.

—Ótimo. Agora, madame, quem é você?

—Quem é você?

Houve uma pausa. —Caleb. Irmão de Slade.

Graças a Deus. Da família. —Como eu sei que você é irmão de Slade?

²⁷ "*Mary Had a Little Lamb*" ("*Maria tinha um carneirinho*") é uma cantiga americana, do século XIX, cuja letra é atribuída a Sarah Josepha Hale.

Mary had a little lamb, (Maria tinha um carneirinho,)
Its fleece was white as snow; (Sua lã era branca como a neve;)
And everywhere that Mary went, (E a todo lugar onde Maria ia,)
The lamb was sure to go. (O carneirinho a seguia breve.)
He followed her to school one day; (Um dia, à escola ele a foi à acompanhar;)
That was against the rules; (O regulamento não o permitia;)
It made the children laugh and play; (Isto fez as crianças rir e brincar;)
To see a lamb at school. (Ao ver um carneirinho na escola.)
And so the teacher turned it out, (E assim a professora o pôs para fora,)
But still it lingered near, (Mas ali por perto ele permaneceu,)
And waited patiently about (E esperou pacientemente até)
Till Mary did appear. (Que a Maria apareceu.)
"Why does the lamb love Mary so?" ("Porque o carneirinho gosta tanto da Maria assim?")
The eager children cry; (Gritaram as crianças impacientes;)
"Why, Mary loves the lamb, you know," ("Porque Maria ama o cordeirinho, enfim",)
The teacher did reply. (Respondeu a professora prontamente.)



—Eu me pareço com ele.

Isso não foi de ajuda nenhuma. —Eu não posso te ver. —O que ele sabia.

—Onde você está?

Ele insistia em perguntar isso a ela. Quão difícil seria para alguém interceptar uma frequência? Triangular uma posição?

Continue falando.

O mal-estar começou a afastar o seu alívio.

—Eu não vou te dizer isso. Eu só preciso saber quando vai anoitecer e para qual rumo eu devo dirigir.

Desta vez não havia dúvida no som que veio do transceptor. Um rosnado, como um cão. Ou um lobo. Slade a havia advertido de várias maneiras, e ela não havia escutado. —Oh meu Deus, você é um deles!

—Espere!

Ela não estava esperando por nada. Arrancando o fone do seu ouvido, ela jogou-o no chão e pisou com força. Ela continuou batendo até que não sobrou nada, esmagando os fragmentos. Fragmentos minúsculos que definitivamente já não podiam funcionar como um dispositivo de rastreamento.

Deus, ela esperava que eles não a tivessem mantido falando tempo suficiente para que pudessem localizá-la. Agarrando sua bolsa do chão, Jane cavou por dentro até que encontrou a arma. Puxando-a para fora, ela olhou para a barreira, frágil enferrujada na porta, recuando até sua bunda bater contra caixa, seus nervos estridentes com imagens de demônios com presas babando sangue, irrompendo a qualquer segundo.

Não confie em ninguém.

Oh Deus, o que ela tinha feito?

Apoiando-se com uma mão, sentou sobre a caixa de madeira e empurrou a bolsa atrás dela. O cano da arma seguiu a trajetória de seu olhar enquanto saltava entre as janelas e a porta.

—Slade—? Nenhuma resposta ainda. Apenas esperando. Estupidamente, inutilmente esperando.

—Eu estraguei tudo, —ela confessou, deslizando-se para trás até os ombros baterem na parede, mantendo a arma apontada para a porta, sabendo no seu íntimo, que eles estavam vindo. Sabendo que era culpa dela. Cansaço e desespero tramavam pela supremacia.

—Mas não se preocupe. Eu vou corrigir isso.

Ela não tinha nenhuma escolha.

—Cuidado com a arma.

A ordem fez os olhos de Jane se abrirem. Oh Deus, ela tinha adormecido. Era quase noite no celeiro, mas ela *sabia* que eles estavam aqui. Ela reconheceu a voz. Pegando a arma, ela puxou o gatilho. Houve um flash de luz e uma explosão. O impacto a fez ir para trás. A arma saltou de sua mão. Suas mãos bateram na parede acima de sua cabeça. Abaixando-se, ela agarrou a sua arma. Eles estavam aqui. As vozes do dispositivo. Se movendo para trás, ela ouviu por qualquer som que daria a sua localização, a sua localização.



A mão em seu braço a puxou para o lado.

—Acalme-se!

E ir de bom grado a sua morte? Nem ferrando. As pontas dos dedos da mão direita deslizaram sobre a borda da caixa. Ela agarrou-a, recuperando o foco, um segundo antes do monstro cheio de força tê-la dominado-a.

—Não.

Freneticamente, ela apertou o gatilho. O tiro encheu o interior com um uivo de violência. Maldições praguejadas precederem o pulso que a puxou para longe da caixa contra um grande corpo muito sólido do sexo masculino. Com facilidade repugnante, o homem girou-a e apertou-lhe a tão perto, que ela podia sentir cada cume de seu abdômen tanquinho contra a sua coluna vertebral.

Filho da puta. Em toda a sua vida, ela nunca tinha visto um homem na vida real embalado com tantos músculo, mas nas últimos 24 horas não tinha encontrado nada mais do que isso. Não era justo.

—Slade, traga sua bunda aqui fora.

A ordem veio de cima de sua cabeça. A mesma voz que ela ouviu no transmissor. Mantendo a calma, com a mesma necessidade frenética que a fez disparar a arma, Jane chutou para trás, mirando o joelho. Algo bateu contra a parede de madeira. Outra mão agarrou a dela. O mesmo homem, ou outra pessoa? Pisando com o calcanhar da bota, cavando para a rótula, ela agarrou a mão, puxou-a para sua boca, e a mordeu. O gosto de cobre do sangue encheu sua boca.

—Preste atenção, você não quer fazer isso.

Ela se afastou, se afastando do derramamento de sangue, estremecendo enquanto seu estômago se revoltava. Ele estava certo. Ela não queria nada disso, mas Slade precisava dela. Ele estava impotente. Mais palavrões, um rosnado, e então:

—Maldição mulher, pare de lutar.

A voz de Slade, mas ainda não era Slade. Um truque? Tinha que ser um truque. Ela lutou mais duro. O homem por trás dela apertou seu braço em torno do peito, roubando sua respiração até que suas ameaças eram apenas suspiros quebrados. Havia um outro grunhido. A mão soltou sua boca. Girando seu pulso, ela focalizou o olhar na perna de seu agressor. Slade estava acordado? Capaz?

—Corra, Slade!

Antes que ela pudesse apertar o gatilho, a arma foi arrancada de sua mão.

—Desculpe, gracinha, —O outro homem, pouco mais do que uma sombra profunda, disse.

Gracinha? —Deixe-me ir!

—Em um minuto. Quando eu tiver certeza que você não vai me bater com esse joelho.

Ela ia fazer mais do que abatê-lo. Ela viu uma sombra passar em direção à tampa da caixa. Ela assistiu, impotente, quando a sombra se dobrou e um braço foi estendido para dentro caixa. Oh Deus, o haviam pego.

—Deixe-o.



Houve um gemido na caixa. Alguma parte metálica brilhava na direita. A arma? *Querido Deus!* Eles estavam virando a arma contra Slade.

—Cuidado. —Em desespero, Jane torceu-se para fora do alcance de seu captor e pulou para a arma. Um braço serpenteava em volta da cintura. A arma explodiu quando ela foi puxada de volta.

—Droga, Jane!

Slade.

O braço em volta da sua cintura a ergueu. A mão em concha por trás de sua cabeça. O perfume masculino picante a envolveu em um abraço de familiaridade enquanto seu rosto estava pressionado contra o peito musculoso.

—Calma.

Era Slade quem a segurava.

Ela virou a cabeça para o lado, aliviando a pressão no nariz. O tremor foi contido, quando ele a segurou de volta, com a mão dele se movendo para a sua cintura, escorando-a contra ele.

—Slade.

—Eu estou com você.

—Eu estava apenas tentando dar a arma para ele, —disse o homem que chamava a si mesmo de Caleb.

Ela não o olhou mais. Qual seria motivo?

—Cale a boca, Caleb.

Caleb.

—Ele é realmente o seu irmão? — Jane perguntou.

—Sim.

Ela não podia ver a expressão de ninguém. Ela estava realmente feliz pelo fato deles não poderem vê-la. Pela primeira vez, a escuridão estava trabalhando a favor dela. —Oh meu Deus, eu quase dei um tiro no seu irmão.

—Você tem o direito de chutá-lo na bunda, por ter aprontado com você.

Os músculos sob sua bochecha se flexionaram enquanto Slade ia para além dela, mas sua mão não deixou a sua cabeça, apenas a abraçando contra ele em uma estranha combinação de posse e conforto.

—Assim que eu estiver com meus músculos destravados, vou colocar você sobre o meu joelho.

A ameaça retumbou em seu ouvido, sobre sua cabeça.

—Para que? — Em que século ele achava que estava? —Eu nunca disse que iria deixá-lo aqui.

—Sem dizer que quase acabou com o Derek aqui, —Caleb interrompeu secamente.

Isso soou demasiado sério.

—Eu estava salvando a vida de Slade.

Os dedos de Slade se apertaram em sua trança e a puxou. Ela olhou para cima para aquelas chamuscas gêmeas, brilhando estranhamente na escuridão. Os olhos dele?



—Você não deve nunca arriscar sua vida, doçura. Não por mim, nem por qualquer coisa.

Foi o suficiente para ela.

—Vou fazer o que diabos eu queira, mas eu lhe asseguro, não vou me arriscar novamente por você.

Outra risada. Desta vez de Caleb.

—Você a conheceu quando?

—Na noite passada.

—De verdade?

Jane sentiu Slade levantar os ombros contra seu rosto.

—Nós estivemos conversando pela Internet.

—Você conheceu a sua companheira através de um chat sobre sexo?

—Companheira? — Jane perguntou, incrédula.

—Companheira? — Ecoou Slade.

—Sério, —Jane retrucou: —Em que século vocês todos pensam que estão?

—O século não importa, —disse Derek, de repente mais perto. —Um companheiro é um companheiro.

—Meu Deus, eu preciso ir para casa. —Agarrando a lanterna, Jane iluminou Slade. —Você não acredita nisso, não é?

Não havia como esconder o choque na expressão de Slade.

—Oh meu Deus, você acredita nisso.

—Eu juro, vocês Johnsons são lentos para perceber, —Derek murmurou.

—E você saberiam mais cedo? — Slade revidou.

—O inferno que sim. Um lobo teria reconhecido no primeiro contato.

Sim, um lobo teria, Slade pensou. Considerando a importância misteriosa que Jane tinha para ele, bastava colocar tudo em perspectiva. Slade piscou. Depois sorriu. Jane era sua companheira. O que explicava tudo. O senso de retidão, quando ele se concentrou nela, a perfeição do seu cheiro, a selvageria que surgiu no interior dele com o pensamento de alguém a machucando. O fato de que estivesse disposto a sacrificar sua família por ela, no selvagem impulso para deixá-la ir ... Inferno, ele deveria ter sabido, então. Não havia nada entre um Johnson e a família. Apenas uma companheira podia fazer isso. Uma companheira era tudo para um vampiro. Porque a vida dela significava mais para ele do que qualquer coisa. A vida dela era a dele.

—Você parece estar um pouco em estado de choque, Slade. O cientista em você tem um pouco de dificuldade com a realidade?

—Cale a boca, Derek.

—Acho que todos vocês deveriam saber, Jane interrompeu, que eu não gosto da mudança nessa conversa ridícula.

Ele podia apostar. Contra ele, Jane ainda tremia como uma folha. O tipo de agitação que veio correndo por muito tempo em nervos e medo. De empurrar-se para além do ponto de resistência. Exaustão, adrenalina e medo estavam cobrando seu pedágio. Ele deveria ter sabido que ela não o teria deixado. Jane não era o tipo de cortar e correr.



—Será que você se sentou em cima dessa caixa o dia todo, doçura?

—Eu não podia deixá-los pegarem você.

—Deixá-los?

—Foi tudo culpa minha.

—O que foi?

—Achei o transmissor. Eu não percebi até que era tarde demais que qualquer um poderia captar a chamada.

—Só Caleb iria pegar.

—Bem, eu não sabia disso, sabia? — Ela retrucou. —Eu não sei nada sobre essa tecnologia, e então houve esse rosnado horrível. E você disse que os lobisomens estavam vindo, e eu percebi que eu poderia tê-los trazido diretamente para você.

E ela estava tremendo de novo, só de pensar nisso. Slade abriu a mão sobre o dorso de Jane, sentindo a fragilidade dos músculos e ossos. Encontrando o fio de sua energia, ele seguiu mais profundo, até que pudesse diminuir o fluxo de adrenalina e regular o seu metabolismo, enquanto sua própria mente percorria as ramificações de sua confissão, enfraquecendo os joelhos. Ela pensou que houvesse assinado a sentença de morte dele, pelo que teria que ficar para cancelar isso. Seu corpo delicado, dilacerado contra presas e garras de vampiros, lobos. Eles teriam cortado a sua carne humana como uma faca quente na manteiga.

—Você deveria ter corrido então.

—Certo. —Sua voz era apertada com a tensão. —E deixá-lo sozinho e indefeso?

—Sim.

—Não. —A sílaba terminou em um guincho.

Você a está machucando, Slade, Caleb apontou mentalmente.

Ele olhou para baixo. Suas mãos estavam se afundando ao lado de Jane. *Merda.* Ele nunca perdia o controle. Ele afrouxou o aperto. Para Jane, ele disse:

—Desculpe-me. —Para ele retrucou: —Quem diabos rosnou para ela?

As feições deles eram muito gritante no preto e branco de sua visão noturna. Caleb deu de ombros.

—Derek não gostou do que ela tinha a dizer no momento.

O corpo de Jane estremeceu ligeiramente. Slade sabia que ela se esforçava para ver através da escuridão.

—O gigante é um werewolf?

—Sim.

Merda.

—Você poderia ter dado um tempo à ela, antes de revelar isso.

—Talvez. —Tocando a ponta do seu chapéu, que Jane não podia ver, Derek sorriu. —Um dos caras do bem, madame.

—Oh.

Jane não relaxava. Slade não podia culpá-la.



—Os bandidos estão vindo, no entanto. Nós corríamos para uma casa quando acabou o caminho.

A última frase foi formulada causalmente para o benefício de Jane. Isso não impediu seu pânico de passar rapidamente através dos sentidos de Slade. Ele roçou os lábios na parte superior da cabeça dela, inalando seu cheiro, deixando com ele o direito de resolver de novo.

—Está tudo bem, —ele sussurrou para ela antes de perguntar à Caleb. —Eu suponho que você tem tudo sob controle?

—Não há muito para controlar, mas o suficiente para a diversão de um casal de filhotes D'Nally, se decidisse se entregar.

Derek tocou a mão ao transmissor em seu ouvido.

—Precisamos ir.

Problemas. O aviso de Derek sussurrado em sua cabeça.

Slade assentiu, tomando outra respiração, inalando novamente o perfume que era exclusivamente de Jane, que deslizava tão perfeitamente sobre seus sentidos. Primavera. Esperança. Perfeição. Ela era todas essas coisas. Como não o reconhecera mais cedo que ela estava com ele?

—Doçura, eu vou carregá-la agora, e eu não quero que você lute comigo.

Ela deu um tapa em sua mão com a exasperação típica de Jane.

—Minha nossa, eu não preciso ser carregada.

Sim. Ela precisava. Ela estava escondendo o cansaço através da sua ligação mental, mas as pernas estavam muito fracas para levá-la na velocidade que precisavam agora. Flexionando, ele passou o braço por trás de suas coxas.

—Eu sei.

Ela o deteve com uma mão sob o queixo.

—Talvez você não tenha me ouvido corretamente. Eu não vou ser carregada como uma criança. Especialmente na frente de seu irmão e de um werewolf. —A forma como ela disse *werewolf* foi percebida com uma pitada de desgosto.

Derek bufou.

—Você encheu a cabeça dela com contos, Johnson?

Ele havia dito que eram predadores perigosos e ligados ao Santuário. Mortais. Jane não tinha a visão noturna para ver qualquer diferença em Derek. Na verdade, homens bonitos como Derek, tinham igual talento letal. Mas as mulheres não viam o último. Pelo menos não à primeira vista. — A verdade era bastante assustadora.

—Ilumine com a lanterna aqui, gracinha, —Derek ordenou.

—Eu acho que sei tudo o que eu preciso saber sobre o seu tipo.

—Asseguro-vos, madame, as mulheres desfalecem quando me vêem.

Slade deu uma olhada em Derek. —E ele insiste que não é de medo.

—Ainda estamos nos abstendo de comentar, —Caleb acrescentou. —Não quero ferir seu ego frágil.



Jane teve de ver por si mesma. Ela piscou a luz na direção de Derek. Claro, o bastardo maldito estava com seu sorriso mais bonito.

Jane ofegou.

—Ele é lindo.

Slade agarrou a lanterna da mão dela.

—O inferno que ele é!

Derek riu.

—O McClarens são uma matilha muito bonita. —Com um empurrão de seu queixo, ele acenou para Slade e disse: —E com certeza, antes de se comprometer para com alguém de lá, você pode querer nos ver daqui de perto.

Para crédito de Jane, tudo o que ela fez foi piscar.

—Ela não vai verificar você de nenhuma maneira, —Slade revidou.

—Isso é verdade, —retrucou Jane. —E a única coisa com quem estou comprometida é com o meu trabalho.

—E nós estamos mais do que dispostos a ajudá-lo com isso, —interrompeu Caleb, —mas nós precisamos sair. Agora.

Slade olhou para Caleb.

—Quão perto?

—Tobias disse que as sentinelas estão lá embaixo, mas recebi uma mensagem camuflada. Eles estarão atrás de nós em breve.

—Então nós temos que nos mover.

Ele inclinou-se diante de Jane.

—Onde você colocou o meu transmissor?

Apesar de Jane não poder vê-lo, ele podia ver claramente o olhar nervoso de seus olhos para a direita. No meio da sujeira e das pedras e de pedaços de palha, havia pedaços de plástico.

—Você o quebrou?

—Eu não sabia se ele tinha um dispositivo de rastreamento.

E tinha. Seu irmão simplesmente não precisava dele para encontrá-los. Sua conexão mental, com um pouco de caçada, os permitia encontrar um ao outro. Vai levar semanas para construir um novo. A parte mais difícil seria conseguir as peças. O Santuário tinha começado a rastrear os pedidos de peças e eletrônicos para tentar localizá-los.

—Merda.

Jane pegou a lanterna de sua mão.

—Você pode construir um novo.

Virando a lanterna para o rosto de Caleb, ela engasgou. —Ele se parece com você.

—Apenas mais bonito, —Caleb emendou.

Jane inclinou a cabeça para o lado para avaliar a reivindicação.

—Suas características são mais bonitas, mas ainda assim, elas não são tão atraentes.

Desta vez foi a vez de Caleb piscar. Então ele riu e pegou a sua mochila.

—Não pense que eu já ouvi alguém dizer isso antes.



—Sem dúvida. —Ela empurrou Slade para longe, as pontas dos dedos pressionando em seu peito, o calor de seu toque deliciosamente afundando em sua pele, mesmo após o contato quebrado. —Eu não vou com você.

—O inferno que você não vai.

Avançando mais, ela pegou sua bolsa no chão. —Você arriscou sua vida por mim, eu salvei a sua. —Ela deu um passo para trás em direção à porta. —Estamos quites.

Não havia uma oração no inferno, pela qual ela fosse andar sozinha.

—Tecnicamente, você não salvou a minha, porque eu não estava em perigo.

—Eu liguei para seu irmão. Se eu não o tivesse chamado, as sentinelas teriam chegado aqui e você teria sido morto.

—Ela pegou você, —Derek apontou.

Se ele não tomasse cuidado, a mulher ia deixá-lo de cara no chão. —Cale a boca, Derek.

—Apenas concordando com a senhora.

Slade deslizou seu braço para trás ao redor das costas de Jane. Em seu outro lado, Caleb pegou a mão dela, firmando-a enquanto ela se desequilibrava.

—Desculpe-me. Fiquei tonta por um segundo.

Uma verificação mental rápida, revelou que ela estava hipoglicêmica²⁸.

—Você trouxe comida? — Slade perguntou à Caleb.

—Allie enviou um lanche. Joguei-o em sua SUV.

—Bom. —Slade deu um passo adiante. Imediatamente, Jane se afastou. Tão rapidamente, ele pegou-a em seus braços, segurando-a, apesar de seu grito. Ou talvez por causa de seu grito. Havia algo infinitamente atraente sobre fazer Jane emitir sons decididamente femininos, diferente da Jane sempre prática. Braços vieram em torno de seu pescoço, e então, assim que ela percebeu o que havia feito, abaixou-os até o peito.

—Ponha-me no chão.

—Em um minuto.

—Eu posso andar.

—Eu posso levar você mais rápido.

As unhas em seu peito beliscaram em alerta. —Eu não vou com você.

Ele sorriu para a sua determinação e sacudiu a cabeça. Ela tinha muito a aprender sobre ele. Primeiro, que ele tomava conta do que era dele.

—Eu não estava ciente de que estava dando-lhe uma escolha.

Capítulo 6

²⁸ A hipoglicemia é o nome dado à diminuição do nível de glicose no sangue. Dentre os sintomas podemos citar: os mais frequentes são visão turva, tonturas, fraqueza, dor de cabeça, pensamento lento, formigamentos, sensação de fome, dificuldade de concentração, irritabilidade, alterações de comportamento e, em casos mais graves, convulsão e coma.



—Você a apagou?

Sentado no banco de trás com Jane em seus braços, Slade encontrou o olhar de Caleb pelo espelho retrovisor.

—Sim.

—Com medo de que ela fosse acabar com você por tê-la enganado?

Slade sorriu. Jane tinha um temperamento quente. Ele nunca tinha visto isso. Ele apostava que ela seria toda fogo e razão.

—Não!

—Então por quê fez isso?

Porque ele precisava pensar.

—Ela precisa descansar antes de enfrentar todo o resto do que está por vir.

—Você acha que ela vai se quebrar como uma peça de porcelana?

—Inferno—, Derek se virou no banco da frente.

—Da maneira como ela ficou em guarda por causa de Slade, ela é uma mulher durona. Muito difícil de quebrar.

Jane se agitou contra ele. Slade passou os dedos pelo cabelo dela, mentalizando calma para sua inquietação.

Descanse.

Jane gostaria que o mundo pensasse que ela é durona, mas Slade tinha visto dentro de sua mente. Ele tinha visto a dor que ela escondia, a sensibilidade que ela guardava, o medo que ela combatia.

—Ela não é assim.

Seu rosto se aconchegou em seu peito. O tecido de sua camisa era uma barreira intolerável entre sua pele e a dela. Estendeu suas garras com a necessidade de rasgar a peça fora. A mente de Caleb estendia-se além dele. Uma sutil busca para ver se ele estava bem. Slade deu-lhe a resposta que ele procurava. Assim que Caleb aceitou a mentira e se retirou, Slade deixou cair um escudo.

Ele não estava bem. Ele estava tentando lidar com o fato de que ele tinha uma companheira. Uma mulher. Uma esposa. Uma parceira. Uma responsabilidade. Uma suscetibilidade. Uma companheira não era algo que ele já tivesse previsto. Mas Jane estava aqui e ela era um alvo do Santuário. Desistir não era uma opção. O Santuário poderia destruir sua mente e deixá-la como uma concha vazia. Aquela incrível mente dela que funcionava como uma máquina, ricocheteando entre a lógica e a emoção. Aquela incrível mente dela que combinava perfeitamente com a dele. Que nunca poderia ser sacrificada, mas seria se ele perdesse seu controle de vampiro. Ele nunca perderia seu controle.

—Slade? — Caleb perguntou novamente.

Merda. Sem dúvida, suas emoções estavam dando picos mais quentes do que as de Jane.

—Só prendendo a respiração.

—Encontrar uma companheira é uma maneira de chutar um homem para fora do seu equilíbrio.

—Sim, exatamente.



O rosnado baixo de concordância de Derek era mais de dor do que som. Ao contrário dos homens Johnson, que haviam passado mais de dois séculos como vampiros, nunca esperando encontrar uma companheira, Derek tinha nascido sabendo que a dele existia. E ele teve que desistir dela para mantê-la viva. Tudo por causa do Santuário.

—Então, qual é o nosso plano? — Caleb perguntou.

—Precisamos levar Jane de volta para o laboratório.

—Por quê?

—Precisamos apresentá-la a Joseph.

A cabeça de Caleb chicoteou ao redor.

—Ela pode não ser confiável.

—Sim, ela pode.

—O que te faz ter tanta certeza?

Slade acariciou com a mão, a cabeça de Jane, mantendo-a em paz. Ele havia aprendido muito sobre Jane nos últimos meses.

—Ela passou a vida inteira tentando encontrar uma cura para a fome no mundo. No minuto em que ela encontrar Joseph, isso vai ser toda a inspiração que ela já precisou, cada pedaço de determinação que ela já experimentou, reunidos para identificar uma necessidade.

—Para um bebê vampiro?

Slade percebeu o escárnio no tom de Caleb. Dobrando-se, ele deslizou os lábios sobre o topo da cabeça de Jane, roçando-a por um piscar de olhos, sentindo o calor de sua pele em uma carícia sutil em seus lábios.

—Jane não verá um bebê vampiro. Ela só vai ver Joseph.

—O que diabos faz você ter tanta certeza?

—Nós estivemos conversando por meses.

Caleb amaldiçoou. Derek rosnou.

—E você não nos disse nada? Isso é uma violação da segurança.

Tinha sido arriscado, mas o seu tempo com Jane tinha sido... único.

—Considerando que eu sou da segurança, nós provavelmente vamos sobreviver.

—Você deveria tê-la trazido mais cedo.

Provavelmente. Mas ele se atrasou, permitindo-se brincar com as possibilidades.

—Ela está aqui agora.

Outra maldição.

—Antes de você seguir seus instintos, tenha em mente que ela está trabalhando para uma corporação do Santuário.

Slade encontrou o olhar de seu irmão pelo espelho.

—Ela nem sabe o que é o Santuário.

—Isso é um pressuposto da sua parte.

—Não é um pressuposto.

—Você esteve na mente dela?

—Profundo o suficiente para saber isso.



—Profundo o suficiente não é bom o suficiente para mim.

—Conforme-se.

Derek mexeu-se no banco do carona da frente. O couro da cadeira rangeu quando ele se virou.

—Se você está pensando em ficar todo desagradável com a mulher, Caleb, os McClarens irão oferecer refúgio à ela.

Caleb o encarou. A matilha de lobos McClarens e os Johnsons eram aliados, vivendo no mesmo complexo. Derek oferecendo refúgio era o equivalente do Johnsons oferecendo refúgio. O que efetivamente acionava os instintos superprotetores de Caleb.

—Desde quando?

—Desde que ela estacionou o traseiro dela naquela caixa e se arrastou para baixo sobre qualquer coisa que estava vindo, para proteger o seu irmão mais novo.

—Inferno— Caleb travou com a lembrança. —Às vezes, Derek, você me faz lamentar ter salvado o seu rabo.

—O sentimento é mútuo.

Derek e Caleb tinham sido amigos desde que Caleb tinha salvo a vida de Derek no início de seus dias de vampiro, desde quando os Johnsons não sabiam que vampiros e lobisomens deveriam ser inimigos. Não que Caleb teria se importado, mesmo que ele tivesse sabido. Os Johnsons não eram do tipo conformados. Nunca tinham sido. Provavelmente nunca seriam. Aquela amizade tinha evoluído para uma aliança que foi forjada em aço. Os Johnsons e os McClarens guardavam as costas uns dos outros. Mesmo que nem sempre concordassem.

—Eu agradeço a oferta, Derek— Inclinando para trás contra o encosto de cabeça, Slade fechou os olhos. Ele estava sentindo dor e cansaço. As últimas vinte e quatro horas tinham sido uma merda.

—Sempre que quiser. Então, qual é o plano para quando ela acordar? — Derek perguntou, o humor preguiçoso em sua voz indicando que ele estava certo de que Slade tinha um. —Você vai amarrá-la pelo pescoço à cama, ou vai manter uma arma apontada para ela?

—Nenhum dos dois— Ele puxou-a contra ele, novamente empurrando o cabelo para fora do seu rosto, tirando-lhe a mão de cima quando ela franziu a testa, mostrando desconforto. —Eu percebi que devo apelo ao senso de injustiça dela.

—Ela tem um?

Mais do que deveria. —Oh, e como.

—Então você está me dizendo que ela tem um complexo de herói? — Caleb perguntou.

—Não— Ele assistia a paisagem lá fora. —O que eu estou dizendo é que acho que ela é uma empata, e que é compelida a se certificar de que nunca tenha esses sentimentos de novo.

Derek dedicou-lhe outro olhar por sobre o ombro, tirando sua atenção para longe do lado de fora da janela.

—Então você está pensando em se acasalar com uma mulher que não quer sentir emoções. Muito bem.



Provavelmente seria apenas "agradável" se ela conseguisse, mas Jane não era nada, exceto lógica e emoção, os dois coexistindo desconfortavelmente. E ele queria a ambos. Ele queria aquela mente calculista e aquele coração apaixonado. A fim de conseguir ultrapassar suas defesas, Slade teria que ser honesto com ela, e tudo o que tinha lhe dado até agora foram mentiras.

—Eu não falei coisa alguma sobre acasalamento.

Derek bufou.

—Eu sempre achei engraçado que vocês, Johnson, sempre começam um relacionamento pensando que é uma escolha.

—Há sempre uma escolha.

—Então como é que você não lhe deu uma?

—Ela não sabe o que está enfrentando.

—Você disse a ela?

—Sim.

—E mesmo assim você ainda a obrigou a vir contra sua vontade.

—Cale a boca, Derek.

Derek riu.

—Acredito que deverá ser interessante quando ela acordar.

Não. Ele acreditava que aquilo seria tão simples e descomplicado quanto ele pudesse fazê-lo.

—Não se você seguir as instruções.

Caleb arqueou uma sobrancelha enquanto ele olhava para Slade através do espelho retrovisor.

—Você está dando ordens agora?

—Eu sempre dei ordens. Você apenas as tomava como sugestões. Isso o tornava mais flexível.

—Uh-huh. Bem, você pode tomar um minuto para descobrir como você vai sugerir a Allie que ela deve concordar com o sequestro de uma mulher.

—Allie não vai se importar se isso significar a vida de Joseph.

—Você já encontrou a minha esposa?

—Muitas vezes.

—E você ainda acredita que ela tenha sequer um osso egoísta no seu corpo?

—Ela adora o seu filho.

—Sim, mas ela não vai concordar com isto.

—Ela vai sim.

O amor de uma mãe era previsível. Confiável.

Caleb bufou de novo.

—Uh-huh.



—Eu não participarei do sequestro da mulher que pode salvar a vida do meu filho— De pé na ampla varanda coberta de sua casa, as mãos nos quadris, Allie sacudia a cabeça, causando uma suave torrente castanha de seus cabelos na altura dos ombros, balançando sobre o seu rosto expressivo.

—Allie, seja razoável— Caleb bajulava. —Nós precisamos dela.

—Eu estou sendo razoável. Você é quem está sendo reacionário— Allie balançou a cabeça. —O sequestro de uma mulher. Caleb, no que você estava pensando?

—Inferno, o que faz você pensar que foi minha ideia?

Allie procurou seu olhar antes de se virar lentamente para Slade, sacudindo a cabeça.

—E eu pensei que você fosse o mais razoável dos irmãos.

—Eu sempre sou razoável.

Só que nem sempre tão equilibrado quanto as pessoas acreditavam que eu fosse. Mas isso era o seu segredo.

Slade olhou para a pequena cabana à direita da casa principal, onde Jane dormia na grande cama de bronze. Mesmo separados por paredes e uma centena de metros, ele era atraído por esse sussurro interior que dizia o quão correto era tocar a energia dela, de senti-la próxima à ele. Ele sucumbiu à tentação, estendendo-se com a sua mente. Sua energia era suave agora, pacífica, livre do stress e das preocupações que assombravam sua mente. Se pelo menos ele tivesse sido capaz de dar isso a ela.

—Nem todo mundo tem a mente tão aberta como você— disse Slade. —E Joseph precisa dela.

Allie se voltou nos braços de Caleb e recostou-se contra seu peito duro. A forma como o seu irmão se aproximava por trás dela, seus músculos apoiando sua postura não era uma ilusão. Caleb sempre guardaria as costas de Allie. Desde o dia em que ele a conheceu, ela tinha sido o seu foco. No início, ele pensava em abster-se de estar à volta dela, sabendo que não havia futuro para ela sem conversão, mas Slade e seus irmãos tinham tomado a decisão de suas mãos, na noite em que Caleb tinha quase sido morto por um transmorfo D'Nally trapaceiro. Allie foi a âncora de seu irmão a este mundo, e eles a tinham usado para mantê-lo aqui. Ele tinha se esforçado duramente para apenas perdôá-los.

Allie inclinou a cabeça para o lado, estudando Slade com aqueles grandes olhos azuis. Ela era uma mistura tão estranha de otimismo, determinação e mente aberta à novidades, que ele nunca podia dizer o que ela estava pensando.

—Jane é uma cientista. O que significa que ela lida com fatos concretos e provas e só encontra questões interessantes enquanto estas permaneçam sem resposta. Por que você não apela para isso?

—Porque eu fiquei sem tempo.

—Outro homem?

Allie sempre tinha sido astuta, e hoje não foi diferente. Ela sentiu o seu interesse.

—Muitos deles.

Ela soltou um bufido irritado. Caleb interveio e o deixou fora de perigo.



—Não temos certeza de quão inocente ela é. Ela trabalhou para uma empresa do Santuário. Allie descartou o comentário com um aceno de mão.

—Se houvesse uma mancha do Santuário sobre ela, ela não estaria aqui, mas isso não te absolve— Apontando o dedo para Slade, ela disse, —Você me prometeu que ia encontrar uma cura para o Joseph e eu estou te cobrando isso. Mas não às custas dela. Nós não estamos no Santuário. Você precisa obter sua cooperação do jeito certo.

—Eu vou consegui-la.

—Sem mentiras.

—Não posso prometer isso.

—Você tem que prometer isso.

Ele ajeitou o chapéu sobre a testa.

—Não, eu não vou prometer.

Joseph era seu sobrinho e ele lutaria com tudo o que tinha, mas ao contrário de Allie, ele não tinha escrúpulos sobre sequestrar uma cientista que poderia ter a resposta que Joseph necessitava. Ele nunca tivera aquela boa índole.

—Mas, falando do diabo, onde está meu sobrinho?

—Ele está dormindo.

—Ele vai descer mais tarde?

—Não.

Eram quatro horas da madrugada e Joseph normalmente dormia à uma hora e levantava-se às duas e meia da madrugada. Três horas era um longo tempo para um cochilo para Joseph. Sua necessidade constante de alimentos, funcionava melhor do que qualquer despertador.

—Ele parecia letárgico quando você o colocou para dormir?

Um lampejo de preocupação passou pela expressão de Allie.

—Não. Por quê?

Slade odiava ser o único a adicionar mais peso à sua preocupação.

—É muito tempo para ele ficar sem comida.

O pânico queimava através do rosto expressivo de Allie, drenando o pouco de cor que o cansaço havia deixado em seu rosto.

—Eu estava feliz por ele estar descansando.

A preocupação imediatamente ecoou na energia de Caleb, da forma como faria com qualquer par acoplado. O que um sentia, o outro também o sentia. Apenas no caso de Caleb a dor da preocupação era amplificada pela agonia da sua culpa. Caleb se culpava pela doença do seu filho. Não importava o que Slade dissesse em contrário. Caleb estava preso no fato de que Allie não fora totalmente convertida quando Joseph fora concebido. Não importava a suspeita de que ele nunca teria sido concebido se essas circunstâncias únicas não tivessem existido. Caleb sabia que ele sabia.

—Tenho certeza de que ele está bem, Allie.

Slade fechou os olhos e tocou a energia de Joseph com a sua, algo que podia fazer somente quando estava próximo, e só porque ele tinha tomado seu sangue.



—Ele está bem.

A macia boca de Allie se retorcia diante da verdade que ela não podia mudar.

—Todas as coisas foram consideradas, certo?

Um 'sim' direto teria sido cruel.

—Não se preocupe, Allie. Eu prometi que vou corrigir isso, e eu vou.

Mesmo que aquilo o matasse. Ele correu os dedos pelos cabelos. Apenas desejava que tivesse a menor ideia de por onde começar. Ele checkou a energia de Jane novamente, encontrando um curioso vazio no lugar do calor que ele procurava. A luz na cabine se acendeu. A porta se abriu. Jane tropeçou através da abertura, os dedos esfregando sua testa.

—Pensei que você disse que ia deixá-la fora de combate— A suspeita espreitava o tom da voz de Caleb.

—Eu o fiz— E ela ainda deveria estar. Uma Jane grogue caminhou até a beirada da varanda, agarrando o gradil, os pés descalços plantados firmemente em uma piscina de luar. A luz do interior brilhava através da sua camisola emprestada, amarrotada, com destaque para as curvas de seus quadris completamente exposta a todos os que olhassem em sua direção. E mais de um par de weres²⁹ observava aquela imagem sensual. Incluindo Derek, que se juntou a eles na varanda a tempo de apreciar a vista. Um rosnado se construiu no peito de Slade.

—Eu acho que você subestimou a mocinha.

Slade não gostou da especulação na voz do outro homem. Jane era dele.

—Nada disso conta de forma alguma.

Derek mudou seu rifle de posição no seu ombro, seus cabelos loiros brilhando sob a luz pálida, os dentes brilhantes num sorriso rápido enquanto ele descia as escadas, lembrando Slade que o werewolf sempre tinha sido muito bonito.

—Parece que ela tem algumas perguntas que precisam que sejam respondidas.

Desta vez o rosnado de Slade foi mais alto. Derek não olhou para trás.

—Ela não é sua ainda, vampiro. Isso significa que é um alvo livre para cada homem que esteja disposto a fazer um movimento.

Como o inferno. Com um salto, Slade caiu um passo ao lado de onde estava o grande werewolf.

—Eu pensei que você já tivesse encontrado sua companheira.

Houve apenas um ligeiro tremor na fortaleza de Derek.

—Talvez eu esteja cansado de esperar que ela veja a luz.

Ou talvez ele só queria sua chance. De qualquer maneira, Slade descobriu que não tinha importância para o seu lado vampiro. Ele não queria que nenhum werewolf de boa aparência estivesse em qualquer lugar ao redor de Jane em qualquer tipo de humor, fosse bom, mau, feliz ou triste.

—Besteira.

Derek balançou a cabeça.

²⁹ Nessa série, a autora usa o termo Were, Weres, Werewolf, Werewolves, quando quer se referir aos "lobisomens".



—Com certeza, é. Eu só estou malditamente cansado de ouvir minha companheira gritar quando ela me vê.

—Ela só fez isso uma vez.

—Embora ela não se lembre de seu tempo nas mãos deles, ainda estou preso em sua mente no horror que o Santuário a fez passar.

Aquilo era o inferno. Lobos esperavam uma vida por uma companheira, viviam para encontrar uma. E Derek não conseguia chegar perto da dele.

—Então, vamos deixar Tobias alterar sua memória.

Os rosnados de Derek eram um aviso selvagem.

—Ninguém vai violar sua mente.

Como eles violaram seu corpo. Este último pensamento ficou sem ser dito.

—Não é a mesma coisa— Slade não achou que Derek iria ouvir neste momento, mais do que da última vez que ele disse isso. Ele estava certo. Derek virou-se, os caninos arreganhados, olhos brilhantes. —Vá para perto dela desse jeito e eu vou rasgar sua garganta.

Slade manteve sua voz e até mesmo as suas mãos para baixo. Uma coisa que ele estava aprendendo sobre os lobos, é que eles eram malditamente sensíveis quando se tratava de suas companheiras.

—Ninguém se atreveria a chegar perto dela. Não com o guarda que você colocou ao seu redor.

Derek piscou. O fogo da batalha deixou seus olhos, mas a tensão permanecia em seus ombros e suas feições ainda tinham que voltar ao normal.

—Esse é o plano.

Jane estava observando eles, o seu olhar preso em Derek. Slade não poderia dizer se ela estava pronta para fugir ou pronta para lutar, mas seu peso estava nas solas de seus pés. Ela estava definitivamente pronta para alguma coisa.

—Faça-me um favor e não se vire até que você esteja de volta ao normal.

—Este é o meu normal.

—No ponto de vista de humanos então?

Tudo o que Slade precisava era que Jane visse Derek meio transformado e qualquer negociação iria voando pela janela.

—Sua companheira está assistindo?

—Atenta como um falcão.

Derek tomou um fôlego.

—Ajudaria você se eu tivesse mostrado a ela um pouco do lado canino.

Slade arqueou as sobrancelhas.

—Agora, por que você iria querer fazer isso?

—Porque me parece malditamente conveniente que você tenha colocado o medo de lobos em sua mente.

—Foi um alerta necessário no momento.



—Isso não o torna menos conveniente, visto que você a está trazendo de volta a um complexo cheio de lobos.

Se ele tivesse feito isso de propósito, sabendo que qualquer mulher trazida para o complexo iria despertar o interesse dos lobos do sexo masculino? Embora os Johnsons fossem vampiros que tinham incluído weres após a sua conversão, interesses comuns, pontos de vista comuns, e a alienação de Jace com os outros vampiros próximos tinha praticamente tornado a decisão fácil. Mas haviam algumas diferenças fundamentais nos dois.

—Talvez não, mas isso não muda os fatos.

—E quais são esses fatos?

— Ela está sob minha proteção, e precisamos da cooperação dela.

— E você vai conseguir isso de que forma?

Slade deu um sorriso tranquilizador para Jane sobre o ombro de Derek, apenas no caso de que ela pudesse vê-los.

—Eu estou indo encantá-la.

Derek seguiu a direção de seu olhar.

—Boa sorte com isso.

—Você acha que eu vou precisar de sorte?

Os caninos de Derek estavam quase recolhidos.

—Ouvir dizer através de seus irmãos, que charme não é um de seus pontos fortes.

Talvez não, com a maioria das mulheres de sua época. Ele era muito retraído, mas este era um século diferente.

—Jane é uma cientista.

—E você acha que de alguma forma isso a faz menos do que uma mulher?

—Não— Ele estava apenas esperando que aquilo lhe desse uma abertura para trabalhar antes de qualquer um dos weres bonitos-demais, de fala doce, fazerem sua oferta inevitável pela sua atenção. Infernos, talvez ele tenha lhe infundido o medo deliberadamente.

—Mas nós falamos a mesma língua.

Derek balançou a cabeça.

—Inferno, eu tenho que ficar por perto para ver esse namoro.

—O que weres sabem sobre namoro? Você acabou de entrar na corrida pela reivindicação.

—Mostre o que você sabe. Uma fêmea were dá-se totalmente ao seu companheiro durante a reivindicação. Cabe ao macho, provar-se digno antes da ligação poder acontecer definitivamente.

Isso era novidade para Slade e explicava por que Derek não tinha simplesmente reclamado sua mulher. Bem, isso e o fato de que era proibido para um werewolf, especialmente um Alpha, se casar com uma vampiro. Mesmo aquele que recentemente salvara a vida dela, possibilitando manter a posição de Alpha.

—Isso ainda não é o mais moderno em técnicas de abordagem em relacionamentos.

—A sociedade dos werewolves não é moderna.

—Você bem poderia querer começar a mudar isso.



E reivindicar a sua mulher.

Pela primeira vez, Derek não se voltou com um enfático não. Ao contrário, ele encolheu os ombros.

—Talvez.

Mudança para lobos muitas vezes significava batalha.

—Ei.

O outro homem olhou para trás, uma pergunta em seus afiados olhos azuis.

—Você sabe que os Johnsons irão apoiá-lo. Qualquer que seja a sua decisão.

Aquilo sempre tinha sido implícito, mas por alguma razão, Slade sentia que precisava reafirmar neste momento. Talvez por causa do conjunto do queixo de Derek, que falava de problemas que estavam surgindo. Talvez porque o senso comum dizia que o homem estava sofrendo.

—Obrigado— Apontando na direção da varanda onde Jane estava segurando o poste, ele disse, —Eu acho que sua mulher ficou congelada na grade.

—Você pode estar certo— Slade abriu seus sentidos, captando a energia que Jane despejava tão suave como a seda, a maciez incomum preencheu um vazio que ele nunca soube que tinha. Juntamente com a energia veio a emoção. Ela estava assustada, confusa, e ela queria ser amparada. Não por ele, mas por um homem do seu passado. A raiva aumentou. Era seu direito ser o único a ampará-la. Seu direito de acalmá-la. Seus braços deveriam ser os únicos em que ela desejaria abrigo. Não os de algum homem que não estava aqui e não tinha estado lá para ela. Um grunhido retumbou em seu peito. Derek riu. —Oh sim, ela vai ficar encantada.

Slade arreganhou as presas para Derek.

—Não tem outro lugar para estar?

—Para falar a verdade, eu tenho sim.

Pela neutralidade de seu tom, não era difícil adivinhar o que ele precisava fazer.

—Mei ainda pode aceitar apenas o seu sangue?

—Eu não sei.

—Como não sabe?

O agarre de Derek sobre sua arma aumentou até deixar-lhe brancos aos nós dos dedos. E se a pressão aumentasse um pouco mais, o cano se dobraria.

—Porque eu mataria o primeiro homem de que ela sequer se aproximasse para se alimentar.

Era uma reação extrema de um homem intenso, mas olhando para o alpendre, imaginando qualquer outro homem tocando Jane, Slade conseguia entender.

—Então, talvez, seja melhor você voltar e cuidar dela.

—E talvez seja melhor você tentar dar uma esmerilhada no seu charme.

Se ele não queria que o olhar assombrado nos olhos de Derek fixasse residência em seu próprio, talvez fosse melhor.

—Eu vou fazer isso.



—A mera visão de Slade Johnson pondo em prática o seu encanto até poderia valer a pena trazer Mei de volta de seu esconderijo para ver.

O esconderijo de Mei estava na cidade, entre os seres humanos aos quais ela não pertencia mais. Foi a primeira vez que Derek tinha posto em palavras o que eles tinham pensado todo o tempo. Derek era o líder de uma matilha poderosa. Ele não podia continuar fazendo essas saídas. Mei não tinha família no mundo. A única coisa que fazia sentido era trazer Mei aqui e que fossem para o inferno todas as complicações que isso poderia gerar. Slade assentou seu chapéu com mais firmeza em sua cabeça enquanto um vento o chutava para cima.

Oba. As mudanças estavam chegando, e isso não ia ser nada bom.

Capítulo 7

Isto não poderia ser bom. Jane agarrava-se ao corrimão, lutando contra a nuvem difusa que envolvia seu cérebro. Era como se ela tivesse tomado algum tipo de droga, mas ela sabia que não tinha feito algo assim. Respirando fundo, ela lutou contra a confusão. Mentalmente localizando as áreas pesadas e imaginando-as elevando-se a distância. A próxima respiração foi tão cautelosa quanto a primeira. Funcional sem sensação. Caramba! Ela sabia que o ar tinha que estar frio. Ela podia ver a névoa quando ela soprou, mas ela não conseguia senti-lo. Pressionando os dedos contra suas têmporas, esfregou. Ela precisava se concentrar em sentir. Isso era tudo. Ela só precisava se concentrar. Olhando para a noite, ela não conseguia ver nada além da varanda. Apenas o profundo negro. Onde diabos havia um poste de luz, quando ela precisava de um?

Ela deu mais um passo. O mundo girou fora de foco. Fechando os olhos, ela se inclinou contra a pilastra. A luz da varanda permanecia como uma névoa de ouro além de suas pálpebras. Ela não poderia dirigir desta maneira, o que essencialmente reduzia seu plano para fugir, que era uma ligação direta e uma rota para fora. Não que ela soubesse como fazer uma ligação direta em um carro, mas ela sabia o processo básico através de filmes e o resto era puramente dedutivo.

O gelo estalava além da luz. Inclinando o rosto contra a madeira fria do apoio da varanda, Jane estreitou os olhos para a escuridão. Uma sombra se moveu, tomou forma. Ombros amplos, quadris magros, determinado. Ela reconheceria aquele passo em qualquer lugar. Slade. Ao longe, um cavalo relinhou. Onde ela estava? O homem movia-se com uma fluidez que fazia parecer que ele deslizava através do espaço e não caminhava. Ela lambeu os lábios enquanto o observava, vagamente consciente da sensação de renovação, mesmo ressentindo-se conforme ele se aproximava sob o luar. Ela realmente desejava que pudesse se contentar em ser sua prisioneira. Um homem como Slade tinha muito a oferecer a uma mulher que tinha estado muito tempo sem um relacionamento. Diabos, ele tinha muito a oferecer a qualquer mulher. Havia sensualidade em suas feições, promessas em seus movimentos que diziam que sua graça não ficava restrita ao seu andar. Nada daquela coisa metrossexual lá. Slade era todo homem.

Uma segunda sombra se moveu na escuridão, vagamente familiar. Derek? O medo cresceu, a



atingindo como uma parede invisível, e depois ... desapareceu na bruma que ressurgia. Ela liberou seu fôlego em um suspiro trêmulo. Pelo menos, o werewolf estava ficando para trás. Ela não poderia lidar com a manipulação de Slade e do lobo. Slade era lobo o suficiente para ela.

—Eu não sou lobo.

Ela piscou. Havia apenas uma maneira de Slade poder saber o que ela estava pensando.

—Você pode ler mentes?

—Algumas.

Algumas. Um eufemismo, ela apostava. Ela agarrou o batente com ambas as mãos, obrigando-se a olhar em seus olhos demasiado conhecedores.

—Bem, você pode ficar de fora da minha.

Slade parou na frente dela.

—Você não parece estar pronta para uma briga.

—Você ficaria surpreso— Ela realmente gostaria de rasgar algo ao meio. Assim que ela conseguisse fazer seus músculos obedecerem seu cérebro.

—Você também parece um pouco fria.

—Eu?

Seu olhar caiu para os seios dela. Seu olhar seguiu o dele. Seus mamilos estavam em picos. Ele poderia acreditar que era de frio. Aquilo funcionava para ela. Era melhor do que a verdade que ele era uma fantasia ambulante e ela não conseguia parar de pensar como ele ficaria sem essa camisa.

Pare. São apenas os hormônios falando.

Infelizmente tudo o que era feminino nela se recusava a ouvir o aviso que sua mente continuava a gritar. Aquilo continuava tentando arrastá-la até ele e travar amizade. Para capturar seu olhar. Malditos hormônios.

O olhar de Slade voltou ao dela. Um leve sorriso torceu seus lábios.

—Exatamente.

—Bem, eu não estou.

—Então o que você tem?

Confusão. Ela estava muito confusa. Se ela pudesse apenas empurrar a névoa à distância, ela estava certa de que ela poderia chegar a uma resposta clara às perguntas em sua mente. Ela umedeceu os lábios. Sua língua se sentia presa à pele seca. Nojo.

—Sedenta. Estou com muita sede.

Sua cabeça inclinava ligeiramente para o lado enquanto ele a estudava.

—O que você é? Algum tipo de bruxo?

Ele pisou no primeiro degrau da varanda, trazendo-o ao nível dela. Tomando-lhe a mão na sua, ele a colocou em seu ombro. Seu olhar capturou o dela. Ele tinha olhos lindos. Cinza com manchas de verde e azul, que pareciam brilhar. A mão dele em volta de sua cintura, puxando-a para longe do batente.

—Nós já estabelecemos o que eu sou.

Ele fazia com que fosse tão fácil ela querer se inclinar para ele, que ela estava fazendo isso



antes mesmo de reconhecer o impulso. A memória cutucou as bordas de sua consciência.

—Você é um vampiro.

Ele balançou-a em seus braços enquanto subia os degraus, levando-a consigo de volta para a casa.

—Você pegou isso de primeira.

—Eu sempre pego de primeira.

—Você não parece muito feliz com isso.

—Isso pode ser uma maldição.

Era mais fácil para ela deixá-lo carregá-la, era mais fácil deixar sua bochecha descansar contra o ombro dele e respirar seu cheiro viciante, do que protestar.

—Como assim?

Ela bocejou.

—Isso assusta e afasta os homens.

Ele deu uma risada.

—Você precisa começar a atrair homens de melhor qualidade.

A bruma em torno dos seus pensamentos engrossou.

—Eu não acredito que haja um homem para mim.

—Há sempre alguém para um outro alguém.

Ele levou-a pela casa com uma familiaridade que ela sabia que ela deveria objetar, mas ela simplesmente não conseguia lembrar-se do porquê.

—Por que não posso pensar?

Ele abriu a porta que levava de volta para o quarto, que ela havia acabado de desocupar.

—Porque eu estou contendo você.

—Por quê?

—Porque é quase madrugada, e eu preciso dormir.

Ela franziu a testa, concentrando-se, sabendo que havia uma conexão entre o amanhecer e sua necessidade de sono. Aquilo veio a ela enquanto ele a deitava sobre a cama. Ela não podia ver boa parte de sua expressão. Aquele chapéu que ele usava fazia sombras sobre seu rosto. Ela deu com a resposta quando sua cabeça bateu no travesseiro. Ela podia vê-lo, então, a áspera face masculina, a inteligência distinta, a crua sexualidade. Ela tocou com as pontas dos dedos sobre o plano afiado de sua bochecha. Sua pele estava muito quente. Supostamente vampiros não deveriam ser frios?

Ela se agarrou ao pensamento e segurou-o firmemente. *Vampiro.*

—Você é um vampiro.

Ele sorria enquanto desabotoava a camisa.

—Sim, eu sou— Com um encolher de ombros, mandou-a ao chão, revelando um peito largo com bem desenvolvidos peitorais cobertos com um tapete intrigante de cabelos. Ela gostava de homens com pelos no peito.

—Fico feliz em ouvir isso.

Acaso ela havia dito isso em voz alta?



Ele chutou suas botas para longe, deslizou seu cinto dos passadores e bateu o chapéu para fora da cama.

—Chegue para lá.

Em consequência ao seu pronto obediência, a contrariedade se estabeleceu. Desde quando ela recebe ordens de algum homem? Antes que ela pudesse deslizar de volta para seu lugar na cama, ele estava lá. O colchão mergulhado abaixo com seu peso. Ela caiu dentro do seu espaço. Seu braço veio ao redor da cintura dela, incentivando-a a chegar mais perto. Era natural trazer seu joelho para cima. O tecido da calça jeans dele raspou contra a carne macia de sua coxa. Seu rosto estava aninhado no oco de seu ombro. Conforme ela se ajeitava, ele puxou os cobertores por cima dela. Seu cheiro veio até ela mais forte, embalando-a com a sensação de segurança que sempre o acompanhava. Segura. Ele a fazia se sentir tão segura. Um vago sino de alarme disparou. Era uma estranha sensação de que ela não devia confiar nele. Ela não deveria confiar nele. Ela apenas sabia disso. Ela simplesmente não conseguia lembrar-se do porquê.

Por outro lado Slade arrastou mais ainda seu antebraço, puxando seu ombro, para o vão debaixo de sua cabeça. Ele a apertou delicadamente. A sensação de segurança suavizada por um senso de retidão, que parecia afundar em sua alma junto com o perfume dele.

—Durma, doçura. Vamos conversar hoje à noite.

Esta noite seria tarde demais. Ela franziu o cenho. Por quê? Por que esta noite seria tarde demais? Ela tentou se afastar. Pelo menos ela pensou que tinha tentado.

—Eu preciso pensar.

—Não— O polegar dele acariciava sua bochecha. —Você precisa dormir.

E, de repente, o nevoeiro que brincava com a sua consciência ondulou para fora como uma vela de luz obliterando, fluindo e ultrapassando suas defesas, obscurecendo todas as suas preocupações, deixando-a apenas com aquela estranha, ansiosa, totalmente convincente sensação de... correto.

A casa estava escura quando Jane acordou. Ela não podia dizer se era noite ou dia, graças ao cortinas pesadas sobre a janela. Por enquanto, ela não se importava. Ela estava quente, segura, e o som, lento e constante do coração de Slade abaixo de sua orelha, batendo no mesmo compasso que o seu próprio, criava a ilusão de que ela não estava sozinha. Ela sempre tinha odiado ficar sozinho. E ela sempre odiou a fraqueza que provocava sua mente solitária. Mas sozinha era melhor do que presa. Qualquer coisa era melhor do que presa.

Querido Deus, ela estava em apuros. Mesmo sabendo o que sabia sobre Slade, ela estava hesitante em perturbar este momento. A sensação de segurança era apenas uma ilusão criada para prendê-la. Vampiro ou não, Slade era muito bom. Não tinha tomado nem mesmo vinte e quatro horas para encontrar a sua fraqueza e uma maneira de explorá-la. E pior, ela o permitiu. No mínimo, ela deveria ter previsto isso. Jane considerou isso. Pensando bem e olhando para trás, ela tentou identificar o momento exato em que Slade tinha assumido o controle de sua mente. Tudo o que ela conseguia se lembrar era de estar cansada, dessa sensação de segurança, e então tudo



ficava escuro. Da mesma forma que tinha ficado na noite passada. Aparentemente, suas defesas eram fracas quando ela estava cansada, e ele tinha tirado proveito disso. Ela não sabia se ele poderia se aproveitar quando ela estivesse descansada, mas ela não estava pensando em passear e descobrir.

Jane desalojou a cabeça do peito de Slade, de seu perfeitamente esculpido, feito-para-ser-mordiscado-e-beijado, peito. Slade não se moveu. Nem ela, por um segundo. Hormônios podiam ser um sofrimento. *Vampiro*. Porra, parecia estranho até mesmo pensar nessa palavra. Não poder sobreviver à luz solar. Algumas lendas diziam que não poderia ficar acordado enquanto o sol brilhava, o que, se ela extrapolasse para o sono profundo de Slade, faria de agora o seu melhor momento para escapar.

Ficando debaixo das cobertas para não acordá-lo com um movimento, Jane se arrastou por todo o colchão, tentando criar a menor repercussão que pudesse. Quando ela chegou até a borda, simplesmente deixou as pernas escorregarem para fora, sentindo o chão com os dedos dos pés. O chão estava frio. Ela odiava pisos frios. Apenas mais uma razão para guardar rancor contra Slade. Como se tomar o controle de sua mente não fosse o suficiente.

Puxando sua camisola para baixo de onde se reunira em torno de sua cintura, ela se levantou. A primeira ordem de ação era conseguir suas roupas de volta. Ela segurou o pano longe de seu corpo. Era volumosa, deslizando facilmente sobre sua cabeça. A questão sobre quem a tinha feito deslizar sobre ela antes, teria que ser abordada mais tarde. Seu rosto se aquecia conforme ela imaginava Slade tirando seu sutiã. Seus seios empinados. Sua respiração encurtou. Oh, pelo amor de Deus! Isso era ridículo. Como se ela precisasse de mais incentivo para sair, o desregramento dos seus hormônios tornou isso imperativo.

Abrindo a gaveta da escrivaninha, ela encontrou um par de suéteres. Eles eram grandes demais, mas neste momento ela não poderia ser exigente. Slade se mexeu na cama. Uma carranca vincava sua testa. A palma de sua mão deslizou pelo colchão. Se ela não fizesse algo para acalmar a inquietação dele, ela nunca conseguiria fugir.

Cuidadosamente puxando a camisola para baixo sobre a cabeça, Jane debateu suas opções. Havia apenas uma. E era uma aposta, mas não tão grande, porque se ele acordasse antes que ela tivesse chegado a uma boa distância, não haveria fuga. Ela tinha visto o suficiente de suas habilidades para saber disso.

Movendo-se rapidamente, ela deu os dois passos até a cama. Quanto mais perto ela chegava, mais correto parecia. Estaria ele controlando sua mente, mesmo durante o sono? Por mais abominável que o pensamento fosse, não diluía o prazer que pulsava até a ponta dos dedos dela, enquanto ela tocava a carne áspera pela barba de sua bochecha. Ele era um homem bonito. Ela puxou seus dedos para trás, esfregando seu polegar sobre as pontas, retendo a sensação. Não um homem, ela se corrigiu como o desejo de tocá-lo aumentando. Vampiro, não humano. Perigoso. Definitivamente não era para ela. Ele se mexeu novamente. Não foi nem um pouco difícil por a mão em concha no rosto dele, suavemente acariciando com a palma da mão e sussurrando:

—Eu estou bem aqui.

Ele acalmou-se imediatamente. Ela deixou a mão lá até sua respiração nivelar-se e seu



batimento cardíaco ficar mais lento. E o dela também, ela percebeu. Era absolutamente hora de ir.

Jane tropeçou em seus sapatos no final do corredor. O minuto que levou para amarrá-los, pareceu uma eternidade. A cada dois segundos, ela se sentia compelida a olhar por cima do ombro em direção ao quarto, preocupada que Slade a seguisse, preocupada que ele não o fizesse. Este último assustou até a merda fora dela. Ela não dependia de ninguém. Nunca.

Reincorporando-se, ela respirou fundo e estabilizou seus nervos instáveis. Ela tinha certeza que todo mundo esperava que ela dormisse, enquanto Slade o fizesse. Uma vez que apenas ele interagia com ela, era provável que ele era o equivalente de seu guarda-costas pessoal. Ou talvez apenas guarda. Quem sabe? Certamente ela não saberia. Conforme ela tateava ao longo da parede, seus dedos sentiram uma saliência na madeira lisa. A exploração revelou ainda mais madeira do outro lado, em vez de vidro. Uma porta, e pelo frio que permeava a madeira, era uma que dava acesso ao exterior. Perfeita. Ela tateou ao longo da parede de cada lado da moldura da porta, em busca de evidências de um sistema de alarme. Ela não queria tocar em qualquer tipo de sensores. Isso não significa que eles não existiam, mas ela não tinha tempo para maiores precauções. Este era definitivamente um momento de tudo ou nada.

—Você provavelmente deve saber que existem dois werewolves do outro lado da porta, prontos para atacar.

—Pela Coroa de Cristo! — Jane girou, apertando seu peito, olhando através da escuridão para a fonte da voz feminina.

Uma luz foi acesa. Ela piscou, momentaneamente cega, se atropalhando com a maçaneta da porta, e, lembrando dos werewolves, reconsiderou quando ela a encontrou.

—Se você não for mais silenciosa, você vai acordar Slade, e nenhuma de nós quer isso.

Piscando, ela disse: —Eu certamente não quero.

Uma mulher se sentava no sofá de couro de três almofadas. Ela tinha cabelos castanhos na altura dos ombros com franja cortada acima de cansados olhos azuis. A primeira impressão de Jane era de uma mulher bastante simples, mas, em seguida, a mulher sorriu e tudo isso mudou. Seu sorriso animou todo o seu rosto, transformando-o em algo totalmente diferente. Algo atraente, convidativo.

—Bom, então se afaste da porta antes que os McClarens entrem para ver o que está acontecendo.

Jane fez, mas só porque ela não queria ficar perto de nenhum werewolf.

—Será que eles sabem que você está aqui?

—Nem pensar— O sorriso que acompanhou essa afirmação não mostrava nenhum sinal de remorso. —Eles acham que eu estou metida em minha cama com Caleb.

—Eles não podem... sentir você?

—Não se eu levantar meus escudos.

—Escudo. Isso é uma coisa mental?

—Sim.

—Você é mulher de Caleb.

—É melhor eu ser sua esposa, se eu deveria ser mantida na cama com ele, você não acha?



—Eu não sei. Eu ainda não descobri como as coisas funcionam por aqui ainda.

—Estou disposta a apostar que você nem sabe onde é aqui.

Essa era a verdade.

—Mas você estaria disposta a me dizer?

—Por um preço.

É claro.

—E que preço seria esse?

O sorriso deixou rosto de Allie.

—Eu quero que você conheça o meu filho.

—Por quê?

—Porque eu não acredito em sequestros.

Allie não estava fazendo qualquer sentido, e ela parecia um pouco pálida. Havia doenças que poderiam deixar uma pessoa desorientada.

—Você está bem?

Allie sorriu. —Eu provavelmente não estou fazendo muito sentido para você.

—Não, você definitivamente não está.

—Então vamos lá na cozinha e tomaremos um café.

Café parecia algo celestial. Allie captou o olhar ansioso que Jane jogou por cima do ombro na direção da porta.

—Eles não virão para dentro. Mas eles provavelmente quererão um café quando estiver pronto.

—Werewolves bebem café?

—Um pão de canela também não iria mal— uma voz ondulou através da porta.

Allie sorriu e encolheu os ombros.

—Realmente não combina com a imagem, não é? Mas a verdade é, werewolves têm um apetite voraz e uma queda muito grave por doces.

—E estamos abertos a subornos— veio outra voz através da porta.

—Eles sabem que você está aqui agora— E aparentemente eles também tinham senso de humor. —Por que eles precisariam ser subornados?

Allie revirou os olhos.

—Então, eles não diriam a Caleb que eu estou aqui bebendo café. Ele acha que isso é ruim para mim.

—E é?

Allie abriu a porta do congelador e tirou um saco de delícias.

—Quem se importa? É bom.

Ela tinha um ponto.

—Você tem creme?

—Claro.

A paciência de Jane durou o tempo que a mulher levou para medir o café.

—Por que você me quer para atender ao seu filho?



Houve o mais leve tremor na mão Allie enquanto ela despejava água na cafeteira.

—Porque ele está morrendo.

Jane não sabia o que dizer depois disso: —Eu sinto muito.

Allie olhou para cima, seus olhos eram chamas brilhantes que explodiam em seu rosto pálido.

—Eu não quero que você sinta muito. Eu quero que você o salve.

A única outra vez que Jane se sentiu tão impotente fora quando ela estava trabalhando na África e uma mãe tinha colocado seu filho morrendo de fome em seus braços e conforme o bebê dava seu último suspiro, a mãe dizia:

—Por favor—. A única palavra em inglês que ela conhecia. A mulher tinha aprendido, Jane descobriu mais tarde, porque ela esperava que fosse convencer Jane a ajudá-la. No final, Jane não tinha sido capaz de ajudar. A menina tinha morrido de fome em um mundo onde tantos tinha um excesso de alimentos e riquezas. —Eu sou uma pesquisadora, não uma médica com experiência.

Allie apertou o botão da cafeteira.

—Joseph não precisa de um médico. Ele precisa de um cientista.

—Eu não entendo você.

As mãos de Allie se fecharam em punhos cerrados sobre o balcão.

—Estou tentando ser forte, Jane, para fazer a coisa certa, porque a última coisa que preciso agora é de um Karma ruim, mas por favor, entenda que não é fácil. E não vai demorar muito para que eu fique ao lado do meu marido, então não me interrompa até que você tenha me escutado.

—Ao lado do seu marido?

Allie recostou-se no balcão.

—Você não é realmente muito boa em apenas ouvir as pessoas, não é?

Jane deu de ombros.

—Não com tão poucos detalhes.

—Os Johnsons são muito leais àqueles que amam. Eles não estão acima de manipular a lei para conseguir o que querem para aqueles que amam.

—Como o meu sequestro por exemplo?

Allie assentiu com a cabeça, a tensão em sua expressão indicando que ela estava lutando contra as lágrimas.

—Eu amo muito o meu filho, e eu quero que ele viva mais do que qualquer outra coisa, mas o seu sequestro, ameaçando você... — Ela balançou a cabeça. —Eu não posso concordar com isso, olhar nos olhos dele e dizer-lhe que ele precisa ser um homem honrado se ele tiver a chance de crescer até a idade adulta. Pode não ser o correto.

—Eu aprecio seu gesto— E ela realmente acreditava nisso. Ela também poderia ouvir o "mas" que Allie não estava dizendo, porque a mulher estava obviamente lutando contra a sua consciência. Ela trouxe o pensamento às claras. —Mas você não é uma santa.

—Não— Desta vez, quando Allie olhou para ela, haviam lágrimas em seus olhos. —Eu quero que você conheça o meu filho, e se depois disso você ainda quiser ir embora, eu vou fazer isso acontecer.



Ela não era boa em ir embora.

—E se eu precisar de ajuda?

—Eu vou dá-la a você.

—Mesmo que isso signifique ir contra Slade?

Allie demorou um longo tempo para encontrar as canecas no armário acima de sua cabeça.

—Você tem a minha palavra.

Ela empurrou as canecas de cobalto para Jane enquanto ela puxava uma bandeja de plástico em sua direção.

—Você poderia encher essas por favor?

—Quatro? — Encheu os copos —Você está, de verdade alimentando os werewolves.

—Você não tem que fazê-lo soar como se estivéssemos derramando restos aos porcos.

—Eu nunca joguei comida a porcos, você já?

Allie revirou os olhos.

—Você não vai ser tão literal como o Slade, vai?

—Provavelmente— Ela não era a pessoa mais apta socialmente. Allie pegou dois dos copos e colocou-os na bandeja junto com quatro pãozinhos de canela com aparência deliciosa. —Você está realmente dando-lhes isso porque você acha que eles vão ficar quietos?

—Primeiro, eu não sou a única que está dando alguma coisa a eles— Ela empurrou a bandeja nas mãos de Jane. —E em segundo lugar, eu estou dando a eles, porque isso os deixa felizes, e uma vez que eles estão dispostos a dar suas vidas para proteger a mim e aos meus, me parece o mínimo que posso fazer.

Quando ela coloca desta forma... —Oh.

Allie colocou as mãos sobre os ombros de Jane e a virou em direção à porta. Foi um gesto muito familiar para uma estranha. Especialmente para Jane. Sua hesitação interna deve ter comunicado seu desconforto a outra mulher. As mãos de Allie caíram ao lado.

—Desculpe. Caleb sempre me alerta, nem todo mundo gosta de ser tocado.

O que ela deveria dizer em resposta a isso?

—Você não precisa dizer nada. Foi uma declaração de um fato.

Jane se voltou.

—Eu não disse isso em voz alta.

Allie suspirou.

—Mas você estava projetando, o que é tão bom quanto.

Jane se esforçou para manter seu choque suprimido e sua mente em branco. Todos eles podiam ler mentes. Assumindo que Allie era uma vampira.

—Sim. Eu sou uma vampira. Caleb me converteu.

Isso era muito estranho.

—Eu vou dar isso aos guardas.

Ela não podia acreditar que estava fugindo de uma mulher vampira, para dar café e bolos aos guardas weres, porque, de repente, estes pareciam ser o menor de dois males.

—Eu devo estar ficando louca— ela murmurou conforme alcançava a porta. A madeira



maciça, era a última barreira entre ela e seu medo mais recente. Respirando fundo, ela equilibrou a bandeja e a puxou abrindo, deixando-a de frente para dois homens muito bonito. Obviamente gêmeos, com cabelos castanhos, olhos castanhos, os músculos grandes e estilos esportivos com sorrisos maliciosamente pecaminosos.

—Eu trouxe o café de vocês.

O da esquerda pegou a bandeja das mãos dela. Seus dedos roçaram os dela.

—Obrigado.

Sua resposta foi instintiva. Quando ela teria dado um passo para trás, o outro pegou a mão dela. Ele era um bom pedaço mais alto do que ela. Provavelmente mais alto do que Slade. E definitivamente mais classicamente bonito.

—Nós não vamos te machucar.

Eles apenas não eram muito atraentes. Ela deu um passo para trás.

— Isso é bom de se saber.

O da esquerda tomou um gole do seu café.

—Nós nos sentiríamos muito melhor se você acreditasse.

—Por que isso importa?

—Nós gostaríamos de ser considerados.

—Para o que?

—Para o acasalamento— Allie disse, aproximando-se pelo lado dela. —Weres são obcecados com isso.

O da direita lhe chamou a atenção e disse:

—Somente quando há uma mulher atraente ao redor.

Agora ela sabia que eles brincando com ela. Ela parecia exatamente o que ela era: uma pesquisadora mais preocupada com a próxima descoberta do que com sua aparência. Ela não usava nem batom, pelo amor de Deus!

— Jane, permita-me apresentá-la a Travis e Torque McClaren. Dois dos melhores guerreiros de Derek.

—Qual é qual?

O homem à esquerda pegou a mão dela e levou-a à boca. Ela puxou mas ele não a soltou.

—Eu sou Torque.

—O que você vai ser é morto se você não deixá-la ir agora mesmo.

A ameaça de Slade veio diretamente por cima do ombro dela. Como ele conseguiu aproximar-se tão furtivamente por cima dela? Antes que ela pudesse virar a cabeça, seu braço duro veio ao redor da cintura dela e puxou-a de volta contra o seu peito igualmente rígido.

—Ela não carrega a sua marca.

Slade deu um passo atrás na escuridão do vestíbulo, levando-a com ele.

—Ela está sob a minha proteção.

—Ela é uma disputa justa.

—Ela é minha.

A última frase jogou a cabeça dela para trás.



—Como o inferno.

Os irmãos encheram a porta.

—Ela contesta a sua reivindicação.

Cavando com suas unhas no antebraço de Slade, Jane o agarrou para colocá-lo para baixo, apenas para ser empurrada para trás dele enquanto Travis dizia:

—A lei não vê da sua maneira.

Slade inclinou a cabeça para o lado, irradiando desafio por cada centímetro dele.

—Eu pareço muito preocupado com a lei?

—Bem, se você vai ignorá-la...

O weres se incorporaram, enquadrando os ombros, dentes à mostra em uma paródia de um sorriso, revelando seus caninos afiados.

Medo e desespero brigaram pelo domínio dentro de Jane. A exasperação ganhou, porque isto era muito ridículo para estar acontecendo. Aparentemente, os homens eram homens, fossem eles vampiros, lobos ou humanos. Ela olhou para Allie.

—Aquela oferta de café ainda está em aberto?

—Pode apostar.

—Vamos.

—Fique onde está, Jane.

Slade seriamente esperava que ela obedecesse a uma ordem latida por cima do ombro?

—Vá para o inferno.

—Diga-lhe isso mesmo, Jane.

Slade retrucou: —Fique fora disso, Allie.

—Você deve saber melhor o que fazer do que dar ordens à Allie, Slade. Isso apenas faz com que ela faça o contrário.

Caleb saiu da cozinha, vestido com uma camiseta preta e um par de jeans, uma xícara de café na mão.

Jane olhou para a porta. Ele respondeu a sua pergunta silenciosa.

—Eu já estou voltando.

Allie pegou o copo da mão de Caleb, quando ele apareceu ao lado dela, suplantando-a.

—Eu pensei que você estivesse dormindo— disse ela.

—Eu pensei que você fosse deixar isso para mim.

—Seu jeito não vai funcionar.

—Você não sabe disso.

Allie olhou para o conteúdo do copo e sua expressão suavizou. Ela tomou um gole.

—Sim, eu sei.

Slade grunhiu e franziu a testa.

—Mas que tipo de companheiro você é. O café não é bom para ela.

Puxando-a para o seu lado, Caleb deu um beijo no topo da cabeça de Allie.

—Deixe-a ser como ela quer, Slade.

Se Jane não tivesse visto a expressão no rosto de Caleb, ela nunca teria acreditado nisto.



Vampiros podiam amar. Profundamente, porque claro como o dia, Caleb amava Allie.

—Você não vai dizer isso se ela ficar doente.

Caleb deu de ombros enquanto Allie inclinava-se contra ele.

—Você vai cuidar de tudo.

Aparentemente, Slade não era apenas sexy, ele era um fazedor de milagres.

—Mantê-la saudável seria mais fácil se ela não ficasse doente em primeiro lugar.

Allie colocou a mão no peito de Caleb, sua total confiança demonstrada no gesto. Jane, para sua surpresa, sentiu uma pontada de ciúme. A facilidade da interação entre o casal era algo que ela nunca vira, mas com a qual sempre sonhara.

—Eu só peguei um pouco.

—Por que você não vai cuidar de Allie, Slade, e nós vamos entreter a Jane? — Torque ofereceu com uma fala pausada e profunda que transbordava de apelo sexual. Uma sexualidade que para Jane, que era do sexo feminino, não passaria imune.

Slade chicoteou de volta, se aproximando com um rosnado que imediatamente lembrou a Jane de por que ela estava aqui em roupas grandes demais, tentando escapar.

—O inferno que você vai.

Ela deu um passo para trás, mas isso não era bom, porque atrás dela estava Caleb.

Caleb pegou o copo de Allie e tomou um gole enquanto ela observava, fazendo caretas conforme bebia.

—Não sei como você consegue beber isso com todo esse creme e açúcar— Ele indicou o recuo de Jane com uma inclinação do copo. —Você ainda acha que ela não pode ser obrigada?

Allie assentiu e tomou seu café de volta.

—Se ela fosse do tipo que poderia ser obrigada, o Santuário já teria as informações que eles queriam.

A percepção de Allie era tão assustadora como a atitude condescendente de Caleb era aborrecida.

—Você está lendo a minha mente de novo?

—Nada disso. Apenas comentando a obviedade de sua natureza.

Ótimo. Agora ela era óbvia para as pessoas que a tinham sequestrado. Slade se virou. Ela abaixou-se debaixo da sua mão e as esticou em ângulo na direção de Caleb.

—Eu preciso de café.

Pelo canto do olho, ela captou a borda do sorriso de Slade piscando para os weres.

—Eu vou acompanhá-la.

Isso era tudo do que ela precisava, a distração da presença dele enquanto tentava reunir seus pensamentos.

—Não se incomode.

A porta se fechou atrás dela.

—Não é nenhum problema. De qualquer maneira, precisamos conversar.



Capítulo 8

—Para alguém que queria falar comigo, você não está dizendo muito— Jane murmurou três horas mais tarde, enquanto Slade mostrava o caminho através do gramado entre as casas.

—Isso é porque você se esquivou de cada tentativa que eu fiz.

—Você está insinuando que eu tenho evitado você? — Era incrível o quão hipócrita, ela poderia soar.

—Bem, você certamente não veio correndo em minha direção.

—E por que eu deveria? Você me sequestrou.

—Eu resgatei você primeiro.

—Mas agora você não quer me deixar ir para casa.

—Você tem um ponto aí, mas eu também tenho uma boa razão.

Uma razão que eles estavam a caminho de descobrir. Jane continuava dizendo a si mesma que a criança não era seu problema, mas a cada passo que dava pelo chão duro, ela sabia que estava apenas se enganando. Ela tinha um pressentimento de que Slade também sabia disso. O homem parecia entendê-la em um nível que não era confortável para uma mulher acostumada a ser anônima. Por outro lado, em qualquer outra situação, ela poderia ter se esforçado até encontrar uma maneira de achar conforto nela. Pelo menos como um amigo, como ela tinha começado a pensar no Vamp Man. O que só a mandava de volta para a espiral sem esperança do que ela realmente queria versus o que ela deveria querer, em comparação com o que ela deveria fazer.

Ela cerrou os punhos nos bolsos do casaco emprestado. Como diabos sua vida tão cuidadosamente simples tinha ficado tão complicada? A cada passo, as muito grandes calças de moletom, puxavam as pernas dela embolando e fazendo-a tropeçar de volta. Ela não queria fazer isso. Não queria enfrentar seus demônios. Especialmente quando eles se manifestavam no rosto de uma criança.

Ela parou.

Slade se virou.

—O que houve de errado?

—Eu não acho que esteja pronta para isso.

—É apenas um bebê.

—Você sabe que não é apenas qualquer coisa, caso contrário, todos não estariam insistindo para que eu o conheça.

—Bastante justo.

Balançando-se sobre os calcanhares, ela perguntou: —Quão ruim ele está?

Slade olhou para ela, toda a pretensão tinha ido embora. Ela poderia dizer pela expressão em seu rosto que a resposta que ele ia dar a ela era a que ela não queria ouvir. Ela só teve tempo para cavar as unhas na palma da mão, antes que ele dissesse:



—Eu não vou mentir para você. Ele não está bem. Ele tem a aparência macilenta e magra da subnutrição.

—Mas ele come?

—Ele toma mamadeira como um lobo na fome da primavera.

No entanto, ele não ganhava peso. A excitação começava a morder a sua relutância, exigindo que ela investigasse mais. O que seria um erro, porque quanto mais ela falasse sobre qualquer coisa relacionada à sua pesquisa, mais pessoal sua relação com os sujeitos envolvidos se tornava. E quanto mais profunda as falhas, mais ela seria atingida.

A porta da frente da casa principal se abriu. Luz se derramava no quintal em um convidativo tapete de chamas amarelas. Allie estava lá, vestindo a sua esperança em seus olhos. Jane girou nos calcanhares.

—Estou indo dar uma caminhada.

Para seu crédito, Slade não disse o que tinha que estar pensando. Ele não a chamou de covarde. Ele simplesmente olhou por cima do ombro, com aquela expressão no rosto que dizia que ele estava lançando mão da telepatia. Até mesmo a palavra a assustava. Quase tanto quanto o conceito a intrigava.

—Você está falando com Caleb, não é?

—Sim.

Olhando para trás, ela viu o irmão de Slade vir por trás de Allie e por o braço em seu ombro. Entre o discurso de Slade e os posteriores pedidos de Allie, Jane não tinha tido a menor chance a não ser prometer ajuda. Parte dela se ressentia da manipulação. A outra parte estava resignada com tudo aquilo.

—Mande-o dizer a Allie que eu mantenho minhas promessas. Eu estarei de volta. É só que eu...

—Precisa de um minuto— Slade terminou para ela. Ela poderia te-lo beijado por demonstrar tanta compreensão.

Houve um outro segundo de silêncio, e depois Allie levantou a mão e acenou.

Jane sorriu.

—Ela é uma boa pessoa, não é?

—É mesmo— Slade assentiu. —Allie tem princípios. Ela acredita no bom Karma e em manter o equilíbrio.

—Ela diz que não acredita em forçar o correto.

—Não mesmo. Ela e Caleb tiveram problemas com isso quando eles se uniram.

—Você não vai me dizer que ele a arrastou até aqui?

Ele riu e sincronizou o passo ao lado dela. —Não, eu não vou te dizer isso.

—Você não vai me dizer que *ela* o arrastou até aqui? — Ela podia ver um monte de coisas, mas o Caleb de olhar durão como um pacifista? Muito dificilmente.

—Eu não vou te dizer isso, também.

Suas mãos doíam. Abrindo os dedos, um por um, ela aliviou a tensão.



—Bom, porque isso seria um golpe totalmente impactante nas minhas primeiras impressões sobre o homem.

—Tá. Caleb não se dobra facilmente.

Considerando que a impressão de Jane sobre Allie era que ela poderia se dobrar como um salgueiro.

—Eles são muito diferentes, não são?

—Em algumas maneiras. Mas em outras, as mais importantes, eles são muito parecidos. Eles protegem um aos outro, cuidam um do outro— Seu olhar encontrou o dela. —Ambos são boas pessoas. E eles merecem mais do que isso.

E ele queria dar isso a eles. Tornava-se evidente para ela que Slade tinha um senso altamente desenvolvido de responsabilidade.

—Mas isso é o que eles conseguiram.

—Sim. Mas não precisam ter que fazer das tripas um coração.

A frase antiquada a fez piscar.

—Quantos anos você tem?

—Neste século ou no que passou?

Virando-se, ela se plantou sobre seus pés e quadrou os ombros.

—Você está tentando me chocar?

—Só estou tentando amenizar o tema.

—Obrigado— Ele não disse mais nada. Ela olhou fixamente para seus lábios, que eram exatamente como o homem. Sempre tentador e nunca se entregando. Arrancando o olhar de sua boca, ela perguntou: —Como vocês todos passaram a ser vampiros?

—Voltando a mil oitocentos e sessenta e dois, Caleb estava andando e verificando a cerca. Alguém o surpreendeu por trás dos arbustos, um tiro acertou nele, e deixou-o como morto. Uma linda vampira apareceu. Perguntou se ele queria viver. Ele pensou que ela era um anjo e disse que sim.

—Deve ter sido um choque mais tarde, quando ele percebeu que ela não era um anjo.

—Você poderia dizer isso. Aquilo dividiu a família por um bom tempo.

—Foi ele quem o transformou?

—Sim.

—Você pediu que ele o fizesse?

Ele olhou para ela.

—Esta é uma questão delicada e eu aconselho você a não trazer isso à tona muitas vezes, se você sabe o que é bom para você.

Aparentemente, ela tinha nenhuma ideia do que era bom para ela, porque o desejo de lançar-se nos braços do homem e gritar *Tome-me, idiota!* Simplesmente não ia embora. Pelo amor de Deus, ela nem sabia que ela tinha um gene de rameira e agora ele não iria mais ficar quieto.

Ela começou a andar novamente em direção à fileira de casas que se formavam à beira do complexo, a frustração alimentando seus passos. Entre as estruturas dos currais empoleirados. Cavalos ocupavam a maior parte deles. Por todas as indicações, a casa de Slade também era um



rancho de trabalho. Cowboys vampiros? Os fatos iam ficando cada vez mais estranho. Slade manteve o ritmo com facilidade, o que apenas a incomodava mais. Será que ele tem que coincidir com ela em tudo?

—Como eu posso saber o que é bom para mim aqui, onde nada faz sentido?

—Basta seguir minha liderança.

—Você é o homem que está me mantendo refém.

—Eu sou o homem que a mantém em segurança—

—Do Santuário— O místico Santuário maligno, cuja sociedade ela ainda não tinha descoberto o que era. Poderia ser composta apenas dos membros que ela já conhecera.

Seus dedos se flexionaram e sua boca contraiu-se em uma linha reta. —Sim.

—Se você quer que eu acredite, você pode ter que ser um pouco menos... reservado em suas respostas.

—Tudo bem. Não. Nós não pedimos para sermos convertidos, mas sempre foram os Johnsons contra o mundo, desde que nossos pais morreram, então era justo que Caleb nos trouxesse a todos ao invés de seguir sozinho pelo mundo.

Ela parou, plantando os pés de novo, e chamou sua atenção. Ele tinha os olhos mais bonitos, mesmo quando eles estavam estreitados pela cautela.

—Apenas para registro, para que não haja nenhum mal-entendido, eu não concordo com isso. Acho que as pessoas deveriam ter uma escolha. Se eles disserem não, o não deve ser respeitado.

—Você não tem que dizer isso.

Mesmo daqui, ela podia sentir a energia de Slade chegando até ela, e aquela estranha sensação na mente, que ela estava começando a perceber quer era a mente dele tocando a dela.

—Certo. Eu acho que eu tenho. E enquanto ainda estamos no assunto, eu não gosto de você brincando na minha mente como se fosse seu parquinho particular.

—Eu nunca fiz isso.

—Sim, você fez. Você está fazendo isso agora mesmo.

—Eu não posso fazer nada se você se projeta tão forte.

—Tente.

—Eu tento.

Ela enfiou as mãos para trás em seus bolsos.

—Tente mais forte.

—Não é tão fácil quanto parece. Você é muito atraente, e para os vampiros, compartilhar pensamentos com uma companheira é tão natural como respirar.

Lá estava essa palavra de novo. *Companheira*. Como se pronunciá-la explicasse tudo, quando na realidade, tudo o que fazia era complicar as coisas. Ela não era uma mulher estúpida. Ela não engoliu de forma alguma esse discursos de "Estou seguro" que era a imagem que Slade estava tentando projetar. Sob essa lógica calma, havia uma nítida e afiada borda da sua personalidade. Um perigo que apelava à ela de uma maneira que ela pensava que tinha há muito tempo superado.



—Se esforce.

—Considere feito.

Eles alcançaram a margem do jardim. Ela parou e olhou para trás.

—Quem vive em todas essas casas?

—Os McClarens.

—Essas casas estão cheias de werewolves?

—Isso aí.

—E a sua é a única com vampiros?

—Nós não parecemos nos encaixar com os outros vampiros.

—Eu não entendo.

—Vampiros são feitos, não nascem.

Ela abriu a boca. Ele cortou a pergunta com um elevar de sua mão.

—A raridade da existência de Joseph é uma das razões pelas quais Caleb não quer você aqui. Ele é a prova para o Santuário de que os vampiros podem ser concebidos. E se eles descobrirem como ele foi concebido, não haverá uma mulher humana viva que estará a salvo.

Do quê?

—Como ele foi concebido?

—Eu não posso te dizer isso.

—E isto é por causa de algum código secreto entre sequestradores?

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

—Você sabe, você poderia simplesmente decidir que isso são umas férias prolongadas em vez de um sequestro.

Se ela estivesse delirando.

—Umas férias do trabalho?

—Isso.

—Minha imaginação não é tão boa.

—Eu disse a Allie que você se sentiria assim.

—Allie é uma mulher inteligente.

—Ela é. Todas as esposas dos meus irmãos o são.

—Todas? Quantas esposas vivem aqui?

Slade piscou e depois o canto direito da boca subiu em um sorriso enquanto ele percebia como ela tinha tomado a questão.

—Apenas uma para cada. Os Johnsons são muito leais.

—Tenho certeza de que suas esposas estão contentes de ouvir isso.

—Espere até você conhecer Raisa e Miri.

—Quem são elas?

—As esposas dos meus irmãos.

Ela não queria começar esse processo de acolhida com sua família. Ela realmente não queria começar nenhum processo de acolhida, com nada nesta situação. Ela ouviu um relinchar vindo da escuridão.



—Você cria cavalos?

Ele pegou a mão dela e guiou-a para a direita.

—Sim. Alguns dos nossos melhores estão no curral por aqui.

Então aí estava. Ela poderia sentir-se livre fora das barras de um curral e na forma de um banco de madeira. Ela se sentou no banco. Pareceu completamente normal quando ele se sentou ao lado dela e pegou sua mão. Ela tirou a mão e esfregou-a em sua coxa.

—Você ainda não me disse como chegou a viver com lobisomens.

Ele encolheu os ombros.

—Era o mais natural.

—Isso precisa de uma explicação.

—Suponho que sim—. Ele passou a mão pelos cabelos, fazendo com que algumas mechas caíssem sobre a testa. Seus dedos formigaram para empurrá-las de volta. —Nós crescemos no século dezoito. As coisas eram diferentes naquela época. Mais simples.

Ela podia apreciar o apelo do mais simples. Puxando o casaco apertado em torno dela, ela disse: —Estou ouvindo.

—Nós crescemos com as regras que nossos pais estabeleceram para nós.

—Que eram?

—Você deve proteger o que é mais fraco. Você deve manter sua palavra. Você deve ficar com a família.

Jane pensou por um momento sobre o que ela sabia de vampiros. Sobre os poderes que ela tinha os visto exercerem.

—E os lobos vivem por essas regras e os vampiros não?

Slade encolheu os ombros.

—Quando um ser humano se transforma em um vampiro, é como se houvesse uma lei não escrita que não há nada entre você e qualquer coisa que você queira.

—O poder absoluto.

—Isso, e não há nada que corrompa mais absolutamente.

—Mas os lobos não são corrompidos?

—Os lobos são concebidos, não transformados, e eles têm uma sociedade altamente estruturada.

Aquilo fazia sentido.

—Então você está dizendo que todos os vampiros são seres corruptos.

—Não. Eu imagino que haja alguns bons em algum lugar, mas em torno destas bandas, eles devem conseguir lidar com o Santuário ou serem mortos por ele.

—O Santuário não o matou.

—Os Johnsons são difíceis de matar. Além disso, nós cuidamos de nós mesmos.

—Você não incomoda ninguém?



Em pé, Slade pôs o pé em um vão da cerca do curral. Um grande ruano³⁰ veio de imediato e ele abaixou sua cabeça. Ele coçou-o atrás das orelhas.

—Talvez nós tenhamos chutado um pouco forte alguns traseiros do Santuário quando Jace e eles tiveram um mal-entendido, mas depois disso, eles praticamente nos deixaram em paz—. Dando tapinhas no pescoço do cavalo, ele acrescentou: —É claro que, naquela época, eles não eram tão poderosos.

—Quando eles ficaram tão poderosos?

—Cerca de cinquenta anos atrás, quando eles elegeram um novo líder. Cara inteligente. Gênio— Ele levantou uma sobrancelha para ela, puxando um sorriso em sua boca. —Seu tipo.

Como se Slade estivesse devendo alguma coisa no departamento de cérebros.

—E então tudo começou a mudar— Slade continuou.

—Mas eles ainda deixaram vocês em paz.

—Sim. Durante os últimos cento e cinquenta anos, acabamos apenas nos preocupando com o nosso pequeno recanto do mundo, fingindo ser descendentes de nós mesmos, fazendo o que fazemos melhor. A criação de cavalos.

—E o que aconteceu?

—Allie.

—Allie?

—A mulher pode parecer um poço de serenidade mas ela é um inferno de um catalisador.

—Você vai ter que explicar isso.

—Uma outra hora.

O silêncio caiu entre eles. Não era do tipo desconfortável. Mas ela tinha mais perguntas.

—Então vocês juntaram forças com os McClarens porque seus valores correspondem aos deles?

—E porque Caleb salvou a vida de Derek durante o tempo quando ainda estávamos dando cabeçadas juntos, tentando descobrir o que significava ser um vampiro. Para dizer a verdade, eu acho que Caleb estava apenas procurando por uma luta quando se deparou com cinco vampiros contra um were, e ele decidiu testar suas probabilidades.

—Proteger o que é mais fraco.

Slade deu uma risada e um tapinha no pescoço do ruano.

—Não diga isso em voz alta ao alcance do ouvido de Derek.

O orgulhoso não iria apreciar com certeza.

—Vai ser o nosso pequeno segredo.

Ele sorriu e empurrou o cavalo para longe.

—Eu agradeço isso.

—Então, como a chegada de Allie mudou tudo?

—Vince.

—Vince?

³⁰ Ou Ruão. Cavalo de pelagem castanha



—Ele era o líder do Santuário.

—Era?

Ele lançou-lhe um olhar irônico.

—Se você continuar a interromper, eu nunca vou chegar ao final desta história.

—Desculpe. O que aconteceu com Vince?

—Ele sequestrou Allie.

A sentença de três palavras claramente resumia um final muito confuso, ela tinha certeza. Esfregando sua têmpora, ela suspirou.

—Eu acho que estou ficando com dor de cabeça.

Não era uma mentira. A dor de cabeça começara quando ela se afastou de Allie, ao contornar o edifício.

—Você quer que eu continue?

—Sim— Ela precisava saber com o que ela estava lidando.

—Allie ficou grávida e isso abriu todo um mundo de possibilidades para os vampiros.

—Eu não estou conseguindo te acompanhar.

—Os lobos são unificados através de suas famílias e tradições. Abata apenas um deles e verá um mundo de dor vindo em sua direção. Os vampiros são mais capazes de lutar entre si e com isso se dão bem. Suas alianças são de curto prazo e tendem a se autodestruir. Abater algum deles, pode ou não provocar uma resposta, e você nunca pode ter certeza de quem está trabalhando para quem.

—Mas as alianças com os lobos deram certo.

—Lobos são regidos pela família. Não importa o que seja pedido.

Assim como os irmãos Johnson.

—Não admira que você se sentisse tão confortável com eles.

—Exato. Foi mais ou menos como gravitar em torno disso.

—Mas os vampiros querem mudar o equilíbrio de poder?

—Sim. Eles têm um ataque em duas frentes já planejado. Criar suas próprias famílias suplantaria a irritante questão de fidelidade, e ter o controle da vida desde a concepção lhes dará uma vantagem para a sua experimentação genética.

Ela não tinha tanta certeza disso. A natureza tinha uma maneira de jogar bolas curvas³¹.

—Com que finalidade?

—Vince também acreditava nisso, se ele manipulasse a genética das famílias, ele poderia criar o seu super exército.

—Minha nossa, será que os homens nunca vão parar de tentar dominar o mundo e se concentrarem em salvá-lo?

³¹ *Termologia usada no Baseball: uma bola curva é um lance que parece estar se movendo em direção à base principal, mas na verdade está indo vários centímetros para baixo e para a direita ou a esquerda. Obviamente, um lance de bola curva será mais difícil de acertar do que um de bola rápida, que vai em direção reta. No texto é uma gíria para dizer que imprevistos acontecem, mesmo quando parecem absurdos.*



—Não é provável. Sendo a natureza humana como é, sempre vai haver alguém que vai querer tomar o que outro alguém tem. Nós somos um bando de aventos. A tecnologia só torna mais fácil ser mais criativos, sobre como você pode avançar sobre o próximo.

- Eu suponho que você está certo. Ainda é deprimente, no entanto.

—Vou concordar com isso.

A pressão na cabeça evoluiu para uma dor aguda. Ela estremeceu e olhou para a casa principal por trás deles. Ela brilhava como um farol com todas as luzes no prédio acesas.

—Você está pronta para voltar?

Ela adivinhou que ela estava. Ela tomou a mão que ele estendeu e se levantou.

—Sim.

—Bom, porque Caleb esta me dizendo que Allie está prestes a sair de sua pele.

Jane estremeceu.

—Eu não quis ser tão cruel.

Ele apertou a mão dela. Um arrepio subiu-lhe pelo braço.

—Eu sei. Você tem seus demônios e Allie tem os dela.

—Os meus estão mortos— Ela começou a andar, voltando as costas para o caminho de onde ela vinha. Jane não conseguia afastar a sensação de que ela estava caminhando para um fracasso. Um olhar por cima do ombro revelou Slade, de pé, onde ela o deixou, um homem duro tomando decisões duras em tempos difíceis. Não importa como ela se sentia sobre essas decisões, ela não tinha dúvida de que ele estava fazendo o que ele achava que era certo. —O quê?

—O que importa é que você tente.

Ela balançou a cabeça.

—Não. Isso não é verdade. Você precisa que eu seja bem sucedida.

Ela esperava. A fórmula funcionou com ratos com vários tipos de intolerâncias alimentares específicas, permitindo-lhes prosperar em alimentos que normalmente não conseguiriam comer. mas não havia garantia de que ela iria funcionar com os humanos. Ou vampiros. Ou uma mistura dos dois. Com uma mão trêmula, ela afastou os cabelos do rosto.

—A esperança dura para sempre.

—O mesmo acontece com o fracasso.

Entre um piscar e outro, Slade estava ao seu lado.

—Bem sucedida ou não, você não tem nada a temer.

—Por que você acha que eu sou sua companheira? Uma grossa capa de beatitude que a cobriria quando ela confrontasse a ira dos pais vampiros em luto.

—Não— O braço de Slade veio ao redor de seu ombro, puxando-a para seu lado. Virando de lado seu grande corpo para protegê-la do vento, ele inclinou seu rosto para cima. Seus olhos pareciam tão escuro como a noite sob a aba do seu chapéu. —Porque eu vou te proteger.

Alguém teria que fazê-lo, ela decidiu, porque ela tinha, obviamente, perdido o juízo.



Jane pensava que tinha se preparado para a visão do bebê, mas quando Slade parou do lado de fora de uma porta que dava para uma sala no andar de cima, ela sabia que não estava nada pronta. Ela respirou fundo.

—Ele está lá dentro?

—Sim.

Ela estendeu a mão para a maçaneta. A mão de Slade cobriu a dela.

—Só um minuto.

—Um minuto não vai mudar nada.

—Eu discordo. Um minuto pode tornar as coisas muito mais suportáveis.

—O que em toda a terra poderia tornar mais suportável a visão de um bebê morrendo?

—Isto.

Isto eram seus dedos deslizando por trás de sua cabeça. Sua outra mão curvada em torno de sua cintura, levantando o corpo dela contra o dele. Peito contra peito, quadril contra quadril. Corações batendo um contra o outro. Seu cheiro a cercava. A respiração dele acariciou sua boca. Seu olhar preso no dela.

—Você vai me beijar... — A conscientização saiu em um suspiro suave.

—Sim.

—Agora não é hora para isso.

Ele se inclinou mais para ela.

—Agora é o momento perfeito.

Talvez ele estivesse certo, ela pensou, unindo as mãos atrás do pescoço dele. No mínimo, ele estava adiando o inevitável.

Ele se inclinou para mais perto. Ela estendeu-se. Ele estava definitivamente certo. Este era um momento perfeito para isso. Ela poderia beijá-lo agora, enquanto a esperança florescia não contaminada pela derrota e a deixaria com uma memória para saborear. A maneira como ele tocou sua boca foi a forma para deixá-la saber que ele não era um amador. A maneira como ele a segurava disse-lhe que seu primeiro beijo importava para ele.

Suave e doce, era um começo maravilhoso para a construção do calor. A cabeça inclinada, os lábios entreabertos. Ao invés de tomar sua boca, ele incentivava a paixão crescente, dirigindo-a lentamente para aquele torvelinho, como se ela fosse mais do que um meio para um fim, criando a ilusão de que ela importava como uma mulher. Tão tolo quanto essa noção era, pois o homem estava apenas tentando garantir sua cooperação, ela estava se prendendo a ideia, porque ela queria ter essa memória. Neste momento. Quando tudo era mau, ela queria recordar este primeiro beijo entre eles e sorrir.

Separando seus lábios, Jane descobriu que Slade tinha um sabor tão maravilhoso como seu cheiro. Limpo, masculino, e selvagem. Quando sua língua traçou o contorno dos seus lábios, ela respondeu separando os dela mais largamente, convidando-o, acolhendo tudo o que ele queria fazer-lhe, incapaz de conceber a ideia de fazer menos, querendo toda a selvageria que ele prometeu. A paixão. A perda de si mesmo. Ele era perfeito. Tão perfeito.



Alguém limpou a garganta. Ela pulou. Slade puxou-a para mais perto, não deixando-a ir, continuando o beijo, porque ele queria ou não conseguia parar. Ela não se importava com qual das duas opções, apenas enquanto ele não afastasse sua boca da dela, porque nada seria tão perfeito entre eles novamente.

Aquela garganta pigarreou novamente.

Ela tinha que parar. Eles não estavam sozinhos. Mas ainda assim ela não poderia obrigar-se a se afastar de Slade. *Como ele fazia isso comigo?* Colocando as palmas das mãos sobre o peito dele, sentindo as batidas do seu coração, ela empurrou.

Slade suspirou e descansou sua testa contra a dela. Ele soprou. Ela respirava nele, levando-o mais profundo em uma intimidade silenciosa.

—Porque eu quero.

Ela não se perguntou se ela havia projetado ou se ele havia roubado seu pensamento. Realmente não importava agora. Foi apenas a resposta que ela queria ouvir. E aquilo sempre a fazia sorrir.

—Eu odeio interromper— Caleb disse, —mas Allie está começando a ter câimbras musculares.

Mais uma vez, a pontada de culpa. E, novamente, Slade estava lá confortando, massageando os músculos de suas costas como se ele a entendesse. Jane fingiu que ele realmente o fazia. Porque isso a fazia se sentir melhor.

Forçando um sorriso, ela andou, passando por Caleb.

—Bem, não vamos mantê-la esperando por mais tempo.

A decoração do berçário tornou sua entrada agridoce. Paredes pintadas de amarelo brilhante como o sol, subiam para se misturar com o teto céu azul que surgia através de uma névoa branca entremeada de nuvens. Uma pequena e delicada escultura de um bebê flutuando sobre uma lua, pendurada logo acima do nível dos olhos. Inocência. Esperança. Todas as coisas que um bebê vampiro nunca veria. Tudo pelo o que Allie desistira para estar com Caleb. Jane esperava que o homem valesse a pena.

—Parece meio bobo, hein? Dar a uma criança vampira a impressão da luz do sol?

Trazendo o olhar para baixo, Jane viu Allie sentada perto da janela em uma cadeira de balanço alimentando um bebê com uma mamadeira. Ela rapidamente desviou o olhar.

—A luz do dia é parte de quem você é. Ou costumava ser. Mas eu concordo. As crianças devem saber de onde seus pais vieram.

—Isso é o que Caleb sempre diz.

Jane deu uma encarada. Caleb ficou a meio caminho na sala, os braços cruzados sobre o peito, os olhos atentos.

—Seu marido é um homem inteligente.

E um homem muito protetor também. Arrepios percorreram seus braços. Jane não tinha dúvida de que ele a mataria se achasse que ela feriria Allie ou seu filho. O filho que ela já não podia evitar olhar. Mesmo a partir de onde ela estava, ela podia ver a magreza reveladora de seu rosto, conforme ele sugava da garrafa. Outros rostos passaram diante dos olhos de sua mente.



Peles mais escuras, mas não menos desesperados. Crianças que precisavam dela. Crianças a quem ela havia prometido ajudar.

Respire, doçura.

Slade. Em sua cabeça novamente. Ela desejava saber como expulsá-lo. Ela desejava saber como parar de ver os fantasmas do seu fracasso.

Sem chance.

Allie puxou o cobertor para longe do rosto de Joseph. Jane se forçou a concentrar-se em Joseph, que chupava a mamadeira como se tivesse sido privado de alimentos por uma semana.

—Quando foi a última vez que ele comeu?

—Cerca de duas horas atrás.

Havia uma segunda mamadeira apoiada ao lado da cama.

—Ele vai comer tudo isso?

—E então mais algumas.

—E ele estará com fome de novo, quando?

—Em cerca de duas horas.

Eram apenas perguntas de rotina que ela fazia automaticamente. Slade não era um homem de ignorar o óbvio, e ele a informou em detalhes.

—Você tem certeza de já ter descartado parasitas.

—Foi a primeira coisa.

Esse nível de consumo estava longe de ser normal. Mesmo para um bebê vampiro, ela suspeitava. Um bebê comendo desse jeito deveria ter as bochechas rechonchudas e estar sorrindo satisfeito. Ele não deveria estar definhando. Jane estudou o bebê. Ela podia ver a influência Johnson em seu rosto, mas havia também traços de Allie na forma de seus olhos e na plenitude de seus lábios. Aquilo não fazia nada para reduzir as cavidades que afundavam e que o faziam parecer um enrugado ancião.

—Ele se parece com vocês dois.

Allie sorriu.

—Eu gosto de pensar nele como o melhor de nós dois.

Joseph terminou a mamadeira. Allie o colocou por cima do ombro e acariciou suas costas. Ele deixou escapar um arroto alto o suficiente para abalar as paredes.

Todo mundo sorriu, exceto Jane. Excesso de gases poderiam ser um sintoma.

Jane estendeu as mãos.

—Posso vê-lo?

—Claro— Allie ficou de pé e colocou Joseph na cama. —Ele é um bebê tão bom, não é mesmo, querido? — Ela murmurou, enquanto abria o cobertor. O olhar que ela lançou a Jane disse que mais do que o seu cantarolar. Allie queria que Jane soubesse que o seu filho era amado antes que ela o desembrulhasse. Ela estava com medo da reação de Jane.

E com razão. Com cada camada de cobertor que ela descascava para longe, mais da condição do bebê era revelada. Ele estava muito longe do bom. Tão longe que, provavelmente apenas sua genética vampiro o mantinha vivo.



Apenas porque Allie estava esperando e sua ansiedade era tal que Jane poderia senti-la, ela olhou para além da aparência subnutrida que a criança demonstrava, e disse:

—Ele é lindo.

A mentira não reduzir o impacto da devastação que a fome tinha feito ao seu corpo. Mesmo que ele não fosse humano, o bebê não merecia isso. Nada merecia isso. Mas isso não era uma fome causada pela política. Esta era a Mãe Natureza em um chique, e como resultado, Joseph era uma criança de aparência patética, com pernas finas e abdômen inchado. Todos os sinais clássicos da inanição. Ela tinha visto isso muitas vezes. O estômago distendido, as bochechas afundadas, a miséria abjeta, mas cada novo confronto sempre a abatia como um soco no estômago. Muitas vezes, ela tinha tido a chance, tentado combater e chorado junto à sepultura, quando tinha perdido.

Seu pé se contraiu em uma tentativa de chute que ele não tinha força para fazer.

—Que idade tem ele?

—Três meses.

Três meses e ele não estava nem mesmo do tamanho de um recém-nascido saudável. Tocando seu dedo no dedão do pé de Joseph, Jane perguntou a Slade.

—Quais testes você já fez?

—Tudo que eu consegui pensar. Eu gravei os resultados.

—O que você achou?

—Nada do que possa fazer sentido.

—E você acha que eu posso?

—Acho que alguma coisa nessas impressões fará muito sentido para você.

—O que faz você pensar isso?

—Por causa do que eu já vi de sua pesquisa.

Ele não tinha visto muita coisa. Ela tinha se assegurado disso, o que significava que ele tinha que estar exagerando.

—O quê? Hackeando meus computadores não conseguiu resolver todos os seus problemas?

—Por quanto mais tempo você pretende guardar rancor sobre isso?

Ela fez cócegas na parte inferior do pé do garoto. Nenhuma reação. Um recém-nascido deveria chutar seu pé para longe, indicando a resposta normal do cérebro e dos nervos.

—Você violou a minha privacidade— Seu espaço interior, onde ela nunca deixava ninguém interferir.

—Vasculhei em seu arquivo de trabalho. Eu não te estupro.

Ela se sentiu como quando descobrira a invasão.

—Conseguir o meu perdão vai lhe tomar algum tempo.

—Merda.

Um arrepio levantou a pele do garoto. Allie pegou-o, abraçando-o contra o peito protetoramente enquanto Caleb vinha por trás dela. Seu pé balançava a cadeira de balanço, estabelecendo um movimento. Ela balançava no vazio. Perdiam a esperança em uma sala refletindo a luz solar. *Oh, droga.*



—Você vai ajudar? —Allie perguntou em um sussurro carregado de tensão.

Como ela poderia? Como poderia não fazê-lo? Ela olhou para a cadeira de balanço. Havia algo tão triste sobre uma cadeira de balanço vazia. Cadeiras de balanço foram construídas para serem calmantes, vinculantes. Ela se lembrou de como Allie parecera enquanto alimentava seu filho. Tão feliz. Tão plena. Por um breve momento, enquanto mãe e filho balançavam juntos, houvera beleza. Nenhum desespero. Simplesmente amor. Mas muito em breve o balanço da cadeira pararia e seria para sempre.

Se alguém não fizesse algo.

O pânico se misturou em suas entranhas. Suor irrompeu em sua pele. O braço de Slade veio mais uma vez ao redor da cintura dela. Forte, solidário. Ela lambeu os lábios ressecados. A cadeira de balanço moveu-se uma última vez antes que se acomodasse em silêncio.

Ela sussurrou: —Sim.

Capítulo 9

A mulher aceitava riscos.

Slade admirava a elegância dos esbeltos quadris e coxas de Jane enquanto ela atravessava o complexo em direção ao laboratório. Ele catalogou esse aspecto inesperado de sua personalidade, surpreso com sua reação. E ela era leal. Ele não esperava esse tipo de lealdade de uma mulher como ela. Ele tinha contado com seu medo provocado pelo instinto de sobrevivência, quando ele ficara inconsciente depois de ser posto na caixa, tinha tomado conforto no fato de que ela estaria a quilômetros de distância antes do Santuário encontrá-la. Ele tinha toda a intenção de encontrá-la novamente, mas queria que ela estivesse segura. Em vez disso, ela optou por ficar e protegê-lo quando ela pensou que o perigo estava se aproximando. Não só a mulher assumia riscos, ela também tinha uma coragem insensata.

Jane chegou à deprimente entrada da frente para o laboratório e se virou.

—É isso?

Seus olhos eram muito azuis no brilho fraco da luz de segurança, o que destacava a delicadeza das maçãs do rosto sob a beleza de sua pele pálida. Um golpe da pesada mão do Santuário e seus ossos seriam estilhaçados. Um rasgo das garras do Santuário e sua carne seria arrancada de seus ossos. Mas ela ficou, colocando o corpo pequeno, frágil, humano contra horrores que ela não podia compreender. Para salvá-lo. Ele fechou os olhos e respirou fundo para tentar equilibrar a raiva que ameaçava transbordar. O cheiro dela invadiu seus sentidos, estabelecendo-se ao longo de sua necessidade dela, revestindo-o com determinação. Ele nunca iria deixar nada acontecer com ela por causa dele. Nunca.

—Slade?



Ele abriu os olhos, sabendo que eles estariam brilhando pela maneira como Jane encolheu-se contra a porta. Ele não se importava. Um pouco de medo do poder de um vampiro seria bom para ela.

—Da próxima vez que eu lhe disser para correr, você corre. Não importa o que.

As palavras saíram praticamente em um rosnado. Ela empurrou a porta, os seios roçando seu peito enquanto ela ia de igual para igual com sua agressividade.

—Você não me diga o que fazer— Uma punhalada de seu dedo no peito dele pontuando a declaração. —E eu vou agradecer-lhe por se lembrar disto.

O desejo agora se expandia junto com a raiva, afastando a preocupação. Ele deu um passo a frente e empurrou-a de volta contra o metal frio da porta.

—O inferno que eu o farei. Você está nas minhas terras.

—E você está no meu espaço—. As palmas das mãos sobre o peito dele se achatando. — Para trás.

Segurando a maçaneta da porta, alinhando o seu antebraço sobre a superfície plana, ele sorriu sarcasticamente, a imagem do que poderia ter acontecido com ela não deixava sua mente.

—Obrigue-me.

—Você acha que eu não consigo?

Os músculos de suas coxas deliciosamente tenso contra as dele.

—Você está convidada a tentar.

Inclinando-se, ele dobrou os joelhos ligeiramente, assim seu tronco se encaixava ao longo do comprimento dela. Suas curvas muito bem aconchegadas às cavidades de seu corpo. O sopro de ar que ela lançou de surpresa, refrescou sua garganta e estremeceu as terminações nervosas dele.

—Mas acredito que não vai fazê-lo muito bem.

—Quer apostar?

Um desafio em meio ao medo. A mulher tinha estilo. Slade sempre quis saber sobre o fascínio de seus irmãos por suas esposas, mas vivê-lo em primeira mão com Jane, ele não sabia como Caleb manteve as mãos longe de Allie pelo tempo que ele tinha feito, como Jace tinha sofrido a perda de Miri, e agora ele compreendia totalmente como o amor de Jared por Raisa fez anos de ódio desaparecerem como água debaixo da ponte. Havia algo de purificador em encontrar uma companheira. Algo que limpava toda a sujeira e tornava a ordenar e centralizar todas as prioridades. Um pensamento ilógico para um homem muito lógico.

Acariciando seu rosto com as costas do seu dedo, ele murmurou.

—Mas no final, quando se tratar de coisas que você não entende, é assim que vai ser.

—Então é melhor você ficar muito bom em explicações durante o voo.

Ele não podia deixar de rir. A mulher agia como se segurança fosse tudo que ela queria, mas quando confrontada com o apoio ou quando desafiada, ela se levantava. Como o fez agora. Assim como faria qualquer Johnson. O que a fazia quase perfeita. Exceto pelo fato de que ela era humana e ele era vampiro e sem conversão não teriam um futuro juntos, mas essa diferença crítica não evitou que Slade continuasse a querer envolver seu cérebro, ou seus lábios. Os macios, flexíveis lábios que queimavam o desejo pelo proibido em sua alma. Ele queria queimar



novamente. Ele por ela. Ela por ele. Podia ser que nunca fosse realidade, mas neste momento, antes que ele a perdesse para a pesquisa esperando além daquela porta, ele queria a ilusão.

Ele levantou o queixo dela.

—O que você está fazendo?

—Se você não sabe, eu acho que perdi minha técnica.

Ela revirou os olhos, provocando nele um sorriso genuíno.

—Agora não é hora de beijar.

—Diga-me uma hora melhor.

Sem hesitar, ela respondeu: —Em minha varanda depois de um jantar íntimo em um restaurante conhecido por sua maravilhosa mousse de chocolate.

Ela o tinha pego. —Pelo inferno, que isso realmente seria melhor.

—Então, vamos começar.

Com uma leve pressão de seus dedos ele puxou-a mais perto. Muito perto.

—Ainda não.

Com outro rolar dos olhos, ela murmurou:

—Um beijo é apenas um encontro de bocas. Não prova nada e desperdiça tempo.

—Há sempre tempo para um beijo.

—Você está de volta àquele tema de acasalamento novamente? Um homem inteligente como você tem de perceber que casais predestinados não faz qualquer sentido.

—É— Ele empurrou uma mecha de cabelo para longe de seus olhos, saboreando o ondular em sua energia quando sua pele roçava a dela. Ela estava tão consciente dele quanto ele estava dela. —Não faz sentido algum.

—Eu não gosto quando você está assim.

A testa dela afundou em uma carranca. Ele alisou o polegar sobre as pregas entre as sobancelhas, observando a pele relaxar, escondendo a verdade em seus olhos. Ele era um otário para o impossível.

A primeira provocação sutil de seu desejo deslizou sobre ele.

—Sim, você gosta.

Empurrando-a contra seu peito, ela resmungou: —Não deste jeito.

O protesto tímido teria sido mais convincente se ela não tivesse parado de empurrar, não tivesse deslizado as mãos sobre os ombros dele, não tivesse curvado as pontas dos dedos, não tivesse puxado ele um pouquinho na direção dela. Não tivesse roubado a última de suas boas intenções.

—Oh sim, especialmente desse jeito.

—Isso é contrário de...

Não, isso era uma traição do que deveria ser, do que poderia ser, mas era o que ele tinha e ele estava malditamente doente de não ter nada, exceto equipamentos de laboratório em suas mãos.

—Não, doçura. Somos nós.



E isso não era bom. Mesmo que ela fosse um daqueles raros seres humanos que poderiam ser convertidos, ele não faria isso com ela. Ele havia prometido.

Slade mandou o pensamento para longe, antes de mergulhar a boca para Jane, sentindo, mesmo antes que sua boca tocasse a dela, a sua paixão tentando alcançar a dele, puxando-o mais próximo, tomando-o mais profundo. Aquilo era o que era, e era muito fácil tirar proveito do protesto, que a fez abrir seus lábios, para deslizar a língua entre eles, saber que o seu desejo se misturava perfeitamente com o dela. Saber que, com a menor pressão de sua mente, ele poderia ter o que queria. Sua concordância. Sua obediência. Toda ela. A mordida das unhas na nuca dele picava em um convite erótico. Inferno, ele não era um santo. Ele tomaria isso.

—Slade.

Ele aceitou com um rosnado baixo. Ela respondeu com um gemido trêmulo. Passando a mão na cintura dela, ele a puxou mais apertado em seus braços. Um pico de paixão e medo inundavam seus sentidos, faíscas pulavam dela para ele em uma demanda por mais. Ele deu isso a ela, abrindo sua mente para a dela. Cílios voaram contra o seu rosto, seus músculos apertados. O medo se intensificava. Era muito. Era demais para ela. Ele teve que recuar. Longe de toda aquela feminina doçura, longe de toda aquela conexão que era muito mais profundo do que o físico.

—Você está com medo.

—Não do sexo. Sexo é fácil. É o que vem depois que é difícil.

—Então, não pense no depois.

Durante dois batimentos de coração a tensão permaneceu, mas depois ela relaxou no beijo, sua língua encontrando a dele, brincando, acariciando, incentivando. Ele rosnou novamente quando seu pé esfregou a sua panturrilha. Inferno, ele pensara aquele *não pense* ou ele projetara isso? Merda, acaso ele se importava mesmo?

Segurando a parte de trás de sua cabeça na mão, ele sustentou-a junto a ele, o poder de sua atração. Ele não iria assustá-la, mas ele não iria deixá-la fugir, tampouco. Isto era eles juntos. Turbulência. Calor. Incerteza. Não tinha nada a ver com a lógica, mas ainda assim era bom.

As unhas de Jane cavavam em seu peito, pequenas marcas potencialmente eróticas. Dentro dela, a tensão aumentava. Um pensamento penetrou o turbilhão de emoções esmurrando dentro dele.

Não posso respirar.

Gemendo, ele libertou sua boca. Ela precisava respirar. Ele poderia dar-lhe um momento para recuperar o fôlego. Havia outros prazeres que ele poderia satisfazer. Como explorar a cavidade lisa abaixo de sua orelha. Seu aroma era mais forte ali, sustentando a mais leve sugestão de seu perfume favorito, uma mistura picante de floral e canela. Inalando, tocou com sua língua sobre o ponto do pulso, acrescentando o seu sabor a mistura que se afundava em seus ossos com aquela sensação particular de certeza que só vinha com ela. Ela pulou.

—Calma garota. Isso é o certo.

—Deixe-me ir— ela engasgou, mesmo enquanto suas unhas ainda estavam fincadas em seu peito, no rastro do erotismo inconsciente conforme ele tomava o lóbulo da orelha dela entre os dentes e mordia suavemente.



—Você realmente não quer que eu a deixe.

—Isso é uma coisa incrivelmente arrogante de se dizer.

Não havia um pouco mais de força em sua voz. Ela realmente não entendia os vampiros.

—Eu posso sentir suas emoções, doçura. Eu sei o quanto você está antecipando a sensação da minha boca na sua.

Ela ficou rígida entre seus braços e se preparou contra ele.

—Pare.

Ele não queria parar. Aqui no abraço frio da noite, ele queria empurrar o colarinho da sua camisa para fora do caminho, arrancar os botões de sua blusa, expor aqueles seios aos seus olhos, a sua boca.

—Eu estou avisando, Slade.

Mesmo o humano rosnado dela lhe pareceu sexy.

—Mais uma pulegada e você nunca mais vai me beijar de novo.

Ele parou imediatamente, dividido entre risos e um gemido. Ele descansou sua testa contra a dela.

—Inferno, doçura, isso não é justo, sacar uma arma tão grande e ameaçadora assim.

—Eu estou falando sério.

—Eu posso ver isso— E era por isso que ele colocou alguns centímetros entre eles, ocultando seus desejos vampiros, tentando fazer algo que ele não tinha feito há muito tempo. Exercitar o conceito humano de ter limites. —Estou mais curioso para saber o porquê.

—Porque, primeiro eu não estou aqui como uma espécie de fonte de emoções indireta, para os outros homens tomarem e se distraírem.

Ele olhou pelo canto do olho. Merda, havia lobos assistindo. Não com o desejo indireto que a preocupara, mas com a diversão de uma espécie que considerava a descoberta de um companheiro, como um dos momentos mais perfeitos na vida de um homem e eles pegariam leve com ele, em consequência.

—E, segundo?

Tão firme que nem um movimento de chicote faria o olhar de Jane recuar do seu, ela disse:

—Eu não gosto de ser forçada.

—Bom, porque eu não acredito em forçar mulheres.

—Então o que você chama o que aconteceu entre nós agora?

Seus lábios estavam rosados por seu beijo, sua respiração ainda presa, e as pupilas dilatadas e ela ainda tinha que perguntar?

—Desejo.

A segunda sílaba sequer tinha passado por sua língua antes que ela estivesse sacudindo a cabeça.

—Eu não sou assim.

Não importava o que tinha sido antes. Apenas o que era agora.

—Talvez não com os outros.



Ela piscou para ele, pressionando os lábios em uma linha fina. O cheiro de medo tingia o ar. Não o aroma árido liberado pela adrenalina, mas o tipo que dizia que a assustava que ela se sentisse assim a respeito dele. Bom. Ela deveria ter medo. Ele agarrou a maçaneta da porta.

Ele enviou uma sequência de pulsos de energia para a fechadura da porta. O bloqueio cedeu e a porta se abriu. Ele a pegou quando ela tropeçou para trás.

—Que parte te incomoda mais, estar fora de controle, ou estar fora de controle comigo?

Após uma pequena pausa, ela puxou seu casaco firmemente em torno dela e virou-se, a cabeça erguida, os ombros retesados, e entrou no laboratório.

—Ambos.

Os lobos riram. Slade os dispensou antes de segui-la, um sorriso puxando seus lábios. Pelo menos ela foi honesta.

Honestidade era a única coisa pela qual Slade tinha que ser grato pela próxima hora. Jane dentro de um laboratório era diferente da Jane fora do laboratório. Jane no laboratório era confiante, particularmente poderia-se mesmo dizer, compulsiva, em sua necessidade de ordem.

Ela apontou para a esquerda.

—Isso precisa estar lá.

Não havia absolutamente nenhuma razão para a geladeira estar em qualquer lugar, exceto onde ela estava. Mas, novamente, não havia qualquer razão para que as dez outras coisas fossem por ela declaradas inadequadamente colocadas e precisassem ser removidas, que não a mera vontade de Jane.

—Por quê? — Ele fez a pergunta mais para tirá-la fora de seu foco único, do que por qualquer outra preocupação real. Ela quase não poupou-lhe um olhar enquanto se virava e estudava o laboratório. Sem dúvida, à procura de algo mais para mover.

—Porque faz mais sentido.

—Claro.

Jane deu a volta, estreitando os olhos.

—Isso foi sarcasmo?

Slade se dobrava e desconectava a unidade de refrigeração.

—Legal da sua parte você perceber.

Seus olhos se estreitaram ainda mais.

—Isso definitivamente foi sarcasmo.

A unidade com rodas deslizou facilmente em todo o piso de cerâmica lisa.

—Pode ser porque eu estou irritado.

Ele teve que mudar a estação de trabalho para poder encaixar na unidade. Metal guinchou contra azulejo conforme ele dava-lhe um empurrão.

—Por quê?

A forma como os braços dela estavam cruzados sobre o peito claramente diziam que ela sabia o porquê. A unidade de refrigeração se encaixava perfeitamente no espaço.



—Porque eu estou sendo indulgente com você.

—Eu te disse que eu sou minuciosa sobre o meu laboratório.

O plugue estava sob a mesa ao lado. Ele teve de se inclinar de forma a obter o ângulo correto para inseri-lo.

—Mas este é o meu laboratório.

Ele olhou para cima a tempo de pegar um lampejo de algo em sua expressão. Um segundo depois, a emoção derramou-se nele em uma súplica silenciosa. Pânico?

Ela lambeu os lábios.

—Não posso trabalhar no caos.

Ele era pormenorizado, também, e nada em seu laboratório estava em desordem.

—E eu também não.

A concordância dele não a relaxou em nada.

—Eu tenho que ter as coisas em ordem.

Aquela emoção ainda estava batendo contra a dele. Ele deu um passo em sua direção.

—Eu te disse, eu te darei qualquer coisa que você queira.

Ela balançou a cabeça.

—Para salvar seu sobrinho.

—Eu não me lembro de ter qualificado qualquer condição.

Ela jogou o queixo para cima.

—Eu quero a minha liberdade.

Ela ainda estava saindo de sua pele. Dar aquele beijo poderia ter sido um erro.

—Não.

—Veja, aí estão os limites.

Para o quanto ela poderia tomar. Ele entendeu isso. Outro passo, e aquele ir e vir de emoção ficou mais forte. Ela estava com medo. Ela queria conforto, mas não queria expor a vulnerabilidade que a deixava tão nervosa. Ele pegou a mão dela enquanto ela recuava.

—Não, mas talvez eu devesse ter acrescentado uma condição ou duas— Um puxão e ele tirou-a de perto da pilha de provetas esterilizadas. —Cuidados para compartilhar o que tem sob o laço de sua calcinha?

—Eu apenas gosto de ordem.

—Vou aceitar isso como um não.

Ela molhou os lábios.

—Eu preciso do laboratório organizado para poder trabalhar.

—Eu pensei que era isso o que estávamos fazendo.

Ele puxou novamente. As pontas dos seus tênis bateram contra o pé de suas botas. Ele deslizou a mão pelo braço dela. Jane não abriu a distância, mas a expressão no rosto dela flutuava entre indignação e necessidade. Dobrando seu braço ao redor de suas costas, Slade puxou-a para a frente até que ela se inclinou contra seu peito.

—Eu sou um adulto perfeitamente competente.

—Uh-huh.



Ele roçou os lábios na parte superior da cabeça dela, notando que mesmo enquanto ela estava rigidamente em seus braços, ela não estava se afastando.

—Eu não preciso ser mimada.

—Eu sei disso.

—Então por que você está...

—Abraçando você?

—Sim.

—Talvez porque eu precise ser mimado?

Sua resfolegar foi eloquente. Enfiando os dedos através dos fios de seda do cabelo dela, ele especulou: —Talvez eu só esteja dando desculpas para abraçá-la.

—Por quê?

O imediatismo da pergunta lhe pareceu significativo.

—Porque você é a coisa mais sexy que eu já vi, e você tem a mente mais fascinante também.

—Você acha que eu sou sexy?

Aparentemente, seu brilhantismo era um dom, mas seu apelo sexual ainda faltava ser descoberto.

—Muito sexy.

Não houve o menor movimento de sua cabeça, mas depois ela apoiou sua testa contra ele tão naturalmente como um suspiro.

—E os homens pensam que os vampiros são carentes?

Enrolando o punho com seus dedos em seus cabelos, Slade levou seu rosto para cima.

—Qualquer homem iria atribuir à sua estrela da sorte em tê-la em seus braços. Você sabe disso e eu sei disso, por isso não comece a brincar desse jogo comigo.

—Se este fosse um jogo, as regras seriam que não sou a primeira escolha da maioria dos homens.

—Bem, você pode se considerar na lista das altamente desejadas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana a partir de agora em diante.

Esfregando sua testa e para frente e para trás, ela suspirou.

—Alguém já disse que você está louco?

—Uma ou duas vezes.

Ela lambeu os lábios.

—Acaso eles já mencionaram que você tem a paciência de um santo?

Com outro roçar dos lábios em seu cabelo, Slade afastou Jane um pouco.

—Talvez eu esteja apenas usando você como minha cobaia.

—Minha nossa, isso é você fazendo experiências?

—Não fique tão chocada.

Ela deu um passo para trás. Muitas emoções estavam vindo para ele muito rápido, para que ele separá-las. Ele não teve problemas em ler a sua raiva, no entanto.

—Eu odeio os homens que são bons em tudo.



Estendendo a mão, ele bateu em uma prateleira de provetas com fingida falta de jeito. Ela quebrou com aguda estridência.

—Pronto.

Jane olhou para ele, e então para os cacos no chão, e depois de volta para ele.

—O que é que isso prova?

Ele não desviou o olhar.

—Que eu não sou perfeito.

Nem ela. —Talvez fosse melhor se você fosse.

Ele não tinha uma resposta para isso.

—Onde você conseguiu esse sangue? — Jane perguntou, olhando por cima do microscópio.

Slade parou de procurar no arquivo para ver de qual lâmina ela estava falando.

—É o sangue de Joseph.

—O outro sangue é de seus pais?

—Sua mãe e pai, exatamente como está rotulado.

—Isto não é como qualquer outro sangue que eu já tenha visto. Há coisas ali que não deveriam estar.

Ele suspirou e tirou uma pasta.

—Só se você estiver partindo do pressuposto de que estas são amostras humanas.

—Este sangue é semelhante ao humano, mas tem algumas importantes diferenças em nível de espécies.

Ele foi tentado a esticar suas presas. Em vez disso, ele sorriu um sorriso que pareceu tão apertado como ele quis que parecesse, se sua expressão era qualquer coisa que indicasse.

—Sim

Ela fez uma careta.

—Os vampiros são uma lenda.

—A maioria das lenda é baseada na verdade.

—Se isso for verdade...— Ela ergueu a lâmina. —Então, esta pode ser a chave para a vida eterna.

Slade voltou a vasculhar. —Isso é no que acredita o Santuário.

—Mas os membros do Santuário são vampiros.

Ele encolheu os ombros.

—Vampiros podem ser mortos— Empurrando a cadeira de rodinhas para longe do armário de arquivos com o pé, ele esclareceu. —Eles estão procurando fechar essa brecha na lei da natureza.

E Deus ajude a todos, se eles conseguirem.

—O que, em ser quase um imortal não é bom o suficiente?

—Não para o Santuário. Eles gostariam de melhorar o vampirismo.

—De que maneira?



—Bem, em primeiro lugar, gostariam de corrigi isso, assim não poderiam ser mortos. Segundo, gostaria de ter a capacidade de criar vida, não apenas transformá-la.

—Então, eles poderiam ter um exército secreto de vampiros?

—Sim, ou talvez eles só queiram tocar a base com a humanidade que deixaram para trás. O melhor dos dois mundos. Eu não sei—. Puxou outra pasta fora. —Ninguém entende o Santuário.

—Você já tentou?

—Você já tentou compreender o que um coioite raivoso vai fazer em seguida?

—Não, mas estamos falando de pessoas, não de animais.

—Uh-huh.

—Ninguém é de todo ruim.

Slade pegou o arquivo de Miri fora da pilha e jogou-o para a mesa na frente de Jane. Às vezes era melhor deixar o convencimento para fotos.

—Este é o arquivo médico de Miriam. Ela é a mulher do meu irmão Jace.

Puxando-o para ela, ela perguntou: —Você deveria estar me mostrando isso?

—Ela não se importaria— Ele fez um sinal com a mão. —Vá em frente. Leia. Vou esperar.

Era um arquivo muito grosso compilado a partir de suas imagens e do que tinham recuperado dos escombros da fortaleza da qual Miri haviam sido resgatada. Jane abriu tentativamente.

—O que você está lendo é o seu relato do que aconteceu com ela depois de ser sequestrada pelo Santuário. Apoiado pela melhor documentação que eu pude fornecer na forma de provas forenses.

Depois que ela terminou de ler o arquivo inteiro, ela fechou-o cuidadosamente e empurrou de volta para ele. Seu rosto estava pálido.

—Por quê?

—Por que eles torturaram e fizeram experiências com ela? Porque eles se sentem com o poder da razão.

—Então você.

—Neste ponto, sim— Virando as páginas até a seção de fotos, ele empurrou o arquivo de volta para ela. —Mas não desse jeito. Ninguém tem o direito de fazer isso com ninguém.

Por reflexo, ela olhou para baixo e bateu em um ponto em particular. Abrindo a palma da mão sobre o papel, ela o acariciou, oferecendo conforto intangível para uma mulher sobre a qual ela só tinha lido a respeito.

—Ela está bem agora?

Era a foto e legenda descrevendo como Miri tinha conseguido a cicatriz permanente no rosto. Demorou um inferno de um tempo, para fazer uma cicatriz em um lobo permanentemente. Um monte de dor imposta ao ponto de quase morte. Dor que teve que ser sustentada ao longo do tempo, sobre um corpo que foi derrotado em sua tentativa de se curar. Sua mão estava fechada em um punho. Miri carregava as cicatrizes em sua alma também. E houve momentos em que até mesmo seu irmão e sua filha, não puderam lutar contra as memórias negras, mas os episódios foram ficando mais distantes, embora duvidasse que eles já tivessem totalmente desaparecido.



—Jace a ajuda a atravessar.

—O que aconteceu com sua filha, Faith?

—Jace a trouxe para casa.

Depois de muito sofrimento por parte de todos, mas Jace havia prometido à Miri, e um Johnson nunca quebrava uma promessa.

—Onde é que Jace vive?

—Com Miri.

—Mas não aqui?

—Não. Jace sempre foi o mais lobo entre nós.

—Significado?

—Jace sempre se inclinou para o lado selvagem, mas depois que ele se casou com Miri, tornou-se mais evidente. Ele está à frente de um dos clãs D'Nally agora. Ele se encaixa bem com os lobos.

Ela olhou para os slides e, em seguida, os arquivos.

—Eu preciso encontrá-lo e à sua família. Se sua filha não está tendo problemas, o sangue dela pode ter a resposta que precisamos.

—Ou talvez a deles? — Perguntou ele.

—Neste momento eu vou pegar tudo o que eu conseguir.

—Eles virão amanhã.

—Você vai me avisar quando chegarem?

—Eu não espero que haja qualquer forma de você evitá-los. Ele e Miri, provavelmente, chegarão sob guarda pesada, o que sempre chuta um tumulto por aqui.

—Por quê?

—O bando de Jace é particularmente agressivo com quem se aproxima de seus Alphas. Eles não reconhecem a reivindicação da família McClarens, então, aos seus olhos, eles estão em território hostil.

—Os McClarens podem prejudicá-los?

Provocam um pouco a sua irritação. Instiga seus instintos superprotetores, talvez, mas prejudicar? Slade se lembrou do tamanho de Ian D'Nally, feições aquilinas e personalidade intensa, que comandava com lealdade absoluta. Difícil imaginar alguém ser capaz de prejudicar a um D'Nally.

—Não.

Ela balançou a cabeça.

—Então por quê?

Slade encolheu os ombros.

—A cultura do lobo é muito provinciana. E os D'Nallys são da velha escola, mesmo para lobos. Eles vêem os McClarens como modernos demais.

—Eles acham que Derek é moderno?

Slade sorriu.

—Talvez até mesmo francamente revolucionário.



—Bom Deus.

—É, eles fazem a sua mente girar como se parece a sua família?

—Morta.

Foi sua vez de piscar. Uma palavra. Nenhuma emoção. Sem mais explicações. E se ele acabou de passar por sua expressão facial, nenhum impacto sobre suas emoções, mas a energia que foi deflagrada na fração de segundo antes que ela respondesse continha tudo o que ela automaticamente suprimia. Tristeza. Ódio. Fúria. Um inferno de um monte de fúria. Interessante.

Jane apontou para os armários de arquivos.

—Existem outros arquivos que eu deveria ler?

—As pequenas Penny, e Faith.

—Quem é Penny?

—Nós não sabemos muito sobre ela. Ela foi vítima de um experimento do Santuário.

Não por um piscar de cílios fez Jane revelar a náusea que ele podia sentir rolando através dela enquanto ela perguntava:

—Você disse Pequena Penny. Quantos anos ela tem?

Esse tipo de controle só vinha com a dor. Muita dor. Slade jogou um arquivo na frente de Jane, alcançando-a mentalmente para aliviar seu desconforto.

—Penny tem pouco mais de um ano.

Jane virou a primeira página antes de olhar para cima.

—Você não pode consertar o que eles fizeram?

—Não— A resposta bateu para fora com todas as frustrações que Slade sentia por dentro.

—Onde ela está agora?

—Com os D'Nallys, os McClarens e os Johnsons guardam suas costas— E com um futuro muito incerto. Não sendo nem lobo, nem vampiro, sua fisiologia alterada inspira segredos inexplorados que muitos gostariam de conhecer. —Nós não fazemos segredo de nossa proteção.

—Sua família não a protegeria?

Era um flash de empatia? Slade encostou seu quadril no lado da mesa, tocando a sua energia conforme ele explicava.

—Na sociedade dos lobo, as crianças são presentes de Deus.

Ela deu um tapinha no arquivo de Penny.

—Então como é que este presente se extraviou?

—A cultura Lobo também está cheia de mitos.

—E?

—Um desses mitos é que uma criança nascida deformada é mais do que uma anomalia genética, é...

—Má sorte— ela terminou por ele.

—Sim.

—É uma vergonha que toda a cultura, seja humana, vampiro, ou lobo, acreditem em presságios e má sorte.

—Sim.



—Então, qual mito colocou Penny nas mãos do Santuário?

Isto era definitivamente a raiva que emanava de Jane, mas forte demais para ser impessoal.

—As crianças deformadas são praticamente desconhecidas no meio dos lobos. Sem Marc, o pai verdadeiro de Penny, que não sabia nada sobre as tradições, sua esposa seguiu o antigo costume e levou a criança para dentro da floresta, deixando-a lá para morrer.

—O que levaria uma mãe a fazer uma coisa dessas?

—O medo pela reputação de sua família. Preocupação egoísta por seu status— Slade passou a mão pelos cabelos. —Inferno, mil coisas que não fazem sentido para ninguém.

—Ninguém foi procurar por ela?

Quando Marc voltou de uma caçada e foi procurá-la, ele não pode encontrá-la.

—Porque o Santuário a tinha levado— Jane suspirou pesadamente antes de perguntar: — Quem a encontrou?

—Jace. Muitos meses depois. Ligada a todo tipo de dispositivos, desnutrida, suja, e com medo de contato.

Especialmente contato mental, mas Slade não revelou isso ainda.

—E?

Slade encolheu os ombros.

—O que você acha? Jace a trouxe para casa, para o Círculo J.

—Isso deve ter sido difícil.

—Não para Jace. Ele fez uma promessa àquela menina naquele buraco do inferno.

—Eu quis dizer para Miri, uma vez que seu bebê ainda estava desaparecido.

—Foi um inferno, especialmente com a pequena tão mudada.

—Mudada?

—O Santuário fez experimentos que a transformavam de lobisomem para algo entre were e vampiro.

Mutante.

O pensamento de Jane fora projetado para Slade. Duro, irritado, protetor. Nenhum deles demonstrado em sua pergunta analítica.

—Você foi capaz de desfazer o dano?

—Não.

—Mas você tentou?

De todas as maneiras que conseguiu pensar, mas ele não tinha sido capaz de alterar a química de Penny em uma vírgula. Nada.

—Sim.

Os dedos de Jane se enrolaram sobre o punho dele. Sua energia suavizada sobre ele era o mesmo que conforto.

—Pelo menos você tentou.

Aparentemente Jane não era a única que projetava. Abrindo seu punho, Slade pegou a mão dela na sua. Sua energia imediatamente se sacudiu para longe dele.

Teria sido inconsciente a ligação?



—Eventualmente eu vou ter sucesso.

Retirando a mão, Jane perguntou: —O que significa para Penny, ser diferente, em relação ao seu futuro no bando?

—Eu não sei, mas Jace, Marc e Miri vão fazer com que ela fique bem.

—O pai está na foto?

—Sim.

Ela tamborilou os dedos na área de trabalho.

—E Jace permitiu isso?

—Por que a hostilidade? Marc não sabia o que sua esposa estava fazendo.

A raiva pulsava em Jane no compasso dos seus dedos.

—Como você sabe disso?

—Porque eu conheço Marc.

—Então, basta isso? Eles só entregaram Penny ao homem que a perdeu em primeiro lugar?

Slade balançou a cabeça.

—Jace tomou a vingança em nome daquela pequena menina. A guerra contra o Santuário definitivamente foi empurrada para cima após descobrirem Penny naquele porão sujo.

Jane tamborilou seus dedos mais rápido sobre o arquivo, os olhos grudados na foto de Miri. A raiva que tinha estado lá antes se construindo para fúria.

—Deve ter sido difícil para Miri abrir mão de Penny. Seria como perder sua filha de novo.

—Pela lei dos lobos, Miri não tinha que devolver Penny.

—Mas ela o fez?

—Sim, ela o fez, embora isso quase a matasse.

—Então por que ela a entregou?

—Porque Miri é a fêmea Alpha da matilha, e era melhor para a matilha, que Marc recuperasse sua filha.

—Eu não teria dado as costas.

Slade arqueou a sobrancelha.

—Você teria? Ele a perdeu uma vez, com resultados terríveis.

Slade encolheu os ombros.

—Eu não sou da matilha.

—Isso não era uma resposta.

Seu olhar encontrou o dela.

—Se você a quisesse, eu teria me certificado de que ela ficasse com você e para o inferno com as consequências.

Jane piscou e um pouco da fúria que a rondava ficou desbotada.

—Mas Jace não.

Slade balançou a cabeça.

—Jace deu a Miri exatamente o que ela queria— Um homem que ela pudesse confiar e um homem que compreendia a matilha.

—Mas...



Ele suspirou.

—A matilha de D'Nally, a qual Jace lidera, os Tragallions, estão mergulhadas em tradições e propensos a defenderem sua família. Penny foi e sempre será da família.

—O que significa isso?

—Essa é a mesma maneira que Jace pensa, razão pela qual ele não fez uma boa transição para os tempos modernos.

—Marc levou Penny embora?

—Infernos! Não. Os lobos não são assim. As crianças são acarinhadas, em muitos aspectos mimadas por todos na matilha. Uma vez que Jace tomou a decisão de permanecer em Tragallion e tomar sua posição como Alpha, Miri não teve que desistir de nada.

Ele apontou para o arquivo de Penny.

—Você vai ler isso?

—Estou com medo.

—Ainda tem certeza de que ninguém pode ser de todo ruim?

As pontas dos dedos dela vibraram contra a pasta.

—Não.

E ela o odiava por isso porque ela queria manter o escudo da inocência que dizia que havia uma diferença entre especular sobre a existência do mal e ele realmente existir. Ele entendeu isso, também.

—Eu não posso acreditar que todos os vampiros do Santuário são doentes desta forma.

Slade suspirou. -Nem eu poderia. Muitas vezes me pergunto se a mutação genética que leva um homem humano a virar vampiro, afeta certos centros da mente.

—Isso não afetou vocês ou aos seus irmãos.

—Talvez porque somos irmãos, convertido em família?

—Teoria interessante— Ela deu um tapinha no arquivo. —A conversão afeta as mulheres igual aos homens?

—Parece haver uma diferença de gênero para a forma como os humanos reagem potencialmente à conversão.

Algumas mulheres enlouquecem. Algumas morreram. Alguns se converteram. Os possíveis "porquês" são multifacetado e intrigantes, assim ele não ficou surpreso quando a excitação de Jane se acendeu.

—Você já fez alguma pesquisa sobre isso?

Suspirando, Slade passou a mão pelos cabelos.

—Não houve tempo.

—Por conta desta guerra?

—Sim.

Ele podia literalmente sentir a sua concentração, sua mente correndo pelas ramificações, sentir a emoção surgindo quando ela explorara as possibilidades, sentir sua energia lenta enquanto o abstrato tornava-se realidade, sentir o medo dela. Então ele sentiu algo indefinível que removeu toda a emoção do processo de pensamento dela e deixou sua energia... em branco.



—Exatamente o quanto eu estou em perigo?

Ele queria puxá-la para perto. Em vez disso, ele roçou as costas do seu dedo para baixo em sua bochecha.

—Um inferno de muito menos agora.

Ela se encolheu para longe de seu toque.

—Eu quis dizer, porque você tem essa ideia de que somos um casal.

Ela colocou aquilo dessa maneira.

—Não fique tão surpreso— ela disse quando viu a reação dele. —Juntar peças abstrata de um quebra-cabeça é uma coisa em que eu sou boa, e isso só faz sentido se dois dos homens Johnson produzam bebês em situações em que ninguém mais poderia, o que deixaria o Santuário especialmente interessados nas mulheres em que os Johnsons estivessem interessados.

—Sua pesquisa já a colocou em perigo.

—Mas a percepção desta atração me faz mais do que um alvo.

Ele devia-lhe a verdade.

—Eles vão se fixar em você agora.

O que significava, enquanto o Santuário existisse, ela nunca seria capaz de voltar à sua vida. E considerando que eram imortais, aquilo era um inferno de um longo tempo. A percepção daquilo deveria provocar alguma mudança nas emoções de Jane. Em vez disso, ela virou os arquivos fechado-os e empilhado-os ordenadamente, como se ele não tivesse acabado de dizer que ela não tinha futuro.

—Então eu acho que é melhor eu encontrar uma maneira de tornar-me pouco atraente.

—Não há jeito de fazer isso.

Ela olhou ao redor do laboratório, conferindo os equipamentos e suprimentos. Ele tinha um laboratório bem abastecido.

—Eu imagino que posso ser bastante tóxico quando necessário.

O olhar de Slade a seguiu. Filha da puta! Ele agarrou o braço dela.

—Você não vai experimentar em si mesma.

Uma emoção brilhou através da ausência. Fúria assassina. Ela não gostava da ideia de que alguém lhe desse ordens. Em contraste com a emoção, sua voz era suave, quase doce.

—Proiba-me se isso o faz se sentir melhor.

Slade não se importava se ela quisesse vê-lo morto. Enquanto ela estivesse viva, ele iria lidar com isso.

—Estou falando sério, Jane.

—E eu também.

Sua raiva subiu para se igualar a dela.

—Quero dizer o que eu disse. Eu não vou deixar você se machucar em alguma crença equivocada de que eu não posso mantê-la segura.

—Eu vou me manter segura.

O inferno que ela o faria.



Ela não discutiu, apenas ficou olhando para ele, com esse propósito implacável que dizia muito mais do que as palavras. Ela não confiava nele.

Uma batida soou na porta. Merda. Slade se inclinou em direção a ela, ainda observando Jane, seus nervos saltando pela premonição. Uma sondada na mente dela não revelou nada. Filha da puta! A única pessoa que poderia detê-lo do lado de fora era a única pessoa que nunca deveria ser capaz de fazê-lo.

Ele abriu a porta. Tobias estava parado do outro lado, uma das novas armas em suas mãos. Ele a segurava.

—Esta têm um problema.

Como se ele precisasse disso agora. Olhando de volta para Jane, Slade disse: —Você precisa ler os arquivos de Faith e Penny. Como Joseph, elas são metade vampiro. Leia todos os arquivos. Cada palavra. Pode haver alguma ajuda no de Penny, se você observar o que eu fiz para estabilizá-la. Eu usei a mesma técnica em Joseph, mas sem o mesmo sucesso. Faith está saudável. Ela não tem nenhum problema aparente.

—Tudo bem.

Ainda doce como uma torta. Não havia nada para lhe dar uma pausa na resposta, mas os cabelos na nuca dele ainda estavam em pé. Ele queria nada mais do que andar até ela, puxá-la nos braços e fazer amor com ela até que não houvessem mais barreiras entre eles, nenhuma desconfiança. Ao invés disso ele se voltou para Tobias.

—O que parece estar problemático?

—O feixe perde poder na distância.

O que significava que perdia sua capacidade de matar.

—Merda. A refração deveria estar desligada.

—Duas equipes estão saindo em três dias. Nós realmente poderíamos usar essas armas.

—Eu vou tê-las prontas— O cansaço que estava ficando mais forte durante o último ano, engolfou Slade em uma onda. Ele empurrou-o de volta. De alguma forma, ele as teria prontas.

Com um empurrão de seu queixo, Tobias indicou onde Jane sentava-se, aparentemente absorvida com os arquivos na frente dela.

—Será que ela vai ser capaz de ajudar?

—Eu estou esperando por isso.

—Isso é bom. Seria uma pena para Allie e Caleb se perdessem o seu menino.

—Pensei que você acreditasse que quatro homens Johnson fossem suficiente.

—Com Jace virando lobo, há esperança para o garoto.

—Não se Caleb não tiver nada a dizer sobre isso.

—Inferno, Caleb não está longe de ser lobo ele mesmo. Nenhum de vocês está.

Slade riu. —Assim, os McClarens continuam dizendo. Jace está aqui?

—Eles estão dentro do cronograma.

—Como eles estão fazendo?

—Miri está um pouco abalada após o último ataque. Eles vieram direto para o complexo.

—O Santuário está ficando mais ousado.



Tobias lhe entregou a arma e sorriu friamente.

—Tudo bem. Estamos ficando mais cruéis.

Slade olhou para a arma. Iria tomar dias para resolver isso. Se ele pusesse aquilo de lado, os lobos se entenderiam, mas eles já estavam precavidos contra a superioridade numérica. Eles não precisavam estar explicitamente armados. Não mereciam estar. O que ele precisava era de mais horas no dia. Ele pensou em todas as mudanças no ano passado, todos os caminhos que ele tomou para matar o inimigo. Todas as maneiras que o inimigo tinha usado para matá-los. O ciclo sem fim, sem fim porque ele não conseguia encontrar a borda de que precisavam. Mas ele o faria.

Eventualmente, ele faria.

—É. Nós estamos.

Capítulo 10

Fechando a porta, Slade se virou, a arma na mão. Ele parecia inteiramente natural daquele jeito, para sua paz de espírito. Muito sexy. Também parecia incrivelmente cansado.

—Alguma coisa com a qual posso ajudá-lo? — Perguntou Jane, apesar de suas melhores intenções. Ela sabia como era ter pessoas confiando em você vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, para enfrentar exigências impossíveis, pois significava vida ou morte.

Erguendo a arma, ele admitiu: —Eu poderia usar mais algumas horas no dia.

—O quê? Com todos os seus poderes mágicos, ainda não conseguiu isso?

Ele jogou a arma para a outra mão.

—Estou tentando.

Maldito fosse por ser agradável. Tornava-se mais difícil odiá-lo.

—O que há de errado com as armas?

—Uma das refrações provavelmente está desligada.

—Você diz isso como se consertá-la não fosse grande coisa.

—Só vai levar tempo.

—Tempo que você não tem.

Ele não negou a suposição.

—Vou encontrar.

—Isso não pode esperar?

—Não.

Papéis sussurraram sob seus dedos.

—Joseph também não pode.

Slade colocou a arma em uma das mesas compridas.

—Eu sei.

Sim, ele sabia. Jane podia sentir a determinação e frustração de Slade, como se fosse dela. Era desconcertante, não só por causa da força da emoção, mas também porque parecia tão



natural em sua mistura com a dela. Experimentalmente, colocou seu bloqueio em torno disso. Houve um começo e depois uma retirada. Interessante. Ela, aparentemente, tinha algum controle.

Empilhando os arquivos, empurrou a cadeira para trás um pouco mais forte do que planejou. Pegou a cadeira com o pé antes que rolasse até a gaveta etiquetada "seringas."

—Acho que você sabe. — Abrindo a gaveta, ela disse: —Vou precisar de uma amostra de sangue.

—O que tiramos de Joseph anteriormente não é suficiente? — Ele balançou a cabeça. — Você é pior que um vampiro.

—Não de Joseph. — Ela preparou um tubo a vácuo e agulha. —Preciso do seu sangue.

Ele mostrou suas presas. —Estarei feliz em compartilhar.

Ela balançou a cabeça e colocou o tubo sobre a mesa.

—Você terá que se esforçar mais do que isso para me assustar. Dê-me seu braço.

Arregaçando as mangas, Slade deu um passo para mais perto.

—Desafio interessante.

—O que o torna tão interessante?

—Minhas opções.

Um calor delicioso derramou-se sobre ela em uma onda de energia enquanto envolvia o torniquete em todo o bojo grosso de seu bíceps.

—Isso não quer dizer que você tenha alguma.

Ele pegou o tubo e entregou a ela. Seus dedos se demoraram contra os dela quando o pegou. O toque foi leve. Não havia razão para ofegar, ou sua pulsação disparar, mas aconteceu.

—Pelo menos duas.

Tirando a tampa da agulha, ela perguntou: —Eu vou querer saber?

—Não sei. O quanto você gosta de surpresas?

—Eu sei que não gosto das surpresas ruins. — Especialmente depois das últimas 24 horas.

Sua cabeça inclinou ligeiramente para o lado quando espetou a agulha na veia em frente ao seu cotovelo.

—E das boas?

Sangue encheu o tubo a vácuo, aquecendo-a, dando a impressão, por um instante, que segurava a vida dele em suas mãos. Não era uma responsabilidade que ela queria.

—Eu não sei. Eu nunca tive uma surpresa boa.

—Sério?

Olhou para cima, a tempo de pegar a especulação em seus olhos.

—Não tenha ideias.

Os dedos em sua mão subiram para o pulso, se esgueirando sob a manga de sua camisa.

—Tarde demais.

O tubo encheu. Ela o trocou por outro. Seus dedos tremiam, cada parte dela focada no arrepio de sensações irradiando-se de seu braço. Quem diria que um antebraço poderia tornar-se um ponto tão sexual?



—Você não quer saber que tipo de ideias estou tendo?

Ela deu-lhe a verdade. —Não.

—Por que não?

—Acho que definimos muito bem que você está fora do meu alcance.

O segundo tubo foi preenchido.

—Quem definiu isso?

Olhando para cima, ela sorriu.

—Meu último namorado foi um contador tímido que derramou seu vinho quando o convidei para ir a minha casa. — Brent era um homem muito bom, mas a noite, e o relacionamento não deram em nada depois disso. —Confie em mim, você está fora do meu alcance.

Assim que ela tirou a agulha, ele trouxe o braço até a boca, deixando-a com a gaze e fita na mão, olhando como sua língua acariciava eficientemente o local da punção.

—Isso cuida do sangramento?

—Há um agente de cura em nossa saliva.

Oh. — Colocou a gaze sobre o balcão. Ele pegou os tubos da mão dela. —Cuidado com eles.

Ele os colocou na prateleira. —Serei cuidadoso.

—Precisamos examiná-los.

—O que estamos procurando?

—Uma amostra de controle.

—Você acha que o meu sangue será compatível o suficiente com o do meu irmão, para proporcionar um controle?

—Você sabe que será. Similaridade entre irmãos, convertido por um irmão. As semelhanças serão maiores que as diferenças, mas o seu não está contaminado por quaisquer potenciais alterações que esse... acasalamento pode trazer.

—Talvez. — Ele a parou quando ela estendeu a mão para os tubos de sangue. Deu um passo a sua frente. —Em um minuto.

—Não temos minutos.

A mesa rangeu quando ele se inclinou contra ela. As rodas da cadeira se prenderam na ponta de sua bota, interrompendo sua fuga. Ele estava muito perto, era muito grande, muito másculo. Se Jane pudesse sair da cadeira sem parecer uma covarde total, teria saído.

—Eu não gosto que você tenha medo de mim.

Ela não gostou da maneira como ele disse isso, seu sotaque se arrastando em especulação. Nada de bom poderia acontecer com ele analisando seus sentimentos profundamente. Especialmente quando ela mesma não os entendia.

—Eu não tenho.

Ela empurrou sua coxa. O movimento que pretendia que fosse forte desacelerou quando a palma de sua mão se acomodou sobre o músculo rígido. Por alguma razão, esperava um pouco de elasticidade, mas não havia nenhuma. Os músculos dele se endureceram, os dedos dela se curvaram. A energia arqueou entre eles em um raio tangível, correndo por seu braço. De tão



perto, era impossível não perceber sua excitação. Ela lambeu os lábios, a visão não tão chocante quanto deveria ser.

O dedo de Slade tocou seu queixo, inclinando seu rosto até o dele. Sua expressão estava pensativa, os olhos atentos. O curso de seu polegar sobre seu lábio inferior enviou um arrepio aos dedos dos pés.

—Não, você não tem.

Ela precisava se restabelecer ou o homem iria passar por cima dela.

— Acredito que foi isso o que eu disse. Agora, preciso que você me morda.

Nem um piscar, nenhuma contração muscular traiu seu choque, mas ela o sentiu. Quase como se fosse dela. Aparentemente, não era a única que projetou.

—Por quê?

Como se sua coxa não fosse a maior tentação que ela enfrentou em muito tempo, esticou o braço e abriu a gaveta do outro lado. Papeis farfalharam quando pegou outro tubo a vácuo. — Porque preciso de uma comparação do antes e depois, para ver como o sangue de um vampiro normal absorve a ingestão de sangue humano.

—Eu tenho slides que você pode comparar.

—Quantos anos têm esses slides?

—Cinco ou seis.

Nunca funcionaria. —Pode ter ocorrido alterações. Não podemos correr esse risco.

—Eu não posso morder você.

Ela arqueou as sobrancelhas para ele.

—Com medo de perder o controle?

—Sim.

Santo Deus, ele não estava blefando. Um pouco do medo que ela disse que não tinha, estava vindo à tona. Este homem, fora de controle, seria muito assustador.

—Eu me certificarei de lembrá-lo quando você tomar o suficiente.

—Como você vai saber?

—Farei uma educada suposição.

Foi sua vez de arquear uma sobrancelha para ela.

—Você realmente não acredita em vampiros, não é?

—É um exagero.

—Você acredita em vida em outros planetas?

—Seria ilógico não acreditar.

Ele pegou o tubo de sua mão e o colocou na mesa ao seu lado, em seguida, puxou-a para que ficasse de pé.

—Qual é a diferença?

—Não consigo me forçar a entender que, se os vampiros fossem reais e vivessem para sempre, haveria tantos ao nosso redor nesse momento que não poderíamos deixar de tropeçar neles. Especialmente porque cada um tem a capacidade de criar inúmeros outros.

—Ah, mas há a dificuldade em sua convivência.



—Não entendi.

Seus dedos subiram por seu braço, roçaram o ombro, espalhando o frio na barriga que a antecipação enviou à frente.

—Nem todos podem ser convertidos. É realmente uma porcentagem muito pequena da população que tem essa possibilidade.

—O que acontece com aqueles que estão fora dessa porcentagem?

Um movimento e sua trança caiu por cima do ombro e deslizou sobre seu seio. Os arrepios se espalharam juntamente com a antecipação. Sua respiração se prendeu na garganta enquanto seus dedos seguiram deslizando para a frente, roçando no topo de seu seio. Seu lábio inferior deslizou entre os dentes. A excitação cantarolou junto ao lado da agitação. Ele não iria tocá-la, iria? Não iria. Os dedos pararam no meio da curva, mantendo seu olhar no dela, enquanto seus seios inchavam e doíam. Ela não podia pensar. Nem respirar.

—O sangue deles se transforma em ácido em suas veias. Eles morrem de uma morte extremamente dolorosa. Escaldados de dentro para fora.

Luzes estranhas pareciam brilhar em seus olhos. Sua mão não se moveu.

Dois batimentos cardíacos passaram antes que ela pudesse encontrar uma resposta.

—Maravilhoso. —Isso ainda não explicava os pequenos números. — Mesmo um aumento elementar seria agregado ao longo do tempo.

—Ah, mas você não está deixando espaço para a natureza humana. —Sua mão se abriu em concha. —Você transforma alguém, lhe dá poder absoluto, e eles tendem a querer testar os limites desse poder.

—Quer dizer que matam uns aos outros em busca de controle.

—Não há muito mais a fazer, exceto lutar, quando você pode viver para sempre.

Ela queria muito se encostar em sua mão, em direção ao prazer que deixava seus mamilos queimando e seu joelhos fracos. —Você pode curar a fome no mundo.

—Ah, mas os vampiros são os que passam fome.

—Tem razão. — Ela olhou ao redor do laboratório. —Você e seus irmãos parecem terem sido bem sucedidos.

Ele encolheu os ombros.

—Se os problemas não aparecem, não sentimos a necessidade de cortejá-lo.

Era sempre "nós" com ele, como se seus irmãos e ele fossem uma unidade.

—Você e seus irmãos são próximos.

—Próximos o suficiente para que não lhe faça nenhum bem ir correndo até eles para pedir ajuda.

Não era ajuda que ela queria agora.

—Uh-huh.

Aquela mão avançou para baixo até que ele espalmou seu mamilo, deslocou até o centro duro, e depois pressionou. Ela agarrou a borda da mesa.

Ele sorriu.

—Você acha que eles ficariam do seu lado, contra mim?



—Eu acho que eles fariam o que é certo.

Outra provocação. Será que ele achava que ela não uma grande parte? O que ela precisava era algo para puxá-la para longe do turbilhão de luxúria que ameaçava puxá-la para baixo. Queria derreter no chão, seduzi-lo afastando suas pernas. Queria convidá-lo em seu corpo, em sua vida. Querido Deus, ela o queria. Balançando a cabeça, Jane empurrou a cadeira. Foi preciso esforço para obter ar para seus pulmões. Uma vez lá, o segurou até a necessidade de ar substituir o desejo por seu toque.

—Você pode tomar sangue sem converter alguém?

—Sim. É uma questão de quantidade.

Ela encolheu os ombros de seu casaco. Precisava acabar com isso.

—Então faça.

Seus olhos se estreitaram.

—Isso não vai acontecer.

—Por que não? Suponho que você precisa comer.

—A cada dois meses eu saio para uma mordida.

O homem era impossível.

—Bem, considere que essa é a hora da alimentação.

—Isso é diferente.

—Por quê?

—Porque você é minha companheira.

—Você realmente tem que desistir disso.

Seu olhar caiu sobre seus seios.

—Não é algo que se pode afastar facilmente, assim como a luxúria de acasalamento não pode ser ignorada.

—Você tem de fazer tudo soar como algo saído de um filme ruim?

—Pare de fazer lindas caretas quando faço isso, e eu poderia considerar a ideia.

—Eu não sou bonita.

Slade balançou a cabeça. É aí que ela estava errada. Ela era bonita, sexy e muito inteligente, e se ficasse olhando para ele daquele jeito, as coisas saíam do controle rapidamente, apesar de sua determinação. Tocou-a para lembrá-la de sua conexão. Para se lembrar de sua promessa de não convertê-la. Para se fortalecer.

—Eu acho que tudo está em perspectiva.

—Bem, na minha perspectiva, não temos nenhuma escolha, além de fazer isso agora. Não, se você quiser que Joseph viva.

Merda, ela o pegou, mas isso ainda não se encaixava bem, ela olhando para ele com tanta confiança, e ele sabendo que havia um verdadeiro limite para quanta confiança ela deveria colocar nele.

—Há uma boa chance de que eu poderia perder minha cabeça e levá-la comigo.

—Onde?

—Para o chão.



O desejo feminino perfumou o ar. Ela não era tão adversa à ideia como sua expressão parecia indicar.

—Acho que você tem mais controle que isso.

Ele enrolou as mãos em punhos.

—Você estaria errada.

—Não penso assim, o que significa que, Vamp Man, — ela arregaçou as mangas—só vai ter que sugá-lo, em mais de uma maneira.

Quando ela estendeu a mão, ele tomou-a, embalando-a em sua palma, enfiando o dedo em sua suavidade. Sua pele era muito fina, muito branca. O rendilhado das veias por baixo pulsava com a beleza de sua vida. Sua companheira. Sua para tomar. Para vincular. Para fazer o que ele faria. Slade balançou a cabeça. Jane estava certa. Aquilo parecia errado. Implicava uma falta de escolha. E ele nunca iria tirar sua escolha. Um homem não fazia isso com a mulher com quem ele se importava. Seu lado vampiro sibilou em desagrado. Ele sorriu para Jane. Seu vampiro poderia ir para o inferno.

—Eu acho que eu vou.

Mesmo que o matasse.

Sua expressão não deveria ser tão branda quanto ele tentou atingir. A preocupação brilhou através dos olhos de Jane quando disse:

—Você não está realmente em perigo de perder o controle, não é?

Era um pouco tarde para fazer essa pergunta, na sua opinião, visto que ele já estava a meio caminho perdido, com a mão na sua, sua pulsação sobre o polegar, o pulso exposto em um gesto submisso que alimentou sua paixão.

—Aquele beijo na porta não te ensinou nada? Ou fora da porta de Joseph?

—Aqueles beijos foram uma aberração. Eles me pegaram de surpresa. Eu estava estressada. Levou a momentos de... fraqueza.

—E você acha que, se eu a beijasse agora, a mesma coisa não aconteceria novamente?

A forte luz fluorescente brilhou sobre as mechas âmbar em seu cabelo quando ela balançou a cabeça.

—Absolutamente não.

—Absolutamente?

—Sim. Você tem muito bom senso para isso.

—E você acha que a paixão tem de fazer sentido?

—Tudo faz sentido se você colocá-lo no contexto.

—E a minha necessidade de tomar o seu sangue será definida como?

—Como um meio para um fim.

Ela era uma péssima mentirosa. Slade apertou seu pulso ainda mais. — Eu acho que é mais que isso. Acho que isto é um teste.

—De quê?

—De quanto tempo minha honra pode resistir à tentação.

—Sério, não sou tão tentadora. Acho que você pode lidar com isso.



Ele não tinha tanta certeza. Apenas o pensamento o deixava duro e latejante.

—Acho que teremos que ver. Assim que eu receber essa amostra de controle.

Slade pegou a seringa. Um músculo se contraiu no rosto de Jane. Ela não estava tão calma como queria que ele acreditasse. Ele deveria ser capaz de sentir isso em sua energia, mas tudo o que podia sentir era o ferver de seu desejo e então... nada. Ela teria aprendido a bloqueá-lo?

Um olhar para o rosto dela lhe deu sua resposta. Seus lábios estavam apertados com pensamentos que ele não podia ouvir. Ainda. O curso de seu polegar nos lábios dela ecoou em seu pulso disparado. Segurando seu olhar, acariciou com calma sobre as bordas de sua mente, enquanto espetava a agulha na veia. Quando tinha o suficiente para ela verificar a amostra para as mudanças que poderiam ocorrer após a mordida, liberou sua mente, pressionando o algodão em sua veia, enquanto sua língua doía com a necessidade de deslizar sobre sua pele, absorver o sabor do sangue doce cujo cheiro ele podia sentir. Viciante. Ela seria viciante.

Sufocando seu vampiro, Slade rapidamente entregou o frasco e Jane jogou a agulha afiada na bandeja.

—Essa parte está feita.

Depois de um piscar de olhos, as mãos livres de Jane foram para seu pescoço.

—Maravilhoso. Não posso esperar pela próxima.

Slade balançou a cabeça.

—Eu não tenho de tomar o sangue de sua garganta. — Mas ele queria. Queria mergulhar em seu perfume, mergulhar em sua presença quando assumisse a essência de quem ela era e a fizesse parte dele. —Posso tomar de seu pulso.

Soava um pouco clínica, em face da emoção pulsando entre eles.

—Poderei ter certeza que você não sente nada.

Jane estava balançando a cabeça antes que ele terminasse o pensamento.

—Eu não quero perder nada.

—Porque você sabe que vai ser quente, certo?

Ela piscou. —Porque se você realmente é um vampiro, será importante que eu tenha os detalhes certos.

—Você ainda duvida?

Um encolher de ombros e depois, com a eficiência com que fazia a maioria das coisas, ela empurrou a outra manga até acima do cotovelo, apresentando os dois braços em conjunto.

—Quanto sangue você precisa tomar para que isso impacte o seu sangue?

A excitação cresceu quente e dura diante de sua aberta submissão. Pescoço, braço, não importava. Ela estava oferecendo seu sangue para ele. Seu vampiro uivou de deleite. Suas presas doíam para perfurar aquela pele branca. Companheira. Esposa. Dele.

—Os dois braços não são necessários.

—Oh.

Ela se debateu antes de empurrar o braço sem o curativo. Ele trouxe a palma da mão à boca. Ela arfou. Tocou a língua em sua pele. Demorou um segundo para o que fizesse afundasse através de seu medo. Ela arfou novamente.



—Não vai doer, doçura.

—Você vai me morder, como poderia não doer?

—Há agentes entorpecentes em minha saliva. — Beijou a palma da mão. —Prometo apenas prazer a você.

Seus dedos naturalmente se curvaram contra o rosto dele. Ele acomodou os dentes na base de seu polegar e mordiscou. Ela gritou. Estava mais que um pouco nervosa. Ele sorriu e fez isso de novo, apenas para acostamá-la com a ideia. Seu polegar bateu no rosto dele. Ele olhou para cima.

—Apenas faça.

—Existem preliminares para tomar sangue, assim como para fazer amor.

—Não estou interessada em ser seduzida.

—Isso é uma pena.

A tensão entrou em sua musculatura.

—Isto é uma experiência, Slade. Não o início de um fim de semana selvagem.

Mas era o início de seu relacionamento. Não importava o que precipitasse o ato. A realidade era que este seria seu primeiro vínculo. De agora em diante, uma parte dela viveria nele. A primeira parte, muito especial, que iria abrir sua mente para a dele, se ele batesse, bloqueando suas emoções para ele, se ele consultasse. Depois disso, ele seria capaz de encontrá-la, não importa onde ela estivesse, sondaria sua mente, não importa o quanto ela tentasse prendê-lo do lado de fora. Ela tinha o direito de saber disso. Ele era um bastardo por não lhe contar.

—É um começo, não se engane.

—Apenas faça.

Segurando seu olhar, ele abaixou a cabeça, dominando-a, pegando sua mente, segurando-a firmemente, puxando seus pensamentos para os dele. O júbilo cresceu dentro dele. Luxúria vampírica, primitiva e forte, subiu junto com a alegria. Ele rapidamente se agarrou a isso. Não a converteria. Ele se atormentaria com seu sabor. Não o suficiente para satisfazê-lo. Apenas o suficiente para deixá-lo saber o que ele estava perdendo. Ele tinha que ser insano.

Suas pupilas dilataram. Suas narinas queimaram.

Calma agora. É apenas para saborear, não uma conversão. Inferno, ele nem sabia se ela poderia ser convertida. Seus irmãos converteram suas esposas por necessidade, em situações de vida ou morte, quando as decisões foram tomadas. Esta era uma escolha, não uma emergência. Apertando seu poder sobre a mente de Jane, Slade deslizou sob seu medo e desembaraçou os fios de tensão, substituindo-os pela calma. Suas presas doíam e esticaram. Sua boca salivou. Talvez seu vampiro não estivesse tão longe do seu lado humano como pensava, porque nada dentro dele ficou horrorizado com isso. Vampiro e humano queriam possuí-la completamente, totalmente. Colocou suas presas no ponto de pulsação de seu pulso. Ecos de seu batimento cardíaco vibraram junto às suas terminações nervosas, tocando contra seu ritmo, acelerando-o até que combinasse com o dela.

—Você tem certeza? —Perguntou para ela, uma última vez. —Nada será o mesmo para você, depois disso.

—Serei vampira?



Não se ele mantivesse seu controle, mantivesse uma barreira entre seus pensamentos. — Não.

O rosa de sua língua deslizou ao longo do tom ainda mais rosa de seus lábios. —Então lidaremos com as consequências mais tarde.

A umidade brilhava na superfície carnuda de seus lábios. Porra, ela estava tentando matá-lo? —Respire e relaxe para mim, então.

Se ele fosse realmente gentil, diria a ela que fechasse os olhos, mas não queria que ela os fechasse. Queria que ela o visse tomando-a desta maneira, da mesma forma que iria querer que o visse reivindicando-a, a primeira vez que se tornassem amantes. Queria que ela soubesse quem lhe deu o prazer, para que soubesse a quem ela pertencia. Sem dúvida, ela o chamaria de chauvinista por este impulso. Sem dúvida, estaria certa. Acariciou a língua sobre sua pele. Ele não nasceu em seu tempo, não cresceu com seus valores. Quando tirava tudo o que aprendeu ao longo dos séculos, ainda era quem ele era. Um homem do século XIX que acreditava que sua mulher deveria ser valorizada e protegida. Possuída. Ele mordeu. Um sabor quente e doce derramou em sua boca. A exaltação saltou para euforia. Estava impotente para contê-la. No interior, seu vampiro chorou por *mais*. E *mais* veio para ele, seus sentidos, suas emoções, seus pensamentos. Ela queria ficar horrorizada, mas uma parte dela sentiu a retidão desse compartilhamento entre eles. E isso a horrorizou. Slade poderia ter dito que nada nunca foi fácil, especialmente isto. Isso era inevitável e bonito, a sua maneira. Se alguém tivesse séculos para se acostumar à ideia.

Três goles, disse a si mesmo. Permitiria apenas três. Quando tomou o primeiro, o cheiro de sua excitação se levantou para abraçá-lo. Inebriante. Poderoso. E doce. Tudo nela era doce. No segundo, a paixão enfraqueceu seus joelhos. Capturando-a com uma mão atrás das costas, ele a persuadiu para seus braços.

Venha aqui, doçura. Venha aqui.

A compulsão por mais era mais forte agora, potente demais para resistir. Estava cercado por seu cheiro, imbuído de seu prazer até que nada existia, apenas seu desejo por ela, o dela por ele. Era tudo ao seu redor. A promessa do que seria. O que deveria ser.

Jane.

Slade.

O sussurro de seu nome escorregou em sua mente. Tão doce quanto seu desejo, tão potente quanto seu toque. Névoas da sua necessidade envolveram-se em volta da dele, trazendo-o para mais perto. Elementar. Um desejo para o físico, bem como para o emocional. Sozinha, ela esteve sozinha por tanto tempo. Ela não queria mais estar sozinha. Seus pensamentos torceram-se em torno dos dela, segurando-a firmemente, banindo aquela solidão. Ela estava pronta. Ele podia tomá-la agora e tudo que ela sentiria seria prazer. E nunca ficaria sozinha novamente. Ele sempre estaria com ela. Poderia dar isso a ela.

Se ele tomasse sua humanidade.

Slade fechou os olhos. O terceiro gole nunca veio. Liberando seu pulso, Slade passou suas presas através de sua pele, a sensação de perda pressionando-o mais duramente que a



lógica. Uma volta de sua língua selou a ferida em seu pulso, mas nada poderia suprimir o uivo da perda de seu vampiro. Um grito por sua companheira que ecoaria em sua cabeça até a eternidade. Colocou seus lábios no interior do braço de Jane, segurando-a próxima quando ela estremeceu em reação à carícia, Slade sussurrou a promessa que ele poderia fazer. —Você nunca estará sozinha novamente.

Capítulo 11

Ela não podia ficar sozinha.

Slade acomodou Jane sobre a cama em sua cabana. Seu pulso estava muito rápido, seus nervos estavam em chamas. Seus pensamentos foram enevoados pelo desconforto e algo que ele não conseguia identificar. E ele não tinha ideia do que estava acontecendo. Foi muito cuidadoso tomando apenas um pouco de sangue. Longe o suficiente para o risco da conversão. Mas por todos os sinais, Jane estava em rejeição. Deslocando-se e gemendo, revirando nos lençóis, empurrando o travesseiro para o lado, afastando os cabelos do rosto com movimentos curtos, espasmódicos e frustrados. Ele puxou o lençol sobre seu ombro.

—Jane.

—Não.

Ela empurrou o lençol para baixo. Slade pegou suas mãos antes que ela pudesse arranhar sua pele.

—Não, Jane.

—Comichão, — ela gemeu naquele tom semi-consciente que estava usando desde que ele tomou seu sangue.

Ele puxou o lençol para baixo. Uma erupção cutânea estava se espalhando por todo seu corpo, começando em seu pulso e indo até seu braço, queimando para baixo do pescoço.

Filho da puta. Ela estava tendo uma reação à sua mordida. Ele afastou sua mão do cós de sua calça jeans, tentando mantê-la fora do seu caminho enquanto ele a examinava, em seguida, pegou a outra mão e fez o mesmo.

Quando a ergueu, a respiração de Jane assobiou por entre os dentes. Ele congelou. O quê?

—Melhor.

Melhor? Que diabos poderia ser melhor nessa situação?

—O que é melhor, doçura?

As palmas de suas mãos estavam avançando para frente e para trás em suas costas.

—Minhas mãos. Estão muito melhores.

Suas mãos estavam melhores. Ele pensou por um momento. Ele estava suando. Poderia a transpiração de seu corpo ser reconfortante para o que estava causando a reação? Ouvira algumas histórias de conversão bastante bizarras, boas e más.

Só que ele não converteu Jane.



A conversão de Allie por Caleb, não foi nada parecida com a de Miri, por Jace. Claro, Miri era *werewolf* e Allie era humana, mas ambas ganharam força com a conversão. Raisa fora convertida séculos antes, mas fora tão doente durante toda sua vida de vampira que sempre estivera à beira da morte, até encontrar Jared. O sangue dele a fortaleceu. Jane poderia estar certa. Talvez houvesse algo sobre o sangue Johnson que deixava as conversões em uma perspectiva totalmente diferente. E talvez fosse esse "algo" a que Jane estava reagindo. *Merda.*

Jane se retorcia nos lençóis, seu corpo se contorcendo em uma paródia de luxúria. Ela precisava de ajuda. Tudo o que ele tinha para seguir em frente era aquele momento em que ela disse "melhor". Deslizando a mão atrás de suas costas, sentiu o inchaço das erupções, sentiu seus músculos reagirem imediatamente quando suas mãos se abriram, em antecipação ao que? Mais do seu toque? Inferno, se isso era tudo o que fosse necessário para acalmá-la, ele daria. Ignorando seu choramio de protesto, deitou-a novamente antes de chutar sua bota direita. —Espere um minuto, doçura.

Jane gemeu e estendeu a mão. Era um gesto maravilhosamente erótico, sensual e vulnerável, mas foi a vulnerabilidade que o atraiu. Era o seu segredo profundo e sombrio, e ela iria querer chutar seu traseiro por considerá-lo atraente. Descartando a outra bota, empurrou a cueca e a calça jeans para baixo em um único empurrão. Entrando na cama com ela, envolveu-os, pele a pele. Ela continuou a gemer, mas não tão forte. Suas mãos o acariciaram para cima e para baixo, nos braços, seus pés para cima e para baixo em suas panturrilhas, os ombros esfregando contra seu peito, os seios contra seus antebraços. Era o céu e o inferno.

Slade?

O sussurro em sua mente era de Caleb. Foi imediatamente seguido por outros mais suaves de Jared e Jace. A distância tornava as últimas consultas mais fracas, mas não menos interessadas.

O que há de errado?

Não havia nenhuma maneira de proteger sua angústia de seus irmãos. A ligação que sempre houve entre eles, amplificara com a conversão. Nem sempre podiam comunicar-se mentalmente, mas geralmente podiam sentir o humor do outro, e angústia era uma que revelava bem.

Eu estou bem.

Ele não sabia se seus irmãos receberam a comunicação em palavra ou sensação, mas ele sabia que receberam. Agora esperava que a respeitassem. Eles poderiam ser um pouco superprotetores, e não confiavam na maneira que ele estava se comportando ultimamente. Na verdade, nem ele. Não estava acostumado a que algo quebrasse sua concentração, mas ultimamente não conseguiu encontrar o foco resolutivo que era a sua norma. O trabalho estava se acumulando, seus nervos estavam se desgastando, e novas demandas chegavam diariamente. Mas ele iria manter esta ilusão para preservar o orgulho de Jane. Mantendo uma imagem descansada em sua mente, Slade voltou para o seu lado e puxou-a mais apertado contra ele. Ela gemeu e empurrou sua coxa entre as dele. Seu pau empurrou enquanto seus sentidos se abriam para seu perfume, a delicadeza da sua pele, a proximidade de sua garganta. Suas presas esticaram e doeram. Ele tinha apenas uma mordida fora da junção que ele nunca deveria ter saído pela metade. Uma mordida longe da satisfação pela qual ele ansiava. Uma mordida longe de ser o



monstro que não teria em conta os seus desejos. Arriscaria a vida dela pela sua, por sua chance do *para sempre*.

Merda! Ela estava apenas se recuperando do choque de sua primeira mordida. Afastando-se, Slade empurrou sua mente em Jane, dando-lhe somente uma única ordem. *Durma*.

Jane perdeu a consciência, e ele estava fora da cama em um segundo. Passando a mão pelos cabelos, Slade respirou fundo, sufocando a fome que pressionava sua honra. Quando achou que tinha seu vampiro sob controle, inclinou-se e beijou sua bochecha. Imediatamente seus lábios queimaram com desejo e seus sentidos se inflamaram, abrangendo tudo o que ela era, desejando vinculá-la à ele. Sobre uma maldição dura, afastou-se, seu olhar seguindo o abraço do lençol, enquanto abraçava suas curvas, acariciando a ponta dos seios, aninhando na junção de suas coxas. Tão feminina. Tão linda. Ela suspirou e se virou, como se até mesmo em seu sono, tivesse que atenuar sua presença. Ele balançou a cabeça. Jane era muito mais do que pensava. Toda cientista, mas toda mulher, também. Não importa o quanto tentasse ser fria ou ausente nesse departamento. Arrastando o dedo por uma ruga no lençol, enquanto estava curvado sobre seu quadril, Slade balançou a cabeça. Jane não era uma mulher fria.

—Espero que você aprecie o sacrifício, doçura.

Nem mesmo um suspiro demonstrou que ela tomou ciência do comentário. Simplesmente ficou ali, presa em seu encantamento. Seria tão fácil pegar a borda do lençol em seu dedo. Tão fácil puxá-lo para baixo. Tão fácil liberar o desejo em sua mente. Tão fácil escorregar entre suas coxas. Tão incrivelmente fácil se aproveitar dela.

Outro passo para trás. Filho da puta, desde quando um Johnson, sequer brincava com a ideia de tirar proveito de uma mulher?

Slade?

A necessidade de vê-lo estava incorporada na consulta de Caleb.

Estou indo.

Por mais que odiasse deixar Jane, não podia confiar em si mesmo em torno dela. Pelo menos poderia manter sua conexão mental e ter o pior da sua angústia em si mesmo.

Para Caleb, ele ordenou, *Mande Derek enviar alguém para vigiar Jane*.

Feito.

Alguém bom.

Caleb sequer piscou mentalmente pela insegurança que provocou essa exigência.

É claro.

Slade teve que tomar o túnel para a casa principal. Ele desejava que fosse noite para que pudesse queimar a energia que estava vibrando em suas veias. Uma corrida através do ar da noite aliviaria muito estresse. Abrindo a porta da cozinha com suas janelas bloqueadas, viu Allie sentada lá com o pequeno Joseph no colo. Caleb estava sentado ao seu lado. Do outro lado da mesa estava Tobias, um Executor D'Nally. Todos tinham xícaras de café diante deles. Todos estavam observando-o com um olhar cuidadoso e avaliativo.



Merda de novo.

Os olhos do Executor se estreitaram, logo que ele entrou na sala. Os cabelos na parte de trás do pescoço de Slade se arrepiaram. Uma luta também seria boa para aliviar o stress.

Acenou para eles.

— Allie, Caleb. — Estreitou os olhos. — Executor. O que você está fazendo aqui?

— Estou de guarda.

Havia apenas uma razão para Tobias estar em guarda.

— Jace e Miri estão aqui?

Ele assentiu. — Estão lá em cima com Faith.

— Trabalhar como sentinela é um pouco baixo para você.

— Os D’Nallys assumem a proteção de nosso Alpha e de nossos filhos a sério.

Slade não tinha dúvidas disso, mas ele estava aprendendo que havia muitos níveis para tudo o que o Executor fazia. E não existia apenas *estar de guarda* para o Executor. Executores eram as Operações Especiais do mundo were. Executores do nível de Tobias possuíam habilidades que ninguém entendia. Essas habilidades entravam em jogo apenas quando havia muito risco.

— O que você não está me dizendo?

Tobias tomou um gole de seu café.

— Só que é melhor você consertar aquelas suas armas.

— Previsão de problemas? — Perguntou ele.

— Sim. — Os olhos do lobo se estreitaram quando ele inclinou a cabeça ligeiramente para trás. — Você estava com a mulher.

Soou como uma acusação.

— Sei que ele tem a reputação de ser um recluso, — Caleb falou pausadamente, — mas não é assim tão raro que Slade esteja com uma mulher.

— Ele estava com a cientista. Isso não pode ser.

— Por que não? — Allie estalou.

A expressão de Tobias não mudou. — Ela é uma distração.

— Não mais do que eu sou, — respondeu Slade.

Tobias balançou a cabeça.

— Muito mais, por razões que você não quer reconhecer.

Caleb deu um passo protetoramente em direção a Slade. Allie seguiu o exemplo, contrariando o brilho de aviso de seu marido com um, — O quê? Ele é meu irmão, também.

Slade não queria qualquer um deles em perigo por causa dele. Caleb esperou muito tempo pelo amor e a paz. Allie lhe deu tanto. Os lábios de Tobias se contorceram em um sorriso divertido que irritava.

Slade deslocou-se para a direita, chamando a atenção do Executor.

— Você não acha que estamos a sua altura?

O sorriso não saiu da boca do were, mas seus olhos ganharam um brilho frio e branco. Ondas de energia pulsaram pouco além do toque mental de Slade.

— Se eu quisesse você morto, não haveria nada que pudesse fazer.



Não pela primeira vez, Slade admirou a real profundidade do poder do Executor. E a direção de sua lealdade. Balanceado seu peso sobre seus pés, ele assentiu.

—Vou correr o risco.

—E eu também. — Caleb resmungou, tomando uma posição semelhante.

Allie colocou Joseph no assento do bebê sobre a mesa e deu um passo adiante. Antes que Allie pudesse abrir a boca para gritar, Caleb colocou sua mão sobre ela e balançou a cabeça.

—Você nunca correrá esse risco.

Allie olhou e pisou em seu pé. Foi uma tentativa tão ridícula de golpear as defesas de seu irmão, feita com tanta expectativa de sucesso, que Slade não poderia deixar de sorrir. Nem Tobias. Ou Caleb. O que deixou Allie ainda mais louca.

Assim que Caleb tirou a mão, ela estava cuspidando fogo.

—Você não vai me relegar a um segundo plano, Caleb Johnson. Estamos casados. Isso significa que estamos juntos em todas as coisas.

—Não na batalha, — rebateu Caleb.

—Não quando se trata de lutar, — reiterou Slade.

—Você tem outras preocupações— Tobias lecionou, acenando em direção a Joseph, que estava assistindo a tudo.

—Você não tem que encontrar a única coisa sobre a qual concordamos, — Allie bufou.

—É conveniente.

Pegando Joseph, ela murmurou, —Oh meu Deus, você é pior que as mães galinhas.

—Você deveria se esforçar mais para controlar a impulsividade dela, — Tobias disse a Caleb.

—Há momentos em que acho que é encantador.

Allie revirou os olhos.

—Estamos no século XXI, vocês sabem.

—Mas, ainda assim é perigoso, — Slade se sentiu compelido a acrescentar. E tudo era ainda mais perigoso agora que ele trouxe Jane aqui. Não que tivesse uma escolha.

—E você está casada com o chefe de uma família importante, — disse Tobias, controlando sua energia até que era mais uma vez um brilho intangível. —Isso faz de você um alvo.

—Todos somos alvos, mas ainda temos que viver, amar... Allie olhou incisivamente para Slade. —Casar.

Deixe que Allie aponte o elefante na sala.

—A cientista não é para Slade, — Tobias disse sem rodeios.

As sobrancelhas de Allie se arquearam. —Quem é você para determinar isso?

—Sim, Executor— Slade devolveu a Tobias seu próprio sorriso frio—quem é você?

Tobias arreganhou os caninos.

—Aquele com maus pressentimentos.

Os pressentimentos ruins de Tobias não eram para serem desprezados. Os cabelos na parte de trás do pescoço de Slade arrepiaram-se. Caleb deu um passo adiante, todos os sinais de desafio desaparecidos.

—Sobre Jane?



—Sim.

Slade sabia o que o *were* iria dizer.

—Cale a boca, Tobias.

—Pelo amor de Deus, nunca conseguimos fazer o cara falar e, em seguida, quando ele realmente tem algo a contribuir, você lhe diz para calar a boca? — Allie agarrou o braço de Tobias e puxou-o para a mesa. —Vamos comer uma garra de urso³².

Para surpresa de Slade, Tobias foi. —Você está ficando completamente domesticado, Executor.

—Uh-huh. — Ele pegou a massa gelada e mordeu um pedaço.

—O que ele está recebendo é a minha última garra de urso! —Caleb rosnou.

Allie cruzou os braços sobre o peito. —Você tinha acabado de desistir dela.

—Mas eu gostaria dele indo e voltando.

—Agora isso é simplesmente grosseiro.

Caleb olhou para Tobias. Allie olhou para Caleb. Slade quis silenciá-los antes que a verdade pudesse sair. Antes de se tornar algo que teria que ser tratado.

—Jane é assunto meu.

—Não neste caso.

Caleb balançou a cabeça.

—Ela é a companheira dele, Tobias.

—Ela não pode tomar seu sangue. Não pode haver nenhuma ligação.

Aquilo estalou a cabeça de Caleb para perto de Tobias. —Que diabos você está falando?

O frio apertou no intestino de Slade. Alcançando mentalmente, ele misturou a sua energia com a de Jane. Ela dormia porque ele a forçara, mas debaixo da coerção, a dor queimava. Merda. Ele não a converteu acidentalmente.

Ele a envenenou.

—Slade?

O toque em seu braço o trouxe de volta. Allie estava olhando para ele, a piedade em seus olhos. Todos estavam olhando para ele. Sentiu o roçar da mente de Caleb. O calculismo em Tobias.

—O que você sabe, Executor?

A cadeira rangeu quando Tobias sentou-se.

—Santuário está chegando.

—Agora nos diga algo que não sabemos.

Ele limpou a boca.

—Por ela.

Caleb estalou.



³² Garra de urso é um doce feito de amêndoas, muito popular no café da manhã nos EUA. O nome se refere ao formato do doce.



—Por quê?

—Pergunte a Slade.

Merda de novo.

—Slade? — Caleb perguntou. —Existe algo que você esqueceu de mencionar?

—Sua pesquisa é tão importante para eles como para nós.

—Merda.

Dentro de Slade, o vampiro levantou-se com a necessidade de proteger. Seus ossos doíam com o desejo de se transformar. O gosto de cobre do sangue inundava sua boca enquanto seus dentes se arreganhavam para a batalha.

Allie pegou Joseph.

—Como você sabe isso?

Empurrando Allie e Joseph para trás dele, Caleb perguntou muito calmamente:

—Sim, Executor, como você sabe?

Tobias levantou uma sobrancelha para eles. —Você pode sentir o cheiro da necessidade de acasalar nele. Mas ela não conseguiu aceitar a mordida. —Tobias inclinou a cabeça para seu lado. —Foi sua saliva o que a adoeceu?

—Slade? — Allie perguntou.

Ela seria tão sensível que apenas sua saliva poderia machucá-la? Ele passou a mão sobre sua nuca. —Eu não sei.

Ela não pode ficar aqui.

Slade virou-se com um rosnado, encontrando o empurrão mental do Executor com o seu.

—O inferno que ela não pode. Um pé fora dessa propriedade, e Santuário a pegará.

O olhar de Tobias não se afastou de Slade. Nem sua energia.

—Ela pode ser protegida, mas não aqui.

—Ela fica.

—Slade? — Caleb perguntou.

—Por que ela tem que sair? — Allie interrompeu.

—Por que ter uma companheira tão perto e não tomá-la irá deixá-lo louco.

Slade desviou de outra sondagem de Tobias, sentindo a surpresa do *were*, ao perceber que ele conseguia. Havia muita coisa que seus irmãos e o Executor não sabiam sobre ele. Muito que ele guardava para si.

—Eu estou bem.

—Você não está.

Estava bem o suficiente. —Eu nunca faria mal a Jane.

—Sim, você faria.

O rosnado seguinte veio de seus dedos.

O Executor ficou de pé, ombros largos, grande o bastante para deter até mesmo um Johnson.

—Mas não porque você queira machucá-la. E esse é o problema. Não podemos nos dar ao luxo de perdê-la. E não podemos nos dar ao luxo de perder você.



—Que diabos você está falando? — Caleb exigiu.

—Quando a pressão chegar a ser demais, ele ficará furioso.

—Furioso?

—Louco de raiva. Ninguém estará seguro.

—Slade? Furioso?

Era uma medida da doçura de Allie, que ela não pudesse ver a fera dentro de qualquer um deles.

—O McClarens ofereceram sua proteção, — Tobias continuou. —Lutarão até a morte por ela. Como você lutaria por Slade. Cruzando os braços sobre o peito, ele terminou: — Não importa qual lado ganhará essa batalha, será Santuário que ganhará a guerra.

Joseph inquietou-se. Allie praguejou e acariciou suas costas.

— Isso não pode acontecer. Nunca.

— Não, não pode. — A resolução na voz de Caleb enviou um arrepio na espinha de Slade.

— Talvez ela possa desaparecer.

E Slade poderia ir com ela. A projeção sangrou de Allie para Slade. Slade balançou a cabeça.

— Eles nunca irão esquecê-la.

Caleb colocou sua xícara de café sobre a mesa.

—Talvez seja a hora que você nos contar por quê?

Quanto deveria contar?

Tudo isso.

Cale a boca, Executor.

—A fórmula que ela estava trabalhando promete.

—Pode ajudar Joseph? — Allie perguntou com aquela esperança sempre presente, que Slade desejava poder realizar.

—Talvez. Mas isso não é o seu verdadeiro valor.

—E qual seria? — Jace perguntou, entrando na sala. Ele tinha as mesmas características quadradas como todos eles, mas seu cabelo estava maior sob seu chapéu, no estilo were, e ele estava ladeado por dois Executores D'Nally. Em seu rosto havia uma contusão se esvanecendo. Em uma hora ela teria sumido.

—Ei, Jace. Ainda resolvendo as nuances da liderança?

—Não, apenas ensinando técnica aos patifes.

—Eles devem estar cada vez melhores.

—Demonstram uma promessa. — Serviu uma xícara de café. —Então me diga sobre o verdadeiro valor desta fórmula.

Slade hesitou. Normalmente ele poderia contar qualquer coisa a seus irmãos, mas Jace estava alinhado com os D'Nallys agora e Tobias tinha seus próprios planos.

—Maldição, Slade, você a trouxe para cá, temos o direito de saber, —rosnou Caleb.

Acomodou-se para expor-se ao perigo.

—Ela é um recurso valioso, Caleb. Não podemos nos dar ao luxo de perdê-la.



—Aparentemente, não podemos nos dar ao luxo de mantê-la, se pudermos acreditar em Tobias.

—Tobias está apenas dando tiros no escuro.

—Tiros precisos, se o olhar no seu rosto é qualquer indicação.

O Executor tinha um jeito de saber coisas. Sua única fraqueza era a pequena Penny. Quando ele estava em torno daquele bebê, ele era um homem diferente. Quase... humano.

—Eu sei que você não pode mais esconder, — disse Caleb.

Merda. —Você sabe em qual experimento estive trabalhando desde que nos tornamos vampiros? Encontrar uma maneira de sustentar a nós mesmos sem tomar sangue?

—Sim.

—Eu acho que a pesquisa de Jane tem a chave.

—O inferno que ela tem, — comentou Jace.

—Você tem certeza disso? — Caleb perguntou.

—Não, eu não tenho certeza. Eu não vi todos os arquivos de sua pesquisa, mas eu acho que é provável, embora a mulher não saiba com o que ela está lidando.

Jace bateu os dedos na mesa.

—Inferno, Slade, isso faria a mulher tão brilhante quanto você.

Ela era mais que brilhante. Era vulnerável e doce. E sua. Até a fração de segundo que o levaria a perder o controle, e então ela estaria morta ou pior. Uma morte lenta, enquanto seus órgãos se dissolveriam sob a conversão fracassada. Mas ele não podia deixá-la ir. Não podia confiá-la a outra pessoa.

—Isso vai ser um problema, — Tobias murmurou.

Sim, seria.

—Onde está esta pesquisa? — Jace perguntou, cortando para a perseguição, como sempre.

—Eu ainda não sei.

Isso sacudiu a cabeça de todos para cima. Caleb praguejou.

—Cristo, você esteve com a mulher constantemente e não temos isso ainda?

—O que quer que eu faça, viole sua mente?

—O que for preciso, — Tobias rosnou.

—Como você pode dizer isso? — Allie perguntou, chocada.

Tobias empurrou sua cadeira, seus olhos dourados pairando sobre os Johnsons. A cadeira sacudiu instavelmente.

—Por que qualquer um que controla a capacidade de sustentar a vida, mantém o segredo para tomá-la.

—Filho da puta. — Caleb pegou a cadeira. —Eles poderiam envenenar a água, o meio ambiente.

—Somente se a combinação for capaz de ser inalada ou absorvida através da pele, — rebateu Slade.

—Você sabe que não é?

—Não.



Jace balançou a cabeça.

—Você tem de conseguir essa pesquisa, Slade.

—Eu sei.

—Você está mais próximo a ela. Ela confia em você.

—Eu sei, — ele quase gritou.

Allie passou por Caleb.

—Você não pode pedir-lhe para trair a confiança de sua companheira!

—Ela não é uma companheira de verdade se não pode tomar o seu sangue, — Jace interrompeu.

—Não temos outra escolha, — rosnou Tobias. —Não podemos arriscar que Santuário chegue primeiro à fórmula.

—E o que você vai fazer se chegar a ela primeiro? — Ela exigiu. —O que é tão sagrado sobre seus propósitos?

Tobias ficou de pé.

—Nenhuma maldita coisa, mas quando a morte acabar, Santuário não estará agitando uma bandeira de vitória.

Com um aceno de cabeça, Allie deu um passo à frente, estendendo a mão para o braço de Slade como se sua pequena mão pudesse conter a força do inevitável.

—Você não pode fazer isso, Slade.

Slade tocou sua energia em Jane. Sentiu sua força, sua confusão. Sua vulnerabilidade. Sua necessidade e sua retidão sempre presente, que sempre vinha com a união de suas energias. Seu vampiro rosnou um aviso. Seu lado humano lamentava, mas olhando ao redor da sala, viu a verdade nos olhos de seus irmãos. Sempre foram os Johnsons contra o mundo. E quando a poeira abaxasse aqui, isso ainda seria assim.

—Você vê alguém que pode?

Allie não tinha uma resposta para isso. Nem ele. Girando nos calcanhares, empurrou Jace ao passar, ignorando quando Caleb chamou seu nome. Ele tinha uma companheira para trair e para sempre lamentaria sua perda. O que diabos alguém poderia dizer?

Capítulo 12

Slade ficou ao lado da cama, observando enquanto Jane dormia. Ela se deitou de costas, os lençóis brancos empurrados para baixo, em torno de sua cintura, um braço jogado acima da cabeça como se afastando o que ela não podia ver. Ele. Em sua cabeça, pronto para tomar o que ela não iria dar. O que precisavam. Apenas uma pequena violação de sua mente. Isso era tudo que foi exigido. Para o bem comum. Então, por que ele estava com subterfúgios?

Seus olhos se abriram e encontraram os dele. Não havia censura em seu olhar. Nem ódio.

—Porque você é um homem decente.



O inferno que ele era.

—Não, não é isso.

Empurrando-se nos cotovelos, ela balançou a cabeça. Não importa o quanto ele tentasse, não poderia roçar suas emoções para fora da energia ao seu redor. Tudo o que conseguiu foi uma sensação de calma.

—Não? Então o que você diria?

—Estou pensando doçura, que você tem talentos não descobertos que ficam no meu caminho.

—Como o quê?

—Como bloquear meus pensamentos, ler minha mente, e escorregar para fora de minhas ordens.

Ela revirou os olhos.

—Ordens. É assim que se chama quando drogam as pessoas nos dias de hoje?

—Eu não droguei você.

—Não importa se você usou a sua mente ou uma pílula, os resultados são os mesmos.

—Mas você me chamou de decente.

Ela esfregou a testa e olhou para a erupção que estava desvanecendo em seu braço.

—Sim.

Apenas sim. Nada mais. Ele sentiu a necessidade de explicar.

—Você estava sentindo dor.

—Eu estava. — Olhou para ele incisivamente. —Qual é a sua desculpa para agora?

Ele ainda não desfizera o encantamento, e ela sabia disso quando não deveria saber. Interessante.

—Uma supervisão.

Ele desfez o encantamento. Ela enviou-lhe um olhar obscuro.

—Obrigada.

—O prazer é meu.

Ele podia ter desfeito o encantamento, mas não deixou sua mente. Ele amava sua mente. Ela trabalhava com precisão metódica sobre os problemas, evitando a emoção para manter o foco. Ainda que, de alguma forma, nunca perdesse a noção do impacto da emoção. Como agora. Estava assustada com o que apreendeu de seus pensamentos. Do que aconteceu quando ele tomou seu sangue, como ele lidou com isso, mas não estava deixando as emoções dominarem. Estava classificando por meio da realidade, à procura de padrões, procurando como ele conseguiu isso. Procurando por controle.

Ele desejava poder convocar o mesmo frio desprendimento. Dentro dele, a emoção governava, empurrando para fora da lógica e da razão, deixando apenas a imagem do que poderia ser com esta mulher, se estivesse comprometido com ela em outro tempo e lugar. Talvez a 250 anos atrás, quando a vida era menos complicada. Quando ele só sonhava com a liberdade mental que tinha agora. Quando só poderia sonhar com a capacidade de experimentar e criar. Antes que tivesse a eternidade para desejar e se arrepender. O cansaço rastejou sobre ele, se esgueirando



sobre seu lado cego. Deslizando o dedo ao longo da bochecha de Jane, deixou sua energia se misturar com a dela, não controlando, não dominando, apenas... harmonizando.

Acima de seu polegar seus olhos se arregalaram, as pupilas se ampliando enquanto sua mente ia mais fundo na dela, fluindo com a sua energia depois da luz, absorvendo-a, mergulhando na escuridão de sua alma. Encontrando a escuridão na dela, a dor que não terminou, o grito silencioso que ninguém nunca ouviu.

—Jane...

O sussurro enrolou em torno do grito, vinculando-os, ele puxou-o para dentro de si mesmo, tomando a dor, estremecendo enquanto carregava o peso do que ela enterrou tão profundamente dentro dela. Imagens correram sua mente. O rosto de um homem, bonito, exceto pelos olhos avermelhados e a barba. Dentes perfeitos descobertos em um sorriso que doía. Ele podia sentir a dor de Jane. Traição. O cheiro de álcool bateu-lhe na cara. Uma mão se aproximou. Um grito de criança. Tão interminável. Tão desesperado. Presa. Ela estava presa. O medo o agarrou. O medo dela. Dele. Deles.

—Jane.

—Não.

Ela não queria que ele soubesse. Não queria que ele visse, mas já era tarde demais. Ela não tinha forças para impedir que ele visse. Ele não a deixaria suportar isso sozinha.

Sua mente empurrou a dele.

—Afasto-se.

—Eu não vou deixá-lo machucá-la mais.

Eu tenho tudo sob controle.

Não tem. Eu posso sentir. Eu...

Ela balançou a cabeça. Um puxão interno sinalizou sua retirada. Ele rosnou baixinho. Ela pegou seu pulso na mão, ancorando-o a ela, mesmo quando tentou afastá-lo. Vergonha. Muita vergonha.

—Eu não sou quem você pensa.

—O inferno que não é.

Ele apertou ainda mais, passando o polegar em sua boca. A umidade de sua respiração era ainda uma outra ligação. Seus olhos se estreitaram. A raiva queimava externamente, rastreando ao longo de sua energia, brilhando através de seus olhos. Raiva antiga. O tipo de raiva que Jared carregou por tantos anos. O tipo que ameaçava devorar um corpo vivo.

Seu queixo empinou.

—Você não sabe nada.

O medo se misturou com sua energia. Mulher tola por pensar que ele não sabia. Mais tola ainda por pensar que jamais importaria.

—Eu sei que você é minha.

—Eu não sou algo que você pode tomar.

—Preste atenção em mim.

Aquele queixo se empinou.



—Não, você preste atenção em mim. Não serei controlada.

Ele pegou o queixo teimoso em sua mão.

—E eu não serei rejeitado.

Ela sentou-se ereta.

—Você me dá urticária.

—É verdade. — Mas só se ele a reivindicasse. Alisou o polegar sobre seus lábios, estudando a corrida de emoções sobre seu rosto, apesar de observá-la contra a vontade dela. Ele não podia dar-lhe muito, mas queria lhe dar paz. Quando a ansiedade dela se acomodou, ele encontrou um pouco de sua própria calma. —Você terá que fazer uma cura.

—Não há cura para você.

Essa afirmação triste feito em uma voz ainda mais triste. Ele queria nada mais que negar essa afirmação. Mas não podia. Mesmo que nada viesse dela. Merda. Ela estava certa. Não era justo. Ele queria o que seus irmãos tinham. Uma companheira ao seu lado. Uma mulher para mimar. Para proteger. Com quem rir. Com quem brigar. Com quem fazer as pazes.

Slade tirou suas botas, chutando-as. Bateram no chão, primeiro a direita e depois a esquerda. Duas batidas suaves que não deveriam assustar ninguém, mas fizeram Jane saltar. Desta vez, quando seu olhar encontrou o dele, a raiva tinha ido embora para ser substituída por... outra coisa. Algo que o atraiu.

Olhando para as botas e, em seguida, para ele, ela sussurrou:

—Nós não podemos.

Deslizando em cima da cama, ele se apoiou sobre ela. Seu suspiro era tão suave quanto sua pele. Tão atraente. Queria ouvi-lo novamente, desta vez áspero pela paixão.

— Quem disse? — Ele sussurrou de volta.

—Você. Muitas vezes.

A curva do seu rosto desenhou seu toque.

—Eu era um tolo.

—Você nunca é um tolo. — Esticando-se, pegou a mão dele. —O que há de errado?

Seu corpo estava nivelado contra o dele. Suave e doce, suas curvas se encaixando perfeitamente em seus planos. Por agora não havia ameaça do Santuário, nenhum perigo de conversão. Nenhuma perda. Por agora não havia ilusão.

—Nenhuma maldita coisa.

—Você está mentindo.

Virando a cabeça, ele beijou o centro da palma de sua mão.

—E você está se escondendo.

—É aqui que eu devo dizer que vou parar quando você também o fizer?

—Não, aqui é onde você diz que não dá a mínima.

Ela piscou.

—Eu não dou a mínima. — Ela parecia surpresa. —Isso é porque você está me influenciando?

—Talvez.



Seu aperto afrouxou.

—Por quê?

—Porque estou cansado.

Seu olhar procurou dele.

—De quê?

De ter esperança, de lutar, desse tempo sem fim. Pressionando levemente, ele separou seus lábios, obtendo um vislumbre de como seria ter sua boca na dela, tirar seu fôlego com o dele. Para eliminar as barreiras físicas, bem como as mentais.

—De esperar para que alguma coisa boa aconteça para mim.

—Alguma coisa boa?

Ele assentiu, olhando para a vastidão livre na grande cama *king size*. Havia espaço mais que suficiente para ele lá. Com ela.

—Quando eu e meus irmãos éramos mais jovens e os tempos eram difíceis, começamos a fantasiar sobre coisas boas, como uma panela de sopa que nunca esvaziasse, ou um cobertor que nos mantivessem quentes na noite mais fria. Logo evoluiu para um jogo onde tínhamos a nossa lista de alguma coisa boa para a semana. E quem adivinhasse o que havia na lista dos outros, teria que pagar uma rodada de bebidas para todos.

—Aposto que você era bom nisso.

Ele balançou a cabeça. —Eu bebia demais.

—Você era tão ruim em conseguir o que queria?

—Não, eu era muito ruim no que eu desejava.

Seu olhar suavizou um pouco.

—O que você desejava?

—Uma coisa simples. — Uma mulher que o amasse pelo que ele era, com todas as suas formas estranhas de pensar e seu amor por consertar.

Seus dedos tremeram contra seu pulso.

—E o que era?

—Não é importante.

—Slade...

Ele adorava como ela falava seu nome, suavemente, com um tom rouco que acariciava seus sentidos com a delicadeza de um toque.

—O quê?

—Tente se lembrar, quanto tempo você ficou sem isso?

—Não muito. Nós crescemos rápido.

Ela lambeu os lábios. Sua mão caiu em seu ombro.

—Eu estava perguntando sobre você.

Puxando-a em seus braços, envolveu um muro mental em toda a persistente vergonha que ela abrigava, enterrando-a sob toda a luz que ele pudesse fornecer de sua própria alma escura.

—Eu sei, mas há coisas melhores para falar.

—Como o quê?



—Como o quanto eu gostaria de beijá-la agora.

Seus lábios dilataram. Seu perfume condimentou. Seu pau latejava. E sua alma ansiava.

—Nós temos os resultados dos testes para estudar. — Ela suspirou.

Ele relaxou o peito no dela.

—Estou muito cansado.

De muitas coisas, além da pressão da tarde que o colocou em estado de alerta, que Jane estava começando a suspeitar. Ela tentou imaginar como seria enfrentar a eternidade. Sobreviver a tudo o que conhecia. Dizer adeus mais e mais. Não amar, porque a dor seria insuportável quando as pessoas amadas envelhecessem e morressem. Querer, mas nunca ter. Ter tudo, mas na verdade, não ter nada.

—Você, pelo menos, armazenou as amostras?

Ele suspirou e esfregou o polegar sobre seus lábios.

—É claro. Eu até comecei alguns dos testes mais longos.

— Excelente!

—O que significa, que temos tempo para matar.

—Então você tomou conta de tudo?

—Sim.

Retorcendo contra ele, movendo-se com ele quando ele respirou duramente, Jane sorriu. Ela gostava como Slade reagia à ela.

—Você sabe como excitar uma mulher.

—Oh?

Lançando-se sobre a cama, ela fez um lugar para ele.

—*Oh?* Depois de quase dois séculos a única resposta que você tem com uma mulher se oferecendo sexualmente para você é *oh?*

Deslizando para sua posição ao lado dela, ele sorriu aquele sorriso que fazia seu pulso saltar.

—Somente quando elas me dominam.

Seu corpo grande encheu o espaço que ela tinha criado, convidando o dela a cair contra o dele. Ela poderia ter resistido. Talvez deveria ter, mas ao contrário da época em sua vida quando ela tinha feito sexo como autopunição, ela não ia acordar amanhã com o arrependimento empilhado em cima da vergonha. Então, ela deixou-se cair, chegando a descansar contra Slade. Seu braço veio imediatamente ao seu redor, deixando-a segura em seus braços.

Não, isso não seria assim.

Ligando as mãos atrás do pescoço de Slade, Jane saboreou a curva dura de músculos fazendo cócegas nas palmas de suas mãos.

—Essa é uma maneira de dizer que você não se importa de ser abordado por uma professora *nerd*?

Seu torso moveu-se ao longo do dela, deslizando com uma facilidade que deveria ter sido desmentida por seu peso. Era fascinante. Era erótico. Ainda mais quando ele prendeu-a com uma perna em seus quadris e sorriu aquele sorriso de *bad-boy* que deixou seu coração tamborilando em um ruído surdo.



—Essa é a minha maneira de dizer que você está usando muitas roupas.

Deslizando entre as coxas dele, ela cantarolou contra sua garganta.

—Talvez você possa remediar isso.

O estreitamento de seus olhos a deixou feliz por não ser uma virgem tímida em sua primeira viagem pelos caminhos do amor. Esta noite seria poderosa. Quente. Tudo que ela sempre sonhou e nunca encontrou. Slade era o tipo de homem que testava os limites de uma mulher. Era o cientista que existia nele. Ele não podia controlar isso. E a cientista que existia nela mal podia esperar. A mulher já estava se abrandando para recebê-lo.

—Um desafio?

—Absolutamente.

Pegando sua mão entre as dele, pressionou-as contra o colchão, acima de seus ombros.

—Você deve saber que um Johnson jamais resistiu a um desafio.

—Não vejo como isso resultaria como uma perda para mim.

O canto de sua boca contraiu-se.

—Excelente.

Ela esperou pela vergonha, mas ela não veio. Não estava punindo-se com Slade. Slade era um presente.

Seu sorriso suavizou para um sorriso sensual.

—Eu gosto de ser o seu presente.

Ele leu sua mente. Ela não se importou. Faíscas de excitação reuniram-se em pequenos pacotes de sensações que se envolviam em torno de seus sentidos, banhando-a em uma lavagem de antecipação que beirava o insuportável. Estremeceu sob seu ataque e beijou seu peito através da abertura da camisa. O calor de sua pele era um pequeno bálsamo para seus sentidos superaquecidos. A carícia de sua energia roubou seu fôlego.

—Como você faz isso? — Ela gemeu.

—Faço o quê?

Provavelmente não deveria dizer a ele, mas o que adiantava ser imprudente se não percorreria todo o caminho?

—Me faz sentir como se eu não pudesse ter minha próxima respiração se você não fizer parte dela.

—Filho da puta.

A maldição foi dura. Reverente. Faminta. Um alerta do assalto por vir. Ela abriu a boca e os seus sentidos. Convidando-o a entrar. Nada em seu beijo era reverente. Era uma reivindicação primordial. Boca a boca. Língua a língua. De alma para alma. E ela foi, ansiosamente, saboreando o caminho. Slade pilhou sua boca, exigindo tudo. E tudo o que ele exigiu, ela deu. De boa vontade, com tudo dentro dela. Isto era certo. Tão certo. Seu homem. A saia da camisola enrolou-se em suas pernas, prendendo-a quando queria se libertar.

Foi sua vez de praguejar. Sua vez de rir. No segundo seguinte, houve o som do tecido se rasgando antes que o ar frio tomasse conta de sua pele sensível. Em seguida, sua perna estava livre. Ela a estendeu, tremendo com a aspereza da calça jeans raspando delicadamente o interior



sensível de sua coxa. Ela sorriu e pegou a mão de Slade, trazendo-a aos lábios, não vacilando diante da visão de suas garras.

—Eu gosto do jeito que você chega ao centro do problema.

Ele ficou imóvel.

—Não acredito em perda de tempo.

Ela sabia por que ele ficou tenso. Segurando seu olhar, ela mordeu a parte mais suave da carne na base de seu dedo indicador. Ele estava preocupado que ela temesse seu lado vampiro.

—Isso é parte de você, também.

Seu olhar escureceu quando ela começou a desabotoar os botões de sua camisa.

—Eu gostaria...

—O quê?

Ele balançou a cabeça.

—Eu queria tê-la conhecido antes.

Antes de se tornar vampiro. Ela empurrou a camisa para fora de seus ombros.

—Vamos fazer um acordo. Você não se desculpa por quem você é eu não me desculparei por quem eu sou.

—Você está falando sério?

—Sim.

—Merda. — Sua mão se enrolou em torno da dela. Suas garras tocaram sua pele, mas não furaram. Ele sempre era tão cuidadoso com ela. —Você é imprudente.

—Você gosta disso.

—Eu gosto, e prometo...

Ela balançou a cabeça, e colocou os dedos sobre seus lábios. Não era uma mulher tola. Sabia que isso não poderia durar. Não queria ser convertida mesmo se fosse possível. Mas ela poderia criar memórias.

—A única promessa que quero ouvir é aquela em que você me diz como vai me fazer sentir bem esta noite.

Outra risada e um sorriso que chutou sua boca até o canto. Suas presas mordiscaram as pontas de seus dedos. Suas garras deslizaram até o interior de seu braço.

—Querida, vou passar a noite toda me deliciando com você. Farei você gritar. E implorar. E quando pensar que não poderá aguentar mais, darei tudo que você sempre sonhou.

—Oh sim! — Ela queria isso. Seus nervos já estavam pulando, e entre as pernas, aquelas pequenas centelhas de sensibilidade estavam se multiplicando, abrangendo tudo, até que ansiava pelo toque de sua mão em seu ombro, o roçar de seus lábios em seus seios, as lambidas de sua língua em seu clitóris.

Fechando os olhos, Jane projetou esse desejo em direção a Slade. Ele prendeu a respiração, seu corpo ficou tenso, e por um momento de grande emoção, ela pensou que poderia realmente ouvir sua pulsação disparar. Enquanto a experiência prosseguia, isto era de longe o mais estimulante. Estar tão conectada a um amante que sua excitação era a dela... Ela se mexeu na cama e segurou a imagem mental. Era...



Perfeita.

—Sim.

O colchão afundou quando Slade mudou de posição. Os lábios roçaram seus seios. Fogo disparou para seu núcleo. Aproveitando seu movimento, ele deslizou por seu corpo, pele acariciando pele, enquanto mordiscava o caminho para seu torso. Sua respiração ficou ofegante e seu pulso parou um segundo antes de pegar o ritmo do dele. Fechou os olhos, deixando a sensação de derramar sobre ela, suas emoções se despejaram sobre ela.

Quente. Exigente. Possessiva.

Dele. Ela era dele.

Ela afastou-se do pensamento.

Não. Não queria isso. Não queria o *para sempre*.

Sim. Sinta-me. Sinta como isso é perfeito.

De repente, ela não tinha nenhuma escolha. Ele estava lá em sua mente, ali em seus sentidos, provocando seu prazer, alimentando sua fome.

—Oh Deus, eu quero você.

—Excelente.

Beijando o interior de sua coxa, ele permaneceu naquele ponto carnudo perto do topo que ela sempre considerou tão feio. E ele o fez bonito. Maldito. Ele sempre estava fazendo coisas bonitas para ela. Suas presas testaram sua pele. Ela deveria empurrá-lo. Em vez disso, puxou-o para mais perto.

—Não lute contra mim, Jane. Hoje não.

A emoção correu sobre ela. Forte. Masculina. Necessitada. Ele não lutava justo. Ela poderia ter resistido à sedução. Lutou contra o encantamento, mas o que poderia fazer com a necessidade? O homem precisava dela. Muito. Fisicamente, mentalmente. Ele precisava estar com ela. Do jeito que ela precisava estar com ele. Ela não estava tentando fazer nada. Não estava tentando enganar a si mesma. Isso era real. E estava tão indefesa quanto ele, diante disso. Com um gemido, ela se rendeu.

—Não. Sem lutas esta noite. —Levantou a perna, tornando mais fácil para que ele explorasse. Querendo que ele encontrasse qualquer limite que ela mantinha e os empurrasse para longe. —Mas, por favor, você poderia se concentrar em outro lugar.

Ele riu.

—Eu gosto deste lugar. É suave e doce e pede uma mordida.

O que ela poderia dizer sobre isso? Que não queria sua atenção? Seria uma mentira. Seus beijos banhavam sua pele em fogo, e não podia esperar para queimar.

—Você é linda, querida. Tudo em você.

Ela não era, mas ele a fazia se sentir bonita, e um sentimento como esse necessitava ser alimentado, explorado.

Ela nunca se sentiu bonita antes.

—Isso é uma vergonha. — Ele tocou no ponto sensível com a língua.



Ela deslizou os dedos por seus cabelos, não se importando que ele estivesse lendo sua mente. Os fios estavam frios, seus lábios quentes. Segurou-o perto dela, não querendo que esse sentimento fosse embora. Não querendo que ele fosse embora.

—Slade.

A borda de seus dentes roçou sua pele. Sua respiração suspendeu em seus pulmões. Ele iria mordê-la? Estava com medo que ele mordesse, ou não?

—Devo continuar?

Ele tinha que estar sentindo seu medo.

—Você sabe a resposta.

Com um beijo suave, ele liberou-a da tensão.

— Com você, não estou tomando nada como garantido.

—Então, sim.

—Excelente. —Sua língua se agitou sobre o vinco entre seu quadril e coxa. Quente. Tão quente. Jane agarrou sua cabeça, puxando sua boca para ela enquanto rosnava, —só não faça com que eu me arrependa.

Rindo, ele beijou sua boceta, provocando-a com o toque de borboleta de sua língua. Todas as terminações nervosas ao redor transformaram-se em fogo líquido.

—Você não precisa se preocupar, querida. Eu a manterei segura. Não importa o que aconteça.

Ele teria que manter, porque ela não poderia. Não hoje à noite, com sua respiração em sua pele, enevoando sobre o clitóris, sua expectativa. Suas mãos deslizaram até o tronco, envolvendo seus seios. Seios que ela sempre sentiu que eram muito pequenos, mas agora pareciam perfeitos pela maneira que se encaixavam em suas mãos. Tão certos na maneira que respondiam aos golpes de seus dedos. Jane deslocou-se na cama quando o calor a envolveu. Fogo. Todos os lugares estavam em chamas. Estava queimando de dentro para fora, mas era o calor mais abençoado, cheio com uma necessidade que misturava com sua energia, conduzido através da paixão e desejo, encontrando sua paixão, arrastando-a em sua direção. Tão boa. Sua energia era tão boa.

Slade acariciou sua língua por entre as dobras de sua boceta, não correndo, mas persistente, saboreando. Conectados como estavam, não havia nenhuma maneira que pudesse não perceber o quanto ele gostava de seu gosto, de seu prazer.

—Doce.

Sim, era doce e quente. Muito, muito quente. Mais quente do que ela sempre sonhou. Um incêndio fora de controle. Envolvendo seus dedos ainda mais apertadamente em seus cabelos, Jane puxou Slade para perto, e quando sua língua rodou em seu clitóris supersensibilizado, o empurrou para longe, sem saber se poderia suportar. Sem saber se queria suportar.

—Oh meu Deus, Slade.

—Queime por mim.

Ela não podia fazer mais nada. Puxando-o para mais perto, apertou-se em sua boca, para o prazer, para queimar. Para os gostos que nunca conhecera antes. Ela teve outros amantes, mas sempre manteve um pedaço de si mesma retraído, e ela queria manter-se retraída aqui, mas sua



vontade não era nada contra o prazer que ele derramou sobre ela. Slade a levou adiante com o chicote de sua língua, a pressão de seus dedos. Uma doce dor beliscou seus seios, rapidamente se derretendo em um prazer que pulsava visivelmente, crescendo enquanto sua língua rodava em torno de seu clitóris, estabelecendo-se em uma dor. Sua boceta floresceu com a necessidade, amoleceu, convidou...

—Slade.

—É isso, querida. Abra-se para mim.

Seus lábios fecharam-se suavemente em torno de seu clitóris, pressionando suavemente enquanto ele beliscava seu mamilo novamente. Arqueou-se para o carinho com outro grito incoerente enquanto ele separava suas dobras com o dedo, penetrando um primeiro, e depois outro em seu canal apertado. Não conseguiu conter um gemido no alongamento íntimo, ofegando quando ele sugou delicadamente e penetrou os dedos mais fundo. Ela desistiu de sua última resistência com um grito ofegante enquanto ele fazia isso novamente, e novamente, suas pernas ficando sem energia, já não lutando mais contra ele, já não segurando-o, apenas deitada lá, deixando-o levá-la onde quer que ele desejasse.

Ele levou-a mais alto. Sempre levando-a mais alto. O prazer se desenhou como uma bola apertada e explosiva entre suas pernas, enquanto ele a tomava mais fundo em sua boca, apaixonado. Seus braços tremiam e sua respiração ficou presa na garganta. As unhas raspavam o lençol, em um esforço infrutífero para se segurar quando ele beliscou seu mamilo mais forte, impulsionando mais profundo, espetando as chamas ainda mais quentes. Era demais. Não era suficiente.

Ela se retorceu na cama.

—Slade.

O prazer rasgou o nome dele de seus lábios, de sua mente. Energia precipitou-se dele para ela, crepitando ao redor deles enquanto ele rosnava seu prazer. Quando testou seu clitóris com a ponta dos dentes, o ar estava de repente muito denso para respirar, sua mente muito pesada para pensar, o prazer intenso demais para nascer.

—Por favor... — Ela estava ali, bem ali, todos os músculos tremendo, todos os sentidos sintonizados com ele. Juntando os lençóis em suas mãos, ela gemeu. —Eu preciso gozar.

—Ainda não.

Desta vez, ela agarrou seus cabelos e puxou. Não adiantou. Tudo o que obteve dele foi uma risada, enquanto Slade subia beijando o caminho de seu corpo, evitando os pontos que a teria derrubado sobre a borda. Contra a sua coxa, o pau grosso pressionava. Pegando suas mãos nas dele, prendeu-as no colchão acima de sua cabeça. Ela olhou em seu rosto. Ele sorriu para ela. Como ele conseguia sorrir em um momento como este?

—Abra suas pernas.

O desafio subiu diante desse ordem. Esta era sua vida, seu momento, e ela não seria comandada.

—Não.



Em vez de ficar bravo, ele sorriu. Em seguida, inclinou-se. Ela não conseguia afastar os olhos de seus lábios.

—Não?

Com um toque lento de seus quadris ele cancelou sua fraqueza. Deslizou sua coxa entre as dela, seu pau pressionado contra o vinco em sua boceta. Por um segundo deixou seu pau descansar contra ela, deixando-a absorver o calor, o tamanho, antes de lentamente arrastar o comprimento e espessura, da ponta a base, ao longo de seu clitóris inchado.

E rapidamente, suas objeções morreram. Ele poderia ter qualquer coisa que quisesse dela, enquanto ele não parasse. Suas pernas se espalharam. Sua respiração ficou presa.

—É isso mesmo, deixe-me entrar. Simplesmente deixe-me entrar, sem brigas.

Seu *Por que não?* morreu em um guincho, mas estavam tão ligados que ele ouviu assim mesmo.

—Porque eu estou no limite. Porque sou vampiro e você é minha companheira e a necessidade de transformá-la é forte em mim.

Aquilo arregalou seus olhos. Ela queria Slade, mas não queria ser vampira.

—Não.

Ele a beijou e sua objeção caiu no esquecimento.

—Eu não vou convertê-la, mas vamos ter isso.

Isso era acomodar seu pênis dentro de sua vagina, pesado e grosso. Outra tensão entrou na mistura. Ela não sabia se conseguiria tomá-lo.

Você conseguirá.

Ela estava se acostumando com a maneira como ele deslizava dentro e fora de sua mente.

—Tem um longo tempo.

Ele beijou seus lábios suavemente, um oásis de calma no meio da tempestade.

—Então, faremos lentamente. Coloque seus braços ao redor do meu pescoço.

Ela colocou.

Segurando seu olhar, ele relaxou seu corpo no dela, misturando-os em um impulso constante. Ela estremeceu e suspirou enquanto seus delicados músculos internos acariciavam seu eixo espesso. Era quente, maravilhoso. Tão bom. A pressão crescia enquanto ele pressionava mais profundamente, quase até a borda da dor.

Enfiando as unhas em sua nuca, ela suspirou: —Slade.

Ele parou, descansando dentro dela.

—É muito?

—Eu não posso... —Ela balançou a cabeça, incapaz de transmitir-lhe o que estava acontecendo lá dentro, o desejo de fugir. A necessidade de ficar. Um conflito muito grande para colocar em palavras, mas ela não precisava. Sua mente estava entrosada com a dela.

—Shh. Está tudo certo. Não estamos com pressa. —Continuou a beijá-la, afagá-la e segurá-la até que seu medo desapareceu e seus músculos internos relaxaram. Seu pau flexionou, esticando-a deliciosamente. Arqueando-se, ela o aceitou mais, tremendo quando seu pênis flexionou novamente. Nada nunca foi desse jeito, nunca se sentiu assim. Nada nunca seria assim.



—Tão bom, — ela gemeu. —É tão bom.

—Muito bom.

O sussurro masculino preencheu sua mente. Sua energia a envolveu. Paixão. Perfeição. Ele ofereceu tudo a ela em um impulso constante. Ela ofegou e ele se manteve quieto, deixando-a se ajustar, antes de puxar para trás e lentamente, acomodar-se firmemente até o cabo. Enquanto sua virilha se acomodava contra o clitóris inchado em um lento bombear, seus dedos roçaram seu rosto daquela maneira que dizia tanto.

—Tudo bem?

Ela assentiu e virou a cabeça, espantada por encontrar sua voz em meio ao tumulto.

—Melhor que bem.

—Excelente. — Inclinando-se, ele chupou seus seios, mordiscando a ponta, pegando-o entre os dentes, mordendo levemente. Não era suficiente. Ela precisava de mais.

—Oh, por favor. Mais forte.

—Tem certeza?

Será que ele achava que ela iria quebrar?

—Positivo.

Sua mão deslizou entre eles, estabelecendo-se no clitóris em uma minúscula culminação que se tornou algo maior, crescendo à medida que ele esfregava, no início suave e firme, nunca lhe dando o que ela precisava para gozar, mantendo-a equilibrada naquela borda afiada do desejo.

Ela podia sentir a força de sua paixão. Sua necessidade de possuir. Ele precisava dela como ela precisava dele, mas ele estava negando a ambos. Por quê?

—Slade!

—Estou aqui.

Envolvendo as coxas em torno de sua cintura, puxou-o para ela.

—Chega de brincadeiras.

—Eu não estou brincando.

—Nem eu.— Elevando os quadris, ela o recebeu ainda mais profundamente, sorrindo para o seu gemido, pela brecha em sua energia que sinalizou sua perda de controle. Saboreando a corrida do desejo que rolou sobre ela. Saboreando o conhecimento que ele não poderia resistir mais a ela, do que ela poderia resistir a ele. Sorrindo, o encontrou a cada impulso.

—É isso mesmo, pegue o que quiser.

O que ela queria era tudo.

—Mais— ela suspirou, torcendo-se em seu impulso. Queria mais. Ele lhe deu, mas não era suficiente. Precisava dele mais profundo, mais duro. Precisava dele selvagem. —Filho da puta.

Em um movimento tão rápido que a deixou piscando, ele virou-a e deixou-a de quatro. Por um segundo, ela se viu através de seus olhos. Os quadris brancos e arredondados, parecendo incrivelmente exuberantes acima de suas coxas separadas e sua boceta inchada. Ele adorava sua bunda. Seguiu com ele mentalmente enquanto seu olhar seguia a linha da coluna para onde seu cabelo caía longe da nuca, deixando-a exposta e vulnerável. Ela sentiu o prazer de Slade. A luxúria



de Slade quando seu pau pressionou contra ela. Na próxima respiração a imagem desapareceu, e depois havia somente sua luxúria a consumindo, sua necessidade. Seu prazer.

A mão dele desceu sobre seu quadril em uma palmada leve.

—Agora.

Abrindo as pernas, ela deu as boas vindas a sua posse, empurrando para trás enquanto ele metia, gemendo enquanto cada centímetro de seu pau grosso acariciava ao longo daquele determinado ponto dentro dela que era como riscar um fósforo na lenha. Ele parecia maior desta forma. Melhor. Mais duro.

—Mais, — ela suspirou. Ela só precisava de um pouco mais.

Ele lhe deu mais, empurrando mais forte, mais profundo, estapeando sua bunda quando ela gritou, fazendo isso de novo quando ela implorou. A ardência misturada com o calor. Apenas um pouco mais. Era tudo que ela precisava. Só um pouco mais.

—Slade, — ela chamou seu nome, precisando dele lá com ela quando perdeu a noção de si mesma. —Slade!

—Jane.

Seu nome era uma dura maldição em seus lábios. Uma bênção. Um incentivo para empurrar mais duramente, para exigir mais. Seus dedos envolveram seus cabelos, puxando sua cabeça para trás, puxando-a de volta a cada estocada.

—Mais. — Oh Deus! Ela precisava de mais. —Eu preciso de tudo de você.

—Merda, sim!

Ele encostou-se em suas costas, apoiando-se com uma mão, enquanto a outra deslizava sobre seu estômago para envolver sua boceta, ancorando-a lá enquanto seus dedos encontravam seu clitóris, envolvendo-a em concha.

—Droga, Slade! Não provoque.

—Não, querida. Eu não vou provocar. —Sua respiração acariciou sua nuca. —Só quero ter certeza, — ele respirou enquanto testava a carne apertada em torno de sua união. Seus lábios tocaram seu pescoço. Cada nervo vibrava. Arrepios subiram sobre a pele. Ele não iria...

Antes que ela pudesse protestar, ele beliscou seu clitóris, rolando-o entre os dedos enquanto seu pau batia em sua vagina. O prazer explodiu em êxtase e ela gozou, gritando seu nome, ouvindo-o sussurrar em seu ouvido e depois sentindo os dentes roçarem seu pescoço. Ela congelou quando um outro sussurro seguiu o primeiro.

Minha.

—Não! — Foi tudo que ela conseguiu suspirar antes de sua vontade subjugar a dela.

Ela não queria ser vampira.

Capítulo 13



O SUV parou em seu bangalô na sua rua tranquila, no seu bairro tranquilo. Seria tão bom se todo o resto fosse tranquilo, mas não era. A energia enchendo o SUV era tensa, quase raivosa. E não era somente porque Derek, o grande e rude *were* com aparência militar, que era amigo de Slade, estava com eles. O homem irradiava hostilidade de um jeito contido, *tipo saia do meu caminho*. Ele era um exemplo perfeito de raiva reprimida comendo um homem de dentro para fora. Todos os *weres* estavam tensos.

Como se ouvisse seus pensamentos, Derek virou-se e ordenou: — Espere aqui.

Abrindo a porta, ela saiu. O olhar que ele atirou sobre ela a teria transformado em pedra se tivesse esse poder.

Jane deu a ele seu sorriso mais doce e colocou a alça do estojo de seu laptop no ombro.

— Você esqueceu de dizer por favor.

Slade pegou seu pulso e puxou-a para trás. Havia algo cativante e enfurecedor na forma como ele sempre estava puxando-a para longe dos limites de sua própria imprudência.

— Eu estou com ela.

Derek grunhiu e fez sinal aos outros *weres* para seguirem em frente.

Quando desapareceram nas sombras em torno de sua casa pequena e singular, levando sua tensa energia com eles, Jane sentiu a raiva dentro dela diminuir.

— Você realmente acha que o grande e malvado Santuário está sentado aqui na minha casa esperando minha visita?

— Acho que estão vigiando o lugar.

— Não mais.

Tobias deslizou ao lado deles. Uma sombra deslocando-se dentro das sombras. Jane não conseguiu impedir-se de pular. O homem a deixava nervosa. Sua energia era uma massa fervilhante de qualidades indefiníveis. Ela não confiava em ninguém que não conseguia classificar em algum lugar.

— Pare de esgueirar-se silenciosamente.

Ele não se desculpou, apenas lhe deu um olhar que espelhava o que Derek tinha lhe dado. Nenhum som vinha da casa.

— Havia apenas dois vigias, — Tobias disse a Slade.

Havia. Ela estremeceu. Slade apertou sua mão. Era um gesto quase distraído. Como os outros, sua atenção estava nos arredores.

— Eles receberam algum aviso prévio? — Ele perguntou a Tobias.

— Não os dois, mas é possível que houvesse outros. Foi tolice ela vir.

Jane bateu a porta. *Ela?*

— Qual é o seu problema comigo, Tobias?

Ele olhou para ela sobre o teto do carro.

— Você guarda segredos.

— Você também.

— Seus segredos poderiam levar pessoas à morte.

— E os seus não?



Slade apertou seu braço em alerta.

—Você está questionando a lealdade de minha companheira, Executor?

—Ela não é sua companheira de fato.

—Até onde te interessa, ela é.

Jane queria empurrá-los para o lado. Estava cheia de homens arrogantes.

—Isso é verdade? — Tobias perguntou.

Ele estava tentando encurralá-la. Ele realmente achava que ela era tão fácil de manipular?
Sim.

Meu Deus! Ele estava em sua cabeça.

—Vá para o inferno.

—Todos iremos para lá em breve, se você não puder trazer a promessa de sua pesquisa.

—Eu posso trazê-la— Apenas talvez não no tempo que Joseph necessitava. Ela imaginou o rosto abatido do pequeno bebê. Nada menos do que sua situação poderia tê-la forçado a revelar seu esconderijo, mas sem suas anotações, ela não poderia tentar a cura. Então, em um salto de fé cega, concordou com esta viagem. —Mas parece-me que se eu não conseguir trazê-la você simplesmente voltará para onde começou.

—Não há como colocar o gênio de volta na garrafa, uma vez que está fora.

—O que significa isso?

—Você será caçada pelo resto de sua vida, — Tobias informou.

Ela olhou para Slade. Ela tinha que agradecê-lo por isso. Se ele simplesmente tivesse deixado-a em seu laboratório, nada disso teria acontecido.

—Obrigada.

—Você é bem-vinda.

A vontade de chutar alguma coisa, ou alguém, aumentou.

—Mas podemos mantê-la segura, — Tobias prometeu.

—Sério?

—Sim.

—Você apostaria a vida de Penny nisso?

Tobias não lhe deu a satisfação de uma resposta.

—Estamos perdendo tempo.

—Meu comentário o estressou?

—Controle a sua mulher, Slade, — Tobias vociferou.

Jane revirou os olhos. Não havia nada que Slade pudesse fazer para controlá-la.

—Basta, — Slade falou gentilmente.

Ela olhou para Slade.

—Essa é a sua tentativa de controlar-me?

Com um olhar apontado para Tobias, ele respondeu: —Essa é a minha tentativa de fazê-lo ver a razão antes de eu ter de atacar alguém.

—Você acha que pode me encarar, Johnson? — Tobias perguntou.

Slade não recuou um milímetro.



—Acho que estamos prestes a descobrir.

O cascalho rangeu sob os pés de Derek quando ele emergiu das sombras.

—Eu te disse, Tobias, debaixo daquele jaleco o cara é um lutador.

—Nós não precisamos dele para lutar. Precisamos dele para obter a informação dela antes que seja tarde demais. Se ele não puder, precisa se afastar e deixar que outra pessoa o faça.

Jane sentiu uma exploração nas bordas de sua mente. Energia potente um pouco além de seus limites, enrolada e pronta para atacar.

Ela deu um passo para trás. Tobias.

—Não. — A advertência de Slade foi emitida em um rosnado selvagem. Quando Jane olhou, viu que Derek segurava Slade pelo braço. As presas de Slade estavam expostas.

Derek olhou para Tobias. —Você já disse o suficiente.

—Não temos muito tempo.

—Então vamos fazer isso, — Slade revidou.

—Faça rápido. — A energia se retirou. Girando nos calcanhares, Tobias desapareceu de volta para as sombras.

Jane esfregou as mãos sobre os braços.

—Eu não gosto desse homem.

—Você está ganhando o respeito dele, — disse Derek.

Slade colocou o dedo no receptor, que ela sabia que estava em seu ouvido.

—Por que você apenas não fala telepaticamente com todos? — Ela perguntou, quando ele terminou.

—Porque eu não posso falar mentalmente com um were, a menos que eu o tenha mordido, e morder um *were* é complicado.

—Política?

—Porrada total.

—Tobias é um *were*.

—Não temos certeza do que Tobias é.

—Ele é mais que um were.

—Sim.

Ele não ofereceu mais nenhuma informação.

—Se você tomar o sangue de um *were*, eles seriam capazes de ler a sua mente, também? — Jane perguntou.

—Não necessariamente. Só se tivessem poderes psíquicos antes de serem mordidos.

—É o mesmo com os seres humanos?

Slade assentiu.

—Se um ser humano sobrevive ao ser convertido, ele se torna um vampiro com algum nível de poder de vampiro, mas os poderes parecem vinculados a quaisquer tendências latentes que tinham como seres humanos.

—Sério? — Isso era interessante.



Slade assentiu, embora a sua atenção não estivesse claramente sobre ela, mas sobre o que estava sendo sussurrado em seu ouvido.

—Por que não posso ter uma desses fones de ouvido?

Ele olhou para ela, mas não respondeu. Ela sabia o que aquilo significava. Estava sendo excluída da conversa do fone "para sua própria proteção."

Com um "entendi", ele abaixou a mão. Ele apontou para que viesse atrás dele.

—Vamos.

Finalmente.

—Para a casa?

—Sim.

Agora que era hora, uma sensação de mal estar estabeleceu em seu estômago. Eles não ficaram tensos e em guarda sem alguma razão.

—Eles estiveram aqui, não é?

—Sim.

Ele pegou sua mão. Sua energia suavizou sobre ela. Como ele era doce quando estava preocupado com ela.

—Eu não vou desmoronar se tiverem destruído o lugar.

—Excelente.

—Eles não encontraram o *pen drive*.

Sua sobancelha arqueou para ela.

—Você parece segura.

—Estou. — Porque, sem dúvida, eles procuraram pela casa. Não dissera isso a Slade, porque queria ver sua casa. Tudo sobre sua vida agora era tão surreal, tantas ameaças que nunca imaginou que supostamente existiria lá. Precisava de evidências que o bandido ainda existia. Que a ameaça não foi erradicada no estacionamento naquele dia. Precisava saber que isso não era uma invenção da sua imaginação, que não tinha comido alguns cogumelos estragados ou algo assim. Deixou Slade escoltá-la até a casa, preparando-se para o pior.

E o pior foi o que ela viu quando chegou na porta. Olhou ao redor da confusão de seu bangalô, antes tão arrumado, e suspirou. Eles não só procuraram suas anotações. Eles extravasaram sua raiva sobre o local onde guardava as poucas coisas que importavam para ela. O lugar que criou como seu santuário era agora uma vítima de guerra.

—Eles fizeram uma bagunça.

—Sinto muito, — Slade murmurou.

—Obrigada.

Pela maneira que os homens de Slade estavam espalhados ao redor da sala, eles estavam fazendo um pouco de sua própria pesquisa.

—Encontrou o que procurava? — Ela perguntou a um homem mais jovem com o cabelo castanho e olhos castanho-claros.



Ele deu de ombros e olhou para Slade. Claramente ele estava lançando suas queixas à cadeia de comando. Virando-se para Slade, ela perguntou: —O que você teria feito se tivesse encontrado a pesquisa?

—Poupar-lhe disto.

—E depois?

—Lhe pedir para trabalhar com ela.

—Depois que você mesmo a analisasse?

Ele não mentiu. —Sim.

—Então, talvez você não precisasse mais de mim.

—Jane, eu sempre vou precisar de você. Mas apenas uma pessoa ter essa informação tão vital não é boa estratégia.

—Talvez não para você, mas essa pesquisa é praticamente meu seguro de vida.

Ele sorriu aquele sorriso de *bad-boy* e pegou seu queixo na ponta dos dedos.

—Doçura, eu lhe disse naquela primeira noite, eu sou o seu seguro de vida.

Ela queria arrancar seu queixo de suas mãos, mas sabia o que viria em seguida. Ela era tão tola para *bad boys*. Este em particular.

—Porque você é o vampiro fodão que pode chutar o traseiro do Santuário?

Os dedos dele roçaram em seu pescoço. Centelhas de luz correram por sua espinha. Seus olhos se estreitaram e sua boca suavizou. Ele inclinou-se em direção a ela. Quente e potente, sua energia envolvendo-a. Ela estremeceu e reprimiu um gemido. Seus lábios tocaram a carne delicada logo abaixo da orelha. Ela sentiu a umidade de sua respiração. O roçar de seus dentes. A força de sua paixão. Arrepios correram por seus braços. Seus joelhos fraquejaram.

Sua risada, quando ele a pegou, era positivamente maliciosa.

—Exatamente.

Jane supunha que Slade era sua apólice de seguro de muitas maneiras, mas ela não chegou tão longe na vida, baseando-se nos outros. E não iria começar agora, especialmente quando tantas ameaças estavam nas sombras. Ela olhou para os cacos e pedaços jogados pela sala. Sua existência, antes tão organizada, agora em desordem. Um pouco como ela se sentia por dentro quando olhava para Slade. Ele queria dela, o que ela nunca dera a ninguém. Completa confiança. Completa fé. Um quente e sexy *bad boy* com uma missão. Ela ainda podia sentir o seu toque na pele sensível de seu pescoço, o beijo subsequente. Sua criptonita³³ pessoal. Ela estava tão enrascada.

Um prato estava sobre o topo dos detritos espalhados pelo balcão. Ele bateu no chão com um estrondo agudo, dividindo-se em pequenos pedaços. Ela levou meses para acomodar essa porcelana chinesa. E cada vez que adicionava um novo lugar para fixação do conjunto, ela sentia a

³³ Nas histórias relacionadas ao Superman (Histórias em quadrinhos, filmes e séries de TV), a **kryptonita** é um mineral que tem o efeito principal de enfraquecer o (de outro modo invulnerável) Super-Homem.



mesma sensação de satisfação. E agora o conjunto estava arruinado. Caminhando entre os soldados, ela se abaixou e recolheu os pedaços. Uma lasca cortou sua palma. Ela lambeu os lábios, sentindo o último resquício de sua descrença quebrar com o mesmo efeito catastrófico. Ela fora raptada por vampiros, estava sendo protegida por weres, e caçada por uma combinação dos dois. E um menino estava morrendo por falta de uma cura, que ela poderia ser capaz de fornecer. Esfregou as palmas das mãos em sua calça. Não suportava mais a negação. Ou deixaria o menino morrer ou colocaria sua fé em Slade e em sua versão da verdade.

A porcelana foi triturada quando Slade se aproximou. Ela o olhou quando ele se ajoelhou ao seu lado. Esperava que ele dissesse "deixe isso aí." Em vez disso, ele reuniu mais alguns pedaços e os juntou.

—Vamos substituí-los.

Ela balançou a cabeça na irrelevância de substituir porcelana chinesa se tudo o resto que ele lhe disse fosse verdadeiro.

—É antigo.

—Assim como eu.

Ele estava tentando fazê-la rir? Ela pegou uma sacola de supermercado de plástico vazio do chão.

—Sim, você é.

Ele inclinou a cabeça para o lado dela.

—Você não está dizendo isso com um sorriso.

—Eu não estou me sentindo sorridente.

Ele apontou para pedaços de porcelana.

—Sinto muito sobre isso.

Ela estendeu a sacola. Ele jogou os pedaços dentro.

— Não é culpa sua.

—Ainda assim estou triste.

Olhando em seus olhos, ela acreditou. Mas acreditar que ele sentia muito, não mudava a realidade, não facilitava a decisão que ela estava prestes a tomar. Desculpas não consertariam a catástrofe que poderia acontecer se ela juntasse os pedaços de sua pesquisa e as mãos erradas se apoderassem dela. As desculpas tinham suas limitações.

—Obrigada. — Amarrou um nó na parte superior do saco, colocou-o no chão e espanou as mãos. Olhando ao redor da balbúrdia de sua casa, percebeu que não havia nada que quisesse salvar. Slade ajudou-a a ficar de pé.

—Eu disse que eles teriam vindo aqui, — disse Slade.

Ela entendeu. Era lógico que alguém procurando as informações que ela possuía, iria procurar em sua casa.

—Sim, você disse. Mas saber e ver são duas coisas diferentes.

A mão em seu ombro a assustou. A destruição de sua casa a afetou mais do que ela tinha antecipado. Considerando que, antes ela se sentia segura, agora via demônios em cada sombra.

—Você precisa pegar suas anotações.



—Eu sei.

—É preciso pegá-las agora.

Para enfatizar ainda mais o *agora* de Slade, Tobias falou de sua posição na porta.

—Não há dúvida que eles estão observando este lugar, e os dois espiões do Santuário que encontramos, não são provavelmente os únicos.

—Você disse que seu pessoal levou-os para fora antes que pudessem enviar uma mensagem? — Jane perguntou.

Tobias concordou.

—Os novos filhotes têm a eficiência de Jace.

Os novos filhotes eram homens jovens com cabelos longos e uma energia nervosa, que fazia Jane pensar em animais selvagens mascando suas correntes. Não estava nem um pouco surpresa que matassem eficientemente.

—Tudo bem.

Agarrando um conjunto de pinças para fora dos escombros e colocando sua mochila nos ombros, ela se dirigiu para a porta dos fundos.

—Onde você está indo?

—Pegar minhas anotações.

—Você disse que elas estavam aqui, — rebateu Slade.

—E se você se lembrar daquela primeira noite, eu disse que não estavam em minha casa.

—Então por que estamos aqui?

Abrindo a porta, ela olhou por cima do ombro. —Porque essa é a minha casa. —E ela precisava ver o que fizeram à ela.

Uma mão agarrou a sua e puxou-a para fora. Derek. O rosto do homem estava tão escuro quanto qualquer tempestade, sob seus cabelos cortados bem curtos. A inflexão de sua voz nunca mudava. Era sempre no limite da raiva. Slade dissera que ele poderia contar piadas sujas. Ela não conseguia imaginar.

—Discutam mais tarde. Não tenho muito tempo.

—Você tem algum lugar melhor para estar? — Ela retrucou, puxando a mão. O homem a assustava terrivelmente.

Sem preâmbulos, ele respondeu, —Sim.

—Não vamos mantê-lo longe de sua companheira por mais tempo que o necessário, — disse Slade.

A cintilação na energia de Derek, que só poderia ser descrita como agonia, a surpreendeu.

—Excelente.

Havia tanta coisa aqui que ela não entendia, começando com esta sensibilidade recém-adquirida em energia. Ela sempre fora como uma ilha figurativa antes, afastada de todos, sua vida perfeitamente compartimentada. Agora, era golpeada de todos os ângulos por emoções e pensamentos.

—Você vampiros estão me desgastando.

Slade ficou tenso. —Como assim?



Ela balançou a cabeça. Não havia forma de explicar o que ela não entendia. Imediatamente, os homens caíram em torno dela como perversões de sua sombra. Mantiveram uma distância respeitosa. Apenas Slade estava em seu espaço. Ele estava sempre em seu espaço. Ela deveria objetar.

—O que há de errado? — Derek perguntou. O rosnado na pergunta mexeu ainda mais com seus nervos.

—Estou prestes a mudar o mundo. Perdoe-me se eu tomar um momento para contemplar as ramificações.

—Vai ficar tudo bem, querida.

Talvez. Ela olhou Tobias e Derek. Mas e se eles não precisassem dela depois que desse essa informação? Seriam seus assassinos?

Foi Slade quem respondeu seus medos não mencionados.

—Não. E, Jane, eu sempre precisarei de você.

Ótimo. Precisar dela só faria com que ele fosse morto. O ar fresco estava agradável em seu rosto. Não percebeu como estava estressada até aquele momento. Ela pintou o pequeno deck da porta dos fundos de um animado branco e amarelo, com um padrão de margarida no chão porque ela não queria nada, além de felicidade nesta casa. No escuro, o padrão era invisível, assumindo um aspecto sinistro como se as sombras se misturassem com a pintura mais escura e a distorcesse. Percepção. Ela percebeu. Era tudo.

Slade a alcançou facilmente, suas longas pernas diminuindo a distância entre eles.

—Para onde vamos?

—Para o lugar mais feliz na Terra.

—Eu li isso nas anotações de seu *laptop*.

Quando ele estava invadindo seu sistema.

—E você não pensou que soasse fora de lugar?

—Achei que era uma pista.

Mas ele não tinha sido capaz de descobrir. Aparentemente, sua capacidade de ler a mente dela não era tão completa como a fizera acreditar. Era reconfortante.

—Esse pequeno sorriso é sobre o que? — Perguntou ele.

—Oh nada.

—Claro.

Ela parou na base de uma pequena árvore na beira do quintal. Ficava dentro da luz dos holofotes jogados acima do deque. Ele olhou para a árvore.

—É isso?

Ela tocou o lado da casa azul de pássaros, exatamente a seis metros do chão, assim como o artigo que ela leu, dissera que era importante. Antes que fizesse qualquer outra coisa depois que se mudou, ela colocou a casa de passarinho. Ele simbolizava tudo o que esperava para seu futuro. Tudo o que queria realizar com sua pesquisa.

Slade balançou a cabeça.

—O pássaro azul da felicidade.



—Sim.

—O *pen drive* está na casa de passarinho?

—Sim.

Quando ele tentou tirar a casa fora da árvore, ela agarrou seu pulso.

—Não. Há um pássaro no ninho.

—Vamos perturbá-lo apenas por um minuto.

—Temos que pegá-lo sem perturbar o pássaro, caso contrário ele vai abandonar os ovos e os bebês morrerão.

—Ela vai construir outro ninho. Botará mais ovos.

Surpreendentemente, foi Tobias quem disse: —Mas essas vidas não substituirão as outras.

—Não, — ela concordou. —Não substituirão.

Derek deu um passo à frente. —Eu vou cuidar disso.

Ela não estava disposta a deixá-lo destruir a casa, assim como não estava prestes a deixar Slade.

—Volte.

Ele a colocou de lado como se fosse nada. A força destes homens era mais irritante pela maneira como a combinavam com gentileza.

Uma estranha energia focada estranhamente saiu dele. Pacífica mesmo. Dentro da caixa, os gorjeios inquietos da mãe acalmaram.

—Quando eu disser, pegue as pinças que você trouxe, lenta e suavemente, e pegue o *pen drive*.

—Você está colocando-os para dormir?

—Estou colocando-a para dormir, — Derek corrigiu. —É uma fêmea.

A caixa estava quieta. Mantendo a mão sobre a parte superior, os dedos abertos, Derek entrou para o lado.

—Faça o que você precisa.

Era estranho começar a pinçar no buraco, mas colocou a sacola no lado inferior direito apenas no caso de este cenário ocorrer. O plástico sussurrou quando ela pegou a borda. Muito gentilmente ela puxou. Era difícil dizer se conseguiu. *Pen drives* não eram tão pesados.

A sacola saiu sem nenhum incidente. Enquanto a segurava em sua mão, a energia a bombardeou. Todas masculinas. Todas ansiosas. Eles queriam aquele *pendrive*.

Seria sua imaginação ou Slade, Tobias, e Derek se aproximaram?

—Não seria nada bom se vocês o tomassem de mim, — ela informou a qualquer provável ladrão, seus nervos gritando um aviso. Ela esperava sentir garras em suas costas a qualquer momento. —Está criptografado.

Um galho se partiu. Slade estava definitivamente mais perto. Tão perto que suas terminações nervosas começaram a formigar por uma razão completamente diferente. Ele a virou. Sua respiração se alojou no peito enquanto seus dedos acariciavam sua bochecha. Seus olhos brilhavam com aquela luz estranha. Ela não conseguia desviar os olhos.

—Ninguém vai tirá-lo de você.



Pulsos calmantes de sua energia cercaram a dela. Ela balançou a cabeça e recuou, recostando-se contra a árvore.

—Eu não vou ser hipnotizada, também.

—Muito ruim, — Tobias falou pausadamente. — Isso tornaria as coisas mais fáceis.

A energia parou.

— Você não está ajudando, Tobias, — Slade vociferou por cima do ombro.

—Eu não estava ciente que eu estava tentando ajudar.

A risada ondulou entre os homens. A tensão em Jane diminuiu. Slade afastou-se. Ela afastou-se da árvore.

Sem tirar os olhos dos dela, Slade ordenou: — Certifique-se também que está limpo ao redor do carro.

Todos os homens, exceto Slade e um dos "filhotes", saíram. A energia que vinha do homem mais jovem era intensa e quando Jane focou nela, bateu para fora como um golpe. Controlando sua perplexidade com esforço, ela perguntou:

— Posso ajudá-lo?

Antes que ele pudesse responder, Slade entrou na sua frente, empurrando-a para trás com um empurrão mental. Só parou quando as costas dela estavam mais uma vez contra a árvore.

— O que você quer, Broderick?

—Eles virão atrás dela agora.

—Nós sabemos.

—Você vai precisar de ajuda.

—Se precisarmos de mais guardas, Jace e os D’Nally providenciarão.

—Eles não confiam em mim.

Jane piscou pela honestidade.

—Com razão, — Slade respondeu.

—Nós não tínhamos nenhuma matilha. Nenhum objetivo. É diferente agora.

—Miri ou Jace deram-lhes essa desculpa?

Broderick ficou calado.

Slade rosou.

Bom Deus, eles iriam lutar aqui? Agora?

—Parem com isso, — retrucou Jane, o frágil *pen drive* repentinamente pesado em sua mão. —Não temos tempo para seus momentos de testosterona.

Com outro empurrão mental, Slade sujeitou-a contra a árvore enquanto se posicionava para lutar contra Broderick.

—Só vai demorar um minuto.

Ela revirou os olhos, um gesto totalmente desperdiçado com Slade, considerando que ele estava de costas para ela.

—Difícilmente. Se você matá-lo vai demorar uma eternidade para descobrir o que ele quer.

—Quem se importa.

Por alguma razão, ela se importava.



— Eu.

Os músculos se juntaram na mandíbula de Slade. Ele estava, provavelmente, rangendo os dentes. Derek entrou no pequeno círculo de luz com um rosnado baixo. Slade acenou e fez sinal para Broderick.

— Dê a sua opinião.

Derek rosnou novamente. Se um “seja breve” poderia ser espremido em um rosnado, ela tinha acabado de ouvir isso.

Broderick olhou direto em seus olhos. A impressão de juventude em chamas correu sobre ela.

— Eles virão atrás de você duramente agora.

—Adorável.

—Cale a boca.

Broderick ignorou Slade. —Você não precisa de filhotes de lobos para protegê-la.

—Verdade.

—Você vai precisar de lobos dispostos a sacrificar tudo.

—Você está dizendo que está disposto a morrer por mim?

—Não por você, mas pelo que você pode fazer.

Ele era honesto.

—Ela não precisa de você, filhote de cachorro, — Slade estalou.

—Você é inútil para ela à luz do dia, — retrucou Broderick.

Aquilo era brutal, mas verdadeiro.

Slade deu um passo em direção a Broderick. Jane saltou para o pequeno espaço entre os dois homens, colocando as mãos sobre o peito de Slade. Fogo correu até as palmas de suas mãos. Por cima do ombro, ela perguntou a Broderick.

—Ele morreria por mim. O que você está oferecendo?

—Minha vida e a vida de minha matilha.

Aquela era uma ótima oferta. — Por quê?

—Você não pode confiar nele, Jane, — Slade interrompeu. — Até dois meses atrás, ele não tinha uma matilha.

Isso provavelmente explicava a energia no limite de Broderick. Alguém novo em um grupo tendia a ter uma necessidade de provar-se.

— Quem é seu líder? — Jane perguntou.

Ele não hesitou.

— Jace.

Ela se virou para Slade.

— Seu irmão confia nele.

—Não com sua esposa.

—Bem, você não precisa se comportar assim, já que não somos casados, então eu acho que está tudo bem.

Slade agarrou sua mão. Não havia como soltar-se de seu aperto.



— Não. — Slade observou o *were*. — O que motivou a oferta, Broderick?

O grande *were* D'Nally chamado Creed voltou através do quintal. Em um olhar ele sentiu a tensão. — Este filhote de cachorro está saindo da linha?

O sim de Slade coincidiu com o não de Jane.

Jane sorriu em direção a expressão determinada do *were* mais jovem.

—Acredito que ele está apenas se declarando.

—Como o quê? — Creed perguntou.

—Meu protetor.

Capítulo 14

A merda bateu no ventilador dessa vez.

As garras saíram. As presas brilharam. Energia precipitou-se em torno dela. A luz da varanda cintilou quando os homens entraram em confronto. Creed estava calmamente no meio de tudo isso.

—Essa foi uma má escolha de palavras da sua parte.

Jane olhou entre Broderick e Slade e depois se voltou para Creed.

—Aparentemente, quem diria que vampiros poderiam ser tão excitáveis?

—Uma mulher só pode ter um protetor, — explicou Creed.

Aquilo não parecia justo.

—Quem disse?

—A Lei da matilha.

—Slade é um vampiro.

—Um acidente de mordida. — Creed pulou para trás quando Slade saltou para evitar o cruzado de direita de Broderick. O baque, quando atingiu a mandíbula de Slade, fez Jane estremecer. Se ambos não estivessem abraçando as sombras, ela estaria preocupada, mas se eles estavam no controle o suficiente para se lembrar de ficarem escondidos, então tinham controle suficiente para não matar um ao outro. Slade deu um golpe sujo no intestino. Ela estremeceu quando Broderick voou para trás.

—Eu avisei contra o lançamento dessa direita, filhote de cachorro, —Creed chamou Broderick antes de voltar para ela. —Os Johnsons poderiam muito bem serem lobos pela maneira como amam.

—E daí?

—Você é a companheira de Slade.

—Eu não acredito em companheiros. Com o tempo Slade seguirá em frente.

Creed a interrompeu.

—Sendo humana, você vai seguir em frente. — Ele empurrou suas costas contra uma árvore, quando os homens tropeçaram mais perto, protegendo-a com seu corpo. — Ele não vai.



Havia um sorriso distinto para a palavra "humana". Surpresa, Jane percebeu que o lobo solene e contraditório era realmente protetor para com Slade.

—Você não pode saber disso.

Os estranhos olhos castanhos de Creed, com suas manchas douradas queimaram em direção aos dela.

—Eu sei.

Ela esfregou as mãos para cima e para baixo sobre os braços.

—Eu não quero o *para sempre*.

Ela queria uma cama e umas boas 18 horas de sono, mas não queria pagar o preço que teria que pagar pelo *para sempre*.

Creed levantou uma sobrancelha para ela.

— Mas você quer Slade.

Não era uma pergunta. — Sim.

— Então você precisa fazer uma escolha.

— Eu fiz a minha escolha.

Ele olhou para Slade enquanto ele circulava Broderick.

—Então você precisa fazer outra.

— Você faria?

Creed sequer hesitou.

— Uma companheira vale qualquer sacrifício.

Uma imagem de si mesma como vampira surgiu em sua mente. O rosto pavorosamente branco e distorcido, as presas pingando sangue. Um tremor desceu por sua espinha. A cabeça de Slade girou. Ela sentiu sua sondagem tão claramente quanto sentia seu toque. Ela projetara sua angústia.

— Droga.

Slade se endireitou.

Broderick cuspiu sangue e enxugou as costas da mão na boca.

— Isso significa que você desistiu de ser reacionário?

Com o olhar ainda nela, Slade respondeu: —Ainda não cheguei a elaborar uma reação.

— Então o que foi aquilo? — Jane perguntou, bloqueando a sua sondagem mental e o conhecimento de que o cansaço a derrubaria. Esta missão era muito importante para que ela ficasse fraca.

Slade franziu o cenho, obviamente, descontente com seu sucesso na blindagem de seus pensamentos.

—Uma advertência.

Ela revirou os olhos enquanto ele se aproximava.

— Bom sofrimento. Para uma pessoa tão coerente, você pode ser tão homem das cavernas.

— Quando se trata de você. Absolutamente.

Com um aceno de cabeça, Creed bloqueou o impulso de Jane para verificar como estava Broderick. Colocando a mão na cintura, ela enfrentou Slade, ao invés.



— Bem, talvez você queira considerar. Fui eu quem o chamou de meu protetor.

— Mas ele não negou.

— Provavelmente era difícil para ele falar com o seu punho em sua boca.

Slade encolheu os ombros.

— Eu não quero você como minha mulher, — Broderick cortou.

— Isso provavelmente o manterá vivo, — rebateu Slade.

Jane ignorou o comentário.

— É aqui que eu digo muito obrigada?

— Diga o que quiser, desde que a sua investigação continue.

— Cuidado com o tom, filhote.

O filhote de cachorro não parecia nem um pouco intimidado pelos rosnados de Slade. Creed, entretanto, perdeu um pouco de sua indiferença. Jane não queria outra luta. Colocando-se entre Slade e Broderick, ela perguntou: — Por que minha pesquisa é tão importante para você?

Jane não conseguia se controlar, Slade decidiu, quando ela se colocou no caminho do perigo mais uma vez. A mulher não podia ficar de fora de uma luta. Ele a puxou de volta para uma distância segura quando o were respondeu:

— Porque é importante.

A deliberada falta de inflexão na voz de Broderick chamou a atenção de Slade. Ele fez uma nota para cavar mais fundo no conhecimento do *were*.

— É um pouco de atrevimento exigir confiança quando você não dá isso.

Creed deu um passo a frente.

— Você está desafiando a honra dos *weres* Tragallion?

— Somente a do filhote.

— Este filhote é Tragallion. Parte da matilha D'Nally.

Merda. Isso iria complicar as coisas.

— Eu pensei que os patifes estivessem em período probatório.

— Acabou.

Cerca de dez segundos atrás, ele teria apostado pela maneira que Broderick ficou tenso.

— E Jace sabe disso?

— São assuntos da matilha.

O que implicava tudo e não dizia nada. As fronteiras ficavam um pouco vagas quando se tratava de Jace e a matilha que ele adotara. Não era mais os Johnsons contra o mundo. Era os Johnsons filtrados através do Tragallions, D'Nallys e McClarens.

Arqueando uma sobrancelha para Creed, Slade perguntou:

— Você acha que ele vai aderir aos princípios da matilha contra seus irmãos?

— Sim.

Aquela confiança era irritante.

— Ele é um vampiro e um maldito Johnson. Sua lealdade deveria estar com a gente.

Creed sorriu aquele sorriso presunçoso de were que simplesmente fazia um homem querer socá-lo na boca.



—Mas ele é o nosso maldito vampiro.

Era um lembrete. Os Johnsons deviam aos *weres* Tragallion. E sua matilha remanescente, os D'Nallys. Jace estaria morto, se não fosse pelos *weres* Tragallion que vieram em seu socorro na batalha pela vida da pequena Faith. Os Tragallions fizeram mais que apoiar Jace. Eles lhe deram um lugar. Depois de anos arriscando a vida insensatamente, seu irmão estava vivo, calmo e feliz. Ele devia a Creed D'Nally e todos os Tragallions pelo sentido que pegou toda aquela energia imprudente e deu-lhe um foco.

— Merda.

Creed apenas sorriu, o que irritou Slade ainda mais. O olhar de Jane dizia que ela estava sem paciência. A voz através do transmissor disse que estavam fora do tempo.

Limpando o sangue de sua boca já curada, ele sacudiu a cabeça na direção dos SUVs.

—Hora de ir.

Broderick tomou uma posição atrás de Jane. Creed assumiu a posição da frente. Das sombras vieram os companheiros patifes de Broderick. Jovens sem matilha que se transformaram em selvagens, para se defenderem sozinhos. Jovens que agora usavam o espírito de luta dos Tragallions com orgulho. Jovens nos quais Slade supostamente deveria confiar. Creed encontrou seu olhar, os distintos olhos D'Nally estreitaram-se em desafio.

— Não se preocupe, não vou ferir os sentimentos de sua pequena carga.

— Oh, pelo amor de Deus, — Jane murmurou. —Você tem que antagonizar a todos?

Slade não desviou o olhar de Creed. —É o talento da família.

—Adorável. — Jane pegou o estojo de seu *laptop*.

O canto da boca de Creed se franziu em um sorriso pelo desafio de Jane.

—Parece-me, Johnson, que seria melhor você se concentrar em levar sua mulher para a casa segura.

Slade lançou aos ex-patifes um olhar desconfiado, se perguntando se ele já tinha sido tão jovem e tão cheio de fogo. Não tinha dúvidas que eles eram bem treinados. Jace não os teria enviado de outra forma, mas ainda assim... mas eram muito jovens. Ou talvez ele estivesse apenas ficando muito velho. Alcançou a mochila do *laptop* de Jane. Ela balançou a cabeça.

— Se formos atacados, eles irão atrás da mochila, — apontou Creed.

—Se conseguirem pegá-la, passando por todos vocês, não importará de qualquer maneira.

Ela tinha razão, mas Slade não correria nenhum risco com sua segurança.

— Entregue a mochila a Creed, Jane.

Ela a agarrou ainda mais apertado. —Não.

Ele não tinha tempo para discutir. Estavam chegando perto do amanhecer e seus sentidos estavam começando a se agitar daquela maneira que lhe dizia que problemas estavam chegando.

—Pegue-o.

Creed arrebatou a mochila de seu alcance. Slade pegou o braço de Jane antes que ela pudesse ir atrás do *were*. Pegou sua arma, uma combinação de balas de prata e espectro letal de luz solar, enquanto os patifes se adiantavam.



—Que diabos tem aí dentro?

Jane não tirou os olhos da mochila.

— Minha vida.

Ele podia sentir seu estresse. Não tinha dúvidas que ela estava dizendo a verdade. A agitação em seus sentidos aumentou.

—Vamos.

Como uma unidade, moveram-se para a frente.

— E, Creed? — Slade chamou.

— O quê?

— Não perca a mochila.

A casa segura estava dando arrepios em Slade. O que era algo significativo para um vampiro. Não havia nada sobre ela que sinalizasse problemas. Era uma casa pequena e indescritível no fim de uma longa rua preenchida com casas igualmente indescritíveis. Para o resto do mundo parecia abandonada. Uma propriedade presa em um inventário. Não aparecia nenhuma das fortificações feitas na estrutura. A película protetora solar nos vidros das janelas. As câmeras de alta tecnologia. O tapete de energia especial que detectava a presença de vampiros. Mas tudo estava lá. Ele mesmo a desenhara. A pequena casa era a mais segura onde qualquer pessoa poderia estar fora do complexo dos Renegados, mas cada vez que Slade olhava para ela, parecia que havia algo... errado.

Se tivesse outra escolha, teria se negado a entrar, mas ele não podia pegar a luz do sol que estava nascendo e Jane nitidamente se recusava a ir sem ele, alegando uma criação de problemas sem fim se ele tentasse forçá-la. E quando ele falou que ela estava blefando, os bandidos passaram para o lado dela. Claramente, suas instruções eram protegê-la. Ele e Jace teriam que conversar sobre isso quando ele voltasse para casa.

Através da janela, podia ver Jane de pé na mesa da cozinha, o *laptop* aberto à sua frente. Ele não conseguia ver a tela, mas a energia que vinha dela era tensa. Na mão direita, ela segurava o *pen drive*. Ela se aproximou do teclado e depois parou, afastando a mão e esfregando os dedos. O que havia naquela tela a tentava. Muito. O que havia lá a assustava. O que quer que fosse, precisava ser revelado. Era uma ameaça, e mesmo ela duvidando se era relevante ou não, ele precisava estar ciente do que era.

Eu não quero ser vampira.

Slade recuou diante da verdade nua e crua. Ele não culpava Jane. Ele, particularmente, não quisera ser vampiro, mas depois que tudo que fora dito e feito, não havia sido tão ruim para ele. O vampirismo lhe permitiu viver até um momento em que sua maneira de pensar tornara-se apreciada. Permitira-lhe o tempo para experimentar. Para ter sucesso. Depois que se acostumou às esquisitices, o vampirismo havia sido um presente.



Mas Jane nasceu em uma época que compreendia sua mente e talentos. Ela não ansiava pelo futuro por vir. Ela desejava o presente. Enterrara o passado. Ela não queria viver para sempre. Nem mesmo por ele.

O horizonte se iluminou. Derek apareceu ao seu lado, seu cabelo loiro brilhando como branco na visão noturna de Slade.

— É hora de entrar.

— Sim.

— Você não parece muito feliz com isso.

Derek era tão próximo dele quanto um irmão.

— Jane não quer ser vampira.

— Você perguntou?

— Indiretamente.

— Tente diretamente.

— Por quê?

— Porque, para sempre, é um conceito difícil para os humanos entenderem.

— Não para Jane.

Derek lhe deu um olhar de piedade.

— Talvez não agora, mas é prerrogativa de uma mulher mudar de ideia.

Não havia nada que Slade odiasse mais que conselhos bem-intencionados. Ele já pesara os prós e os contras.

— Mei mudou de ideia?

Slade lamentou o golpe, logo que deixou sua boca.

— Não.

Aquela única sílaba resumiu um mundo de dor. Derek determinou que sua companheira fosse convertida em um vampira ao invés de perdê-la. Ela o odiava por isso, mas ele não podia ir embora. Não só porque ela era sua companheira, mas também porque o seu era o único sangue que ela poderia tomar e sobreviver. Ela deveria ser capaz de tomar o sangue de Jace, já que ele a convertera, mas uma vez que sua conversão estava completa, o sangue de Jace tinha sido tão venenoso para ela como nenhuma outra pessoa, deixando Derek em uma posição impossível. Derek mudou seu domínio sobre o rifle.

— Talvez Jane possa curar Mei.

— Você quer que ela seja curada?

A cura de Mei eliminaria o único laço entre o casal. Eles nunca tiveram um relacionamento. Derek a encontrara quando ela estava morrendo, golpeada por um guarda do Santuário. Slade não poderia imaginar isso. Esperar centenas de anos por uma companheira só para encontrá-la quando ela estava dando seu último suspiro. Era incrível que o lobo estivesse são.

— Quero que ela seja feliz.

— Não há nenhuma indicação que ela não possa ser feliz com você.

— Eu a assusto muito.



— Não assusta mais. Ouvi dizer que ela tentou atirar em você a última vez que você tentou discutir.

— Ela pensou que eu iria estuprá-la.

Slade ergueu uma sobrancelha para o were.

—O que você estava fazendo?

— Limpando uma mancha em seu rosto.

Merda.

—Ainda assim, o tiro é um passo acima da gritaria.

— É verdade. — A sombra de um sorriso tocou os lábios de Derek. O primeiro que Slade via em muito tempo. — Ela está começando a se estabilizar.

—Dê um tempo, talvez ela o encontre também.

—Talvez. — Apontou para a casa com a ponta do fuzil. —Você precisa entrar.

Sim. Ele precisava. Estava tão animado com isso quanto Derek estava com os gritos de Mei.

Eu não quero ser vampira.

Ele deu de ombros para afastar a memória. Acenando para Derek, se dirigiu para a casa, parando alguns metros depois e virando para trás quando os cabelos na parte de trás do pescoço se arrepiaram em alerta.

—Tenha cuidado aqui. Estou com um pressentimento desconfortável.

—Terei.

Slade abriu a porta silenciosamente. Jane estava esperando por ele, a mão apertada ao lado do corpo, o computador aberto à sua frente. Uma mulher forte e inteligente lutando com coisas acima de sua cabeça.

—Entre.

Havia um toque de sarcasmo no convite. Ela ainda não o perdoou por sua prepotência anteriormente, em relação à mochila do *laptop*. Fechando a porta atrás dele, Slade entrou na cozinha simples, com seus armários de carvalho baratos e bancadas brancas de azulejos. Ele ainda não tinha um ângulo bom o suficiente para ver a tela do computador, mas ele queria. O que quer que estivesse naquela tela, era algo que a assustava, mas não... realmente. Ele não conseguia definir as emoções que se derramavam dela, quando ela pensava em tudo o que estava no computador. Eram complexas, antigas misturadas com novas. Raiva misturada com objetivo. Com qualquer outra pessoa, ele teria sido capaz de sondar as respostas, mas Jane era muito boa em esconder coisas dele. Muito boa. Era irritante. Isso o obrigava a lidar com ela de uma maneira que ele achava que deixara para trás. Isso o forçava a lidar com ela como se ele fosse humano.

—Você não assistiu filmes classe B o suficiente para saber que é perigoso convidar um vampiro para sua casa?

Ela não sorriu. —Eu sou uma aprendiz lenta.

Ela apertou um botão no teclado. Ele ouviu o clique suave que dizia que o computador entrou em repouso.



—Duvido disso. — Ele balançou a cabeça em direção ao teclado. —Mantendo segredos?

Ela não negou.

—Uma garota precisa de seu mistério.

—Uma mulher sabe quando confessar seus segredos.

—Sim, ela sabe.

Ele tentou a abordagem direta.

—O que tem no computador?

Houve uma hesitação, e depois ela lambeu os lábios. Um sinal certo que estava prestes a evitar a verdade. Slade lia a mente das pessoas por tanto tempo, que se esquecera como era intrigante concentrar-se na resposta física de uma pessoa para entender o que estava acontecendo dentro delas. Talvez houvesse algo sobre o mistério afinal, porque era absorvente ter que analisar as reações que ela externava, ao invés de seus pensamentos.

—Não há nada nessa tela que irá afetá-lo.

—Mas afeta *você*.

—Contrariando a crença popular, a minha vida não começou quando conheci você.

O aroma de estresse aumentou.

—Não estou criticando, Jane. Mas gostaria de ajudar.

Ela fechou a tampa do computador. Uma resposta em si.

—Não preciso de sua ajuda com isso.

A emoção queimou na mente dele, sangrando dela para ele. Antiga. Incerta.

—Um problema de longa data.

Embora ele não fizesse disso uma pergunta, ela aceitou-a como uma.

—Meu próprio debate moral. Eu penso nisso como humanização.

Slade deu mais um passo na sala, a tensão dela estimulando a dele de uma maneira tão eficaz quanto um guincho.

—Você não acha que se envolveu com um vampiro humanizado?

Ela estava perto o suficiente para ser abraçada. O formigamento nos dedos dele aumentou, e o calor em seu sangue cresceu. Ela provavelmente tiraria o sorriso de seu rosto, a tapas, se ele a abraçasse agora.

—Faz-me consciente da fragilidade da vida.

—É uma forma indireta de dizer que você se sente ameaçada?

—De todos os lados. Em todos os momentos.

Caçada. O conhecimento fluiu ao longo da ligação entre eles. Desta vez ele não verificou o impulso. Puxou-a em seus braços. Ela não relaxou contra ele como ele estava acostumado.

Eu não quero ser vampira.

A maior bênção em sua vida agora era a maldição que supostamente sempre deveria ter sido.

—Não é como antes. Você não é uma criança e não está sozinha.

—Essa parte da minha vida não é da sua conta, Slade.

Ele inclinou o queixo dela para cima.



—Quando você colocou sua mão na minha naquela primeira noite, fez tudo a seu respeito se tornar da minha conta.

—Você queria a minha fórmula.

—Eu queria você.

A tristeza fluiu através da sua ligação. Seu cabelo farfalhou e ela negou a reivindicação.

—Eu não sou uma tola, apesar de ter me deitado tão facilmente com você. Assisto filmes de suspense e filmes de terror classe B. O romance é um método testado e eficaz para ganhar a confiança da pessoa cuja fórmula você deseja.

—Talvez para um ser humano.

—E, para um vampiro que não consegue ler minha mente.

—Você sabe?

Ela balançou a cabeça. —Estou trabalhando duramente para aperfeiçoar o meu bloqueio.

—Mulher esperta.

—Esperta o bastante para permanecer viva.

—Mas não esperta o suficiente para saber quando confiar.

Ela descansou a bochecha contra seu peito.

—Eu confio em você.

Por mais que eu não confie em ninguém.

O pensamento escapou de seu controle.

—Então, você precisa confiar mais.

Jane se afastou, ficando fora de seu alcance. Cabeça erguida, ombros para trás, parecendo em cada centímetro, a mulher forte e inteligente que era. Parecendo aos sentidos dele, como a criança vulnerável que tinha sido. Que diabos havia nesse computador?

—Obviamente eu preciso praticar mais.

—Eu não notei que a prática me ajudasse em alguma coisa.

Levantou as sobrancelhas e ela olhou para cima.

—Esses pensamentos desgarrados foram deliberados?

—Talvez no começo. —Ele descansou o queixo no topo de sua cabeça. —Talvez não. Eu não sei o que você ouviu. Inferno, sequer tenho certeza de quando perdi o controle sobre eles.

—Então, isso é novo para você também?

—Até o ponto em que me sinto *quase* humano novamente. Existe muita coisa que eu esqueci sobre namorar.

O pequeno sobressalto ela deu diante da palavra "namoro" deu-lhe esperança.

—O que o torna “quase”?

O quanto ele deveria ser honesto?

—O incentivo que recebo de seu cheiro.

—Eu sei que vou me arrepender por perguntar isso. O que você quer dizer?

Ele beijou o topo de sua cabeça, envolvendo sua energia em torno de sua teimosia, segurando-a com ele em todos os sentidos que podia.



—Seu cheiro se altera com suas emoções. Ele me diz quando você mente. Diz quando você está chateada. Me diz quando está feliz, mas a maior parte me diz o quanto você me deseja.

—A reação física não está relacionada com a realidade de um compromisso.

Ele inclinou o queixo para cima novamente.

—Está relacionada conosco.

—Como?

—Porque não temos uma escolha. Porque eu sou vampiro e você é humana. Porque é impossível, e ainda assim, não conseguimos nos afastar. Algo que é forte é baseado em algo maior.

—Você está dizendo que somos feitos um para o outro?

Colocando assim, soava piegas.

—Eu estou dizendo, que às vezes, quando somos empurrados em uma direção, nem sempre é aconselhável seguir em outra.

—Você acredita em destino.

—Eu sei que você foi feita para mim.

—E o fato de eu ter a informação de uma fórmula que você quer não tem nada a ver com essa declaração?

—Não.

—E se eu decidir não revelá-la? Você vai tomá-la de mim?

—Não é o meu estilo.

—Palavras audaciosas.

Ele balançou a cabeça.

—Você é uma mulher com opinião própria. Ninguém, nem o Santuário, nem os Renegados tem o direito de violar seu cérebro pela percepção que eles tem de um bem maior.

Ela deu um passo para trás, seu olhar buscando o dele.

—Mas eles lhe pediram para fazer exatamente isso, não é? Tobias, Caleb, Allie.

—Não Allie. Ela nunca pediria isso de você.

—Mas Caleb pediu.

—É seu filho.

—E ele acredita que esse fato deixa tudo certo?

Slade poderia oferecer uma tonelada de desculpas para seu irmão. Ele estava desesperado por seu filho. Por sua esposa. Slade deu a Jane a verdade.

—Sim.

—E quanto a Tobias?

—Ele tem suas próprias razões.

—E quanto a você?

—Eu amo Joseph.

O dedo dela se apertou em torno do *pendrive*.

—Eu invejo isso, um forte sentido de família. Nunca estar sozinha.

—É uma faca de dois gumes.



—Especialmente agora. —Era uma suposição por parte de Jane. O conflito em Slade era palpável.

—Sim.

—Disseram-lhe para tomar a fórmula de mim, contudo, você não poderia, não é?

—Sim.

—Você concordou?

Seu olhar não deixou o dela. —Sim.

Não importa o quanto ela procurou em seus olhos, Jane não conseguia ver uma mentira.

A verdade a atingiu como um golpe. Ela queria que ele dissesse não. Mesmo sem o inferno. E isso não estava acontecendo. Ela não deveria se surpreender. Era a sobrevivência do mais forte no mundo. Ela fez-se mais apta em seu mundo. Estendendo a mão, seus dedos deslizaram sobre a tampa do computador. O alumínio estava frio ao toque. O frio espalhou-se por seu braço, deixando-a mais fria, enquanto viajava por seu âmago. Eles lhe pediram para sacrificá-la e ele disse sim. Ela piscou rapidamente para controlar as lágrimas. Não sabia por que esperava algo diferente. Ela era um estranha. A distância entre eles poderia muito bem ser uma milha.

—Obrigada por sua honestidade.

O dedo dele sob seu queixo era um gesto muito familiar. Ela não queria olhar para cima. Ele não lhe deixou nenhuma escolha.

—Essa foi a primeira vez que eu menti para minha família.

Ela piscou.

—Por que você mentiria para eles?

Seu polegar tocou o canto de sua boca.

—Porque eles precisavam de esperança.

—Por que eu deveria acreditar em você?

Seus olhos se estreitaram.

—Porque eu não mentiria para você.

Era uma promessa. E mesmo sem verificar sua mente, ela acreditou nele.

—Vampiros na vida real são tão diferentes dos que existem nos filmes.

—Isso não é um filme.

Não, era a sua vida, e era tão completamente complicada que os emaranhados não tinham fim. Estava amanhecendo, além da janela. Graças às janelas coloridas especialmente, nenhum raio nocivo poderia entrar na casa. Em algum lugar lá fora, os weres estavam em guarda. Tobias, Derek, Broderick, e os outros. Todos eles estavam dispostos a desistir de suas vidas por sua pesquisa. O Santuário estava igualmente determinado para desistir das deles. E no meio, ela estava começando um relacionamento.

Inclinando o rosto nas mãos de Slade, ela sussurrou:

—O que vamos fazer, Slade?

Os dedos dele deslizaram por seus cabelos, puxando-a para seu peito enquanto sua energia se entrelaçava a dela. Desta vez, ela recebeu o abraço ao invés de lutar contra ele. Deu as boas vindas a força de seus braços em torno dela. Deu as boas vindas ao momento de segurança. Havia



um mundo grande e mau lá fora, e seria amaldiçoada se fizesse e amaldiçoada se não fizesse. Não ganharia em nenhuma maldita posição.

Slade esfregou suas costas.

—Vamos encontrar a cura para Joseph, Jane, e então veremos onde isso nos levará.

Um sonho lindo.

—Provavelmente já encontrei a cura.

—Quando?

—Assim que olhei para as informações sobre o *pen drive*, eu sabia o que estava errado. Estávamos procurando para o mal, proteína e combinação de aminoácidos. Pelo que posso dizer sobre vampiros, eles não digerem os alimentos como os seres humanos os absorvem. Joseph está tentando digeri-lo porque seu corpo não reconhece o sangue como fonte de alimento, mas não tem o equilíbrio digestivo necessário para digerir isso.

—Merda. Sério?

—Sim.—Parecia tão simples quando ela colocava dessa forma. Na realidade, criar o equilíbrio correto de enzimas, aminoácidos e proteínas alvos na vertente direita de DNA para ativar o seu sistema digestivo a funcionar, tinha tantas variáveis que a assustava. Escondendo sua preocupação, ela sorriu para Slade. —E você sequer precisou me seduzir para conseguir a informação.

Ele sacudiu-a delicadamente.

—Aprecio que você iluminou o meu trabalho.

—A qualquer momento.

Minutos se passaram. Sua energia se suavizou e se envolveu em torno dela. Ele se inclinou para baixo.

—A sedução pode ser divertida, você sabe.

—Eu sei. — Ficando nas pontas dos pés, ela o encontrou no meio, mantendo o beijo suave, quando ele o teria aprofundado. —Mas por mais que eu aprecie o pensamento, o que eu realmente quero é ir para a cama.

Ele piscou. Ela abaixou suas defesas, permitindo-lhe sentir o cansaço arrastando em seus ossos.

—Estou tão cansada.

Merda.

—Eu esqueci...

—Os limites de um corpo humano? — Ela perguntou quando ele pegou-a em seus braços.

—Sim.

Foi uma viagem curta para a cama. Slade sentou-a na beirada. Foi necessária toda a sua determinação para não se jogar sobre a cama.

—Vá em frente.

Pela primeira vez estava feliz que ele pudesse ler sua mente. Chutando os sapatos, deitou-se de lado, afundando-se com gratidão no colchão. Todos os músculos do seu corpo soltaram um suspiro de alívio.



—Você devia ter me falado.

—Por quê? Não podíamos nos dar ao luxo de parar.

—Poderíamos ter arrumado tempo.

Ela bocejou. A exaustão a estava reivindicando rapidamente.

—Eu não penso assim. Isso vai soar estranho, mas tenho a sensação que o tempo está se esgotando e não tem nada a ver com a saúde de Joseph.

Ele parou no meio de desabotoar seu jeans.

—Um pressentimento?

—Sim.

Com um puxão, ele os tirou. Houve um barulho suave quando o jeans bateu no chão.

—Por que diabos você escondeu isso de mim?

—É apenas um pressentimento, — ela murmurou, fechando os olhos —Provavelmente porque estou muito cansada.

—Os pressentimentos são importantes. — Ela ouviu seu cinto deslizar através dos ganchos— Se você tiver pressentimentos, me fale sobre eles.

—Okay. — Ela bocejou. —Agora sinto que estou prestes a adormecer.

Ele praguejou. Mais dois baques. Suas botas, ela percebeu.

—Droga. — O colchão afundou quando ele deslizou na cama ao seu lado.

—Sinto muito.

—Está tudo bem. — Seu braço veio ao redor de sua cintura, sólido e forte. Suas coxas debaixo das dela, aconchegando-a em sua força. Era uma sensação reconfortante. Ela se aninhou no travesseiro. O mesmo conforto se esgueirou em sua mente.

—Você é o único homem em quem eu já confiei, você sabe disso, Slade?

Contra seu quadril, ela podia sentir sua excitação. Ele a queria. Sorriu para si mesma. Ele realmente a queria.

—Talvez não deva confiar.

Ela balançou a cabeça e deixou o sono levá-la, sussurrando enquanto sua consciência desaparecia, —Sempre tive a sensação que deveria.

Ela confiava nele. Slade ficou de pé em frente ao brilho da tela do *laptop* e balançou a cabeça, aceitando a complexidade do que ele estava olhando. Era sempre um erro confiar em um vampiro. Eles não tinham honra.

Enquanto lia a tela, não poderia deixar de ficar impressionado. Sua Jane era uma mulher inteligente. Um estrategista brilhante. Deslizando o cartão na ranhura, ele ativou a conexão. Examinou a tela enquanto esperava. Tudo que ela precisava para se vingar estava lá, pronto para ser enviado. Tudo o que ela tinha que fazer era apertar o botão e o homem que a violentou quando criança, perderia tudo o que valorizava. Primeiro o seu dinheiro. Em seguida, sua reputação, e, provavelmente, depois disso, sua esposa troféu. No entanto, Jane nunca apertou o botão. Quantas vezes ela sentou-se diante dessa tela e acariciou o botão de *enviar*. Saboreado



as ramificações? Um exercício de humanidade, ela o definiu. Tudo fazia sentido agora. Um teste auto-infligido ao seu código moral. Com um sorriso triste, Slade apertou o botão *enviar*. Vampiros também não eram atingidos pela consciência confusa e eles tinham um verdadeiro gosto por vingança.

Capítulo 15

Foi o grito que acordou Jane. Rouco e desumano, a alcançou através da densa névoa de sono e arrastou-a para fora. Jane sentou-se, piscando enquanto tentava se orientar.

Sua cabeça estava pesada, e tomou muito esforço apenas abrir os olhos.

—Slade?

Nenhuma resposta, mas do outro lado do quarto haviam outros sons. Distintos e inconfundíveis. Eles estavam sob ataque. Tropeçando sobre seus pés, ela entrou em sua camisa e calça jeans antes de sair pela porta. Apenas para chocar-se direto contra Broderick.

—Volte para dentro.

—Meu laptop.

—Está seguro, onde você o deixou.

Ela o tinha deixado na cozinha. Ela tentou passar escorregando por ele, mas foi facilmente bloqueada.

Slade!

Nenhuma resposta. Procurando pela energia de Slade, ela deparou-se com uma parede em branco. O que isso significava, que ele estava morto? Ela se recusava a sequer pensar nisso.

—Essa pesquisa não pode cair em mãos erradas.

Não havia nada de menino em Broderick agora. Ele era todo um soldado. E ele estava em seu caminho.

—Não irá.

Mas poderia e depois haveria o inferno para pagar. Ela transferiu dados-chave de um cartão de memória para o laptop. Com esses dados em sua posse, mais a informação recolhida no laboratório, os cientistas do Santuário muito possivelmente teriam o que precisavam para trabalhar por pelo menos um ano. Isso não poderia acontecer.

—Leve-me até ele.

—As ordens são para você ficar aqui.

Um alarme soou a direita. Um som curto e agudo, mal perceptível. Alguém estava do lado de fora de sua janela. Ela recuou para a sala olhando ao redor.

—Broderick!

Ele estava no quarto em um segundo, uma pistola a postos. Ela acenou na direção da janela.

—O alarme...

—Eu o ouvi.



—Eles podem atravessar a janela?

Sua boca estava tensa em uma linha sombria.

—Se eles tiverem tempo suficiente.

Ótimo. —Como poderemos evitar que eles tenham suficiente tempo?

—Nós não fazemos nada.

—Você seriamente espera que eu apenas sente aqui e espere para ver o que acontece?

—Eu espero que você tenha fé em seu companheiro. E na sua falta, na equipe.

Para o inferno com isso.

—Há apenas oito de nós. O Senhor sabe quantos eles são.

—Há sete de nós. Você não conta.

Outro alarme disparou dentro da casa. Mais barulho em direção a cozinha onde ela tinha deixado seu laptop. Aquilo não poderia ser bom.

—Eu preciso garantir a minha pesquisa.

—Minhas ordens são para mantê-la nesta sala.

—Então, traga o meu laptop para mim.

—Minhas ordens são para não deixá-la.

Ela já tivera o suficiente deste beco se saída.

—Se alguém do Santuário tiver um ligeiro vislumbre do que tem dentro deste laptop, garanto-lhe que em um período muito curto de tempo, os seus cientistas saberão como alterar a química do seu corpo e de cada maldito membro de sua matilha, de modo que você esta desperdiçando muito tempo. Assim como Joseph.

Sua cabeça girou.

—Você disse que não havia nada sobre nesse laptop que nos dizia respeito.

—Não era, mas eu comecei a ficar preocupada com o que aconteceria se o pen drive fosse danificado. Eu não tinha um backup.

Ele baixou o rifle ligeiramente. As sobrançelas deu o mesmo mergulho para baixo.

—Então você fez backup para o computador.

—Sim, eu fiz.

—Foda.

—Exatamente.

Algo bateu contra a lateral do prédio. Ela pulou. A expressão de Broderick ficou ainda mais grave. Ela aproveitou a vantagem.

—Não podemos deixar que o laptop fique lá fora.

—Filho da puta. — Ele colocou a mão sobre o transmissor e se virou. Ela podia ouvir o murmúrio baixo de sua voz. Ela não poderia dizer o que ele estava dizendo, mas sua energia era intensa, tensa e esticada como a cauda de um gato à beira de ataque. Ela sabia que ele era supostamente um lobo, mas logo em seguida, ele parecia uma pantera cheio de energia letal encurralada num canto com nenhuma maneira de se transformar. Ela sabia exatamente como ele se sentia. Ela esperou enquanto ele debateu o assunto, seus nervos rastejando sob sua pele. O alarme soou novamente nas proximidades da cozinha.



—Tem certeza de que eles não podem ver através das janelas?

—Sim.

—Você vai saber se os escudos falharem, certo?

A sensação de energia aprisionada aumentava.

—Eu suponho que sim.

—Tem que haver uma razão para eles estarem concentrando sua atenção na cozinha.

—Foda.

—Você vai estar se eles conseguirem essa informação.

Ela esperou. Ele sustentou a sua posição. Droga. Eles não podiam apenas sentar aqui e deixar o impensável acontecer.

—Eu estou indo pegar esse laptop. Você pode ficar aqui ou vir comigo. Eu não me importo.

Ela correu para fora da porta. Uma vez no corredor, ela abrandou o passo. A casa que ela tinha pensado se tão aconchegante apenas algumas horas atrás agora parecia claustrofóbica.

—Perdeu a coragem? — Broderick perguntou.

—Você perdeu a sua?

Ele deu de ombros passando por ela.

—O que faz você perguntar isso?

—Tinha que haver alguma razão para fazerem de você a minha babá.

O som que saiu de sua garganta era definitivamente um rosnado. Ela ficou perto de suas costas enquanto ele ia até a cozinha. Foram apenas vinte pés, mas pareceram como vinte milhas. Quando ela chegou à cozinha pode ver além da janela. Em nenhum outro lugar da casa havia aquela luz. A maldição proferida por Broderick confirmou seu pior medo.

—Os escudos não estão funcionando aqui, não é?

—Não.

Outro pensamento bateu nela. Se a luz estava vindo da janela, isso significava que era dia lá fora.

—Onde está Slade—?

Com um empurrão de seu queixo, Broderick indicou a porta.

—Ele não pode sobreviver à luz do sol!

O lobo não disse nada.

—Por que ele não fica comigo?

Broderick se encostou contra a parede, verificando o perímetro além da janela.

—Esse assunto foi comentado.

—Por quem?

—Tobias. Creed. Derek— Ele encolheu os ombros. —Eu mesmo. Ele não nos ouviu.

Por que ela não estava surpresa com aquilo?

—Por que você não o forçou a ouvi-lo? Talvez com um reforço à mão?

—Ele é seu companheiro. Ele tem o direito de protegê-la.

Ela arrancou o computador da mesa.

—E como é que ele vai me proteger, se ele virar algo crocante?



Broderick moveu-se para a próxima janela, soltando as cortinas.

—Ele está testando o seu protetor solar novo.

—No meio de uma batalha? — Ela se dirigiu para a porta.

Broderick pegou o braço dela.

—Slade é o homem mais inteligente que eu conheço. E ele não poria você em risco por orgulho.

—O que você não está me dizendo, Broderick?

—Nós estamos em desvantagem de número.

Ela se endireitou lentamente.

—Isso esta me soando como um eufemismo.

Ele balançou a cabeça.

—Slade tem um plano, mas para que funcione, ele tem que ser parte dele.

—Como é que ele saiu da minha cama sem que eu o percebesse?

—Ele drogou você.

—Com sua mente?

Broderick balançou a cabeça.

—Isso teria sido mais fácil, mas ele disse que não iria funcionar.

Porque ela tinha aprendido a bloqueá-lo.

—Ele realmente me drogou?

Ela não sabia por que ficou chocada, mas ela estava.

—Um pouco primitivo para um vampiro, mas sim.

—Aquele bastardo.

—Ele não queria você no meio das coisas se tudo esquentasse.

O muro de silêncio vindo do lado de Slade em contraste com sua conexão mental normalmente barulhenta, assumiu uma conotação muito mais sinistra. Agarrando sua mochila, de onde ela estava pendurada na cadeira da cozinha, ela abriu com um puxão.

—Bem, esse é um plano que está prestes a virar-se contra ele.

Broderick agarrou o braço dela. Ela se desvencilhou.

—O que você quer dizer com isso?

—Eu não vou deixá-lo lá fora, sozinho.

—Ele não está sozinho.

—E isso é o que você diz, mas se a equipe está em tamanha desvantagem numérica como você me levou a acreditar, e todo mundo está lutando suas próprias batalhas—, ela puxou o zíper da mochila, —então como diabos você sabe que ele está vivo e não foi abatido?

—Jane, você é muito importante para correremos qualquer risco. Essa é apenas a linha de fundo. E se eu tiver que deixá-la desacordada, eu vou derrubá-la, mas você não vai lá fora...

Ela o examinou com seus sentidos, em busca de qualquer indicação de que Slade ainda estava vivo. Ela não conseguia encontrá-lo. Havia apenas uma parede de nada onde ele deveria estar. Pode ser que ele estivesse bloqueando-a, mas poderia haver uma outra razão, mais sinistra. Ele poderia estar caído, uma vítima de seu próprio experimento. Ele poderia estar queimando, e



ela estava aqui discutindo. Uma imagem saltou em sua mente. Uma imagem de Slade deitado desprotegido ao sol, sua pele transformando-se em cinzas sobre seus ossos. Seu rosto se contorceu em um grito de agonia. Empurrando o laptop na mochila, ela puxou o zíper fechando-o e pegou seus sapatos. Slade não iria morrer assim.

Em suas entranhas, emoção e determinação se enrolavam em uma massa apertada. A força se construindo. Foi assustador. Foi eletrificante. Tanta energia dentro dela, se espalhando como um brilho de luz em torno dela. Broderick estendeu a mão. O movimento pareceu lento. Mas não foi. Ela sabia que não era. Weres tinham reflexos tão rápidos quanto um raio. Ela olhou em seus olhos. O poder construído. Dentro dela, o protesto construído à direita ao lado dele. O som desapareceu. A luz fantasmagórica na periferia de sua visão cresceu ficando mais brilhante.

Não.

Broderick congelou.

Volte.

Ele deu um passo para trás. Ela não sabia o que estava fazendo ou como ela estava fazendo isso, mas de alguma forma ela o deteve. Um were plenamente desenvolvido. Era uma ilusão causada pela droga? Era real? Quanto tempo duraria? Engatando a mochila em cima de seu ombro, Jane olhou para a porta. Tinha que durar o suficiente. Ela deu um passo e olhou para trás. Broderick ainda estava lá, sua expressão vazia. Ela tocou os dedos sobre a alça da mochila sobre o ombro. Ela não podia levar o laptop com ela. Deslizando-a para fora de seu ombro, ela colocou-o no chão e empurrou-o cautelosamente na direção de Broderick. Com cada grão da energia nela, ela deu uma ordem.

—Proteja-o.

Nem um músculo no rosto do were se moveu. Será que ele a tinha ouvido?

—Você me ouviu? — Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça. Jane suspirou. Foi o melhor que ela pode fazer. Ficando abaixada como ela tinha visto na TV, ela abriu a porta devagar e imediatamente fez uma careta. Seu pânico era prematuro. Nenhuma saraivada de balas encheu o interior. Ninguém gritou um aviso.

Ela olhou para trás. Broderick foi pegar a mochila. A luz solar caiu sobre a arma apegado ao seu quadril. Ela precisava de uma arma. Fechando a porta, ela correu de volta e rapidamente a tirou do cinto dele. Ele pegou a mão dela. Seu coração saltou em sua garganta.

Solte.

O fato de que ele se opusesse a assustou. Ela recuou em direção à porta, observando-o com cuidado, esperando um movimento. Além de pegar seu rifle, ele não se moveu. Ela abriu a porta novamente. Uma mosca foi a única coisa que pareceu notar.

Ela esgueirou-se para o sol. Pela primeira vez, o ambiente poderia trabalhar a favor dela. A luz do dia era o seu ambiente natural. Ou pelo menos costumava ser até que Slade a tinha obrigado a viver na noite. Ela esfregou os olhos que queimavam e as lágrimas que borravam sua visão. Ela não costumava ser assim tão sensível.

Um sussurro de energia correu por cima do ombro. Ela girou para a esquerda, piscando furiosamente. Levantando a arma, ela apontou para o monstro que vinha por ela. Ela teve a



impressão de uma forma semi-humana arreganhando os caninos amarelados antes que ela puxasse o gatilho. Nada aconteceu. Se um monstro pudesse sorrir, aquilo era um sorriso que se espalhou pelo rosto do animal enquanto sua abordagem desacelerava para uma passada. Jane olhava para a arma através de uma névoa de lágrimas. Em rápida sucessão, sua mente catalogou as peças. A pequena alavanca no lado esquerdo parecia fora do lugar. Lançando-a para baixo, ela levantou a arma novamente. O monstro avançou. Ela puxou o gatilho.

Luz ofuscante saiu do cano da arma. O coice a fez bater as costas na parede. Um buraco grande o suficiente para colocar o braço dentro explodiu alargando o peito do monstro. Ela podia ver luz através dele. Seu estômago caiu. Ele dobrou-se a seus pés, o sorriso ainda no rosto. Não havia sangue. Não havia entranhas. As bordas da ferida estavam se unindo e fechando. Ela inclinou a arma para o lado e olhou para ele novamente. O que no inferno era essa coisa?

Ela deu um passo para a esquerda, o choque enfraquecendo o seu propósito. Metade dela gritava para voltar para dentro. A outra metade gritava por Slade. O sol queimava desconfortavelmente em sua pele. Mais quente do que ela jamais se lembrara que fosse a sensação do sol. Outro efeito residual do que quer que fosse a droga que Slade tinha dado a ela? Ou algo mais? Ela estava começando a suspeitar que era a última opção.

Ela tentou outra sondagem mental. *Slade*.

Novamente sem resposta, mas uma voz interior a levou a ir para a direita. Avançando ao longo da lateral do edifício, segurando a arma na frente dela, ela praguejou. Ela não tinha sido feita para isso. Ela era uma cientista, pelo amor de Deus. Ela não entrava em confrontos. Ela apenas criava por meio de suas pesquisas as questões morais sobre as quais outros gostavam de polemizar. Ela bateu seu dedo do pé, fazendo uma careta quando tropeçou. Havia uma razão para ela não haver se juntado ao serviço militar. E a razão era, ela era uma maldita covarde. Ela não gostava de ter de enfrentar a realidade do “vida ou morte”. Ela gostava de ser trancada em ambientes cuidadosamente controlados como o seu laboratório, onde tudo corria da maneira que ela dissesse como deveriam ir. Então, como diabos ela tinha acabado aqui, no meio de uma guerra entre seres sobrenaturais que queriam levá-la prisioneira, invadir sua mente, e depois matá-la? Como é que coisas como esta aconteciam a qualquer um, muito menos com ela? Um dia desses ela teria que falar a sério com Deus. Soldado de elite Jane é o que ela não era, e Ele tinha que parar de colocá-la em cenários apenas porque ele acreditava que ela poderia ser.

A energia continuava chicoteando sobre ela. Com um bloqueio mental ela se empurrou para o lado. Vomitando sujeira em todas as direções com o impacto no chão. Ela saltou para trás. O chão explodiu novamente onde ela tinha acabado de estar em pé. Filho da puta, havia alguém no telhado.

Pressionada de volta contra o prédio, ela contou até quatro. Seus instintos lhe diziam que ela tinha que atravessar a clareira. Mas se ela deixasse o abrigo daquela reentrância, ela seria um alvo fácil. É claro, ficar aqui também não era o melhor. Sem dúvida, essa pessoa no telhado tinha um desses transmissores que Slade não queria lhe dar. E sem dúvida ele estava conversando com todos os outros caras de monstro correndo em volta. Enquanto ela só conseguia falar consigo mesma. Assim, em cerca de três minutos todo mundo iria saber onde ela estava. E se todo mundo



sabia onde ela estava e todo mundo vinha para uma festa, ela não iria conseguir escapar. O que significava mais uma vez, que ela tinha que fazer alguma coisa.

Por favor, Deus, deixe que eles me vejam pelo que eu sou, o cientista covarde prestes a fazer xixi em suas calças, e não algum tipo durão que tinha necessidade de dar tiros. Eu poderia usar essa chance.

Virando-se, ela apertou os cotovelos contra o edifício.

Não me vejam. Não me vejam. Não me vejam.

Na contagem de três, ela se jogou no aberto, às cegas e fixando seu objetivo no alvo no último piso. Ele estava lá olhando ao redor. Ela puxou o gatilho. O mesmo buraco explodiu no torso dele. E, assim como o monstro anterior, ele caiu. E antes que ela pudesse perder a coragem, ela correu para a floresta. Slade estava lá em algum lugar. Ela ouviu um grito. Soou parecido com Tobias. Uma ordem explodiu em sua mente.

Entre na casa.

Ela reagiu contra o canal mental aberto, *Deixe-me sozinha.*

Para sua surpresa não houve resposta e ninguém veio correndo em sua direção. Ela chegou à floresta. Assim que ela pisou sob os galhos que a abrigavam, ela percebeu seu erro. Ela não conseguia ver nada além da árvore mais próxima. Aqui os monstros tinham toda a vantagem. Eles poderiam estar acima dela, abaixo dela, eles poderiam estar à espera do outro lado da moita mais próxima.

—Droga.

Era uma merda ser um ser humano, em um mundo de sobrenaturais. Não era como se ela pudesse voltar atrás, no entanto. O que deixava apenas uma opção. Ela tinha que encontrar Slade. Ela foi mais fundo na floresta, deixando seu instinto guiá-la. Trinta pés depois, ela tinha uma opção. Para cima ou para baixo. Suas entranhas lhe diziam para baixo. Ela seguiu o leito lamacento que descia o morro, cada passo levando-a mais longe da casa. Mais distante da equipe. Esperançosamente, mais longe dos monstros. Com o coração batendo forte no peito, ela retomou seu mantra.

Não me vejam. Não me vejam. Não me vejam.

Os poucos minutos que ela andou pareceram durar para sempre. Pelas áreas abertas no caminho ela podia ver a casa e os monstros que a cercavam. Ela podia ouvir os sons da batalha, mas ninguém parecia vê-la. Sem dúvida, eles estavam muito focados em matar Tobias e os outros para perceber uma mulher solitária rastejando embaixo de um leito de mata. O que era bom. Na próxima curva do rio, o caminho estava bloqueado por um tronco caído. Do oco por baixo do tronco ela via... uma bota? Ela conhecia aquela bota.

—Slade!

Puxando para trás os ramos, ela passou por cima do tronco. Era Slade, mas ele estava praticamente irreconhecível. As mãos e o rosto estavam vermelho escuro e muito feias. Bolhas e mais bolhas debaixo da pele. Da ferida aberta purgava um fluxo constante de sangue de seu lado. Ela não tinha que ser uma médica para saber que estava mal. Mas ela era uma médica e ela sabia o que significava aquela ferida. Não havia como Slade ter sofrido danos internos de forma



expressiva. Ela não sabia, no entanto, quanto sangue um vampiro poderia perder e sobreviver, mas Slade tinha que estar perto de chegar ao limite.

Não nos vejam. Não nos vejam. Não nos vejam.

Ela não conseguia parar a litania, mesmo para gritar por ajuda. Chegando perto, ela moveu uma mecha de cabelo do rosto de Slade. Seu rosto amado e bonito. Queria acariciar sua bochecha, mas como estava por demais queimada, era capaz de sua pele sair na mão dela. Ela estremeceu e puxou sua mão de volta.

—Alguns vampiros valentões.

Algo ficou colado a seus dedos. Olhando para baixo ela viu que eles estavam manchados com o mesmo preto avermelhado de sua pele. Ele não estava queimado. Ele estava coberto de protetor solar. O alívio foi algo impressionante.

—Maldição, Slade, só você teria feito o seu protetor solar imitar uma queimadura.

Descansando sua testa contra a dele, Jane deixou-se relaxar só por um segundo. Ela o tinha encontrado. E ele estava vivo. Mas por quanto tempo? Sentando, ela pegou seu rosto na concha da mão.

—Você vai ter que aguentar, Slade Johnson.

Nem mesmo uma centelha de sua energia. Ela não queria nada mais do que se deitar ao lado dele e abraçá-lo até que a ajuda chegasse, mas ela também sabia que a ajuda não viria. Não na rapidez que Slade necessitava. E se os monstros do Santuário subjulgassem a equipe, então não viriam de foram alguma. Ela colocou a arma no coldre em sua coxa e levantou a camisa dele sobre a ferida. Sua garganta subia e descia obstruída pelo grito preso. Por um momento ela parou sua litania. De longe ela ouviu um grito.

Oh Deus! E se tivessem sido encontrados?

Não nos vejam. Não nos vejam. Não nos vejam.

Com uma mão trêmula, ela descansou a mão sobre o estômago dele. Ela podia ver seus intestinos através do buraco.

—O que você estava fazendo tão longe de todos os outros?

Ele não respondeu.

—É simplesmente falta de sorte sua que eu seja a única que o encontrei. Eu não sei o que fazer para ajudá-lo.

Ela tentou sondar sua mente, mas era como se ele já tivesse deixado seu corpo. A angústia que a atingiu era inimaginável. Ela sentia como se sua alma estivesse sendo fatiada. Colocando a palma da mão sobre a ferida aberta, ela tentava segurar as partes unidas. Ela não iria perdê-lo assim. Não desta forma.

Então você precisa fazer uma outra escolha.

As palavras de Creed voltaram para assombrá-la. Ela estava tão confiante em sua decisão, tão focada no que ela não seria, que ela não tinha percebido o que ela seria sem Slade. Uma mulher sem sua alma.

Apoiando suas mãos em ambos os lados do peito de Slade, ela inclinou-se para cima dele, colocando os lábios sobre os frios lábios dele que não respondiam.



—Você não consegue nunca estar certo às nossas custas.

Concentrando toda a sua energia, ela enviou um pensamento na mente dele. *Viva.*

Sua boca estava estranha embaixo da dela. Como se pertencesse a um desconhecido. Com a manga de sua blusa ela limpou a mancha de protetor solar dos lábios dela. Folhas farfalhavam ao vento. Um corvo grasnou. Não haviam mais sons de batalha, mas além daqueles que a tinham alertado, realmente não havia mais nenhum. Em qualquer outro momento, ela teria ficado impressionada como uma tão cruel guerra, poderia ocorrer tão debaixo do radar humano. Mas agora ela estava em pânico. E ela precisava de ajuda.

Slade precisava de sangue. Vampiros apenas poderiam se auto-curar se tivessem sangue suficiente. Isso era o que todos os melhores filmes decretavam. Ela esfregou o pescoço e depois o próprio pulso enquanto considerava suas opções. Seu estômago parecia solto quando ela se ajoelhou ao lado de sua cabeça. O medo assolando seu espírito diretamente ao lado da esperança. Ela realmente não era a GI Jane, e ela realmente não lidava muito bem com a dor.

Aliais, ela odiava dor.

— Não morda até decepar minha mão.

Fechando os olhos, ela colocou o punho contra a boca de Slade e arranhou a sua presa contra sua pele. Mordendo a mão livre, ela sufocou seu gemido. Aquilo não apenas feria, mas queimava como ácido.

Ela manteve a mão lá, deixando seu sangue escorrer em sua língua, horror e determinação competindo pelo domínio.

Slade não mordeu a isca.

— Droga, Slade, beba. — Não havia qualquer fluxo de vida em sua energia ou em seus músculos. —Eu não sei quanto tempo eu posso segurá-los.

Apenas dizendo aquilo ficou assustada. Ela não era a Mulher Maravilha. Ela não tinha poderes sobrenaturais, mas ela não conseguia afastar a sensação de que ela era a única que os estava tornando invisíveis. Poderia ser mais uma ilusão, cortesia residual de tudo o que Slade tinha usado para derrubá-la, mas havia conforto em pensar que ela tinha algum controle, de modo que ela não descartava aquela noção completamente.

Pressionando a mão dela contra a sua boca, ela tentou novamente chegar até ele.

—Eu não sou um tipo de garota que vai à luta, você sabe. Eu sou mais o tipo que se senta para trás e pede a alguém para consertar as coisas por ela. Mas, visto que não há ninguém por perto, você vai ter que me ajudar aqui, Slade, porque eu não sei o que estou fazendo e você está morrendo. — Lágrimas entupiam sua garganta. —E eu não poderei viver com isso.

—Mas você espera que ele possa passar pela eternidade sem você.

Tobias. Jane nunca pensara que seria tão feliz por ver novamente o enigmático were. Enxugando as lágrimas em sua manga, ela sentou-se.

—Ele está morrendo.

—Eu sei.

Pegando o braço dela, ele a afastou para longe de Slade e virou-a em direção à ele, mantendo o braço elevado para que ela não pudesse se equilibrar. Homens saíram da floresta,



formando uma parede sólida entre ela e Slade. Aqueles olhos estranhos dele a estudaram da cabeça aos pés.

Ela puxou o braço.

—Não olhe para mim desse jeito.

Ele levantou uma sobrancelha para ela.

—De que jeito?

—Como se eu fosse uma estranha espécie de inseto que você acabou de descobrir.

Ele a libertou.

—Você definitivamente tem talentos escondidos.

Esfregando o braço, ela murmurou: —Isso não seria uma surpresa para você, se você não automaticamente supusesse que sabe de tudo.

—Eu vou manter isso em mente.

Por mais que tentasse, Jane não podia ver o que os homens estavam fazendo. Ela queria pegá-los e atirá-los de lado. Ela queria gritar com eles para se moverem. Mais do que qualquer coisa, ela queria ver o que eles estavam fazendo.

—Você não precisa ver. — Tobias estava lendo sua mente.

—Você não sabe o que eu quero.

—Você quer que ele viva.

Duh!

—Será que ele vai conseguir?

Tobias deu de ombros.

—Ele ainda está vivo.

—Como você sabe?

Ao invés de responder, ele se ajoelhou ao lado Slade. Seus homens se moveram de lado, dando-lhe espaço. Foi um gesto de fé e confiança. Ela desejou que Tobias não a irritasse assim. Ela poderia usar um pouco daquela auto confiança no momento. Tobias passou as mãos lentamente ao longo do tronco e pernas de Slade, em busca de algo. Fosse o que fosse, ela esperava que ele tivesse encontrado. Os homens fecharam-se em torno de Slade, bloqueando sua visão. Ela precisava que eles se movessem. No interior, a energia era construída.

—Não interfira se você quer que ele viva— Tobias ordenara.

—Eu não estou fazendo nada.

Sua cabeça estava inclinada para o lado.

—Você não sabe, não é?

Ela apenas balançou a cabeça.

—Isso significa que é novo.

—O que é novo?

A única resposta que ele deu foi um enigmático.

—Interessante.

—Eu não posso nem mesmo sentir a sua energia— ela sussurrou.



—Ele tem ela bloqueada— Tobias respondeu, seu tom era o mesmo de sempre. Alcançando o bolso de Slade, ele pegou um pequeno dispositivo de metal com uma luz verde na ponta.

—Prepare-se.

Antes que ela pudesse perguntar

—Para o que? — Ele apertou um botão. A luz desapareceu. Energia brilhou na mente dela. Slade. Ela quase chorou conforme o vazio era preenchido pela dor de Slade, a confusão de Slade, a preocupação de Slade. Ela cobriu a boca. Mesmo a apenas um mero beijo de distância da morte, o homem estava preocupado com ela. E ele estava vivo.

Tobias passou o dispositivo a ela.

—Segure isso.

Ela o tomou. Sentia-se estranhamente pesado.

—Agora ligue-o.

—Por que?

—Satisfaça-me.

Ela o fez. A sobancelha dela levantou-se.

—Interessante— Tobias disse novamente.

Jane lançou-lhe um olhar irritado.

—Você precisa ajudar Slade, não ficar me irritando.

—Eu sou irritante para você?

—Sim. E pelo jeito você gosta disso se a sua expressão é uma pista disso.

—Você não lê bem as pessoas, não é?

—Eu leio muito bem as pessoas. São os weres que me dão problemas.

Como se fosse uma sugestão, Derek entrou na pequena clareira. Como Tobias, ele tinha uma forte presença. E, assim como Tobias, ele era intimidador, mas ao contrário de Tobias, ela sabia que ele amava Slade. Tobias levantou-se e abriu espaço para ele. Ela viu quando ele se ajoelhou ao lado de Slade. A luz do sol brilhava sobre seu cabelo loiro. Ela se estendeu para sua energia. E não encontrou nada. Assim, ou ele tinha um dispositivo ou ele podia bloqueá-la, também.

—Ele perdeu muito sangue— ela avisou.

—Eles podem ver isso— Tobias interrompeu.

—Eu disse a você antes, deixe-me sozinha.

—Você não precisa se preocupar. Nós não vamos deixá-lo morrer.

—Perdoe-me se eu não aceitar sua palavra sobre isto.

Derek arregaçou as mangas. Os homens se inclinaram sobre eles, o bando de Slade, a família de Slade, todos reunidos em torno dele. Havia espaço para todos eles ao seu lado. Mas não para ela.

Ela soltou um suspiro. —Eu odeio isso.

Para sua surpresa, Tobias pegou a mão dela.

—Eu sei.

Uma sensação de conforto correu sobre ela, desmanchando seu pânico e substituindo-o por um manto de... calma. Ela deixou sua mão na dele.



—Você tem certeza de que ele vai ficar bem?

—Nós chegamos aqui a tempo.

—Bom.

Mais uma vez ele lhe deu aquele seu olhar estranho.

—O que você está pensando?

—Que eu não faço muito bem o papel de Mulher-Maravilha.

—Oh, eu não sei nada sobre isso. Eu estava pensando que você tem potencial.

Ela tirou a mão das suas.

—Então você estaria errado.

Porque, mais uma vez quando era importante, ela não tinha sido capaz de fazer uma maldita coisa.

Capítulo 16

Eles foram apanhados por um comboio de veículos blindados, fortemente armados. Ninguém falava, o que estava bom para ela. Ela estava exausta, em estado de choque. Ela tinha assassinado dois homens-coisas. Quase perdera Slade, e teve algumas verdades longamente presumidas, empurradas garganta abaixo pelos acontecimentos do dia. Se ela fosse uma avestruz, ela estaria em pé com a cabeça enfiada na areia. Em vez disso, ela estava sentada no chão da parte de trás de um dos veículos, segurando a mão de Slade, fingindo que ela não se sentia a censura que emanava dos outros. Ela não estava sozinha em sua avaliação de que havia falhado com Slade.

No momento em que eles estavam a meio caminho de volta para o complexo, Jane percebeu que todo mundo também estava olhando para ela de forma estranha. Ela não se importava. Ela estava muito preocupada com Slade. Ele estava deitado no banco traseiro muito quieto. Muito pálido. A sua energia um mero eco da força com que ela estava acostumada. Ela trouxe o dorso da mão dele até seus lábios.

Viva, seu maldito.

Tobias se virou de onde ele se sentava na frente.

—Saiba você que um Johnson é muito condenadamente teimoso para morrer de uma ferida na carne desta forma.

—Duas tentativas de me consolar em um dia? Tenha cuidado, Tobias, ou eu poderia começar a pensar que você é um dos caras bonzinhos.

—Nós não queremos isso.

Ela enroscou os dedos pelos de Slade que ainda não correspondiam.

—O que ele estava fazendo lá fora, sozinho, longe de todos os outros?

O couro rangeu quando Tobias mudou de posição.

—Ele estava fingindo ser você.



—Por favor.

Tobias passou a mão pelos cabelos.

—O seu companheiro é um homem muito inteligente, capaz de muitas coisas. E o que ele não é capaz fazer de fisicamente, ele encontra uma maneira de fazer mecanicamente.

—Em outras palavras — Jace disse, já falando de longe, — ele foi capaz de projetar a sua imagem sobre a dele.

—Como é que algo como isso funciona? Quero dizer, assim que alguém se aproximasse o suficiente para...

—Ver— Tobias terminou para ela. —Sim, mas nós não precisamos deles para acreditar nisso para sempre.

—Se eles pensaram que nós iríamos tirar você furtivamente, isto iria trazê-los todos para um lugar— Jace explicou.

—E daria a vantagem que vocês perderam por estar em menor número— ela terminou.

—Como eu disse, o seu companheiro é um homem muito inteligente.

E dedicado àqueles que ele amava ao ponto de sacrificar sua própria vida sem pestanejar. Acariciando as costas dos seus dedos na testa dele, ela sussurrou:

—Ele é um cientista. Ele não deveria ter ficado lá fora, de forma alguma.

Assim que ela disse isso, ela sabia que era errado.

Eu sou o vampiro durão que pode chutar o traseiro do Santuário.

Tobias bufou.

—Ele é um Johnson. Eles são mais fora da lei do que qualquer outro.

Fora da lei. Um termo tão fora de moda. Mas, então, se Slade nascera cento e cinquenta anos atrás, e a maior parte da personalidade de uma pessoa era formada em seus primeiros anos de vida... Slade havia sido formado no Oeste Selvagem onde a sobrevivência dependia da capacidade de uma pessoa em se adaptar. Slade era um mestre na adaptação.

—Eu realmente não o conheço, não é verdade?

—Você sabe o que você precisa saber.

—O que, de acordo com você, é que ele é meu companheiro— Ela acenou com a mão no ar. —Este conceito mítico que ignora qualquer realidade, circunstâncias ou eventos.

—Reconfortante, não é?

Ela balançou a cabeça.

—Não, se você não acreditar em acasalamento.

—Um mês atrás, você não acreditava em vampiros — Jace ofereceu em silêncio.

—Alguém já lhe disse que ser lógico em um momento emocional é muito irritante?

—Não recentemente.

—Pois bem, é e eu não posso tomar uma decisão quando não estou de acordo com os conceitos.

—Eu pensei que sua decisão já estava tomada.

O SUV bateu dando um solavanco. Ela pulou para a direita junto com movimento. Mesmo que ela estivesse cercada por soldados renegados, ela ainda não conseguia afastar a sensação de



que o Santuário estaria sobre eles a qualquer momento. Com a mão trêmula, ela alisou para trás a mecha de cabelo que caiu sobre a testa de Slade.

—Eu não posso fazer isso, Tobias.

—Fazer o quê?

Mais uma vez, ela fez um aceno com sua mão. O carro deu outro solavanco. Ela sentia o toque da energia de Slade. Acariciando-lhe os dedos para baixo sobre sua bochecha, ela debateu sobre desligar o equipamento que disfarça a energia, que ainda estava em seu bolso.

—Eles nunca vão parar de vir atrás de mim, certo?

—E nós não vamos parar de impedi-los.

Guerra. Interminável guerra e sempre no final dela, o potencial para destruir uma espécie inteira. Por causa dela.

O que ela poderia dizer, exceto:

—Obrigado.

Caleb estava esperando por eles conforme se aproximavam pelo quintal. O olhar que ele lhe deu quando abriu a porta não era estranho, era direto e descoberto com raiva. Aquilo era uma mudança refrescante. Jane podia lidar com a hostilidade.

—O que é isso?

Ele estendeu a mão. Ela colocou a dela sobre a dele. Ele meio que puxou, meio ajudou-a a sair do SUV, então ele se estendeu para Slade. Um músculo em sua mandíbula pulsou enquanto ele forçava suas mão sob seu irmão e então deslizando-o através do assento. Em pé, ele embalou Slade em seus braços, seu amor por seu irmão gravado na angústia em seu rosto. Era um momento tão humano, um que já havia sido capturado no tempo, através das câmeras de vários correspondentes de guerra. E aqui estavam jogando de novo. Com vampiros. Mais uma prova de que o amor não era específico de uma espécie. Um cavalo no cercado relinchou através da bruma.

Com um aceno afiado de sua cabeça, Caleb girou nos calcanhares e carregou seu irmão em direção à sua casa. Quando Jane teria apenas o seguido, Jace pegou o seu braço.

—Joseph está pior.

Pelo canto do olho, ela podia ver Caleb alcançar a varanda de Slade. Em um minuto ela ouviu o barulho da porta de tela.

—Como você sabe?

—Allie apenas enviou pelo sistema.

Cerrando os punhos contra a necessidade de lançar-se atrás de Slade, ela retrucou:

—Eu quero um desses transmissores.

—Você terá que pedir a Slade.

Ela não poderia pedir nada a Slade. A porta de tela rangeu. Eles o tinham levado embora.

—Quão ruim está Joseph?

—Mau.



Ela ficou ali dilacerada. O coração dela lhe dizia que ela precisava estar com Slade. Sua consciência a empurrava na direção de Joseph.

O tom de Jace suavizou-se.

—Caleb vai cuidar de Slade. Ele só precisa de tempo para se curar.

—Talvez.

—Joseph precisa de você agora.

Triagem. Ela entendia o conceito de tratar os casos mais graves em primeiro lugar. Ela estava apenas tendo um momento difícil de aceitar.

—Joseph está morrendo.

A angústia contida naquela declaração trouxe sua cabeça para cima. Olhando dentro dos olhos cor de avelã de Jace, ela foi atingida pela percepção de que ali havia mais do que o guerreiro. Ele também era um tio.

—Você o ama.

Sua cabeça se lançou para trás com a surpresa. Olhando por baixo de seu nariz afilado, ele a informou:

—Claro. Ele é meu sobrinho.

Foi fácil ver Slade naquele gesto.

—Eu sinto muito— Correndo os dedos pelo cabelo, ela massageou os músculos tensos em seu pescoço. —Eu apenas estou mais acostumada a vê-lo como um soldado.

—Os soldados também têm famílias.

Sim, eles tinham. E Jace e Joseph eram a família de Slade. Ela realmente não tinha escolha.

—Leve-me até Joseph.

Com um empurrão de seu queixo, Jace indicou que ela deveria segui-lo pelo caminho até a casa principal. Ela o fez, tendo aquela sensação de déjà vu quando um cavalo relinchou uma saudação do curral. Seu tênis fazia pouco barulho ao atravessar a grande varanda. Próximo a porta, uma placa rangia. Abrindo a porta da frente, Jace acenou para ela entrar.

Enquanto a porta se fechava atrás dele, Jace dizia:

—Joseph esta no berçário.

O berçário era a terceira porta à direita no topo da escadaria em curva. Ela conhecia o local desde a sua visita anterior. Parando ao chegar ao interior do vestíbulo de pé direito alto, Jane ficou imóvel e absorveu a energia da casa, mentalmente preparando-se para o que estava por vir.

—Eu só preciso de um minuto.

—Eu não tenho certeza de que Joseph tem algum de sobra.

Ela forçou um sorriso.

—Então vamos indo.

Jace pegou o braço dela.

—Faça-me um favor.

—O que?

—Não dê um sorriso como este na frente de Caleb e Allie.

—Não pareceu muito confiante?



—Nem um pouco.

Ela balançou a cabeça.

—Então talvez devêssemos suprimir os sorrisos.

—Eu faria isso.

Ele liderou o caminho até as escadas. A confortável casa de Caleb. Uma casa construída para o riso. O quarto de Joseph não era diferente. Pintado de amarelo pálido, com toques de branco e azul e um conjunto de berço com dossel, era um aposento que refletia as esperanças de pais orgulhosos. Mas não havia risadas aqui. Apenas tristeza. Ela ecoava nas paredes e a partir da cadeira de balanço próxima as grandes janelas. Allie sentava-se na cadeira de balanço com Joseph, sua bochecha repousando sobre a cabeça da criança. Parecendo completamente normal de calça jeans e uma camiseta azul pálida. Na mesa ao lado da cadeira, uma mamadeira intacta.

Sem olhar para cima, Allie sussurrou:

—Ele está morrendo.

Sim, ele estava. Jane podia sentir isso na flutuação irregular de sua energia.

—Eu sinto muito.

—Não é possível você fazer alguma coisa?

Controlando a raiva contra a inutilidade desta vida que partia muito cedo, e o medo de que ela não fosse capaz de detê-lo, Jane cruzou para o lado de Allie. Ajoelhando-se ao lado dela, puxou o cobertor para trás do rosto do bebê. Seus pais o amavam muito, estavam passando por tanta coisa para mantê-lo vivo, e ele estava aqui no seu próprio canto do mundo em sua luta pessoal pela vida. E ele estava perdendo.

A antiga raiva voltou. Ela tinha visto muitos bebês morrerem, tinha visto muitas mães olharem para ela como Allie estava agora mesmo, uma alarmante combinação de medo e esperança. Ela sentira essa raiva muitas vezes. Ela não sabia o que dizer. Ela tocou o pequeno rosto frio de Joseph. Tão pálido e encovado, como se a morte sentisse a necessidade de anunciar a sua chegada iminente. Jane ficou em pé. Allie olhou para ela, a esperança da qual ela não poderia abrir mão enchia o seu olhar. Nenhuma mãe poderia abrir mão dessa esperança. Vampira ou humana, não importava. Jane não conseguia encontrar as palavras que Allie precisava ouvir. Girando sobre seu calcanhar, ela saiu do quarto.

—Que diabos você está fazendo? — Jace exigiu quando ela passou por ele na porta.

—Eu estou indo para o laboratório.

Seus dedos afundaram em seu braço. Com um empurrão, ele girou em torno dela.

—Você sai do quarto sem uma palavra para Allie? Você é um puta de coração frio.

Sim, seu coração estava muito frio.

—O que você quer que eu diga à ela? Ela já sabe que seu filho está morrendo.

—Eu quero que você diga a ela que pode fazer algo sobre isso.

Jane balançou a cabeça, tirando os cabelos do rosto. Ela tinha pensado antes, quando ela reunia a fórmula mental para a potencial cura, que aquilo ia ser muito fácil. Uma série de testes estreitando as opções, alguns experimentos, algumas suposições educadas quando se tratava de



dosagem, e voilà! A cura. Mas tudo isso demandava tempo, um tempo que ela não tinha. Agora, ela tinha uma única chance para acertar. Um tiro impossivelmente longo.

—E dar-lhe falsas esperanças?

—Você precisa dar-lhe alguma coisa.

Com as probabilidades de ser o que eram, ela não tinha nenhum direito de dar qualquer esperança a Allie. E Jace não tinha nenhum direito de levá-la a fazer isso.

—Deixe-me ir.

Jace largou-lhe o braço com um olhar de nojo. Ela passou por ele. Quando ela chegou ao laboratório, fechou a porta atrás dela e digitou o código. As travas se fecharam com um estalido satisfatório. Caminhando até a mesa, colocou sua mochila sobre ela. Sua mão tremia tanto que mal conseguia abrir os fechos. Depois de três tentativas, ela conseguiu abrir e apoiou o laptop sobre a mesa. Apertando o botão de força, ela esperou pelo familiar ruído. O brilho da tela a acolheu em seus braços. Clicando sobre a pasta que continha seus dados, ela se concentrou sobre os números e notas. Um pouco de sua tensão diminuiu.

Ela deu outra firme respiração. O cheiro familiar do laboratório antigo acalmou seus nervos um pouco mais. Este era o seu mundo. Não havia vida ou morte aqui. Não havia caos. Havia apenas problemas abstratos para serem resolvidos. Ela deixou a esterilidade do ambiente envolver-se ao seu redor. Mas não importava o quanto tentasse, ela não poderia apagar a sensação do pequeno rosto de Joseph de seus dedos. Ela tocou a morte duas vezes hoje. Agora, ela tinha que descobrir como derrotá-la.

Quatro horas mais tarde, Jane tinha sua fórmula. Se iria funcionar ou não era uma questão totalmente diferente. A única maneira de saber era tentando. Rolando a cadeira para trás da mesa, ela esfregou a tensão na parte de trás do pescoço. Ela não tinha ideia de onde Caleb estava, mas ela precisava dele no laboratório o mais rápido possível. Pegando o telefone, ela teclou para mandar sua voz por todo o complexo pelo interfone.

—Caleb, eu preciso de você no laboratório agora.

Cinco minutos depois, houve uma batida. Teclando a combinação, ela abriu a porta. Quase imediatamente, a pesada porta girou para dentro. Ela deu um passo para trás. Caleb estava na entrada, sua expressão era de pedra. Jace e Jared o flanqueavam como cães de guarda.

Ela acenou convidando-o a entrar.

—Eu preciso do seu sangue.

Ele rasgou a manga da camisa, e depois, com uma de suas garras, cortou a carne exposta de seu pulso com a mesma eficiência.

—Tome o quanto você precise.

Quando ela olhou em seus olhos, ela viu o mesmo desespero que tinha visto em Allie. Pai, irmão, líder, guerreiro. Exatamente como Slade, Caleb vestia muitos papéis.

—Obrigado— Colocando pressão sobre a ferida, ela o levou até a cadeira. —Mantenha a pressão sobre isso, enquanto eu pego a seringa.



Ele apontou para o sangue escorrendo.

—Assim é mais rápido.

—Se você pudesse esperar dois segundos eu poderia ter dito que eu precisava da veia para evitar a contaminação— Abriu um pacote de seringa. —Além disso, se eu não precisasse de sangue?

—Você é uma cientista, como Slade. Você sempre precisa de sangue para um ou outro teste— Jared cortou.

Puxando a tampa de proteção da seringa, ela fez a única pergunta para a qual ela precisava de uma resposta.

—Como está Slade?

—Ele está se segurando.

Caleb assentiu.

—Bem.

Jane fez sinal para o seu braço.

—Por favor, feche essa ferida— Caleb o fez. —E arregace a manga do outro lado, para que eu possa obter uma amostra esterilizada.

Enquanto esperava, Jared falou com a voz arrastada.

—É legal da sua parte perguntar por Slade.

—Você por acaso está de alguma forma me dando uma lição? — Ela perguntou enquanto espetava a agulha na veia.

—Slade merecia algo melhor.

O sangue encheu o frasco.

—Slade e meu relacionamento com ele não é da sua conta.

—Ele é nosso irmão.

—E é o meu amante.

—Você pode querer reservar esta conversa para quando a mulher não tiver uma agulha enfiada em minhas veias— Caleb lembrou.

—Você vai sobreviver— Jace rebateu secamente.

—Slade esteve malditamente perto de morrer salvando o seu traseiro— Jared rosnou.

Jane contou até dez, buscando paciência. Ela perdeu.

—Ele chegou perto da morte protegendo as informações que eu tenho e que você precisa.

Caleb apertou a ponta do queixo ela em direção à ele. O gesto foi tão semelhante ao de Slade que ela não pode piscar as lágrimas rápido o suficiente. O olhar de Caleb procurou em sua expressão.

—Não se engane, ele arriscou sua vida por você.

—De verdade?

—Sim.

—E isso é o que esta preocupando você?

—Ele tem aceitado um monte de riscos, depois que te conheceu — Jared interrompeu.



—É por isso que o mandou para trair sua companheira, a fim de obter as informações que vocês queriam? Porque vocês respeitam seus sentimentos e o conceito de companheiros tanto assim?

Caleb fez uma careta. Ela trocou o frasco cheio por um novo.

—Tínhamos que pensar no bem maior.

—Uma coisa engraçada sobre o bem maior. É um alvo em movimento cujo significado muda de acordo com quem você fala.

—Estávamos errados em pedir isso de Slade.

—Isso é um pedido de desculpas?

—Sim.

—Eu não sei se eu as aceito.

—Nós não queríamos que Slade se machucasse— Jared explicou.

—Se você se importasse tanto com o seu irmão, se você estivesse tão preocupado com a sua felicidade, você não teria lhe pedido que me traísse.

—Ele não podia acasalar com você. Inferno, você é alérgica até mesmo à saliva dele. A única coisa que estar com você poderia fazer por ele, é enviá-lo a loucura— Jace apontou com sua franqueza habitual.

Jane retirou a agulha do braço de Caleb, e depois lhe perguntou:

—Se você nunca mais pudesse tocar sua esposa novamente, você apenas sairia da sua vida sem um segundo olhar para trás?

—Não é a mesma coisa— respondeu Caleb.

No inferno que não era.

—Deixe-me colocar de outra forma. Se um desses empregados imbecis do Santuário cortasse o seu pênis, isso seria o fim de seu vínculo emocional? Você estaria menos comprometido com o bem estar de Allie?

—Claro que não.

Jared rosnou em sua garganta.

Ela jogou a seringa no lixo.

—Estou ficando malditamente doente e cansada de vocês, bastardos fanfarrões, rosnando para mim. Vocês amam seu irmão. Eu entendi. Bem, adivinhem. Eu o amo também. E do meu ponto de vista, eu não sou a ameaça. Vocês são. Vocês o mantêm neste laboratório vinte e quatro hora por dia, sete dias por semana como se sua vida fosse o cordeiro para o sacrifício das suas ambições.

—Slade ama o seu laboratório— Caleb explodiu.

—Slade ama vocês, e ele tem um senso de responsabilidade além dos limites, que não lhe permite dizer não quando vocês produzem qualquer outra demanda pelo impossível.

Jace deu um passo em sua direção.

—Estamos em guerra.



—Mas vocês tem esposas e filhos para quem ir ao final do dia. Entes queridos que demandam o seu tempo e lhes dão equilíbrio. Slade não. E vocês estão tão entusiasmados com o que ele pode fazer, que nem sequer lhes ocorre que Slade pode estar querendo o mesmo para si.

—É claro que nos ocorre— disse Caleb.

—Sério? Eu não penso assim, porque se o fizesse, vocês considerariam quanto tempo ele demora para dar o que vocês querem e de quanto de sua vida ele desiste, para produzir a próxima engenhoca que vocês desejam. Quero dizer honestamente, quando vocês esperam que ele encontre esta companheira, se vocês o mantêm trancado neste laboratório?

A tensão encheu a sala, somando-se a energia que já estava lá. Os irmãos trocaram um olhar que lhe disse que eles estavam se comunicando mentalmente entre si. Bom. Deixe-os conversar.

—Encarem isso, vocês o usaram. Vocês usaram seu cérebro e vocês usaram o seu amor.

Caleb pulou sobre seus pés. Ela captou um vislumbre de suas presas.

—No inferno que fazemos isso.

—No inferno que vocês não o fazem. Vocês não fizeram isso por maldade ou malícia, mas vocês fizeram.

Jared e Jace deram um passo para perto. Muito perto, muito tarde. Ela estava muito além do ponto da intimidação. Jane levou o aparelho de amortecimento de energia e o colocou sobre a mesa.

—Eu estive na mente de Slade de uma maneira que nenhum de vocês provavelmente pode estar. Tanto quanto vocês o amam, ele os ama de volta, e ele irá conduzir-se ao fundo do poço para dar o que vocês precisam. Tudo o que tem a fazer é pedir, mas eu posso lhes dizer agora mesmo, há uma coisa que ele não vai lhes dar— Ela apontou o dedo em direção a seu peito. —Eu. Eu não sei o que Slade e eu vamos fazer daqui em diante, e vocês também não sabem. Mas nenhum de vocês, nem Tobias, nem Derek, nem vocês ou suas esposas irão manipulá-lo. Vocês me entendem?

—Ou o quê? — Jared a desafiava.

—Juro por Deus, se vocês sequer tentarem, se interferirem de alguma forma, seja sob o disfarce do amor fraterno ou do bem maior, eu vou me trancar neste laboratório até criar o composto mais eficaz de tortura que eu puder imaginar.

—Você está falando sério? — Jace perguntou.

—Slade é meu companheiro. O meu homem. Eu estive um pouco fora de equilíbrio, mas o dia de hoje me colocou de volta sobre meus pés.

Se esticando, Jane colocou a mão sobre o aparelho de amortecimento de energia.

—O jogo de vocês termina agora.

Com um movimento de seu polegar, ela desligou-o.

—Fiquem fora do meu relacionamento e fiquem fora da minha vida.

Caleb se ergueu sobre ela.

—Se você o machucar, nós vamos lançar o seu traseiro para o primeiro bando do Santuário que encontrarmos— ele respondeu com uma fala pausada que mais parecia um rosnado.



Ela deu um passo dentro do seu espaço pessoal. Aquele tinha sido um inferno de dia e ela estava cheia de ter medo.

—Se eu o ferir, então Slade e eu vamos lidar com isso. Repito, o nosso relacionamento não é assunto de vocês.

—Ela está certa.

Jane se virou. Slade estava parado na entrada, encostado no batente da porta. Seu rosto era medonhamente pálido, mas sua energia era brilhantemente viva. E ele estava tão chateado como o inferno.

—Slade— ela sussurrou.

Com uma flexão dos dedos, ele convocou-a a seu lado. Ela foi ansiosamente.

—O que diabos você três acham que estão fazendo?

—Jane precisava de sangue— Jared explicou, aquele sorriso ainda pairando nos lábios.

—E todos vocês só pensaram em andar até aqui para fornecê-lo?

—Slade...

—Eu poderia ser seu irmão mais novo, meninos, mas eu sou um homem adulto, e essa merda de é-para-o-meu-próprio-bem? Ela termina agora.

—Estamos preocupados com você, Slade — Jace disse. —Você passa mais tempo no laboratório do que no mundo e...

—Estou neste laboratório apenas porque as coisas precisam ser feitas, não porque eu tenha medo do mundo.

—Você não sabe no que você está se deixando entrar — Jared acrescentou.

—Apenas dêem o fora daqui— Ele tropeçou. Como um, seus irmãos correram para a frente. Com um relance de suas presas eles os empurrou de volta. Para ela, ele disse: —No futuro, quando um vampiro ameaçar você, espero que você fuja.

Ela tinha cansado de ser ameaçada.

—Antes de você piscar essas presas para mim novamente, eu deveria avisá-lo que eu estou com um humor muito peculiar, até para mim mesma. Mais uma ameaça de qualquer um de vocês, e eu vou trazer a minha própria ferramenta redonda para a festa. Vamos ver o quão durões vocês vão parecer com essas presas malvadas aos pedaços no chão.

—Infernos— Jared murmurou.

Caleb rolou a manga para baixo e olhou-a especulativamente.

—Você sabe, nós talvez estejamos apenas enfiando nossos narizes onde não nos pertencem.

—Talvez estejam?

A energia de Caleb estalou para ela.

—Não provoque.

A energia foi embora tão rápida como tinha chegado, substituída por uma sensação de calma. Slade tinha desviado.

—Recue, Caleb— Ele rosnou.

Caleb levantou as mãos.

—Feito.



Fechando os olhos, Jane saboreou a sensação de ter Slade de volta. Mas como ele estava apenas se recuperando de uma lesão, ela fez um pequeno carinho mental e emocionado por si mesma sobre ele. Ela sabia que tinha tido sucesso quando os músculos de Slade relaxaram e ele deixou cair um beijo no topo da sua cabeça.

—O que está acontecendo com Joseph? Slade lhe perguntou quando a tensão na sala diminuía.

Ela olhou para Caleb. Ele não disse nada, deixando-a para dar a notícia.

—Ele não está indo bem.

Ele provavelmente tinha um dia antes que passasse do ponto sem retorno, mas Caleb não precisava ouvir isso.

—O que você tem feito?

—Não o suficiente— Caleb mordeu as palavras.

Slade sustentou-a contra o seu lado quando ela tentou se afastar.

—Estamos trabalhando nisso, Caleb.

—Filho da puta, eu sei— Ele passou a mão pelos cabelos. —Mas eu quero uma garantia.

Jane se encolheu. Slade não.

—A vida não vem com isso.

—Eu sei.

—Mas se vocês todos saírem daqui e nos deixarem trabalhar, eu vou ver o que posso fazer.

Como um, os irmãos se dirigiram para a porta. À medida que saíam lado a lado, Caleb parou. Ele olhou para Slade e depois para ela. Slade pegou a mão dela.

Caleb olhou para cima.

—Sobre o que você disse anteriormente sobre o seu relacionamento ser seu assunto?

Ela balançou a cabeça.

—Vou pensar sobre isso.

—Obrigado.

Quando as portas se fecharam atrás de seus irmãos, Slade a puxou para baixo em seu colo. Ela fez um protesto simbólico.

—Temos que começar a trabalhar.

—Em um minuto.

—Não temos um minuto.

Ele inclinou a cabeça para trás. Seu olhar encontrou o dela.

—Eu preciso disto.

Chegando a pensar sobre isso, ela também precisava. Ela descansou a bochecha em seu ombro.

—Sua família não gosta de mim.

—Minha família não sabe o que fazer com você.

Ligando os dedos atrás do pescoço dele, ela sorriu suavemente em seus olhos.

—Mas você sabe.



—Uh-huh— O roçar da sua mão para baixo pelo lado dela, atingiu terminações nervosas, despertando sua atenção. Os dedos dele se enrolaram em torno de seu quadril, afundando na carne mais suave. Calor e desejo familiares zumbiam através de suas veias. Virando o rosto em seu peito, ela sussurrou: —Eu pensei que tinha perdido você.

Seus lábios se esfregaram nos cabelos dela.

—Nunca.

Mas ele vivia com o conhecimento diário de que ele poderia perdê-la.

—Como você faz isso? — Ela perguntou.

—Eu me concentro no que tenho.

Ela não era boa nesse tipo de pensamento. Como se estivesse lendo sua mente, ele acrescentou:

—E se eu não puder fazer isso, eu me concentro no meu trabalho.

Isso ela poderia fazer.

—Acho que eu descobri a fórmula.

—Então, por que a tensão em sua voz?

—Tem que dar certo na primeira vez. Eu não queria dizer nada na frente de Caleb, mas Joseph está fraco demais para aguentar por muito mais tempo.

—E?

—E se eu estiver errada?

Seus lábios roçaram seus cabelos.

—Então, ninguém neste mundo poderia conseguir fazer certo.

Talvez. Talvez não, mas tudo o que importava naquele momento era a sua fé nela.

—Precisamos descobrir qual deve ser o sistema de entrega.

Ele arqueou as sobrancelhas, daquela forma que fazia seu coração saltar com um sorriso interno.

—Você está me convidando para a sua pesquisa, Jane Frederickson?

Como uma revelação, ela percebeu que estava. Ela, que sempre trabalhara sozinha, estava, realmente, convidando alguém para dentro do seu santuário interior. E ela não estava nem um pouco nervosa.

—Sim, eu acredito que estou.

Capítulo 17

Alguns minutos se passaram, e a cada minuto, a tensão dentro de Jane se esvaía.

—Você estava certa, sabe— Slade falou, quebrando o silêncio.

Ela inclinou a cabeça para trás.

—Sobre o quê?

—Sobre isso ser apenas entre eu e você.



Ela apoiou o dedo em seu rosto, traçando a forma de sua bochecha.

—Isso já está tão terrivelmente complicado que nós não precisamos de terceiros?

Ele sorriu ironicamente.

—Porque eles acabariam por estragar tudo.

Ela assentiu com a cabeça.

—E nós vamos fazer isso de um modo muito bom.

—Sim.

Sua energia pulsava ao seu redor. Mais fraca do que o normal, mas ainda assim muito mais forte do que a dela.

—Eu estava tão assustada quando te encontrei.

—Eu aposto que sim.

—Eu não podia sentir a sua energia. Eu só podia sentir o nada, onde você deveria ter estado.

—Eu estou muito impressionado por você ter pensado em procurar na parte de trás.

Ela fingiu arrogância. —Eu sou um gênio.

—Nem todos os gênios têm bom senso.

—Muito verdadeiro... Slade?

—O quê?

—Eu adoraria me sentar e ficar enroscada em você, mas Joseph realmente não tem tempo.

Sua cabeça se levantou. —Ele está tão ruim assim?

—Você não o viu?

—Não, droga.

—Bem, eu o vi há poucas horas.

—Por quanto tempo eu estive inconsciente?

—Não muito, mas...

—Merda. Por que ninguém me acordou?

—Se você se olhar no espelho, saberá por quê.

—Isso é fácil de resolver.

—Você precisa de mais sangue.

Ele olhou para ela. —Nem pense nisso.

Ela passou a mão pela coxa.

—Eu não estava pensando nisso.

Ele deixou a mentira passar e mudou de assunto, pelo o qual ela era grata.

—Você tirou o sangue de Caleb, porque precisava de proteínas?

Ela assentiu com a cabeça.

—Mas o que realmente precisamos é uma maneira de sintetizá-las e então, talvez, possamos regular a dosagem e armazená-las.

—Em qual parte do processo você está agora?

—Isso soa muito demasiado simples. Mas você sabe como as pessoas intolerantes à lactose só precisam tomar uma pílula? Eu acho que é isso que Joseph precisa, também.

—Mas ainda temos que fazer a pílula?



Ela balançou a cabeça novamente.

—Sim. Ele vai precisar dela a cada refeição.

—Isso vai ser complicado.

—Eu sei.

—Eu acho que no futuro serei capaz de sintetizar a proteína, mas agora estamos trabalhando com ela não processada.

—Qual processo de transferência você vai usar?

—Eu não acho que uma injeção vá funcionar. Eu acho que a proteína precisa estar em seu estômago no momento em que ele estiver comendo.

—Então líquido.

Ela balançou a cabeça e saiu de seu colo, se posicionando em torno da grande mesa sobre a qual espalhara suas anotações.

—Quanto?

—Eu não sei— Ela estudou as porcentagens sobre o papel. —Eu nem mesmo sei se muito disso causará outros problemas.

Slade ficou em pé.

—Ele não pode ter outro problema.

Ela se virou.

—Slade, pare de me dizer o que eu já sei. Está certo. Sei que isto é vida ou morte. Sei que se eu fizer isso do jeito errado, matarei esse garoto. Tudo bem? Eu sei. Eu sei. Eu sei.

—Jesus, Deus, Jane! — Chegando perto dela, Slade a agarrou e puxou-a mais perto.— Querida, você está fazendo tudo o que pode.

Ela empurrou contra o peito dele.

—E se isso não bastar, então quê? Você acha que Caleb não vai me culpar? Você acha que Allie não vai me culpar? Você acha que *você* não vai me culpar? — Ela balançou a cabeça. —Eles acham que você anda sobre as águas e esperam que eu desfile junto ao seu lado, mas já passei por isso antes. Já perdi esta batalha antes. Eu sei como isso funciona. Eu não quero outra vida em minha consciência. Eu não quero isso, mas eu não tenho escolha.

A energia de Slade a envolveu, segurando-a mais apertado do que seus braços.

—Você tem uma escolha— Ele tomou o notebook de sua mão. —Eu posso assumir.

Jane permitiu-se a ilusão de que isso era possível, enquanto ela deixava Slade mandar para longe o pior de sua agitação. Quando ela estava calma novamente, pegou o notebook de volta.

—Você não pode. Não com o tempo que temos.

Ela ficou feliz dele não ter discutido, mas o que ela mais gostava era do jeito que ele estava a seu lado.

—Então é melhor começar a trabalhar.

Era diferente trabalhar com alguém que era tão capaz quanto ela. Um igual, não um assistente. Alguém que não tinha medo de interromper seus pensamentos e expor suas próprias observações. Irritante, muito irritante, mas bom. No início, ela lutou, mas enquanto trabalhavam ela percebeu o quanto eles se complementavam. Logo estavam terminando os pensamentos um



do outro, saltando através dos processos muito mais rápido do que ela teria feito sozinha. Apenas uma outra área em que eles eram compatíveis. O que era bom. Não tinham tempo para tentativa e erro. Eles precisavam de uma solução. E três horas depois, ela levantou o pequeno frasco cheio de líquido claro; eles conseguiram.

—Devemos chamá-los? — Ela perguntou, apertando a tampa do conta-gotas no frasco.

Slade olhou para ela.

—Como você tem certeza de que é isso?

—Tão certa quanto eu posso ser. Quanto você tem de certeza?

Ele se inclinou para trás na cadeira, olhando para os últimos cálculos.

—Tenho tanta certeza quanto se a dor no meu intestino, fosse causada por um tiro³⁴.

Ela pegou a mão dele e a segurou. Eles fizeram tudo o que podiam. A única coisa que restava era ver se era o suficiente. Slade enlaçou os dedos nos dela.

—Então é hora de fazer a chamada.

Slade liderou o caminho. No momento em que chegaram ao quarto da criança, parecia que boa parte do complexo estava no corredor. Jane andou por entre rostos um mar deles, mantendo o olhar centrado nas costas de Slade, com o coração na garganta. Na porta, Slade parou.

—Você vai entrar e eu vou lidar com a ralé.

Previsivelmente a ralé tinha algo a dizer sobre isso. A tentativa de humor quebrou um pouco da tensão, no entanto. Ela balbuciou um: —Obrigado.

Sentiu seu sorriso. *De nada*.

Respirando firme, Jane entrou no quarto. Allie sentava-se na cadeira de balanço perto da janela. Joseph estava enrolado em um cobertor, embrulhado em seus braços. Não havia nenhum sinal de Caleb. Na mesa ao lado deles estava a garrafa da fórmula para o bebê, que Slade prepara. Eles decidiram que seria melhor simplesmente alimentar Joseph com a proteína líquida, juntamente com sua dieta habitual. Não queriam introduzir quaisquer variáveis adicionais, já tinham o suficiente para lidar. Tudo estava pronto para a tentativa.

O sorriso de Allie era trêmulo, mas com o otimismo, que Jane estava começando a entender, era parte de sua personalidade.

—Estamos prontos— disse Allie.

Jane ergueu o frasco de proteína. —Nós também.

—É um elixir mágico? — Allie perguntou.

—Sim— Jane forçou o que ela esperava, fosse um sorriso encorajador. —Este é ele.

—Não parece muito impressionante.

—Bem, se você já tivesse visto proteínas num microscópio, saberia que elas tem esta aparência extravagante.

—Ele precisa de proteínas?

³⁴ Essa frase, na verdade, é uma gíria (“Sick-in-my-gut-one-shot-at-life sure.”), para dizer que alguém fez de tudo para que desse certo, e, mesmo assim, estava com um “frio na barriga”.



—Não apenas qualquer proteína. Uma específica.

—E quando ele a consegue?

—Acho que terá o que precisa para o seu pequeno vampiro.

Allie beijou o topo da cabeça de seu filho.

—Você ouviu isso, querido? Tia Jane vai fazer você sorrir logo.

Tia Jane?

—Quanto eu dou para ele? — Allie perguntou.

—Esse é o ponto. Eu não sei. Mas você está muito ligada ao seu filho o que nos dá uma vantagem. Assim, o plano é o seguinte, você vai dar um pouco da proteína, e depois tentar com mamadeira. Se ele comer, nós saberemos que estamos no caminho certo. Se não, vamos tentar um pouco mais da proteína.

Allie suspirou.

—Tentativa e erro.

—Sinto muito— disse Jane, ajoelhando-se ao lado da cadeira de balanço. Quantas vezes ela disse isso no passado? Quantas vezes ela se levantou e viu o mundo de um pai desabar à sua volta?

Por favor. Não desta vez.

A mente de Slade tocou a dela. *Eu estou aqui.*

Sim, ele estava. Não com promessas que ela não acreditaria e que ele não pudesse manter. Mas apenas lá. Pronto para ampará-la. Ficando ao lado dela. Apoando-a.

Obrigada.

—Eu gostaria de poder lhe dar valores definidos— Jane continuou, —mas nós estamos em terreno desconhecido e temos que sentir o nosso caminho.

Allie assentiu. —E isso não vai deixá-lo pior?

A única maneira de Joseph poder ficar pior, seria se ele estivesse morto.

—Não deveria— ela encobriu.

—Vai ficar tudo bem— disse Slade, chegando ao seu lado. —Jane é um gênio no que faz.

—E no caso de ninguém ter mencionado ainda, nós estamos malditamente felizes que ela o seja— declarou Caleb, caminhando pelo quarto atrás de Slade, parecendo um guerreiro ao entrar no campo de batalha. Ela ficou tensa. Os dedos de Slade apertaram em seu ombro.

—Estou feliz que você tenha vindo ver isso— disse Slade.

Caleb ficou numa posição protetora atrás de Allie.

—Eu não perderia o prazer de ver meu filho desfrutar de sua primeira refeição.

Slade ofereceu-lhe o privilégio. Jane sacudiu a cabeça.

—Eu gostaria de ver daqui.

Principalmente porque ela estava tão nervosa, que pensava que os seus joelhos cederiam. Sem uma palavra, Slade se ajoelhou atrás dela, envolvendo os braços em sua volta e puxando-a para o seu colo. E rapidamente, ela não se sentia mais como uma cientista numa posição difícil... Em vez disso, ela se sentia como uma mulher que era... Amada.

Os lábios de Slade roçaram o topo de sua cabeça. *Vai ficar tudo bem, doçura.*



—Então o que devemos fazer? — Caleb perguntou, pegando o frasco de Jane e desenroscando a tampa.

—Dê a ele meia parte do conta-gotas na primeira vez. Apenas deixe cair para dentro.

A sala coletivamente prendeu a respiração, enquanto Caleb colocava o tubo entre os lábios pálidos de Joseph.

—Beba um pouco, mocinho— disse ele enquanto ele apertava o conta-gotas. —Uma senhora muito simpática o fez. Vai trazer você de volta para o jogo em um momento.

Parte do líquido derramou-se para fora da boca do bebê. O resto escorreu para o fundo da sua garganta. Pelo menos ele ainda tinha o reflexo de engolir. Allie e Caleb olharam para ela. Jane assentiu.

—Dê-lhe a mamadeira— Slade mandou.

Todos prenderam a respiração. Mesmo o fluxo de energia congelou.

A mesma coisa aconteceu com a fórmula, como com a mistura de proteína. Joseph não estava comendo tanto enquanto ele estava tentando não engasgar, mas o líquido estava indo para seu estômago, e depois de alguns minutos seus olhos se abriram e ele agarrou a mamadeira. Ele sugava tão forte que Jane podia ouvi-lo.

—Ele está comendo! — Allie gritou.

—É isso aí, homenzinho— Caleb murmurou. —Beba.

Um suspiro coletivo de alívio ecoou no piso superior, enquanto as pessoas transformavam sua tensão em risos, aplausos, ou congratulações silenciosas.

Jane conteve-se em sua celebração. Começar a comer era uma vitória, mas ela precisava que Joseph continuasse a comer, e depois que ele comesse, mantivesse o alimento lá dentro.

—Não deixe que ele tome muito no início— advertiu. —Já passou um longo tempo desde que ele realmente comeu, em termos de ser capaz de digerir a comida, e não queremos sobrecarregar o seu sistema.

Allie descansou a bochecha contra a mão de Caleb e acenou, sorrindo para o marido. Joseph não demonstrava nenhum sinal de que iria parar.

—Você acha que ele vai precisar de mais proteína? — Caleb perguntou.

Jane deu de ombros e fez um gesto de confusão.

—Eu não...

—Eu sei— disse ele com um estalar de energia. —Você não sabe.

—Cai fora, Caleb— Slade mandou com um estalo de sua autoridade. —Ela está salvando a vida do seu filho. Se você quiser ter algo meticuloso sobre o aspecto de tentativa e erro, peça a outro alguém para fazê-lo.

—Queremos Jane— Allie cortou, —E, Caleb?

—O quê?

Allie arrumou a mamadeira na boca de Joseph.

—Eu te amo, mas por favor, fique quieto até que deixe o seu medo sob controle.

—Merda— Ele passou os dedos pelos cabelos, os olhos presos no seu filho. —Ele está ficando desconfortável?



—Ele está ficando cheio— Allie corrigiu.

—Será que é isso? — Caleb perguntou à Joseph em um murmúrio. —É a barriga cheia?

Slade estendeu a mão e acariciou com as costas de seus dedos o rosto de Joseph, seu amor por seu sobrinho era evidente.

—Vai ter que trabalhar nisso. Os Johnsons são conhecidos pelo seu apetite.

—Tenho certeza que ele estará batendo seu pai nas garras de urso, em pouco tempo— exclamou Allie.

A esperança era contagiante. Jane sorriu.

—Eu não sabia que vampiros comiam.

—Ele os engole— Allie explicou, —mas adora.

—Isso me mantém humano— Caleb brincou e com os cuidados em seu mundo alcançados temporariamente, Jane viu o encanto que atrairia uma mulher como Allie.

—Acho que ele já parece melhor— Allie disse, beijando a testa de Joseph. A escada rangia enquanto o quarto se esvaziava, dando à família privacidade.

Jane não vira uma diferença ainda.

—Nós vamos ter ficar de olho nele. Se ele ficar doente e tiver outros sintomas anormais, teremos que abordar o problema de um ângulo diferente.

Allie balançou a cabeça.

—Não, isso está funcionando— Ela fez uma pausa e então perguntou: —É por causa da gravidez que ele está tendo problemas, não é? Eu ainda era humana quando ele foi concebido. É por isso que ele não conseguiu o que precisava.

—Eu não sei— Jane encolheu os ombros. —Talvez seja apenas uma daquelas coisas. Um defeito de nascença.

—Você pode continuar fazendo essa proteína? — Caleb perguntou.

—Sim. Enquanto Caleb estiver disposto a doar sangue. Eventualmente, eu poderia ser capaz de fazê-la com o sangue de qualquer vampiro, mas ...— Ela deu de ombros novamente.

—É muito cedo e você não sabe — Caleb terminou, mas desta vez sem a aspereza.

—Não, eu não sei. Nós apenas teremos que esperar.

Caleb contornou a cadeira de balanço e estendeu a mão. Slade levantou-a. Quando ela pegou a mão de Caleb, em vez de sacudi-la, ele puxou-a para um abraço. Foi um pouco duro e estranho. Ela tivera a impressão que o homem não fazia muito isso.

—Obrigado.

Lágrimas que ela não sabia que estava escondendo, reuniram-se em seus olhos. Caleb deu um passo atrás e olhou para ela.

—Inferno Slade— ele disse, —Eu acho que sua mulher está com um vazamento.

Jane limpou seu rosto.

—Sinto muito. Eu estou apenas cansada.

—Exausta seria uma descrição melhor, eu suponho.

Virando Jane com um aperto suave sobre seus ombros, Caleb deu-lhe um pequeno empurrão em direção à Slade.



—Leve a sua mulher para a cama.

—Se não se importar que eu a leve.

Antes que Jane pudesse oferecer um comentário à um ou outro irmão pela prepotência, Slade pegou-a em seus braços. Uma vez lá, parecia apenas mais fácil passar as mãos atrás do pescoço e descansar sua bochecha contra seu peito. Ela realmente estava cansada. Em torno dela, a família continuava a brincadeira. Ela absorveu a energia feliz, deixando-a fluir através dela. A celebração poderia ser prematura, mas ela não sabia. Após os dias de medo e negatividade, neste momento *normal*, sentia-se bem. Muito bem.

Allie colocou Joseph sobre o peito e ele arrotou. Ele arrotou alto, mas era um arroto seco. Sem vômito à vista. Todos sorriram.

—Um Johnson de verdade— gabou-se Slade.

Jane revirou os olhos.

—Essa é a afirmação de Johnson para a fama? A capacidade de arrotar?

—É uma delas— assegurou Caleb.

—Deus Santo.

Allie balançou a cabeça e esfregou as costas de Joseph, um sorriso puxando os lábios.

—Uma habilidade, que iremos interromper.

—Não se preocupe, Joseph— Slade disse. —Seus tios vão se esgueirar por entre os polegares das mulheres e ensinar-lhe todas as habilidades importantes para ser um homem.

—Oh meu Deus. Vá antes que você corrompa o meu menino doce e inocente.

Caleb deu uma gargalhada.

—Allie querida, não há um Johnson nascido, que tenha sido doce e inocente.

—Agora que você me diz.

—Eu aposto que você está contente por estar de volta ao laboratório?

Jane levantou os olhos do slide que ela estava preparando, para ver Allie parada na porta do laboratório. Uma noite tinha feito uma grande diferença na mulher. Ela parecia jovem e despreocupada.

—Sim. É um mundo muito assustador lá fora, quando você sabe o que se esconde nas sombras.

Allie entrou na sala.

—Especialmente com o Santuário caçando você.

—Você nem imagina.

—Na verdade, eu imagino. Eles me mantiveram presa por um tempo.

—Eu não sabia.

A careta que Allie fez, estava longe de corresponder ao estresse de sua energia.

—Fui uma experiência.

—Não parece.

—Deveria?

—Eu não sei, esses monstros que eu vi...— Ela deu de ombros. —Eu não posso imaginar que não deixem cicatrizes.



—Felizmente vampiros se curam.

—Sim— Empurrando a cadeira para trás, Jane arriscou um palpite. —Você quer conversar comigo sobre alguma coisa, não é?

—Eu quero falar com você sobre Slade.

—Eu não o vejo desde que ele me colocou na cama na noite passada.

—Eu sei. O que eu quero saber é por quê.

—Talvez ele simplesmente não precise mais de mim?

—O que faz você pensar isso?

—Sua ausência?

Allie revirou os olhos. Ela tinha um rosto expressivo. Era fácil ver porque Caleb a amava. Ela irradiava vida.

—Os homens Johnson são teimosos.

Jane alisou uma prega em seus jeans.

—Como Slade lida com isso, fisicamente, eu quero dizer?

—Vai levar mais tempo para se curar completamente do que quer admitir, mas Tobias disse que ele estará em plena força a qualquer momento.

—Tobias. Ele está no meio de tudo.

—Sim, ele está. Eu penso nele como um catalisador. Sempre que Tobias chega, as coisas mudam. Quer você queira ou não.

—E você ainda o mantém por perto.

—A mudança é parte da vida. Você pode lutar contra, mas ela ainda vai acontecer.

O que não era um comentário calmante para uma maníaca por controle como Jane. Pegando uma caneta sobre a mesa, ela perguntou:

—Enquanto você está aqui, posso lhe fazer uma pergunta?

—Manda.

—Como é ser vampiro?

—Honestamente?

—Eu não acho que possa aceitar uma mentira agora.

Allie riu. —Então eu vou deixar a minha criatividade para mais tarde.

—Obrigada.

—Ser vampiro é como ser um humano com esteroides. Você pode fazer tudo mais e melhor, até mesmo estragar.

—Ótimo— Ela girou a caneta num redemoinho.

Allie colocou a mão na caneta, parando a sua rotação.

—Isso realmente não é diferente de ser humano. Existem coisas que você pode fazer e coisas que não pode. Você se apaixona. Você faz sacrifícios. Você se ajusta ao seu ambiente. Não pode mais desfrutar do sol, mas há beleza da noite. A dor é mais intensa, mas há mais prazer.

—E vocês tem as guerras.

Allie deu de ombros e sentou-se.

—Assim como os seres humanos.



Ela tinha um ponto. Jane bateu a caneta sobre o metal liso.

—E o sangue? E tenha em mente que você está falando com alguém que nem sequer gosto de sua carne mal-passada.

—Eu era vegetariana.

Jane agarrou a caneta de modo duro, observando os nós dos dedos ficarem brancos.

—Você não vomitou? Nem a primeira vez pelo menos?

—Eu queria.

—Por que eu ouvi um mas?

—Porque há geralmente um?

—Ninguém gosta de um sabe tudo.

—Então, eu estou sempre dizendo isso ao Slade. Talvez se você ficar, possa convencê-lo disso.

—Eu não prenderia a respiração.

Allie inclinou a cabeça para o lado.

—Eu posso segurar a minha respiração por um tempo muito longo.

—Por que não estou surpresa?

—Porque eu sou claramente uma mulher de muitos talentos, que foi capaz de superar todos os fatores nojentos do vampirismo?

Jane jogou a caneta sobre a mesa.

—Como você fez isso?

—Eu só posso tomar o sangue de Caleb, e acho que é muito erótico. Ela sorriu com um sorriso brincalhão. —A linha inferior, para mim o sexo era o grande equalizador.

Jane não poderia imaginá-la.

O sorriso de Allie se apagou.

—Então, brincadeiras à parte, você já pensou sobre o que vai fazer?

—Você quer dizer logo após eu pisar nos calos de Slade por ele ser um estúpido?

—Sim. Logo depois disso.

Jane suspirou.

—Eu não tenho ideia.

—Eu poderia brincar de advogado do diabo³⁵ — ofereceu Allie.

—Eu meio que pensei que você já era.

—Mas agora nós podemos torná-lo oficial e não vou ter que perder muito tempo em abordar o assunto.

Era difícil imaginar Caleb sempre sério com a irreverente Allie.

³⁵ É uma expressão da linguagem popular. Antigamente, durante o processo de canonização pela Igreja Católica havia um Promotor da Fé (Latim Promotor Fidei), e um Advogado do Diabo (Latim advocatus diaboli), papéis desempenhados por advogados nomeados pela própria Igreja. O primeiro apresentava argumentos em favor da canonização o segundo fazia o contrário, ou seja, argumentava contra a canonização do candidato; era seu dever olhar ceticamente o processo, procurando lacunas nas provas de forma a poder dizer, por exemplo, que os milagres supostamente feitos eram falsos, etc. Hoje em dia o termo tem vindo a designar uma pessoa que discute a favor de um ponto de vista no qual não acredita, mas que o faz simplesmente para apresentar um argumento. Este processo pode vir a ser utilizado para testar a qualidade do argumento e identificar erros na sua estrutura.



—Você deve provocar ataques em Caleb.

—Eu tento. Está no meu contrato.

—Sério?

—Sabe, ele não acreditava nisso também. Eu tive que mostrar. Está ali mesmo abaixo da cláusula que especifica tudo o que é permitido como sexo alucinante, poderia suportar.

Jane não podia deixar de rir. Ela imaginava que as pessoas não ficavam tensas em torno de Allie.

—Não admira que ele não tenha visto.

Ela balançou seus pés. —Eu estava desviando a atenção dele, para parar bem ali.

—Eu gosto de você, Allie Johnson.

—Eu gosto de você também, Jane Frederickson. E não só porque você salvou a vida do meu filho.

—Obrigada.

—E eu acho que você é perfeita para Slade.

Jane fez uma careta. —Isso faz de você a número um do meu fã-club.

Allie revirou os olhos.

—Os irmãos não gostavam de mim também quando cheguei.

Isso era difícil de acreditar. —Você deve estar brincando.

—Não, por uma questão de verdade, eles quase me mataram em nosso primeiro encontro.

—Por quê?

—Eles precisavam dar à Caleb uma razão para viver. Entenda, ele estava se sacrificando para me deixar viver minha vida sozinha.

—O que aconteceu?

—Ele quase foi morto por lobos desonestos. Eu salvei ele. Eles cortaram os meus pulsos.

—Oh meu Deus! Como é que você os perdoou?

—Eles me deram Caleb, e como eu disse, as coisas mudam. Mas, para os Johnsons, a mudança vem devagar, e não há uma mulher que veio para a família que os outros não a tenham colocado em algum tipo de teste.

—Maravilhoso.

—Pelo lado positivo, uma vez que você está dentro, é para a vida toda. E estes homens sabem amar de uma forma que muitos esqueceram.

—Você é feliz, não é?

—Sinto falta da minha família, mas eu sou.

—Você não pode vê-los?

—Estou trabalhando nisso. Você tem família?

—Não, sou somente eu.

—Então, essa parte será mais fácil.

—Você fala como se a decisão já estivesse tomada.

Allie deu mais um daqueles encolhimento dos ombros.

—Slade não vai envelhecer.



—Eu vou.

—Você está contando com isso para diminuir o interesse dele?

—O homem não vai ficar quente e incomodado com seios parecendo uma ameixa enrugada, que vão até os joelhos— Allie balançou a cabeça novamente.

—Você ainda não entendeu o acasalamento, mas por causa do argumento de que você estava fazendo, e se isso acontecesse? Manteria-se à distância, uma mártir do pensamento negativo?

—Honestamente?

—Claro.

—Eu não posso suportar pensar nisso.

—Isso é porque ele é seu companheiro. Sua outra metade. O ying do seu yang.

—Companheiro, marido, qual é a diferença?

—Um marido é uma conveniência. Um companheiro é para sempre.

—Então, todo mundo continua me dizendo isso. Não estava ajudando.

—E todo mundo estaria certo. Há uma ligação química que ocorre entre um casal acasalado.

—Então você está, como se fosse, drogada?

—Não. Das duas ligações eu diria que o vínculo emocional é mais forte, mas a física é muito fabulosa.

Isso foi bom de ouvir. —Como você sabe quando se encontrou com o seu companheiro?

—Uma das primeiras coisas que você observa é a atração, é claro. Mas isso é o mesmo para a maioria dos seres humanos. E aquela sensação de que tudo está certo. Mas depois há coisas mais sutis, como ser capaz de perceber onde está o seu companheiro, captar pensamentos dispersos aqui e ali, sentir as emoções dele como suas— Ela encolheu os ombros. —Eu sei que nunca mais haveria outro para mim se Caleb morresse.

—Por quê? Você não perderia a intimidade?

—Sim, mas por que eu iria me contentar com meio pão quando eu sei como é ter a coisa toda? — Allie arrancou um pedaço de chiclete da mesa. —Eu sou uma mulher de tudo ou nada. Sempre fui. Caleb é o meu *número*.

Jane invejava essa confiança.

Allie suspirou e girou o chiclete em sua mão.

—Eu costumava gostar de chiclete. Há algo tão focado nessa mastigação rítmica.

—Você não pode mastigar?

Allie segurou-a até o nariz e respirou fundo.

—Isso me deixa mais doente do que um cão.

—Que chato!

Ela a deixou cair de volta na mesa.

—Sim.

Jane deslizou seu dedo pela base do rack que acomodava os frascos diante dela. Companheiro. Seria realmente possível?

—Eu fiz Slade prometer que não me converteria.



—Parece perfeitamente razoável para mim. Tomada em abstrato, virar um vampiro é um conceito bastante bizarro.

Virar um vampiro. Que maneira de expressar isso.

—Eu podia sentir o quanto ele queria. Eu tinha medo que ele fizesse isso e eu não tivesse escolha.

—Uma mulher deve ter sempre uma escolha.

—Sim— Ela lambeu os lábios. —Ele quase morreu me protegendo.

Allie sentou-se mais firme em sua cadeira.

—Eu estive ocupada com Joseph, e por isso perdi todas as suculentas fofocas. O que aconteceu?

—Caleb faz fofoca?

Allie revirou os olhos novamente.

—Todos eles fazem, embora gostam de chamá-las, e ela fez aspas no ar, de a troca de informações.

—Nós paramos em uma casa segura no caminho de volta. Ele mentalmente me drogou e quando acordei, estávamos sob ataque. Broderick me disse que Slade estava lá fora, como parte de seu plano, mas quando eu chequei, não podia sentir a sua energia. Eu sabia que ele estava no meio de uma batalha em uma luta com esperança e orações e sua mais recente invenção, que o manteria longe de ser *fritado*. Ela jogou as mãos para cima. —Quem faz isso?

—Não deixe que o jaleco a engane. Esse homem é o maior tomador de riscos de todos os irmãos.

—Finalmente, alguém que concorda comigo.

—Espere até você ter a chance de realmente conhecer Raisa e Miri. O sentimento de que *eu sou louca* vai desaparecer.

—Posso dizer uhu?

—Sim, mas não muito alto. Eu não quero me encontrar com Caleb ainda.

—Você está se escondendo?

Allie levantou o amortecedor de energia.

—Eu pensei que nós deveríamos conversar.

Jane sacudiu a cabeça.

—Ele vai ficar louco. Tenho a sensação que estou fora dos limites até que Slade tome uma decisão.

Allie não parecia interessada, quando dizia à Jane que a mulher usava uma aura de felicidade, não era falsa.

—Se ele não queria que eu encontrasse maneiras de achá-lo em torno de seus éditos, ele não iria emití-las.

—Você realmente não acredita nisso.

Allie encolheu os ombros.



—Não, mas eu acredito que sou uma mulher adulta e tenho que cuidar da minha vida. Às vezes eu tenho que ser mais criativa para que isso aconteça quando o lado protetor de Caleb eleva sua cabeça, mas o casamento é tudo sobre compromisso.

—Você estão realmente casados? Como no casamento humano?

—Teve o caso do vestido branco. Foi lindo.

—Por quê?

Num piscar de olhos, Allie passou de divertida para séria.

—Alterar minha espécie não muda quem eu sou.

Não, Jane não achava que tinha. Allie era uma mulher muito confortável com ela mesma.

—Eu aposto o que lhe dar o anel foi a coisa mais fácil que Caleb já fez.

—No final, creio que foi.

—No fim das contas?

—Nenhum relacionamento é fácil de levar— Allie pulou da mesa. —Então me diga o que aconteceu quando você encontrou Slade?

—Eu pensei que Slade estava muito doente ou ferido para se alimentar. Eu tentei dar-lhe o meu sangue, mas ele me bloqueou. Ele teria ficado lá e morrido, ao invés de correr o risco de me converter, tomando muito sangue depois que eu tive essa reação.

—Um homem de honra.

—Sim. Mas que tipo de pessoa sou eu? Ele quase morreu e tudo o que eu conseguia pensar era o quão grato eu era, pelo fato dele ter sido forte o suficiente para manter sua palavra.

—Nem todos podem ser vampiro.

O olhar de Jane foi imediatamente para os frascos de sangue.

—Você vai guardar um segredo?

—Eu gostei que você não queira saber se eu posso, e sim, eu vou.

—Eu acho que já estou no meio do caminho.

—O quê?

Ela acenou para os frascos de amostras de sangue no rack.

—Isso é meu.

—Eu pensei que você disse que Slade não a converteria.

—De cada um dos procedimentos descritos, ele não o fez. Mas, ela bateu o papel na frente dela, não há como negar que a química do meu sangue mudou.

—Oh uau! — Allie inclinou-se sobre o papel. —Mudou para a forma de vampiro?

—Sim.

Seu olhar encontrou o de Jane. Ela cobriu-lhe a mão com a dela. Simpatia fluía ao longo da ligação.

—Isso é fantástico. Slade sabe?

—Não. Estou com medo, Allie. Eu não quero viver tempo suficiente para ver as coisas que irão mudar.

—Você é uma cientista.

—Eu não quero a responsabilidade de consertar as coisas para sempre.



—Ahh. Tal como com Joseph.

—Sim. Porque não é sempre uma vitória e as perdas se somam.

—Eu aposto que isso ocorre, mas o que a faz pensar que você precisa fazer isso?

—Eu vi como você está com Slade.

—Então, como eu tenho estado nos últimos meses. Isso não pode continuar. Nós o pressionamos muito.

—Vocês não tinham escolha.

—Há sempre uma escolha, se você procurar por ela. Acabamos sendo um pouco preguiçosos para procurar por isso.

—Você é uma otimista em pele de cordeiro, não é?

—Eu prefiro pensar em mim como prática.

—Eu acho que não fui talhada para esta carreira. Eu fui pega num quebra-cabeça e não olhei para onde ele me levaria.

—Onde isso iria levá-la?

—Para acabar com a fome nas aldeias do mundo todo.

—E você viu as pessoas morrerem.

—Sim. Uma e outra vez, às vezes, porque eu não podia ajudar, e às vezes porque não era permitido.

—Você não podia manter o seu distanciamento.

—Não.

—Isso não é uma coisa ruim.

Jane fechou os olhos contra as memórias dos rostos, as esperanças, as lágrimas.

—Sentada aqui, não. Sentada lá, sim.

—Mas você não está lá.

—Não, eu estou aqui. E não há como afastar os problemas dos Renegados.

Allie deslizou para fora da mesa.

—Eu não acho que seja a pessoa que você precisa para ter essa conversa.

—Eu discordo. Você estava onde eu estou.

—Não é bem assim. Eu queria Caleb desde o minuto em que o vi. Inferno, eu até usei uma Wonderbra³⁶ para ele.

Jane riu. Ela não se conteve.

—Eu teria feito qualquer coisa para ficar para sempre com aquele homem— Allie acrescentou. —Existem apenas duas coisas que eu lamento sobre minha conversão. Uma, eu não tive os mesmos poderes fodões dos outros.

—Você foi enganada?

—Sim, eu fui. Eu estava ansiosa por isso.

—Qual foi a outra coisa?

—Eu não consegui fazer a escolha pela minha própria vontade.

³⁶ Marca de lingerie canadense.



Como você. O que não foi dito, ficou no ar entre elas.

—Eu acho que o seu caminho é mais fácil— Jane disse suavemente.

—Eu veria desse modo, mas você e Slade têm a oportunidade de resolver as coisas à sua maneira. Para continuar sem ressentimento. Essa é a forma como deve ser. Eu não sei o que está acontecendo com o seu sangue, e eu não sei o que está acontecendo entre você e Slade, mas você precisa descobrir. Vida, até mesmo a vida de vampiro, é muito danada de curta para a estupidez.

—Peço desculpas por minha esposa— disse Caleb da porta.

—Eu realmente tenho que começar a ligar o alarme— Jane murmurou. Seu olhar estava perdido em Caleb. A atenção dele estava completamente em Allie. Sua expressão era severa, mas sua energia era... indulgente?

—Eu pensei que nós havíamos concordado que a vida amorosa de Slade não era nosso assunto.

—Não, você insinuou e eu apenas resmunguei sem me comprometer.

—Você está procurando uma surra?

A energia sexual na sala cresceu de forma extraordinária. Allie caminhou para Caleb com uma rebolada exagerada de seus quadris.

—Pode ser. Você tem se distraído ultimamente.

A boca dele amoleceu e seus olhos se estreitaram.

—Talvez tenhamos que cuidar disso mais tarde.

—Talvez? — Ele enganchou a mão atrás do pescoço dela e puxou-a para perto. Allie foi empurrada, inclinando-se contra o peito dele, um sorriso em seu rosto. E rapidamente, eles estavam em um mundo próprio. —Eu tenho que avisá-lo, eu tenho me sentido inquieta.

—Então, definitivamente.

Ela riu e o puxou para um beijo. Jane teve que desviar o olhar. Se ela já se perguntara se os vampiros realmente sentiam amor, ela teve sua resposta.

—Jane— Ela olhou para cima enquanto Caleb chamava o nome dela. Lançou o amortecedor de energia. Ela se atrapalhou duas vezes antes de finalmente obter um controle sobre ele. Por que todos achavam que ela tinha capacidade de atleta?

Caleb esperou até que ela colocasse o dispositivo sobre a mesa.

—Se você não quer que Slade encontre você, eu sugiro que você coloque isso e saia daqui.

—Ele está procurando por mim?

—Sim—. Caleb colocou o braço em volta do ombro de Allie e conduziu-a para fora da sala. — E, parecendo alegre como uma nuvem de tempestade.

—Maravilha.

Allie recostou-se sobre o braço de Caleb. Seus olhos azuis brilhavam com humor.

—Se ele ficar muito exigente, Jane, você sempre pode fazer o que eu faço.

Ela estava quase com medo de perguntar.

—O que é isso?

—Começar a desabotoar os botões até que sua atitude mude.



O rubor começou na ponta dos pés. No momento em que atingiu seu rosto, Caleb estava rindo.

—Allie querida?

—Sim?

—Quietinha.

Capítulo 18

Jane acariciou o amortecedor de energia e observou a porta bater atrás de Caleb e Allie. O ruído sólido que o movimento fez, não deu a ela aquela pontinha de satisfação que normalmente sentiria com a exclusão do mundo exterior. O laboratório tinha sido seu abrigo por muitos anos, suprimindo todas as suas necessidades, mas antes mesmo do pequeno ícone do Vamp Man de Slade ter aparecido na tela de seu computador, ela estava se preparando para sair. Ela podia ver isso agora. Estender-se para ele tinha sido o seu primeiro passo. Com esse primeiro passo, era um de doze³⁷, mas ela estava em processo de emergir de seu casulo, quando ele fizera contato com ela. Acidente ou um desígnio superior? Allie, sem dúvida, diria que era o último.

Tocando na parte superior do frasco do seu sangue, Jane empurrou a cadeira para trás da mesa. Seus tênis fizeram pouco barulho enquanto ela atravessava o piso de ladrilho. Introduzindo a combinação, ela reabriu a porta. Imediatamente, o aroma de chilli, o que os weres McClaren estavam fazendo para o jantar, a cercou. Mais uma prova da vida que ela esteve perdendo. Seu estômago roncou. Um sussurro de sensação tocou sua mente.

Slade.

Ela olhou por cima do ombro. Eles se encontraram neste ambiente. Deveria ser correto que eles se falassem aqui. Mas isso não aconteceu. Socando o código no painel, ela fechou e trancou o laboratório antes de subir as escadas e sair para o ar fresco.

Uma vez fora, ela andou em direção ao curral. A noite estava clara, as estrelas suspensas como luzes de festa no amplo céu. A lua estava cheia. Seus lábios se retorceram em um sorriso. Se um desígnio superior estava em andamento, eles estavam botando para fora o clichê completo. Encontrar um vampiro para discutir o seu futuro sob a lua cheia? Encostando contra a balaustrada superior, ela apoiou o queixo nas mãos, estudando os cavalos enquanto eles vadiavam no lado mais distante do curral. Ele deviam ter seu fator de diversão.

³⁷ Aqui a autora faz referência ao "Programa dos Doze Passos": O programa de Doze Passos (twelve-step program) é um programa criado nos Estados Unidos em 1935 por William Griffith e Doutor "Bob" Smith, inicialmente para o tratamento de alcoolismo e mais tarde estendido para praticamente todos os tipos de dependência química. É a estratégia central da grande maioria dos grupos de autoajuda para o tratamento de dependências químicas ou compulsões, sendo mais conhecidos no Brasil os Alcoólicos Anônimos (e grupos relacionados como Al-Anon/Alateen, voltados às famílias de alcoólatras) e Narcóticos Anônimos. O programa consiste em etapas (passos) que a pessoa deve seguir a cada semana ou mês, dependendo do tratamento.



Ela sentiu Slade antes que o visse. O deslizar de sua energia ao longo dela era de uma leveza sem precedentes. Sua respiração ficou presa. Se ele estivesse a favor do vento, ele provavelmente poderia dizer-lhe que podia sentir o cheiro da subida de seu desejo.

—Eu não estou, mas eu poderia estar.

Ela amava o timbre de sua voz. Só de ouvir fazia seus joelhos ficarem fracos. Com um sorriso, Jane se virou. Ele parou à alguns metros de distância. Um homem alto, uma silhueta de ombros largos, com um chapéu Stetson³⁸, a “quinta essência”³⁹ do cowboy, tão completamente sexy.

—Eu não posso imaginar por que você gostaria de estar.

Ele veio pelo seu lado direito, levantando seu cabelo do pescoço, esfregando os seus lábios contra esse ponto *oh-tão-sensível* logo abaixo da orelha.

—Porque você cheira muito doce.

Ela se virou em seus braços, descansando as mãos contra o peito dele. Sob as palmas das mãos, o seu coração batia de forma constante, confiável. Ele enfiou os dedos através de seu cabelo. Sob o seu sorriso ela viu a tensão que ele estava mantendo afastada dela. O homem estava nervoso.

—Caleb disse que você estava me procurando.

Seu polegar acariciou o lado do pescoço dela.

—Eu pensei que você estaria no laboratório.

—Eu decidi expandir meus horizontes.

—Entendo.

Ela poderia dizer pela cautela em sua expressão que ele não entendia nada.

—E você? Onde você esteve durante as últimos vinte e quatro horas?

—Roendo meus limites.

—Huh?

—Eu lamento ter perdido minha paciência.

—Você está pronto para me dizer por quê?

—Talvez.

Ela esperou.

—Você amarrou minhas mãos no início desta relação, doçura. Necessário ou não, eu acho que nós precisamos renegociar.

Seu estômago deu um nó.

—Como assim?

Ele descansou sua testa contra a dela.

—Eu quero um futuro com você.

O nó começou a ser desatado.

—Você disse que eu era alérgica a você.

³⁸ O chapéu Stetson tem sua cobertura feita em feltro, apresenta aba circular mais larga, e sua copa é cilíndrica com quatro depressões simétricas. É associado à Polícia Montada do Canadá e ao escotismo.

³⁹ No sentido de elevado ao mais alto grau.



—Há apenas um risco se eu convertê-la.

—Então o que você realmente quer dizer é que você quer um futuro limitado comigo.

—Vou aceitar algo que eu possa conseguir.

Ela mordeu o lábio e se balançou para trás sobre os calcanhares. Sua mão deslizou para o vazio da coluna vertebral dela. Este era o momento que ela estivera temendo. Olhando para o rosto de Slade agora, porém, sentindo sua energia se envolvendo ao seu redor com a mesma força de seus braços, ela não conseguia pensar no porquê.

—O que você está me dando em troca?

—O que você quer dizer?

—Eu estou desistindo de filhos, de um homem envelhecendo comigo, da luz solar. O que você está me dando em troca?

—Você sabe.

Ela revirou os olhos. Você pensaria que ela estava lhe pedindo para tatuagem uma rosa em seu traseiro.

Ele sorriu para o gesto.

—Você esteve pendurada em torno de Allie por tempo demais.

—Eu gosto dela.

—Eu também.

—Ela brilha.

A emoção escureceu seus olhos, seu aroma subindo de sua pele perfumada. Almiscarado e masculino. Ela tomou outro fôlego, mantendo-o dentro, tremendo enquanto ele se afundava. Apenas Slade cheirava tão bem, a fazia se sentir tão bem. O arrastar suave do seu polegar nos lábios sensíveis fez todas as terminações nervosas pularem em consciência, formigando.

—Enquanto você queima com um fogo sedutor.

—E você gosta de fogo.

—Sim.

Ela podia sentir o quanto ele gostava. Ele nunca tinha tido medo do fogo, mas andar dentro dele era novo para ela.

—Porque o sexo é bom?

—Eu posso ter sexo em qualquer lugar.

—Adorável.

Ele encolheu os ombros.

—É a verdade, mas uma mulher que me faz sorrir apenas por estar na mesma vizinhança? Uma mulher que se dá sem perder a si mesma? Uma mulher que é inteligente, sexy e tem um senso de humor perverso? Um homem poderia passar a eternidade olhando para essa mulher.

—Então você tem um acordo. Você só gastou cento e cinquenta anos buscando.

Ele não respondeu.

Ela sentiu o toque de sua mente sobre a dela e depois a retirada imediata.

—O que há de errado?

—Eu estou tentando não influenciar você.



Ela começou a desabotoar a camisa dele.

—Por quê? Você acha que eu sou tão fraca que não posso resistir aos seus encantos?

Ele pegou a mão dela.

—Porque tudo dentro de mim diz para não dar-lhe uma escolha. Para tirar o que eu quero e ao inferno com as consequências.

Um homem honrado. Em qualquer lugar e hora, merecedor de respeito. Seu homem. Jane escorregou as mãos abrindo e começando a trabalhar no botão seguinte.

—Então você pretende ter um relacionamento platônico comigo pelos próximos vinte ou trinta anos?

—Pelo inferno, não.

Ela sorriu para si mesma.

—Então o que você está oferecendo?

—Tudo o que pudermos administrar sem ir muito longe.

Dois botões mais abriram-se no esquecimento.

—E o que acontece se nos formos longe demais?

—Você não vai sozinha.

Ela colocou suas mãos dentro da camisa dele, saboreando o contraste de sua pele com os ásperos pelos contra as palmas das mãos suaves. Houve uma época em que ela teria achado a declaração dele inacreditável, mas ela esteve ao lado de Slade quando ele enfrentou a morte. Sentiu a dor inimaginável de sua alma sendo dilacerada.

—Eu acredito que essa é a coisa mais comovente que alguém já me disse.

—É a verdade.

Ela voltou a desabotoar sua camisa. Seu estômago se contraindo conforme os nós dos dedos dela roçavam seu abdômen.

—Eu sei, mas eu não quero que você morra por mim, Slade.

—O que você está fazendo, Jane?

—Desabotoando sua camisa.

—Por que?

Ela olhou para cima.

—Allie sugeriu que era uma boa maneira de melhorar o seu humor.

O menor dos sorrisos tocou seus lábios.

—Eu acho que é a própria camisa que ela desabotoa quando Caleb começa a gritar.

Espalhando a camisa aberta, Jane passou o dedo para baixo pelo centro de seus peitorais. Os músculos saltaram sob a ponta dos seus dedos. Ela estremeceu lembrando como ele se sentia contra ela, quando ele vinha sobre ela. Fechando os olhos, ela projetou a sensação para Slade. Sua resposta foi um grunhido mental. Ela gostava quando ele rosnava. Todos os seus momentos mais quentes começaram com um rosnado.

—Mas eu gosto muito mais do seu peito.

Inclinado para a frente, ela tocou-lhe o peitoral direito com a língua. Ele tinha um gosto tão bom. Outro grunhido retumbou em seu peito. Ela sorriu.



Seu aperto aumentou na nuca dela, puxando-a para cima. Com um golpe de sua unha, ele cortou a blusa, abrindo-a.

—Venha cá.

Ela foi, encontrando-o no meio, abrindo a boca para a dele, a mente para ele, deixando a paixão rolar através dela, sentindo o seu prazer por baixo. Ele gostava que ela comesse com isso. Ele gostava da sensação de sua pele, o toque de sua língua. Ele gostava dela.

Ela piscou e se empurrou para trás.

—Você realmente gosta de mim.

Franzindo a testa para ela, ele a deixou dar um passo atrás.

—Que diabos fez você pensar que eu não gostava?

—Eu sou uma cientista chata, e você é...— Com um aceno de sua mão, ela indicou seu abdômen duro e definido, seus ombros largos. Seu belo rosto cinzelado, a sexualidade crua que ele exalava tão facilmente. —Meu Deus, olhe no espelho— *Vampiros poderiam ver seu reflexo?* — Se você puder, isso é o que é.

—Eu prefiro obter minhas impressões de você. Você me faz parecer absolutamente irresistível.

—E você é.

E isso a assustou. Ela estava sempre no controle, mas com Slade não havia controle. Ela tinha que confiar nele, e homem honrado ou não, ela achava a confiança um sentimento difícil.

Seu polegar alisou a umidade de seus lábios. O calor em seus olhos mantinham seu sangue fervendo.

—Por que?

Ela não fingiu não entender.

—Você estava em minha mente. Você sabe por quê.

—O homem no seu passado.

—Sim.

—Conte-me sobre ele.

Ela não queria ele em qualquer lugar perto dessa relação.

—Você já sabe.

—Eu sei o que vi.

—Então isso é o suficiente.

—Não, não é.

—Eu não quero falar sobre isso.

—Temos que fazê-lo.

Ela recuou, puxando sua camisa ao seu redor, sentindo-se exposta onde antes estava confortável.

—Não.

Ele olhou em volta. Seguindo seu olhar, ela notou um leve movimento na distância. Os guardas e outros membros do complexo. Sua visão noturna não era tão boa quanto a dele, mas era definitivamente melhor do que tinha sido uma semana atrás.



—Mas talvez não aqui.

—Não em qualquer lugar.

—Mas podemos falar sobre eu ser um vampiro? — Ele perguntou.

—Não é a mesma coisa.

—As duas coisas estão entre nós.

—Isso não é verdade. Eu nunca quis o que aconteceu entre nós.

—Isso não significa que não esteja entre nós. Está lá na sua desconfiança, na sua indecisão, no seu medo do compromisso.

—Eu nunca

A expressão de Slade endureceu. Sua energia estalou para fora.

—Eu sei o que ele fez para você, Jane. Eu sei o que você planejava fazer com ele. O que eu não sei é como fazer com que você me veja sem a mácula dele.

Ela não tinha ideia que ele sentisse a hesitação nela, mas ela deve ter demonstrado. Ela deu mais um passo para trás. Os dedos dele deslizaram por seu braço. Ele pegou a mão dela e deteve seu retraimento. Ela balançou a cabeça.

—Eu não vim aqui para falar sobre isso.

—Do que você veio falar?

—Eternidade.

A energia saltou de sua mão para a dela. Ela absorveu, sentindo a sua excitação, seu pânico, e finalmente, a sua negação.

—Não.

Desta vez foi ela quem interrompeu sua retirada.

—Eu decidi que eu estou interessada na eternidade.

—Eu não posso dá-la à você.

O pânico começou a queimar por dentro, imediatamente aliviado pelo toque de energia de Slade.

Broderick entrou. Ele deu um breve aceno de cabeça em resposta ao seu olá. Era tão perto de uma afronta como um membro da matilha poderia dar à outro sem chegar a vias de fato. Ela o viu se afastar.

—Ele não está muito satisfeito comigo.

—Seu orgulho está ferido. É difícil para um jovem lobo aceitar qualquer perda, mas perder uma mulher... — Ele balançou a cabeça: —Bem, é provavelmente seguro dizer que ele nunca superará o fato de que uma mulher tomou o controle mental dele...

Uma mulher? Sheesh⁴⁰. Sua simpatia desapareceu.

—Detenha essas suas opiniões chauvinistas ou vou fazer isso por você.

Slade deu uma risadinha.

⁴⁰ Onomatopeia que equivaleria ao nosso: xi! Ou epa!



Ela lambeu os lábios. A conversa estava agora de volta sobre o assunto que ela queria abordar. O qual ela estava com medo de abordar. E se Slade não a quisesse realmente para sempre? E se ele só se sentia seguro de oferecê-lo, porque pensou que nunca poderia acontecer?

—Eu não sou tão complicado, Jane.

—Maldição, pare de ler minha mente!

—Então pare de se recusar a falar comigo sobre o elefante na sala.

Ele queria falar sobre seu padrasto Jerry. O homem que tinha feito da sua infância um inferno.

—Talvez eu não queira falar sobre o elefante, porque ele é feio e eu não quero isso na nossa casa!

—Merda, Slade— Jared comentou enquanto subia o caminho da casa principal, o tambor do rifle repousando em seu ombro. —Até eu sei que você não pode dar um elefante à uma mulher e esperar um sorriso.

—Filho da puta. Vai atirar em algo, Jared.

Jared parou. Deixando cair o fuzil de seu ombro, ele virou-o de lado e sustentou-o na direção de Jane.

—Você quer pedir isso? — Com um empurrão de seu queixo indicou Slade. — Ele está curado o suficiente; nada menos do que um tiro na cabeça iria matá-lo.

—Sim — Ela olhou para Slade. —Quero dizer, não. Mas obrigada.

Slade pôs o braço em seu ombro e puxou-a para longe da arma.

— Não o encoraje, Jane. Ele decidiu recentemente que tem um senso de humor.

Todos os irmãos Johnson se pareciam. As diferenças estavam em seus olhos e suas personalidades, e Jared saía tão duro como granito. Sua concessão à uma piada era definitivamente fora do seu caráter.

—Ao menos eu tenho melhor juízo do que tentar convencer Raisa com um maldito elefante. Allie tem razão. Temos que tirá-lo do laboratório.

—O inferno que você vai.

—Embora isso —Jared tirou o chapéu preto, indicando o entorno deles — é um bom começo. Nada como o luar suave e uma mulher bonita para colocar a mente de um homem fora do trabalho.

Slade deu a Jane um olhar desconfiado.

—Você deu essa ideia a Allie?

—Eu? Eu estou dentro do laboratório tanto quanto você.

A risada de Jared deslizou atrás deles.

—Nós ocasionalmente descobrimos as coisas por nós mesmos, você sabe.

Slade gemeu.

—Lá se vai a paz e o sossego do meu laboratório.

—Isso seria tão ruim? — Jane perguntou.

—Depende. Você vai me dar uma razão para estar em outro lugar?

—Eu estou tentando, mas você continua mudando de assunto.



—É tudo o mesmo assunto, doçura. Apenas partes diferentes dele.

Ela se virou de costas em seus braços. Ela nem sequer tentava mascarar a satisfação que sentia pela conexão.

—Eu prefiro me concentrar nesta parte.

Seus olhos cor de avelã procuraram os dela. A obstinação firmemente assentada em sua expressão. Ela acrescentou um apelo mental a mistura.

—Não é justo, Jane.

—Eu não me importo. Eu passei vinte anos fazendo com que essa parte da minha vida não importasse, e agora você quer trazê-la para a única coisa boa que eu tenho— Ela deu um tapa no peito dele. —Sim, eu vou lutar com você. Eu vou lutar com você com tudo que tenho— Ela queria bater-lhe novamente, mais duro. Forte o suficiente para fazê-lo entender. —Eu tenho que fazê-lo, Slade.

—Merda— Ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios. O beijo era suave, gentil. De entendimento.

—Você vai deixá-lo ir?

—Por enquanto. Mas você deve saber que eu apertei o botão de envio para essa doce e pequena vingança que você levantou.

Ela tentou dar um passo atrás.

—Como você pôde?

—Era isso ou caçá-lo e retalhá-lo em pedaços.

—Essa era a minha vingança para ser tomada!

—Não, isso foi o seu teste para falhar.

Ela piscou. Seus músculos não eram nada contra os dele enquanto ele a puxava contra seu peito.

—Você acha que eu não entendi? — Ele balançou a cabeça. —Você queria provar que era melhor que ele. E você fez.

—Mas você tinha que apertar o botão.

—Sim. Você pode me odiar por isso se quiser, mas aquele filho da puta não irá sair livre e limpo. E desta forma ele está acabado.

Um tempo em uma parte de sua vida, ela havia tentado esquecer. Ela não sabia como se sentia sobre isso.

—Por que você está me dizendo isso agora?

Seu polegar acariciou sua bochecha para baixo.

—Eu disse a você. Eu não quero nada sobre aquele bastardo se colocando entre nós.

Mesmo a vingança que ele tinha tomado em seu nome, libertando-a da confusão de culpa e ódio e medo que a imobilizara toda vez que ela tentara.

Pegando suas bochechas nas conchas da mão, ela sorriu trêmula.

—Obrigado.

—Eu mereço uma recompensa?

Deslizando as mãos sobre o peito dele, ela deixou cair suas restrições.



—Talvez você deva me levar de volta para sua casa para recebê-la.

—Talvez eu deva recebê-la bem aqui.

O pensamento enviou uma excitação através de suas veias, rapidamente seguido pelo horror.

Slade riu.

—Não é tão aventureira como você pensava.

—Não.

Com uma risada, ele a pegou em seus braços.

—Bom, porque o único que eu quero que veja minha mulher ficando selvagem sou eu.

Ela juntou as mãos atrás do pescoço dele. Descansando o rosto em seu peito, ela relaxou, apreciando a sensação de ser cuidada.

—A *mulher*, não a companheira. Você está tentando me dizer alguma coisa?

—Eu fui humano uma vez.

A maior parte dele ainda era. Suas botas bateram nos degraus da varanda. Seu sorriso se abriu. Cada pisada significava que eles estavam mais perto de sua cama. Do seu futuro.

—E isso é importante por quê?

Ele parou na porta. Alcançando-a, ela a abriu.

—Se você não pode ser uma vampira, então eu vou encontrá-la na metade do caminho.

—Eu não estou entendendo.

—Ocorreu-me que se a aplicação de sua pesquisa forem controladas, um vampiro poderia enganar a imortalidade. Gradualmente. Ao longo do tempo.

Ela se agarrou no batente da porta com as duas mãos.

—Espere.

—O quê?

—Você está falando em se matar.

Com uma flexão dos músculos, ele soltou seu punho do agarre da porta.

—Eu estou falando sobre envelhecer graciosamente como resultado esperado no final. O mesmo que você.

—Matar-se— repetiu. —Querido Deus, você acha que eu pediria isso à você?

—Não— Ele deixou-a deslizar para baixo sobre o seu corpo. —É por isso que tomei a decisão de suas mãos.

—Bom Deus— Ela esfregou a mão sobre a testa. —Você sabe como estragar um estado de espírito.

—Eu pensei que eu estava alegrando ele.

—Eu estou começando a desejar que eu nunca tivesse começado essa pesquisa.

—Mas você a fez, e nós podemos usá-la.

Ela deu mais um passo para trás.

—Não, nós não podemos.

—Jane?



Ela se sentou no sofá. As ramificações da fórmula corriam através da sua cabeça. E não importava o cenário que ela varresse, a resposta era sempre a mesma. Desastre.

Slade estava sobre ela.

—O que é isso?

—Você tem que entender, quando eu criei essa fórmula, eu não tinha ideia de que existissem vampiros ou lobisomens. E eu certamente não sabia que havia uma guerra sobrenatural acontecendo. Quero dizer a sério, quem poderia saber que qualquer coisa assim existisse fora dos filmes?

Ele se ajoelhou na frente dela.

—Jane.

Ela balançou a cabeça.

—Não diga nada ainda. Apenas me abrace.

Ele puxou-a em seus braços.

—Tudo bem.

Ela descansou a cabeça no ombro dele e respirou seu cheiro, tirando sua força dele.

—Uma coisa é certa, Vamp Man. Você sabe com certeza, como a agitar o mundo de uma mulher.

Sua grande mão estava em concha no rosto dela. Ela adorava quando ele fazia isso. O toque da sua mão curvada em torno de seu rosto, o toque de sua energia curvando-se em torno de seu coração, aquilo simplesmente completava algum ciclo invisível que ela nunca soubera que faltava encerrar. Deu-lhe coragem.

—Eu quero que você faça amor comigo, Slade.

—Depois que você me diga o que está errado.

—Não. Antes.

—Por quê?

Ela tirou o chapéu de sua cabeça e atirou-o na mesa de café.

—Eu vou te dizer depois.

—O que faz você pensar que eu possa ter uma boa atuação sob esse tipo de pressão?

Ela puxou sua camisa sobre a cabeça e soltou o sutiã.

—Estou pensando em providenciar alguns incentivos.

Ele sacudiu os ombros para tirar sua camisa.

—Isso é um incentivo.

Ela deixou cair o sutiã no chão.

—Eu sempre pensei que as recompensas deveriam valer a pena o sacrifício.

Ele se aproximou dela, usando seu peso para pressioná-la contra as almofadas do sofá. Ela desceu, sem um protesto. Balançando-se para ficar em uma posição melhor, ela arrastou a perna para cima, fazendo o seu pau encostar em sua boceta. Mesmo através de duas camadas de roupa, o impacto foi impressionante.

Ela fechou os olhos enquanto cada fibra de seu ser sussurrava:—Sim.

—Tenha um inferno de certeza desse sim.



Ela abriu os olhos para encontrar Slade sorrindo para ela, sua expressão era o máximo de amor e paixão.

—Pelo inferno que sim.

Ele gargalhou. E se estendeu para baixo. Um áspero rasgão precedeu a remoção de seus jeans. Mordidas minúsculas precederam seu deslizar para baixo sobre seu corpo. Um rosnado de satisfação pontuava sua chegada ao seu destino. Ele ia beijá-la ali. Ela não conseguia respirar, não podia se mover, não podia fazer nada senão esperar pelo primeiro toque de sua língua. E ele a fez esperar, mantendo-a suspensa no alto, em um fino limite de antecipação, acariciando-a com sua respiração, sua mente, sorrindo enquanto a tensão se apertava nela em espirais. A antecipação se transformou em luxúria. A luxúria se transformou em urgência. Ela agarrou seu cabelo.

—Slade!

—Apenas saboreando o momento.

—Eu prefiro que você me saboreie.

—Devidamente anotado.

Não era a primeira vez que um homem a amava com a boca. Ela teve seus anos selvagens e seus anos de perdição, e nos últimos anos, seus anos de precauções, mas esta era a primeira vez que um homem havia realmente feito amor com ela. Com cada toque de seus lábios, cada luxuriosa passada de sua língua, Slade dizia que a amava. Docemente. Apaixonadamente. Ternamente. prolongando cada sensação, até que ela queria gritar pelo prazer. Ao invés disso, ela começou a chorar.

—Jane?

Ela balançou a cabeça, enxugando as lágrimas.

Slade beijou o caminho até seu torso, enxugando as lágrimas de seu rosto.

—O que há de errado?

Aquilo apenas a fez chorar mais forte, por ele não ter sondado sua mente para encontrar a resposta.

Virando-os de modo que ela estava sobre seu peito, ele segurou sua cabeça entre as mãos, enxugando as lágrimas com os polegares, enquanto os seus belos olhos estudavam todas as nuances de sua expressão.

—Você me ama.

—Eu achei que isto já estava claro.

Ela balançou a cabeça.

—Por que você não disse nada?

—Porque você teria fugido.

Ela fungou.

—Você me faz parecer tão confusa.

—Você foi magoada antes.

—E você também foi, quando era mais jovem.

—Eu nunca fui traído. Isso faz toda a diferença.

—Maldição. Por que você tem que ser tão honrado?



—Desculpe?

Envolvendo os braços em volta de seu pescoço, ela escondeu o rosto em sua garganta. Seu perfume imediatamente a cercou. Quente, másculo, com esse tom leve viciante que era unicamente dele.

—Eu ia seduzi-lo e fazer você me converter.

—Por quê?

Ele não parecia surpreso.

—Se você me disser que sabia disso o tempo todo, eu vou parar de me sentir culpada.

Seus dedos se enfiaram através dos cabelos dela.

—Eu sabia o tempo todo.

—Maldito. Você nem vai me deixar sentir culpa.

Ele puxou a cabeça dela para trás, estudando seu rosto antes de sacudir a cabeça e beijá-la suavemente.

—Nós concordamos no entanto que isso vai acontecer, e vai ser do nosso jeito. Sem culpa. Sem nenhuma manipulação.

—Então você precisa me converter.

—Você não quer isso.

—Bem, eu não quero que você se envenene.

—Então nós vamos ter que trabalhar em uma outra maneira.

Os testes no sangue eram a sua rede de segurança. Em não falar nada para ele, ela poderia ganhar algum tempo, caso as coisas com Slade não dessem certo. Tudo o que ela tinha que fazer era manter a boca fechada. Pela primeira vez, cobrir suas apostas não era atraente.

—Alguma outra coisa já pode estar em andamento.

Seu sorriso ficou mais amplo, ganhou um certo ar de conhecimento. E só poderia haver uma única razão. Levantando, ela olhou para ele.

—Oh meu Deus, você verificou meus testes.

—Eu já lhe disse, tudo sobre você é assunto meu.

—Então você já sabe que de alguma forma, de alguma maneira, eu já estou em meio caminho de ser uma vampira e que a conversão não vai me matar.

—Sim.

Outro pensamento a atingiu.

—Mas você se ofereceu para envelhecer comigo de qualquer maneira.

—Só porque eu acidentalmente descobri um desvio na estrada não deve significar obrigatoriamente que você queira ir, não deve significar que você deva ser forçada a seguir.

—Você realmente quis dizer isso?

—Sim.

—Por quê?

—Eu vivi mais de cem anos sem você. Eu não tenho nenhum interesse em passar por isso novamente.

Os Johnsons poderiam muito bem ser lobos, pelo jeito que amam.



Ela não tinha entendido o que Creed tinha querido dizer naquela época, mas ela entendia agora. Slade a amava. Não naquele momento. Não por conveniência. Não pelo que ela poderia trazer para ele. Ele a amava do jeito que ela o amava. Por quem ela era. Com todo o seu coração.

—Você vai me fazer chorar de novo.

—Eu vou ignorar a sua fraqueza se você me disser o que eu estou esperando ouvir.

—Pelo amor de Deus eu arrisquei minha vida para mantê-lo vivo. Você já esteve dentro e fora da minha cabeça mais do que o pensamento sobre chocolates. Você tem que saber...

Ele apenas a olhava. Desta distância, ela não poderia deixar de notar a cintilação em sua energia. Ele não estava tão certo sobre ela como ele aparentava estar. Fechando a distância entre eles, ela abriu o zíper de suas calças e libertou o seu membro. Grosso e duro, ele encheu as mãos dela, pulsando com energia e vida.

—Jane?

—Sinto muito. Eu sempre brinco quando estou nervosa— Inclinando-se para baixo, ela alinhou a sua boca à dele, borda à borda. Respiração à respiração. Elevando os quadris, ela alinhou seu sexo ao membro dele, pressionando levemente, mantendo a conexão, segurando-o no mesmo limite de antecipação sobre a qual ele a segurou.

Desta vez, quando ele disse: —Jane— foi mais gutural. Mais urgente.

—Eu te amo, Slade Johnson. Mais do que a minha vida, mais do que ao meu próximo fôlego, e embora eu não tenha esperado tanto tempo como você, eu não estou disposta a voltar para aquela vida, também—. Ela levou-o lentamente para dentro de seu corpo, tremendo pelo prazer. Ele gemeu quando seu pau se flexionou dentro dela. —Eu quero você na minha vida, todos os dias— ela arquejou. —Em todos os sentidos, não importa o que aconteça.

—Pelo inferno, sim— Com um empurrão de seus quadris, ele assumiu o controle, enchendo-a tão completamente que ela teve que parar para absorver o impacto.

—Oh meu Deus.

—Tenha certeza, Jane. — ele falou entre dentes. — Porque eu não vou me contentar com menos do que tudo de você. Para sempre.

—Nem eu.

Inacreditavelmente, ele riu.

—Bom.

Ela não sabia quem levou quem. Não importava. Tudo o que importava era que eles estavam aqui, juntos. Seus músculos internos ondulavam e se esticavam em torno de seu pênis. Suas unhas cravadas em seu peito. As mãos dele apertadas em seus quadris. Levantando-a até chegar a ponta de seu pênis, ele provocava sua boceta, mantendo-a ali por um inebriante segundo antes de trazê-la de volta para baixo em um impulso lento e delicioso. Doce, era tão doce.

—Oooh.

—Você gosta disso?

Ela assentiu com a cabeça.

—Eu também. Vamos tentar novamente.



Eles fizeram. Novamente e novamente até que doce não era mais suficiente. Ela queria se enterrar em cima dele. Ele empurrava para dentro dela. Ela não conseguia o suficiente, não conseguia dar o suficiente. Ela precisava de mais. Muito, muito mais. A pressão se construía em sua cabeça. Fogo queimando debaixo da pele dela, a energia chicoteado ao redor deles em uma frenética tempestade.

—Slade!

—Merda. Aguarde mais um pouco.

Ela o fez, cavando as unhas em seu peito até que o cheiro de sangue juntou-se ao cheiro de paixão. Segurando-se enquanto ele a fodia cada vez mais forte, mais profundo, enviando-a em uma espiral cada vez mais alto. Olhando para baixo, ela viu seu membro parecendo um pistão dentro e fora do seu sexo, baixando as barreira em sua mente, ela projetou para ele a perfeição absoluta de ambos, visão e sensação. Perfeito. Era tão perfeito.

Ele rosnou em sua garganta conforme a tensão dentro dela se enrolava em uma bola quente. Seu sexo queimava e pulsava ao redor dele. Seu polegar deslizou entre os lábios, esfregando-se através de seus densos sucos até encontrar o clitóris inchado.

Ela gritou e agarrou o peito dele, conforme seu polegar circundava e pressionava.

—Oh sim. Eu gosto de você selvagem.

E ele ficou. Ela podia sentir seu prazer, sua luxúria, mas debaixo de tudo aquilo que sentia ela via o seu amor. Aquele amor incrível. Ela precisava estar mais perto. Muito mais perto.

Prazer se misturava ao desejo. Amor com luxúria. E sob tudo isso, o fogo queimava e se espalhava, empurrando-a em direção à... alguma coisa.

—Slade, eu preciso...

Ela não sabia do que precisava, mas Slade sim. Ela sabia que ele sim.

—Por favor.

—Bem aqui, neném.

—Eu preciso...

Seu polegar friccionou mais forte.

—Apenas deixe ir.

Ela balançou a cabeça. Seu cabelo voava sobre o rosto, bloqueando a visão dela. Ela não conseguia.

—Não é o suficiente. Eu preciso.

Suas unhas rasgaram para baixo em seu torso. *Sangue*.

Reunindo a energia ao seu redor, ela empurrou a imagem em sua mente, a boca dele em seu pescoço. Seu pau na sua boceta.

—Jane. Pare.

Ela não iria parar. Não era possível. Ela precisava disso. Precisava dele. Ela reuniu mais energia, projetando com ainda mais força, gritando enquanto Slade levava sua mão atrás do pescoço dela e a puxava para baixo. Sua respiração batendo sobre a pele dela era uma promessa quente.

Sim!



Pelo inferno, sim!

Ela sentiu o arranhão de suas presas, enquanto ele fincava-se duramente.

Sua cabeça foi jogada para trás, convidando à sua mordida, à sua posse. Houve uma dor aguda, e depois nada, exceto o êxtase, luminoso e quente conforme seu corpo convulsionava em torno dele, tomando tudo o que ele tinha para dar, ordenando-lhe até a última gota de prazer enquanto ele os unia de forma irrevogável.

Para sempre.

—Eu devia dar umas palmadas em sua bunda— Slade balbuciou quinze minutos depois, acariciando com seus dedos para cima e para baixo o braço dela enquanto estavam deitados juntos no sofá.

Jane tentou enrugurar uma pálpebra para fazer parecer preocupação.

—Você poderia esperar até eu recuperar minhas forças?

Slade deu uma risadinha.

—Quer começar a correr?

Ela balançou a cabeça e sacudiu seu traseiro, sorrindo um pouco quando ele lhe deu um tapinha.

—Eu só quero ter energia suficiente para apreciar o seu intento.

Ele riu novamente e roçou os lábios sobre seu cabelo

—Esse foi um movimento perigoso.

—Não foi planejado.

—Eu sei. Eu estava lá com você, mas eu tinha lhe dado uma ordem.

Ela inclinou a cabeça para trás para que pudesse ver seu rosto.

—Sério, você vai reclamar do fato de que você me deixou tão quente que eu perdi totalmente o controle?

—Bem, quando você coloca dessa maneira...

Ela beijou o peito dele. Sob a leveza de seu tom de voz, ela podia ouvir a sua preocupação.

—Eu estou bem, Slade. Mas eu acho que você precisa para adicionar um novo registro naquele seu arquivo que você está mantendo em relação à conversão.

—Ah, é? —Ele mudou as posições, aproximando-se por cima dela, sorrindo para seu rosto. Seu fora da lei. —E qual seria esse?

—Não pode ser negado.

—Não quando você é a única que está sendo convertida.

—Você está dizendo que eu sou agressiva?

Ele riu e desviou o golpe que ela deu com pouca convicção em seu braço.

—Eu estou dizendo que você é perfeita.

Ela bufou.

—Perfeita para você.

Ele desenhrou a marca que já desvanecia de sua mordida.



—Absolutamente.

Dobrando a mão em torno da dele, ela mordeu o lábio. Tanto quanto ela odiava perturbar o momento, havia uma outra coisa sobre a que eles precisavam conversar.

—Eu sei.

—Pare de ler minha mente.

—Não é tão fácil quanto você pensa.

—Bem, tente.

—Tentarei.

—Precisamos destruir a fórmula.

Seu sorriso desapareceu. —Não.

—Enquanto aquilo estiver escrito em qualquer lugar, a chance do Santuário vir a descobri-la, aumenta exponencialmente. E o potencial de destruição daquilo é simplesmente muito grande.

—Destruir aqueles registros é o mesmo que fazer de você o único foco das pesquisas deles.

—Eu já sou um alvo de qualquer maneira.

—Mas não como você seria se fosse o único método de obter a informação.

—O que mais nós podemos fazer? Apagar a minha memória não é uma opção. Não só é tecnologicamente duvidoso, mas a condição de Joseph não é provável que se mantenha estável.

—Merda— Slade se sentou. —Isso é o que você quis dizer quando disse que tinha uma sensação de que estávamos correndo contra o tempo, não é? Não tinha nada a ver com Joseph.

Um arrepio serpenteou por sua espinha.

—Sim.

—Precisamos conversar com Caleb e os outros.

Ela pegou suas roupas.

—O que eles vão fazer? — Ela perguntou, arrastando a camiseta sobre a cabeça.

Slade lançou-lhe um olhar.

—Prepare-se.

—Tem certeza de que quer fazer isso? — Caleb perguntou, seu laptop e o de Slade apoiados à beira do grande triturador de madeira. O tipo que transformava troncos de árvores em pó. Em um barril enferrujado à direita, estavam todos os papéis contendo suas notas, esperando para serem incendiados.

—E você? Quando eles descobrirem que minha pesquisa está destruída, eles vão parar de procurar por ela e virão atrás de mim.

A expressão de Caleb era esculpida em pedra. Ao lado dele Allie se levantou, segurando Joseph. Sua expressão tão grave quanto a dele.

À direita estavam Jace e Jared. À esquerda, Tobias.

—Deixe-os vir.

—Eu aprecio o seu sacrifício, mas vocês precisam pensar...

—Jane, você salvou a vida do meu irmão duas vezes e também a do meu filho. Mesmo se você não fosse a companheira de Slade, você já teria garantido um monte de alianças.

—Mas não faz mal que nós gostemos de você — Jace acrescentou.



Ao fundo, um cavalo relinchou. Ela olhou para Tobias.

—E você?

Sua sobrancelha esquerda levantou-se.

—Eu acho que você tem a promessa.

—Quanto a que?

—Isso eu não descobri ainda— Ele parecia irritado. Ela meio que gostava da ideia de ser a única peça em seu quebra-cabeça, que ele não poderia fazer encaixar. Estendendo a mão, ela pegou a de Slade.

—E você?

—Você já sabe o que eu quero.

Ela. De qualquer forma ele pudesse consegui-la. Tomando fôlego, ela balançou a cabeça.

—Então vamos fazer isso.

O triturador de madeira fez picadinho dos laptops. O fogo consumiu as notas. Enquanto ela observava a fumaça subir para a noite, um frio correu sobre sua pele. Ela olhou para a noite além do complexo. A escuridão era uma pressão sobre ela.

Eles estavam lá fora. E mais cedo ou mais tarde, eles viriam por ela.

Fim

